

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
DOUTORADO EM ENFERMAGEM**



**A PRÁTICA DO PROFESSOR NA TUTORIA DO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS (UNIFESO) – À
LUZ DA CONCEPÇÃO DE CULTURA DE JOHN B.
THOMPSON**

**CARMEN MARIA DOS SANTOS LOPES MONTEIRO
DANTAS DA SILVA**

**Rio de Janeiro
Março/2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DOUTORADO EM ENFERMAGEM**



**A PRÁTICA DO PROFESSOR NA TUTORIA DO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS (UNIFESO) – À
LUZ DA CONCEPÇÃO DE CULTURA DE JOHN
B. THOMPSON**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação e Pesquisa em Enfermagem, vinculado ao Núcleo de Pesquisa Educação e Saúde em Enfermagem, da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Enfermagem.

Doutoranda:
Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro
Dantas da Silva

Orientadora:
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria Picinini Santos

**Rio de Janeiro
Março/2013**

**A PRÁTICA DO PROFESSOR NA TUTORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO
EM ENFERMAGEM DO CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS
(UNIFESO) – À LUZ DA CONCEPÇÃO DE CULTURA DE JOHN
B.THOMPSON**

CARMEN MARIA DOS SANTOS LOPES MONTEIRO DANTAS DA SILVA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação e Pesquisa em Enfermagem, vinculado ao Núcleo de Pesquisa Educação e Saúde em Enfermagem, da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Enfermagem.

Aprovada por:

Prof.^a Dr.^a Neiva Maria Picinini Santos – Presidente - EEAN/UFRJ

Prof.^a Dr.^a Donizete Vago Daher – 1^a Examinadora - EEAAC/UFF

Prof.^o Dr.^o Pedro Demo - 2^o Examinador - UnB/DF

Prof.^a Dr.^a Maria Manuela Vila Nova Cardoso – 3^a Examinadora - EEAN/UFRJ

Prof.^a Dr.^a Ligia de Oliveira Viana – 4^a Examinadora - EEAN/UFRJ

Prof.^a Dr.^a Suzelaine Tanji – 1^a Suplente – UNIC-MT

Prof.^a Dr.^a Ann Mary Machado Tinoco Feitosa Rosas – 2^a Suplente - EEAN/UFRJ

**Rio de Janeiro
Março/2013**

Dantas da Silva, Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro

A prática do professor na tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso) / Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro Dantas da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2013.

CCLXXV, 300 f.: il; 31 cm

Orientadora: Neiva Maria Picinini Santos

Tese (doutorado) – UFRJ/EEAN/ Programa de Pós Graduação em Enfermagem, 2013.

Referências bibliográficas: f. 276 - 285

1. Enfermagem. 2. Educação em Enfermagem. 3. Cultura. 4. Tutoria – Tese. I. Santos, Neiva Maria Picinini. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery, Programa de Pós Graduação em Enfermagem. III. Título.

CDD: 610.73

IN MEMORIAN

Infinitamente, em Mim, na Luz da tua Presença!...

Lá longe, muito longe, estás tu!... Distante num coração de Pai que vive em ansiedade. Recordo e reconheço tua voz graciosa, mas esse teu olhar de lince, dissipou-se do meu pensamento. Perdi-o no espaço de tempo que nos tem separados. Parei na livraria. Auscultei com meu olhar já vago, os livros expostos, lembrei-me, como sempre, de ti. Então entrei e saí, respirei calmo e com um sentimento de contentamento e de bem-estar!... Faz uma boa leitura dele e será, também, um teu amigo.

Beijo-te e abraço-te, teu Pai amigo.

Chico

(de meu Pai, Verão de 2001, Portugal).



Fig. 1 – Homem



*Homem
Infinitamente, na Luz da tua
Presença, em Mim!*

A escolha da imagem eleva o meu sentimento filial para compreender que o amor se perpetua, para além das distâncias, na ausência infinita, já que um abraço se insurge e me acolhe, fazendo com que renasça a cada dia.

“Inspirar é conceber.

Incubar é gestar.

Eclodir é nascer.

O artista obedece ao conceito de que o homem é o objetivo máximo do homem. A felicidade é um fim.

O amor e a fraternidade são os meios de atingi-la”.

Mattar (2002).

A ti Mãezinha, dedico!...

Num dia chuvoso um grito de vida rompeu no frio gélido de uma noite de Novembro num tumultuado cenário aconchegante de um lar, e repentinamente contigo mudamo-nos para outro, agora institucional e me trouxeste ao mundo, oito horas após o nascimento de meu irmão...enfim!...

Gêmeos de meses diferentes, que envolvidos de surpresas, pois apenas um era esperado, qual dos dois não fez diferença alguma; fomos felizes.

És para mim VIDA e AMOR, por tua dedicação, apego e coragem e a teu lado aprendi que lutar é preciso para prosseguir adiante. Sim, aprendi através de ti, Mãe que acreditar em mim, é o poder maior sem o qual, por tua mão jamais teria chegado até aqui. Mulher, Mãe e Esposa fizeram de ti um Ser tão distinto e especial!...

Querida Mãe e Amiga, encontro-te em todo o lado em minha vida, nos momentos mais incertos, que de tão longínquos se aproximaram por mágica do coração e do pensamento, para me fazerem entender que teu esforço moral, conselhos amigos e entusiasmo infinito, me influenciaram e determinaram a abraçar tão digna e humana profissão - A Enfermagem.

Assim, após tantos caminhos percorridos, perante mais um, o Doutorado, continuas dando alento, sussurrando no meu ouvido: vai filha, já falta pouco!... Vencerás. Então hoje, Mãezinha apesar, de doente, num país distante do meu Brasil, dizer obrigado seria pouco, assim, como te dedicar esta folha entre tantas outras, senão reconhecê-la como a mais importante, dizendo:

Esta vitória continua sendo nossa!...

(DANTAS da SILVA. Carmen Maria, 2013).



Fig. 2 – Mãe



Mãe
A Ti, Mãezinha me dedico!

Esta imagem trás à minha mente tua presença, porque teu dom de Mãe abnegada me dá a conhecer no percurso da vida que o amor se perpetua, para além das distâncias geográficas e que na ausência infinita, és sempre tu Mãe, quem me acolhe no teu SER.

*“Inspirar é conceber.
Incubar é gestar.
Eclodir é nascer”.*

Mattar (2002).

Coloco em cada agradecer, a Luz da alma!...

Eis o momento, de vos abraçar amigos, cada um por si, e o faço sustentada por vossa presença viva, mesmo que invisível o que importa se estiveram guiando o meu pensar, os meus passos e as minhas mãos, de corpo e alma enfim, vos agradeço sinceramente!...

Reencontro-vos em cada página da minha Tese, em tudo que elas contêm no sentido das dificuldades vencidas e das conquistas frente aos caminhos desbravados os quais ficariam intransponíveis sem a vossa força e luz.

Assim, não posso deixar de reconhecer, que parcelas do meu tempo se tornaram ínfimas perante tão grandioso “empreendimento”, e também tenho a perfeita noção que no sucedâneo dos meses e anos, os acontecimentos foram surgindo no encadear de uma vida que prossegue.

Então, retrospectivas surgem na minha mente, tal e qual como um filme, desde o mestrado que ao longo do tempo, deixou-me mergulhar pela força do conhecimento e aprendizado no cotidiano profissional, e de formação nos valores simbólicos e culturais. Neste instante, posso perceber a importância do poder transmitido a tantas realidades, quando me permitiram revelar tão fortes sentimentos.

Eis que surge num cenário bem diferente do habitual, em termos de azafama geral num movimento de apresentações de trabalhos científicos, aconchegados por um calor úmido e quente do Maranhão, a Prof.^a Dr.^a Neiva Maria Picinini Santos, mentora de todo o conduto. Não seria Doutora sem

a sustentação trazida por aquela que me mostrou os meandros do saber e da dedicação que me possibilitando o crescer para o conhecimento, mesmo quando este se traduzia em sorrisos, lágrimas, incertezas e angústias, diante da profundidade de uma tese de doutorado, cuja obra agora sim, vos coloco nas mãos.

“In Fine”

Os mesmos motivos sustentam o agradecimento, que não poderia deixar de expressar, a cada Membro da Banca Examinadora, que no carinho e na atenção, sempre foram um incentivo na minha aprendizagem.

À todos da Instituição como à Escola de Enfermagem Anna Nery, que acolheram-me, e ao fazê-lo, senti-me como em minha própria casa, o meu carinho para sempre.

À Instituição do Unifeso, onde pude desenvolver a pesquisa, em especial aos professores entrevistados sem os quais a construção do presente, não seria possível.

À Pedro Ivo, Sérgio Luiz e Sérgio, filhos e marido a certeza de vosso amor por mim, infinitamente.

Agradecer é trazer e valorizar, aquilo que nos veio de graça, aquilo que passou da obrigação, aquele “plus”, que nos é dado e que na nossa consciência, acusa a necessidade de ser reconhecido e incentivado.

Por tudo aquilo que recebi graciosamente, sinto em mim, a necessidade de passar adiante o saber acumulado nesta Tese de Doutorado.

O meu enlevo à todos.

**VOAR PARA APRENDER
É INFINITUDE!**

Hoje tenho asas para poder voar, para além do pensar. Asas que me transportam na transcendência dos limites, um vôo infinito porque nasce no poder do sentir.

Asas que abraçam muros, obstáculos e indiferenças que pela força do querer me ascendem e tocam o azul do céu, no qual repousa a esperança livre de quem acredita no amor do fazer pelo aprender a aprender.

Tente Ser Feliz!!!

(DANTAS da SILVA. Carmen Maria, 2009)



Fig. 3 – Salto de Anjo - SAUT D' ANGE



Salto de Anjo
Voar para Aprender é Infinitude!

Saltos sempre me impressionaram porque os considero um dos passos mais bonitos do “*Ballet*”. Durante o salto, a platéia tem a impressão de ver a bailarina criar asas e deslizar no ar sobre o palco. Porém, quando se é a bailarina, nada é tão mágico, assim. Para executá-lo é preciso perseverança acima de tudo,

Acreditar.

RESUMO

DANTAS DA SILVA, Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro. **A Prática do Professor na Tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso) – à Luz da Concepção de Cultura de John B. Thompson.** Rio de Janeiro, 2013. Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O estudo apresenta a transmissão cultural na prática da tutoria pelo professor na formação do enfermeiro do Unifeso. Objeto de estudo: A transmissão cultural na prática da tutoria pelo professor na formação do enfermeiro do Unifeso. Objetivos: descrever a prática do professor na tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso, analisar a transmissão cultural de formas simbólicas na prática da tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso e discutir as implicações da prática da tutoria na formação do enfermeiro frente à transmissão cultural. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. O cenário foi o Centro Universitário Serra dos Órgãos – Unifeso, privado de Teresópolis/RJ. Autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com o n.º 547-10. Os entrevistados foram 18 professores tutores do Curso de Enfermagem, que atuaram e/ou estavam atuando no momento da coleta de dados do 1º ao 7º períodos. O procedimento metodológico foi a entrevista não diretiva, e os documentos institucionais. A coleta dos dados realizou-se de maio a dezembro de 2011. Os aspectos ético-legais estiveram presentes com base na Resolução nº 196 / 96 (MS). Os dados foram agrupados e analisados com base em autores que abordam o tema, e articulado ao referencial teórico metodológico primeiramente, ao conceito de Cultura na concepção estrutural e após, a Hermenêutica de Profundidade de John B. Thompson (2002). As três unidades temáticas são: a formação e a prática do professor tutor no contexto profissional do Unifeso; a orquestração da tutoria no cotidiano do professor-tutor; a prática da tutoria na enfermagem: ato e ação. Com o advento da implementação de metodologias ativas pelo Unifeso, estes professores reorientaram a carga cultural trazida, no curso de suas atividades profissionais.

Palavras-chave: Enfermagem; Educação em Enfermagem; Cultura; Tutoria.

ABSTRACT

DANTAS DA SILVA, Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro. **Practice in Teacher mentoring Undergraduate Nursing University Center Organ Mountains (Unifeso) - Designing the Light of Culture by John B. Thompson.** Rio de Janeiro, 2013. Doctoral Thesis of the Graduate Program in Nursing, School of Nursing Anna Nery, Federal University of Rio de Janeiro.

The study presents the cultural transmission in the practice of tutoring by the teacher in the education of nurses Unifeso. Object of study: cultural transmission in the practice of tutoring by the teacher in the education of nurses Unifeso. Objectives: to describe the practice of teacher mentoring in the Undergraduate Nursing Unifeso, analyze the cultural transmission of symbolic forms in the practice of mentoring of Undergraduate Nursing Unifeso and discuss the implications of the practice of mentoring in nursing education front the cultural transmission. This is a qualitative research approach. The setting was the University Center Organ Mountains - Unifeso, private Teresópolis / RJ. Authorized by the Ethics in Research with n. ° 547-10. Respondents were 18 teacher mentors of Nursing, who worked and / or were working at the time of data collection from 1st to 7th periods. The methodological procedure was non directive interview, and institutional documents. Data collection took place from May to December 2011. The ethical legal aspects were present on the basis of Resolution n.º 196/96 (MS). The data were grouped and analyzed based on authors that address, and articulate the theoretical and methodological framework first, the concept of culture in structural design and after the Depth Hermeneutics of John B. Thompson (2002). The three thematic units are: the formation and practice of teacher-tutor in context professional Unifeso; orchestration of tutoring in everyday teacher tutor, the practice of mentoring in nursing: act and action with the advent of the implementation of active methodologies Unifeso by these teachers reoriented cultural burden brought, in the course of their professional activities.

Key words: Nursing; Education in Nursing; Culture; Tutoring; Learning.

RÉSUMÉ

DANTAS DA SILVA, Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro. **Pratique dans Tutorat Enseignant de Premier Cycle Universitaire en Sciences Infirmières Montagnes Organ Center (Unifeso) - Conception de la Lumière de la Culture par John B. Thompson.** Rio de Janeiro, 2013. Thèse de Doctorat du Programme d'Études Supérieures en Sciences Infirmières, École des Sciences Infirmières Anna Nery, Université Fédérale de Rio de Janeiro.

L'étude présente la transmission culturelle dans la pratique du tutorat par l'enseignant dans la formation des infirmières Unifeso. Objet de l'étude: La transmission culturelle dans la pratique du tutorat par l'enseignant dans la formation des infirmières Unifeso. Objectifs: décrire la pratique du mentorat des enseignants dans le premier cycle infirmiers Unifeso, analyser la transmission culturelle des formes symboliques dans la pratique du mentorat de science infirmière Unifeso et de discuter des implications de la pratique du mentorat en soins infirmiers front de l'éducation la transmission culturelle. Il s'agit d'une démarche de recherche qualitative. Le cadre était les montagnes University Center Organ - Unifeso, privé Teresopolis / RJ. Autorisé par l'éthique de la recherche avec n. ° 547-10. Les répondants étaient 18 enseignant tuteur de soins infirmiers, qui a travaillé et / ou travaillaient au moment de la collecte des données du 1er au 7 périodes. La démarche méthodologique était entretien non directif et documents institutionnels. La collecte des données a eu lieu de Mai à Décembre 2011. Les aspects éthiques et juridiques étaient présents sur la base de la Résolution n ° 196/96 (MS). Les données ont été regroupées et analysées en fonction des auteurs qui abordent, et d'articuler le cadre théorique et méthodologique d'abord, le concept de la culture dans la conception structurelle et après l'Herméneutique de la Profondeur de John B. Thompson (2002). Les trois unités thématiques sont la formation et la pratique de l'enseignant tuteur dans le cadre du professionnel Unifeso; orchestration du tutorat dans la vie quotidienne professeur tuteur, la pratique du mentorat dans l'acte de soins infirmiers et d'action. Avec l'avènement de la mise en œuvre de méthodes actives par Unifeso, ces enseignants réorienté poids culturel a, dans le cadre de leurs activités professionnelles.

Mots clés: soins infirmiers; Formation en soins infirmiers; Culture; Tutorat; Apprentissage.

RESUMEN

DANTAS DA SILVA, Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro. **Práctica de Maestros Mentores Pregrado University Center Montañas Organ Enfermería (Unifeso) - Diseño de la Luz de la Cultura por John B. Thompson.** Río de Janeiro, 2013. Tesis Doctoral del Programa de Postgrado en Enfermería de la Escuela de Enfermería Anna Nery de la Universidad Federal de Río de Janeiro.

El estudio presenta la transmisión cultural en la práctica de la tutoría del profesor en la educación de las enfermeras Unifeso. Objeto de estudio: la transmisión cultural en la práctica de la tutoría del profesor en la educación de las enfermeras Unifeso. Objetivos: describir la práctica de la tutoría docente en la Licenciatura de Enfermería Unifeso, analizar la transmisión cultural de las formas simbólicas en la práctica de la tutoría de Pregrado Enfermería Unifeso y discutir las implicaciones de la práctica de la tutoría en el frente de la educación de enfermería la transmisión cultural. Se trata de un enfoque de investigación cualitativa. El escenario fue la Universidad Centro Montañas Organ - Unifeso, Teresopolis privada / RJ. Autorizado por el Comité de Ética en Investigación con el n.º 547-10. Los encuestados fueron 18 profesores tutores de Enfermería, que trabajó y / o estaban trabajando en el momento de la recogida de datos del 1 al 7 períodos. El procedimiento metodológico fue la entrevista no directiva, y los documentos institucionales. La recolección de datos se llevó a cabo entre Mayo y Diciembre de 2011. Los aspectos ético legales estuvieron presentes en la base de la Resolución n.º 196/96 (MS). Los datos se agruparon y se analizaron en base a los autores que se ocupan, y articular el marco teórico y metodológico en primer lugar, el concepto de cultura en el diseño estructural y después de la hermenéutica profunda de John B. Thompson (2002). Las tres unidades temáticas son la formación y la práctica del profesor tutor en el contexto del profesional Unifeso; orquestación de tutoría en diario profesor tutor, la práctica de la tutoría en el acto y obra de enfermería. Con la llegada de la implementación de metodologías activas Unifeso, estos maestros carga culturales reorientado trajo, en el curso de su actividad profesional.

Palabras clave: Enfermería; Educación en Enfermería; Cultura; Tutoría; Aprendizaje.

AS IMAGENS

*O sentido da imagem
não está no colhido e
sim no reconstruído.*

Impregnada desde criança pela conjunção da palavra e do desenho, fui crescendo entre os meus rabiscos e rascunhos escritos. Neles depusitei essencialmente, significados e sentidos para após, retratá-los nas formas e na cor. A estratégia por mim adotada, sempre foi o elo da interpretação combinada do real na formação do meu – EU.

Este é o motivo que me fortalece também, junto a Mattar (2002), para num contexto de interação face a face ao longo de uma breve viagem de ônibus, ter percebido o seu amor à arte pela pintura, e em seus escritos. Compreendi que:

“O verdadeiro artista é um eterno insatisfeito, porque o seu poder é incomparavelmente maior do que o seu fazer”.

LISTA DE FIGURAS

	Página
FIG.01 – Homem* – Pintura de Sami Mattar.....	5
FIG.02 – Mãe*.....	8
FIG.03 – Salto de Anjo**	12
FIG. 04 – Rosa Branca – Pintura de Sami Mattar*	24
FIG. 05 - Eterno Abraço – Pintura de Sami Mattar*.....	49
FIG. 06 – Paz Verde – Pintura de Sami Mattar*	89
FIG. 07 – A Rainha pela mão do artista – Pintura de Sami Mattar*	135
FIG. 08 – A Rainha Isabel de Aragão – Pintura de Sami Mattar*	135
FIG. 09 – Poesia – Pintura de Sami Mattar*	249
FIG. 10 – Rio Soberbo – Pintura de Sami Mattar*	264
FIG. 11 – Nova Era – Pintura de Sami Mattar*	274
FIG. 12 – Vendedora de Flores – Pintura de Sami Mattar*	286
FIG. 13 – Jesus – Pintura de Sami Mattar*	297

* Figuras capturadas na internet via Google e no Facebook de Sami Mattar

**Figura capturada no Orkut - Bailarinos e Bailarinas

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1 – Esquema Conceitual – Geral da Hermenêutica de Profundidade	58
Quadro 2 – Caracterização dos Sujeitos – Dados de Identificação	69
Quadro 3 – Caracterização dos Sujeitos – Dados de Atividade Profissional.....	70
Quadro 4 – Entrevista Não Diretiva - Características	73
Quadro 5 – Esquema Conceitual – Específico da HP-1ª Fase	80
Quadro 6 – Esquema Conceitual-Específico da HP-2ª Fase	81

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAD	Atividade Auto Dirigida
ACI(e)	Avaliação Continuada Integrada Escrita
CCBD	Centro de Capacitação em Base de Dados
CCS	Centro de Ciências da Saúde
FESO	Fundação Educacional Serra dos Órgãos
IETC	Integração Ensino Trabalho Cidadania
LCS	Laboratórios das Ciências da Saúde
LH	Laboratório de Habilidades
MPP	Módulo de Práticas Profissionais
MT	Módulo Tutorial
NPs	Narrativas de Prática
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPPI	Projeto Político Pedagógico Institucional
SPs	Situações Problema
UBSF	Unidades Básicas de Saúde da Família
UNIFESO	Centro Universitário Serra dos Órgãos

SUMÁRIO
Página**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A Construção do Objeto de Estudo	26
Questões Norteadoras	41
Objeto de Estudo	41
Objetivos.....	42

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO - METODOLÓGICO	49
Referencial Teórico	51
Referencial Metodológico	64

CAPÍTULO II

A PRESENÇA DA HISTÓRIA NO TEMPO DO UNIFESO: CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO	89
---	-----------

CAPÍTULO III

A PRÁTICA DA TUTORIA: REVELANDO A ESSÊNCIA DOS RELATOS DOS PROFESSORES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO UNIFESO	135
--	------------

1ª UNIDADE TEMÁTICA

A Formação e a Prática do Professor-Tutor no Contexto Profissional do Unifeso ..	138
--	-----

2ª UNIDADE TEMÁTICA

A Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor-Tutor	169
---	-----

3ª UNIDADE TEMÁTICA

A Prática da Tutoria em Enfermagem: Ato e Ação.....	210
---	-----

CAPÍTULO IV

OS HORIZONTES DA REINTERPRETAÇÃO DA DOXA: A PRÁTICA DA TUTORIA PELO PROFESSOR DO UNIFESO	249
---	------------

CONSIDERAÇÕES FINAIS	264
-----------------------------------	-----

REFERÊNCIAS	274
--------------------------	-----

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	288
--	-----

Apêndice B: Caracterização dos Sujeitos de Pesquisa	289
---	-----

Apêndice C: Temáticas para Entrevista Não Diretiva.....	290
---	-----

Apêndice D: Carta ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP-Unifeso).....	291
--	-----

Apêndice E: Seleção do Pseudônimo	292
---	-----

ANEXOS

Anexo A: Memorando de Aprovação (CEP-Unifeso).....	299
--	-----

Anexo B: Autorização do Uso do Nome da Instituição	300
--	-----

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Certa palavra dorme na sombra de um livro raro
Como desencantá-la?
É a senha da vida a senha do mundo
Vou procurá-la.
Vou procurá-la a vida inteira no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro, não
desanimo, procuro sempre.
Procuro sempre, e minha procura
Ficará sendo
Minha palavra.*

Andrade (1977)



Fig. 4 – Rosa Branca



Rosa Branca
Considerações Iniciais

Esta imagem me mobilizou ao abrir-se em seus vários tons de azul, que clareiam a minha visão quando observo o Céu que me cobre e o Mar que me envolve sempre, que navego na minha trajetória, de vida profissional.

*Sozinha, entre musgos,
Fazendo do caule delgado
Um balouçante trono verde,
A rosa dominava qual rainha.
Triste, no silêncio da sua beleza,
Sua expressão era de augusta solenidade.*

Neif Mattar (1978)

A Construção do Objeto de Estudo

O atrativo na construção de dado objeto é justamente a identidade do sujeito com uma realidade que é concebida à mesma proporção que constitui um exercício de identificação subjetivada objetivamente no cotidiano, em que a vida explode na busca constante de explicação.

Ghedin, Franco (2008)

A formação superior dos profissionais de saúde foi historicamente edificada com base no saber dos professores¹ através da transmissão do conhecimento, como também nos conteúdos curriculares e no perfil do profissional, que é formado de acordo com as diretrizes de formação e em consonância com o mercado de trabalho. Neste contexto, os Ministérios da Saúde e Educação têm despendido esforços visando reorganizar a atenção e a formação em saúde.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a formação passou a ser influenciada pelas transformações políticas, econômicas e sociais, no cenário brasileiro. Assim, as instituições formadoras de recursos humanos na saúde que centralizavam abordagens biológicas e fracionárias passaram a refletir seus papéis frente às propostas da Reforma Sanitária e da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Ainda na década de 80, aconteceram discussões curriculares que direcionaram para a revisão do ensino de graduação em enfermagem, no que concerne:

[...] à formação profissional e a inserção no processo de trabalho em Saúde, à função da enfermeira no trabalho em saúde; e à formação profissional orientada para intervir na resolução de problemas, no processo saúde-doença. (SANTOS, 2000, p. 77)

Neste período, as reivindicações pertinentes à composição do currículo mínimo da formação do enfermeiro, seguiram as seguintes diretrizes: a formação inserida no contexto político-econômico e social, o compromisso social do enfermeiro, a Lei do

¹ Neste estudo os professores, ou docentes serão tratados como professores-tutores.

Exercício Profissional; a extinção das habilitações e por fim, a formação mínima de 4 anos para a integralização.

Na continuidade, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9.394/96 (BRASIL, 1996) orientou para inovações e mudanças na educação, a reestruturação dos cursos de graduação, com extinção dos currículos mínimos e a adoção de diretrizes curriculares específicas para cada curso, tendo a finalidade de estimular o conhecimento dos problemas nacionais e regionais; prestar serviços especializados à comunidade; estabelecer uma relação de reciprocidade ao formar profissionais críticos reflexivos e dinâmicos.

Tais orientações foram reafirmadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2001), visando os cursos da área da saúde, pela importância do atendimento às demandas sociais com destaque para o Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, a formação do enfermeiro se baseou no perfil do egresso preconizado pelas DCNs:

Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões bio-psico-sociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

(BRASIL, 2001)

Em geral, as instituições de ensino superior brasileiras, estão reconstruindo seus currículos, tendo como referência uma formação para a efetivação operacional do SUS, com destaque para a interdisciplinaridade, a integralidade da atenção à saúde e a responsabilidade social. Estas instituições também transformam suas práticas pedagógicas, capacitam os professores e melhoram os ambientes de aprendizagem, entre outros, com o objetivo de aproximar o aprendizado com o real social, mobilizando o corpo de professores e estudantes a construir novas teias de saber.

Neste contexto de transformação nacional, o Centro Universitário Serra dos Órgãos², no qual desempenho minha atividade desde 2003, como docente dos Cursos de Graduação em Enfermagem e Medicina e neste último a partir de 2007, vem a partir de 1999 reunindo esforços, diálogos e discussões para implantar a mudança curricular³. Porém, somente, em 2002, este fato ganhou maior objetividade quando se intensificou o movimento de sensibilização dos professores e dos estudantes.

Assim, no 1º semestre de 2007, foi implantado o novo currículo de graduação em enfermagem, que visou integrar a teoria e a prática, permeando ações críticas e reflexivas, modeladas pelo aprender a aprender. Atualmente, por este processo o estudante de enfermagem se vincula ativamente ao objeto do conhecimento, e se relaciona com este, por ações educativas no sentido de provocar, desafiar e estimular necessidades e interesses, elaborando acerca do mesmo, representações.

A estruturação do currículo integrado se caracteriza por atividades interdisciplinares que buscam desenvolver competências através da interrelação dos conceitos e organização de atividades que assegurem a aprendizagem significativa através de estratégias problematizadoras. Este currículo permite a integração ‘prática’ e ‘teoria’, a busca de soluções específicas e originais para diferentes situações e a integração ensino-trabalho-cidadania, implicando em imediatas contribuições para usuários, serviços e comunidades (DAVINI, 1993).

O currículo estava estruturado por disciplinas de conteúdos operados por métodos tradicionais de ensino-aprendizagem. Movida pela preocupação e desejo de mudança, como também pela criatividade, caminhei com uma nova roupagem na minha atuação

² Foi concedida a utilização do nome da instituição, Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO), mediante um despacho num ofício encaminhado em 10 de junho para a Diretora de Pesquisa da Instituição de Ensino Superior, referida (ANEXO B).

³ Mudança curricular articula à transformação a inovação, mediante a alteração de um currículo em grades para a integração dos saberes, de um método tradicional de ensino-aprendizagem para um método inovador, com a utilização de metodologias ativas.

como professora. Neste cenário, atuei de modo diferente introduzindo estratégias de aprendizagem, como modelagem-argila, dança, teatro, filmes entre outras, instigando-os a participar das discussões, a fim de suavizar posturas forçadas, adotadas pelos estudantes dessa época, como a obrigatoriedade de assistir às aulas. Quase sempre os observava adentrando na sala de aula, como por obrigação, diante da falta que seria marcada, e não pelo prazer de aprender.

Embora para os estudantes os propósitos anteriormente observados fossem costumeiramente aceitáveis, faziam-me refletir constantemente, já que nunca concebi em minha trajetória de formação pessoal tais modos de aprender. Assim, pelo contrário, estudar sempre era foi, e continua sendo, para mim um deleite. Importa destacar o entendimento de Demo (2011a), por semelhança ao que concebo um desconforto a métodos instrucionistas, privados de entendimento, reflexão e crítica. O autor, *op. cit.*, pontua:

A marca maior do bom docente não era a aula, mas autoria, sobre a qual se construía mútua confiança (...). Era, pois, natural que os estudantes vissem em tais professores figuras que os marcavam não só no curso, mas na vida toda. Traço fundamental era sempre o bom exemplo: os melhores professores executavam em si mesmos o que pretendiam exigir de seus alunos. (...) impressiona que esta docência considerada de excelência, se distanciava astronômicamente do instrucionismo, apontando para ambientes autorais de aprendizagem. (DEMO, 2011a, p.21-22)

Assim, fui questionando os significados e sentidos que estariam atribuindo os estudantes, à aprendizagem, em termos de conhecimento construído, longe de ser recebido. Ainda, matutando acerca disto, focada em Demo (2011a), é deveras interessante pensarmos no cuidado com a aprendizagem dos estudantes, no que comporta a não facilitação de tudo que lhes é doado sem esforço, algum. Brota daqui a noção estratégica de que a principal ajuda vem de se poder construir o cenário de aprendizagem, de forma que o estudante tenha a noção e a sensibilidade de ser autor de seu próprio processo de aprender a aprender em coautoria compartilhada com o professor.

No movimento de ideias e propósitos, tive a oportunidade de participar de duas realidades: o Curso de Especialização em Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior de Profissionais de Saúde e o Mestrado em Enfermagem. Além de contribuírem amplamente para o meu crescimento profissional, fizeram renascer e fortificar os desejos e ânsias construídas por mim com os estudantes. Por conseguinte, fui vislumbrando de perto transformações neste vasto grupo de atores, que tecem o aprender por determinação e amor, ou seja, ser professor com o estudante e vice-versa.

Em conformidade com tal intento, em 2005/2006, participei do Curso de Especialização em Ativadores do Processo de Mudança em Saúde, oferecido pelo Ministério da Saúde em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ – RJ). O aprendizado foi importante e significativo, pois, a capacitação simultânea de vários professores dos cursos do Centro de Ciências da Saúde, (CCS) favoreceu a adesão ao processo de mudança curricular na instituição, que já estava sendo implementado no curso de medicina e se preparava para introduzi-lo nos cursos de graduação em enfermagem e odontologia.

Dessa forma, visualizei o professor como orientador de aprendizagem na pessoa do tutor que em conformidade a Botti e Rego (2008), o entendem como sendo aquele que orienta, e ajuda na busca do conhecimento exerce o papel de avaliador e também aprende para que seus estudantes aprendam bem. O estudante assume desde o início de sua formação o modo ativo e responsável de aprender a aprender.

Então uma nova formação estava surgindo diante de mim, me revolucionando por completo, diferente do desenho tradicionalista que de tão necessária proporcionava forte esperança para acalmar as inquietações, já que avistava claramente caminhos para solucioná-las em benefício dos estudantes. Ainda sustento para minha realização como professora em prol de um educar superior, digno e humano na enfermagem, orquestrado

num conhecimento que não se transmite mas, se constrói razão pela qual pode-se aprender hoje, sem aula.

Demo (2011a) esclarece que aula representa a didática instrucionista, e com ele concordo porque geralmente ela é oferecida por professor privado de autoria alegando que sua riqueza habita em processos profundos de produção própria do conhecimento. Daqui extraio junto ao autor, a compreensão que espaços naturais que não possuam o nome de aula, mas que sejam criados com a intenção de se criar e produzir criticamente a aprendizagem podem ser aceites de modo agradável pelos estudantes. Então, o invólucro arquitetural é o que menos importa relevante é o que se orchestra, no intimo dos sujeitos, para que possam reproduzir de si aos outros, tudo o que instigam no seu interior de aprendizagem crítica reconstruída e desconstruída.

Logo após o término da especialização iniciei as minhas funções como tutora em metodologias ativas, ou seja, orientadora do aprendizado, no curso de graduação em medicina e um ano após, no curso de graduação em enfermagem, despertando nos estudantes, a responsabilidade e a autonomia, objetivando a construção do conhecimento. Em paralelo ao curso de especialização iniciei o Curso de Mestrado na Escola de Enfermagem Anna Nery - EEAN/UFRJ, elaborando a minha dissertação intitulada: *O Filme no Ensino de Graduação em Enfermagem: Contribuições de uma Estratégia de Aprendizagem*, em dezembro de 2007. Este contextualizou a formação do estudante de enfermagem, se deixando impregnar dos benefícios do filme enquanto estratégia de aprendizagem.

O estudo teve por escopo buscar modos de incentivar os estudantes a desenvolverem a crítica, a intencionalidade e a atenção entre tantos outros. Assim, estes meios os ajudaram a permanecer com mais prazer em sala, através da ampliação de

capacidades cognitivas como a reflexão, a criatividade e referente às características da personalidade a segurança, a iniciativa, dentre outras. (DANTAS da SILVA, 2007).

Hoje comprometida com a tutoria na enfermagem, reconheço que os estudantes, revelam em sua formação um preparo maior focado no humano e na atividade profissional na qual se irão inserir a futuro. Daqui, a necessidade de pertencerem a uma comunidade social, na qual está presente a comunicação, a possível partilha ou os opostos das ideias, os saberes que a linguagem articula e sustenta num universo simbólico, como o é o de aprendizagem.

Para tanto, utiliza-se na instituição que leciono ambientes tutoriais de aprendizagem, e relendo Demo (2011a), me deparei com especificidades que a meu ver caracterizam muito bem, esse espaço inovador hoje relegado como não sendo a aula tradicional e instrucionista, e conduzido com professor tutor, um orientador.

Então vejamos:

Fica, desde logo, descartada a aula instrucionista (...) é própria do professor que não sabe aprender; induz o aluno a não aprender, à imagem e semelhança do professor destituído de autoria. Os melhores professores cultivam (...) “princípios unificadores” de sua prática docente, entre eles: *Criar ambiente natural e crítico de aprendizagem (...)*, *Ganhar a atenção do estudante e mantê-la (...)*, *Começar com os estudantes, não com a disciplina (...)*, *Alimentar compromissos (...)*, *Auxiliar os estudantes a aprender fora da sala de aula (...)*, *Envolver os estudantes no pensamento científico (...)*, *Criar experiências diversas de aprendizagem (...)*. Fica a impressão de que ainda não inventamos “professor” entre nós. Aqui professor é quem dá aula, (...), reproduz informação (...), vive de reproduzir conteúdos e sem chance de estudar, pesquisar, elaborar. É preciso cuidar dele, reinventá-lo. (Demo, 2011a, p. 37-42)

Por conseguinte, dos princípios unificadores cultivados pelos professores de sua prática docente com base em Demo (2011a), extraio a flexibilidade do sentido que concebo para a compreensão de tutoria, ou seja: o ambiente natural produzido e reproduzido, por agentes sociais, o professor e o estudante, portadores de cultura transmitida e reconstruída pela crítica e reflexão da aprendizagem. O aprender é constante, de forma ativa para que se realmente a atenção, os compromissos, a

disciplina, as experiências vivenciadas em outros ambientes de aprendizagem e a construção do pensar ciência vinculada à autonomia e autoria, próprias.

Diante desta abordagem me posiciono para entender o modo como milito na profissão, movida quer seja por métodos mais tradicionais ou inovadores. Sob esta ótica, tenho a grande possibilidade de compreender que a diferença reside na qualidade do aprendizado que edifica o conhecimento, porque fortaleceu o sujeito de um poder cultural maior, com base na argumentação reflexiva-crítico-criativa, que ajuda a pensar, agir, ser e conviver face às teias do aprender.

No decorrer dos 10 anos de minha atividade enquanto professora, tenho tido a possibilidade de captar com bastante propriedade as dificuldades que os estudantes têm em estudar e aprender como também, a compreensão dos temas mais densos e profundos quando ministrados nas aulas expositivas, diante das quais as dúvidas ou as críticas se as houvesse eram silenciadas. O resultado era a possível “decoreba”, com escasso ou nulo entendimento, por parte de alguns, que no passar dos semestres seriam esquecidos, por falta de uso ou até mesmo porque o re-despertar daqueles assuntos, se efetuaria após longos períodos de tempo da formação.

Neste panorama fui-me relacionando com os estudantes, cujos perfis me moviam a ajudá-los a modificarem-se por meio de estratégias de aprendizagem. Assim, desinteresse, falta de atenção entre outras características necessitavam ser interpretadas, já que podiam revelar um passado, ao integrarem um universo simbólico⁴ ou seja, um contexto social estruturado onde se produzem, circulam, transmitem e são recebidas as formas simbólicas. Estas de acordo com Thompson (2002) inserem-se em contextos sociais estruturados, organizados de modos complexos, onde os indivíduos vivenciam

⁴ Terminologia designada por Berger e Luckmann (2000, p.140-141), como o universo que “ordena a história. Localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. (...) liga os homens com seus predecessores e seus sucessores numa totalidade dotada de sentido (...); Instituição e papéis particulares são legitimados por sua localização num mundo compreensível dotado de significação”.

seu dia a dia, agem, falam e escutam, podendo ser afetados pelo poder vinculado às questões culturais e sociais, que permutaram suas vidas ao longo do tempo.

Diante disso, a título de explanação entendo que a falta de interesse, de motivação ou de comprometimento com a própria aprendizagem, incide na reprodução de formas simbólicas. Estas ao serem submetidas à avaliação e conflito irão realçar suas características espaciais e temporais, porque quase sempre se inserem em contextos sociais estruturados.

Ainda, a passividade, individualidade, interesse na nota e em passar de ano e somente a intenção de obter o diploma, se apresentam como aspectos importantes. Entretanto, neste caminhar inserida na prática do dia a dia, fui diagnosticando a ausência de disciplina, de posturas condizentes a estudantes universitários e hábitos de estudo insuficientes. Por conseguinte, dificuldades na interpretação, redação e leitura eram presentes, e justificavam a baixa criticidade e ausente poder reflexivo acerca de algo, mesmo que fosse de seu interesse.

Porém, de acordo com isso, as mesmas cenas no meu cotidiano profissional se repetiam ano após ano. As turmas que chegavam ao espaço de aula eram lotadas, e revelavam alta heterogeneidade e diversidade de maturidade geral. Integravam grande número de estudante-trabalhador, que se queixavam da falta de tempo para estudar, o raro contato entre os colegas, que por serem na maioria plantonistas-auxiliares e técnicos de enfermagem, se induziam ao sono diurno em espaço de aula, quando de noite trabalhavam.

Em conformidade com a necessidade de mudança e da cultura institucional à época, surge, outro contexto e um perfil diferenciado, para o professor que ensina e aprende, de modo a fazê-lo com sentimento, sensibilidade e prazer. Para ele e estudantes reciprocamente, repercutirá em: situação estimulante e experiência gratificante; estado

de confiança, alegria, espontaneidade e entusiasmo; ambiente de mudanças; aprendizagem fácil e agradável; motivação e afetividade; autoconceito positivo favorecendo o êxito, a tranquilidade emocional, clima de aceitação, responsabilidade e o comprometimento.

Entretanto, venho refletindo diante dessa situação e tenho compreendido que a presença de estratégias e sua utilização colaboram na relação ensino-aprendizagem, estimulando bastante a transformação e o interesse do estudante. Convidá-lo a participar priorizando-se a troca de experiências, e não unicamente reproduzir valores e habilidades preexistentes, é demais importante já que o início de todo o processo de ensino-aprendizagem, parte do diálogo com esses valores, incutindo-lhes outros significados e compreensões.

Em suma, no que posso adiantar entre tantos fatos tenho como essencial o que se refere ao modo como os estudantes durante a formação se retratam à aprendizagem absorvida em moldes inovadores abarcando passos metodológicos. No que perturba o adequado aprendizado está a nítida deficiência de alguns tutores entenderem e aplicarem diferentemente o método preconizado para a construção do conhecimento. Daqui resultam lacunas no aprendizado e inseguranças de alguns estudantes, que abraçam a aprendizagem e a metodologia.

Outros aspectos relevantes vêm à tona como são a necessidade de veracidade nas relações estabelecidas entre os agentes sociais, incorporadas pelos tutores entre si como também dos estudantes, de uns com os outros, e destes com os primeiros. São requisitos que precisam incorporar a avaliação após cada seção tutorial, e que muitas das vezes é banalizada, ou suprimida, até mesmo elaborada entre expressões rotineiras do estar tudo bem, quando não traduzem o real, já que o medo dos estudantes relativo à incompreensão de alguns tutores, sobre eles, impera.

De tantas inquietações povoando a aprendizagem dos estudantes estão uma vastidão de lamentações no que diz respeito à ausência de aulas expositivas que deveriam presentear conteúdos densos e difíceis de compreensão. Assim, compreendê-los sem ajuda de um professor, quase sempre, faz que povoem as dúvidas, e as incertezas acerca do que pensam saber, sobre o assunto.

Certos dilemas surgem quando o assunto abarca a personalidade e a convivência em grupo, ou seja, o trabalho em equipe. A inovadora metodologia não deixa passar de modo despercebido a timidez, a atenção, o interesse, a solidariedade, a motivação, a oralidade, a intencionalidade. Dentre outras formas o modo simbólico de estar em contextos culturais, históricos e sociais como um desenho construído e vivido pelo professor-tutor e estudante.

Diante desta vasta gama de situações cabe destacar que, apesar, de muitos estudantes terem aprendido a galgar o percurso da formação sozinhos, nos passos da nova metodologia, outros tantos, me deixam na expectativa. Esta se deve ao fato, de não saber se estão conseguindo obter o conhecimento necessário, por eles próprios. Entretanto, há aqueles que anseiam pela diferença e excelência profissional na enfermagem, então aprimoram o estudo, se preocupam com lacunas na aprendizagem, zelam pela correção de raciocínios, filtram erros e esclarecem as dúvidas com esmero. Portanto, o tutor não ministra aulas, exerce unicamente a função de orientador de aprendizagem e não de um facilitador⁵ que tudo deve facilitar. De forma alguma é essa a concepção de tutor na metodologia ativa, aplicada no processo de formação.

Entretanto, é mister destacar que a concepção tão divulgada e usada do tutor como facilitador é adversa e contraditória, ao que concebe a metodologia ativa para a formação do estudante, visando sua autonomia e independência na conquista do seu aprendizado. Daqui não se fomenta a figura de um professor que para cumprir o papel

⁵ Neste estudo o tutor será considerado um professor orientador em vez de facilitador.

de tutor facilitador, tudo fará o que não se concebe em sincronia com a concepção de motivar o estudante à responsabilidade, nas tomadas de iniciativa e determinação, esvaziando-o a ponto de se sentir como uma marionete, diante dos acontecimentos que se insurgem.

O presente estudo suscita indagações que se traduzem em significados nos discursos emitidos pelos estudantes, quando colocam em jogo, a preferência ou não por determinados tutores, já que a escolha, deles não dependerá. Assim, deixam transparecer, que apesar, da metodologia em tela não exigir dos tutores, formação como enfermeiros ou especialização como tutores, especificidades que poderiam estar identificando perfis para atuar como tutor-orientador em conformidade com a estratégia de aprendizagem utilizada, torna-se necessário, na minha concepção. Ainda, é importante realçar a continuidade dos passos metodológicos⁶ que sempre deverão elencar-se à tutoria, como também, é notória a diferença quando tal fato depende de ser um ou outro professor, aspecto que para os estudantes, pesa demais.

Em suma, somente cumprir fielmente todos estes desígnios, não vem justificando confortavelmente para os estudantes, que o método apresentado os forma devidamente, como também o tutor que foi encaminhado até eles, será aquele junto ao qual se sentirão seguros, terão credibilidade na forma como os orientará, e assim, possam ir conquistando adiante o que mais desejam: o diploma substanciado na melhor aprendizagem.

Frente a múltiplas situações instigantes na trajetória de formação dos estudantes pairam as minhas inquietações, que doravante se vão articulando à problemática do estudo. Aqui perpassa a questão de um trabalho pioneiro e original, no campo das metodologias ativas em cenário tutorial centrado na prática do professor tutor. Deste

⁶1º Passo-Identificação do(s) problemas; 2º Passo-Formulação de hipóteses explicativas; 3º Passo-Elaboração de questões de aprendizagem; 4º Passo-Busca de novas informações; 5º Passo- Construção de novos significados; 6º Passo-Avaliação do processo (COA-2010).

modo, elaborei por etapas, um levantamento na base de dados da biblioteca de Ciências da Saúde em Geral da Rede da Biblioteca Virtual da Saúde.

Portanto, abordando o que se publica neste campo de estudo, me surpreendi com 32 (trinta e duas), publicações na área da educação em saúde, nos cursos de enfermagem a maioria e em comunicação em saúde, uma minoria. Entre eles apenas uma dissertação e uma tese de doutorado, os restantes somaram artigos científicos. Na língua portuguesa foram apurados vinte e quatro, excetuando a dissertação e a tese de doutorado, em espanhol seis artigos e por último em inglês, somente duas publicações.

Entretanto, cabe salientar que a valorização deste estudo, habita na fragilidade de não ter encontrado, sequer, em algures a formação da prática do professor tutor, amparada institucionalmente diante de mudanças curriculares. Sem dúvida aqui reside um vazio na seara científica, pois, sem uma adequada sustentação vislumbra-se um possível empobrecimento, na qualidade destes professores, que transitam entre metodologias de ensino- aprendizagem, diferenciadas. Daqui emanam fortes inquietações, já que seus atos se reportam à formação dos estudantes, para os quais o primor do processo educativo se bitola em qualificar boas reflexões e debates pertinentes à matéria aqui apresentada.

Todavia, também o estado da arte conduz a justificativa deste trabalho, desde o primeiro momento, pois, através deste, pude ir observando que os artigos encontrados abordam a formação dos estudantes de enfermagem, de forma a desenvolver o pensamento crítico-reflexivo. Embora, se encontrem alguns trabalhos sobre o assunto, esses são escassos e preliminares, não tendo sido encontrado nenhum texto científico, que refira o aporte ideológico e cultural que circula em tutoria de forma a vinculá-los à produção e ou reprodução de significados ou sentidos.

Discretamente aflora a necessidade de que os estudantes sejam sujeitos ativos no processo de aprendizagem, e o professor tutor mero orientador, em consonância à formação integral diante das novas tendências, ditas atuais e sociais. Quanto ao exercício da tutoria as pesquisas recentes enfatizam os papéis desempenhados pelo tutor, com uma lacuna na abordagem sobre a formação desse tutor. Na maioria dos estudos, o foco está na aprendizagem baseada em problemas e o professor começa a surgir como facilitador de aprendizagem e ainda referem que as experiências vivenciadas pelos estudantes têm desencadeado mudanças significativas nos sujeitos.

Relevante, destacar que procedi em simultâneo ao levantamento de dissertações e teses referentes à educação em enfermagem do NUPEGEPEEn e NUPESEnf., no catálogo de dissertações e Teses da Biblioteca Setorial da Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN/UFRJ). Dentre o apurado pude constatar que há *dissertações de mestrado* com articulação à pesquisa vinculada à minha tese de doutorado, porque trazem a prática profissional em enfermagem pela educação. Preciso realçar entre essas, oito dissertações na área do ensino de graduação e com foco para o meu estudo pelo peso crítico e reflexivo que comportam. Apresentam o referencial teórico de J. Thompson (2002) como modelador de uma aprendizagem reproduzida por formas simbólicas, em ambientes de atividade prática.

As *teses de doutorado* se norteiam pela educação superior em enfermagem e prática profissional. Porém, destaco com fortes contribuições para esta tese, duas delas, que estudaram como referencial teórico-metodológico o autor J. Thompson (2002). Realço na primeira tese o estudo sustentado no conceito de Ideologia, e na segunda a interpretação / reinterpretação, da hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 2002).

Mediante as considerações anteriores, este estudo **justifica-se** pela necessidade de reflexão sobre a natureza e o papel da cultura, sua relação com o poder e contextos

sociais estabelecidos em tutoria como prática do ensinar-aprender. Nesta, os estudantes de enfermagem podem receber e interpretar formas simbólicas, presentes na multiplicidade de ações, linguagens, gestos, posturas, atitudes, comportamentos, comunicações, imagens, textos entre outras.

De acordo com estas concepções, haverá no cotidiano vivenciado pelos estudantes em tutoria, um aporte complexo de processos de valorização, avaliação e conflito sustentado pela contextualização das formas simbólicas. Em termos de processo de mudanças na educação do ensino superior certamente trará algumas ponderações crítico-reflexivas importantes, acerca da aprendizagem significativa construída pelo condão de significados e sentidos na responsabilidade dos sujeitos.

Assim, retorno à nova metodologia de formação destes estudantes no intuito de uma melhor formação para os enfermeiros, já que daqui emana o fortalecimento da profissão vivificada pelo movimento dialético do aprender a aprender. Com base no descrito como justificativa, cabe-me esclarecer que a formação dos estudantes se permeia em metodologias ativas defronte à realidade, pelo que não será tão fácil modificá-la, já que acredito que somente o homem transformado pode transformar.

Após estas reflexões, não posso deixar de trazer à presença do estudo sua **relevância**, quando procedo à articulação de alguns dos dados analisados na minha dissertação de mestrado, e constato como os estudantes enfatizaram como essencial para aprenderem que o professor recorra ao uso de estratégia de aprendizagem, como foi o filme. Para tal, esclareceram que esta se tornou bastante significativa para eles, porque os ajudava a construir um conhecimento impregnado de especificidades, porquanto, despertava o interesse, atraía a atenção, acendia a memória e incutia alegria e motivação, diante de temáticas mais complexas e difíceis de compreensão.

Então, me reporto a esse posicionamento, por ser pertinente e atual para este estudo de tese, ainda mais, se tratando de metodologias ativas, na voz do professor-tutor, que precisará ter o nítido entendimento do uso de estratégias vinculadas ao circuito de ensinar-aprender. É necessário, que estas movimentem potencialidades-fragilidades, experiências anteriores e conhecimentos prévios dos estudantes, para que junto às informações adquiridas, constituam e formem a estrutura cognitiva, destes.

Outrossim, potencialidades emergem das reflexões que movimentam processos de formação no ensino superior em enfermagem, unidos a metodologias ativas inseridas pela espiral construtivista como o são no Unifeso, as reavaliações que devem compor registros de desempenho dos diversos professores tutores em seu cotidiano com os estudantes. Reflexões e debates perpassam a título de exemplo nesta matéria para que possam prosseguir sempre mais qualificados. Para tanto, estudos bem documentados nestas temáticas, como sejam teses de doutorado, devem norteá-los construindo pontes de conhecimento, revigoradas pelo cotidiano vivenciado do binômio teoria/prática do aprender a aprender, para melhor formar os estudantes.

Diante do exposto, algumas **questões norteadoras** foram elaboradas para este estudo:

1. *De que maneira transcorre a prática da tutoria em enfermagem do Unifeso?*
2. *Como é a reprodução da cultura nas atividades da tutoria em enfermagem?*
3. *Quais as implicações da reprodução da cultura para a formação do enfermeiro?*

Outrossim, o **objeto de estudo** é:

- *A transmissão cultural na prática da tutoria pelo professor na formação do enfermeiro do Unifeso.*

Objetivos:

- a) – *Descrever a prática do professor-tutor no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso;*
- b) - *Analisar a transmissão cultural de formas simbólicas na prática da tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso;*
- c) - *Discutir as implicações da prática da tutoria na formação do enfermeiro frente à transmissão cultural.*

A **contribuição do estudo** reside em ofertar a reflexão, interpretação e compreensão do real aprendido contextualizado e vivido no universo simbólico construído continuamente em tutoria, em que os estudantes do curso de graduação de enfermagem são atores participativos na sua formação, embora orientados pelo tutor. Para tanto, subsidiar outras pesquisas que venham a ter aderência a esta temática.

Na seara do **ensino/formação**, o trabalho de pesquisa realizado irá propiciar diálogos e debates sobre o tema Ideologia e Cultura desde a sua produção, transmissão e reprodução cultural na diversidade de atividades desenvolvidas em ações conjuntas⁷ pelos agentes sociais compondo a tutoria grupal em que os estudantes protagonizam e atuam mobilizando sentidos num mundo social simbólico.

Como professora tutora norteada pelo processo de ensino-aprendizagem, acredito que o estudo contribua para a discussão estabelecida na atuação competente do professor tutor no que aborde o preparo de enfermeiros críticos, reflexivos e cidadãos. O estudante, assim, se habilita desde cedo a ter contato com uma formação sustentada na aprendizagem significativa, colaborando para o desenvolvimento da sua práxis profissional, operando socialmente as mudanças que se tornarem oportunas ao processo

⁷ Só se consegue mentalidade social dedicando-se os homens à “atividade” conjunta na qual o uso de materiais e utensílios, por parte de uma pessoa, se relaciona conscientemente com o uso que outras pessoas fazem. (DEWEY, 1959, p.42)

de formação profissional, transitando pelo papel do professor tutor, um orientador de aprendizagem que constantemente se fortalece no verdadeiro sentido do aprender a aprender.

No que salienta a contribuição para o estudante do curso de graduação em enfermagem, realço que este estará se beneficiando diretamente no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, já que a análise sustentada na hermenêutica de profundidade reverterá notoriamente na reflexão e discussão dos resultados obtidos. Portanto, dentro de um contexto social histórico institucional de mudanças, que a todos envolve, sejam professores ou estudantes, trilha-se no espaço de tutoria, um arsenal ideológico e cultural transmitido e que reconstruído irá reproduzir tantos e outros diferentes significados que reverteram na qualidade da formação.

Outrossim, o presente trabalho de pesquisa se edifica na trajetória de uma instituição que comporta em si, a formação de profissionais enfermeiros de nível superior, o que se retratará no desenvolvimento desta tese de doutorado, que traduzirá a interpretação de referenciais teórico metodológicos e autores que contribuem no tema em questão, discutidos na reconstrução da prática do professor tutor. Tal propósito é, por demais, importante, pois não deixo de pensar no que se deve investir em termos da preparação do professor, já que sob sua orientação os estudantes desabrocham para uma futura vida profissional.

Portanto, quanto mais e melhor a Instituição de Ensino Superior (IES) como o é o Unifeso, se preocupar em atender à qualidade de seus professores, com certeza, se obterão grandes benefícios em prol dos estudantes, por conseguinte, o perfil da formação profissional se propagará a tantas outras instituições, não só no território brasileiro, como além deste. Que o inovar pela mudança curricular, mediada por novas

metodologias ativas, crie nos agentes sociais implicados a verdadeira força que tanto a sociedade universitária deseja o mérito na melhor formação dos enfermeiros.

Primordial, se faz, trazer a competência para o exercício da orientação na metodologia ativa junto aos estudantes, que do professor tutor se deverá exigir, uma vez que, sem esta, lacunas irreparáveis se instalam em ausência de aprendizado para o estudante. Daqui brota a imperiosa necessidade de revisitar no processo de trabalho, o desempenho deste professor, mediante uma reavaliação concreta e contínua deste profissional. Surge a necessidade de se manter este professor constantemente atualizado, para que possa ir sustentando toda a arquitetura metodológica pertinente à qualidade de ensino almejando a formação dos futuros enfermeiros.

Em relação à **pesquisa e extensão**, o estudo poderá contribuir com grandeza científica por ser ainda uma matéria minimamente explorada, já que os estudos realizados não versam acerca do modo como preparar enfermeiros inseridos em ambientes de aprendizagem inovadores, guiados pelo tutor. Estes se mesclam de práticas desenhadas por competências, estratégias de ensino aprendizagem, integração ensino, trabalho e cidadania.

São trajetórias movediças de estudante a estudante conduzidas pelo professor tutor que melhor se coaduna aos liames ideológicos e culturais da atividade dos mesmos. Este impacto social reabsorve significados e sentidos e vai assim, mobilizando trajetórias investigativas no ensino e na pesquisa mesclando sucessivos interesses acerca da metodologia empregada.

Entretanto, instigará o professor tutor a conjugar sua atuação com o estudante, procurando pela pesquisa reorganizar permanentemente a educação pela produção do conhecimento, reconstruindo-se pelo *construído e não colhido*, cuja apreciação a fortaleço sob o olhar de Demo (2001). Ainda, destaco que pela extensão os saberes

ultrapassam fronteiras, enaltecendo esta realidade de tantos desafios que se vincula a processos de mudança curriculares, nutridos na formação profissional, encimada pela ação do professor tutor comprometido, e qualificado para tal atuação.

Assim, contribuir com a **produção científica do Núcleo de Pesquisa Educação e Saúde em Enfermagem – NUPESENf** – *Núcleo de Pesquisa Educação e Saúde em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery*, subsidiando pesquisas que tenham aderência à temática, desta forma fortalecerá linhas de pesquisa em educação. Que aprofunde aspectos para outros estudos, prestará benefícios para a investigação científica e intelectual no campo da enfermagem e de tantos outros profissionais de áreas afins.

Importa salientar que o presente estudo aprofundará os debates e os conhecimentos sobre metodologias ativas, e sua inserção em mudanças curriculares permeando cursos de graduação em enfermagem, mobilizadas pela atividade diária do professor tutor, ampliando-se ao NUPESENf (EEAN/UFRJ). Para tanto, almejo que este estudo possa alavancar, pela inquietação, outras pesquisas que tenham como meta atingir idênticos propósitos.

Para tanto, possam ir somando outros modos de vivenciar a prática da tutoria, revisando-a para que a mesma se mantenha no forte movimento de ascensão, objetivando a qualificação ideal dos estudantes de enfermagem. É essencial que os professores se norteiem, durante a trajetória profissional, pelos meandros da pesquisa e suas linhas de interesse.

Na **assistência** que possa contribuir para o exercício da enfermagem no mundo do trabalho, como também na construção de um cuidado digno e de qualidade, inseparável da universidade que sempre deverá mobilizá-lo. É urgente, que se (re)signifique as ajudas estratégicas estabelecidas entre professor e estudante, pois são estas, que irão dar

sustentabilidade às boas relações e ao bom aprendizado. Porém, reconheço que a atividade estudantil e profissional, são processos dialéticos vivos, de encontros e desencontros entre seus atores, e em virtude disso, nos moverão sem cessar.

Pelo exposto, faço para o presente estudo a Defesa da Tese que segue:

A compreensão do que concebo como relevante na prática do professor-tutor no Curso de Graduação em Enfermagem, do Unifeso, reside no aporte ideológico e cultural da instituição, somando-se também, à sua trajetória de vida, à cultura, à formação e área profissional de atuação. Dessa forma, o ensino que o professor tutor almeja para direcionar a aprendizagem dos estudantes, é baseado na cultura deste e da instituição, desencadeando a transmissão cultural no processo de formação dos estudantes.

Arquitetura Global da Tese

Este estudo se desenvolve em seis partes. Na primeira parte - **CONSIDERAÇÕES INICIAIS** - articula-se a construção do objeto de estudo, as questões norteadoras, os objetivos e as contribuições da pesquisa.

A segunda parte - **CAPÍTULO I** - refere-se ao Referencial Teórico Metodológico, que tem como escopo teórico o conceito de Cultura na concepção estrutural; os aspectos das Formas Simbólicas, intencionais, convencionais, estruturais, referenciais e contextuais, analisados e apresentados por John B. Thompson. O Referencial Metodológico se origina na *doxa* designando a hermenêutica edificada na avaliação criteriosa de como os sujeitos compreendem a sua realidade cotidiana.

A terceira parte, **CAPÍTULO II** – analisa a Presença da História no Tempo do Unifeso: Contexto Sócio Histórico, enfocando a estrutura curricular da instituição e seu desenvolvimento diante da nova mudança, em conformidade com a interpretação da Hermenêutica de Profundidade.

A quarta parte, **CAPÍTULO III** – apresenta “Para Além da Análise”: Revelando a Essência dos Depoimentos dos Professores Tutores do Curso de Graduação em Enfermagem. Este capítulo se constitui de três unidades temáticas, que abordam: 1- A Formação e a Prática do Professor-Tutor no Contexto Profissional do Unifeso; 2- A

Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor-Tutor; 3- A Prática da Tutoria na Enfermagem: Ato e Ação.

O **CAPÍTULO IV** – O propósito é apresentar a interpretação/reinterpretação da prática cotidiana do professor em tutoria no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso. Para tanto, salienta-se a constituição significativa dos fenômenos culturais e sua contextualização social, ou melhor, a exposição interpretativa do que foi apresentado ou dito pelos professores, participantes da pesquisa.

O **CAPÍTULO V** – traz as Considerações Finais, nela se destaca os aspectos relacionados às trajetórias de vidas na formação profissional; a aprendizagem do enfermeiro e educador; a identidade institucional; a adaptação à nova metodologia; a manutenção de uma prática docente e o perfil do professor para ser tutor no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso.

CAPÍTULO I**REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO**

Saber olhar o que não se vê facilmente, apanhar as dobras do discurso, perambular em suas gretas sutis, flagrar contradições, acompanhar a rota da inteligência dos argumentos, tudo isso faz parte da percepção crítica, capaz de tanto mais valorizar o mundo simbólico quanto mais o questiona.

Demo (2009)



Fig. 5 – Eterno Abraço



Eterno Abraço
Referencial Teórico-Metodológico

Ao reparar a força do “Eterno Abraço” me senti abraçada pelo invisível e indivisível que sintetizam a simbiose, do que se teoriza e aplica na concretude do meu caminhar, o presente estudo de pesquisa científica.

“O homem age, através de três forças conjugadas, que são: vontade, pensamento e ação. Vontade-energia que comanda a trajetória do desejo. Pensamento-força viva que manipula a forma pelas idéias. Ação-impulso dado para a direção que o pensamento determinou”.

Mattar (2002)

1.1 - Referencial Teórico

Meus desafios não têm uma resposta única, podem ser resolvidos de várias maneiras. À medida que o trabalho se desenvolve, tornam-se cada vez mais abertos, incomuns e irracionais.

HOLM (2004)

Esta pesquisa terá como escopo estrutural teórico o conceito de Cultura na concepção estrutural concebida por Thompson⁸ (2002, p.181), como: “(...) o caráter simbólico dos fenômenos culturais *como*⁹ ao fato de tais fenômenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados”, e os aspectos das formas simbólicas, apresentados e denominados de intencionais, convencionais, estruturais, referenciais e contextuais, analisados e apresentados, também, pelo autor. Com este, entendo que se estabelece um diálogo permanente com os agentes sociais, e apesar disso, eles necessitam ser compreendidos para além do mundo de suas opiniões ou mesmo de histórias de vida.

Outrossim, emergem posições diferenciadas institucionalmente, onde processos sociais enfatizam formas simbólicas que constituem o mundo social. Assim, caberá engendrar as arquiteturas das tradições culturais que demarcam sentidos duplos na constituição destes objetos socioculturais que não auto replicam, por possuírem sutilezas genéticas e comunicações midiaticizadas, como o apresentam a instituição Unifeso e a Tutoria no cotidiano da prática docente do professor tutor.

Desta forma, fica mais fácil entender que as relações estabelecidas atualmente em novos espaços de aprendizagem, advindas de metodologias ativas, como a biblioteca,

⁸ Professor inglês /cientista social formado pela Universidade de Cambridge-Inglaterra, onde leciona e pesquisa. Estabelece diálogos com Pierre Bordieu (França) e num viés pragmático discute elementos teórico-metodológicos, apresentados em sua obra intitulada: Ideologia e Cultura Moderna (2002), a Mídia e a Modernidade (2011), e possui tantos outros, em diversas línguas.

⁹ O grifo é do autor.

laboratórios de habilidades, salas de conferências, entre outras, se encontram envolvendo permanentemente o estudante de enfermagem. Por tal fato, se geram múltiplos significados, eis que, se sustentam no aprender significativo, orientado pelo tutor, em que os estudantes interagem uns com os outros e se fortalecem pela construção do múltiplo conhecimento.

Assim, são interpelados por formas simbólicas, e o pesquisador, atento às suas manifestações, vai apreendendo-as podendo tecer elementos de sentido, os quais se produzem na sua relação com o evento. A título da situação descrita, o caráter estratégico educativo se personifica com propriedade, na sessão de tutoria, durante a qual, há uma produção rica de formas simbólicas que o autor *op.cit.*, (2002), referencia. Oportuno, o modo como o especifica, ou seja: fenômenos significativos, desde ações, gestos rituais, manifestações verbais, textos, programas de televisão e obras de arte.

No meu cotidiano, quando revejo a tutoria no seu evoluir, resta claro vislumbrá-las, já que essas e outras fluem. Nestes termos, ainda mais quando o tutor adota estratégias de ensinar aprender, como por exemplo a tempestade de idéias, durante a qual o estudante se liberta pela verbalização das informações, não deixando processos de censura, sequer, a mental, intervirem em suas reflexões.

Cabe salientar que quanto ao exercício da tutoria, um círculo de experiências, tradições, culturas e ideologia perpassam os sujeitos que as compõem. Em virtude disso, torna-se relevante priorizar distinções entre os tipos vinculados às formas simbólicas, expressadas por Thompson (2002). Então focaliza aspectos tais como: *o intencional* traduzido pelas expressões de um sujeito para outro ou vários.

O autor explica ainda que as formas simbólicas produzidas, construídas e empregadas pelo sujeito, buscam determinados objetivos e propósitos e tenta expressar o que pretende dizer. Entretanto, ocorre que os indivíduos que as interpretam vão

recepcioná-las como uma mensagem a ser entendida. Em suma, a forma simbólica será empregada por um sujeito, para um sujeito ou sujeitos e percebida, como produzida dessa forma pelo sujeito ou sujeitos que a recebe. O condão caracterizador as identifica por serem expressões de um sujeito para outro, jamais, de si produtor para si próprio.

É primordial, segundo a condução do pensamento de Thompson (2002), introduzir alguns esclarecimentos sobre o assunto. A constituição de objetos, enquanto formas simbólicas, ou como fenômenos significativos, pressupõe que o sujeito que as produziu, construiu ou empregou foi capaz de agir intencionalmente, ou seja: o objeto foi percebido como produzido, por alguém, acerca de quem se pode dizer, que em certos momentos, “fez isso intencionalmente”¹⁰. No seguimento o significado de uma forma simbólica, ou dos elementos que a constituem, não são forçosamente idênticos ao que o indivíduo produtor tencionou ou até quis dizer ao produzi-la.

Alega o autor em sua reflexão, que isso depende da interação social diária, pelo que percebo que em contextos estruturados, determinadas características típicas, como o são os passos metodológicos, permeados no entorno tutorial, podem introduzir a noção de campo de interação¹¹. No entanto, certas formas que não se articulam a uma relação dialógica, como textos escritos, ações mais ritualizadas, ou obras de arte poderão ter um significado ou sentido, mais complexo do que o que derivou do sujeito produtor e o que originalmente tencionou. Cabe conforme a minha interpretação que num circuito de comunicação tutorial entre os sujeitos, isto acontece por demais, seja até no aprendizado que é devolvido pelas leituras elaboradas pelos estudantes, tantas vezes diferente do sentido que os diferentes autores inculcaram na redação de seus textos.

¹⁰ Expressão utilizada pelo autor. (THOMPSON, 2002, p. 184)

¹¹ Thompson recorre ao conceito apresentado por Bourdieu, que define campos de interação, sincronicamente, como um espaço de posições e, diacronicamente, como um conjunto de trajetórias. Essas posições e trajetórias são determinadas, por diferentes capitais como o econômico, o cultural e o simbólico, e os indivíduos os buscam para alcançar seus objetivos particulares.

Intenções híbridas definidas como “inconscientes” multifacetadas de intenções, do sujeito produtor não são, por conseguinte, pertencentes ao mundo das formas simbólicas. Daqui pontua o autor que:

O significado de uma forma simbólica, ou dos elementos constituintes de uma forma simbólica, é um fenômeno complexo que depende de, e é determinado por, uma variedade de fatores. Aquilo que o sujeito-produtor tencionou ou quis dizer ao produzir a forma simbólica é certamente, um (ou alguns) desses fatores e pode, em algumas circunstâncias, ser de crucial importância. Mas não é o único fator e seria um erro sugerir que as intenções do sujeito-produtor poderiam ou deveriam ser tomadas como a pedra de toque da interpretação. (THOMPSON, 2002, p.185)

Basta refletir acerca das boas intenções que um professor tenciona com dedicação à qualidade da sua formação, objetivando a melhor aprendizagem para seus estudantes, embora acredite que tal pretensão isolada possa concretizar tais intentos. Com certeza que outros fatores cruzam tal percurso, como seja, a vontade e o querer dos estudantes em estudar, esclarecer as dúvidas, entre tantas outras situações ou intenções conflitivas que cerceiam a concretização dos propósitos a serem atingidos.

No prosseguimento das ações de diálogos e reflexões, surge a segunda característica das formas simbólicas, designada como *convencional*, entenda-se na construção destas, ou em seu emprego, na interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, a utilização de regras, códigos ou convenções de diferentes tipos.

Entenderia o recurso de estratégias do ensinar aprender, quando o tutor, indaga os estudantes acerca de situações práticas, que preenchem o conhecimento tácito. Não obstante, é social, estando aberto a sanções por parte dos outros, fazendo com que nestes processos haja a aplicação de regras, ou códigos sociais, para as quais recorreria aos passos metodológicos presentes no desenvolvimento da tutoria.

O terceiro aspecto é *o estrutural*, colaborando segundo Thompson (2002), com elementos que se inter relacionam compondo a estrutura e assim levando à análise da justaposição de palavras proferidas pelos estudantes em grupo as imagens utilizadas a

título de explanação de um conceito. Como também, a estrutura narrativa de um mito, em confronto do conhecimento popular dos agentes sociais, que percorrem nossos cenários de aprendizagem.

A característica seguinte, *a referencial*, indica que a forma simbólica representa algo, refere-se a algo, diz algo sobre alguma coisa, dependendo de uma interpretação criativa, que vai além dos traços e elementos internos, corrobora com a estrutural, porque remove a opacidade e percebe as circunstâncias particulares nas quais foi usada.

Por fim, o aspecto *contextual*, em que as formas simbólicas são trocadas por indivíduos localizados em contextos específicos, exigindo meios de transmissão cultural inerentes aos sujeitos, tornando possíveis as ações e interações que acontecem na vida cotidiana. Portanto, fluem condições sociais próprias ou impróprias da tutoria, já que os recursos são distribuídos de forma desigual, consoante o conhecimento absorvido, que liberta e não limita, pelo contrário capacita o tutor e os estudantes, num percurso interativo pelo efeito da aprendizagem, por estes, construída.

Novos conceitos são incorporados às estruturas do conhecimento, adquirindo significações, símbolos, representações e sentidos, originários em seus saberes prévios. Este aporte mental possui limites que nos (pré) condicionam por nossa tendência natural, de nos expressarmos por símbolos. De volta ao autor, *op. cit* (2002), e sustentada por ele, entendo que a relação entre objetividade subjetividade se perpassa permanentemente na reprodução de formas simbólicas.

Então, cabe a título de esclarecimento, destacar que a tutoria, como estratégia do social permeia processos de sentidos. É importante conhecê-los na interação dos sujeitos que os produzem na sua relação com os eventos. Seja a apreensão que temos deles, os fenômenos que orientam os elementos de sentido. Para abordá-los sugere Thompson (2002) uma teoria social fundamentada na hermenêutica dirigida à crítica,

isto é, para auto reflexão, a crítica das pessoas que formam o mundo sócio histórico e cultural.

O conceito de cultura tem vindo a abraçar vários significados que vão se transformando e adaptando de acordo aos modos de conceber o mundo. É porquanto, benéfico compreender que não é possível obter uma cultura universal, pois as diferenças culturais persistem e são gritantes nos contextos sociais de hoje, já que, por sua vez, os estudantes se inserem nos cenários de aprendizagem pela ação, objetos e expressões significativas do que é produzido pela fonte tutorial, disparadora do conhecimento reproduzido pelos estudantes.

Assim, uma formação em saúde que tenha nas práticas da enfermagem um elemento estruturante de sua profissionalização, requer a escolha do meio tutorial. Deste modo, se operacionaliza o ensinar aprender onde professores e estudantes têm a oportunidade de conviver ativamente, sem esquecer as múltiplas diferenças que distinguem as pessoas entre si (características físico fisiológicas), como também as culturais (crenças, costumes, valores).

Muitas são as concepções de cultura, podendo apresentar-se como a manifestação simbólica da ideologia ou, também, como trama, mesmo sendo a artimanha do poder. Portanto, sob a condução da ideologia em espaço tutorial, oportuniza-se a visão do meio micro social, que no universo simbólico¹² traduz um conhecimento como produto social de transformação. Trata-se, sem dúvida, do olhar dialético entre a produção social e o mundo objetivado que acaba por ser o resultado dela mesma.

Importante relembrar que na tutoria os indivíduos executam ações separadas que posteriormente refletidas, não se pensa mais, como eventos ou acontecimentos isolados e sim, como partes integrantes de um universo. É o lugar onde o próprio real remete

¹² Terminologia utilizada por Berger e Luckmann (2000, p.140-141), em que a “instituição e papéis particulares são legitimados por sua localização num mundo compreensível dotado de significação”.

seus atores à profundidade das ideias e do conhecimento subjetivo dotado de sentidos em que os significados não são mais particulares ao sujeito, mas já socialmente compartilhados.

Assim, apontam o processo de sua própria produção e legitimação. Os legitimam teoricamente à ordem institucional através do conhecimento socialmente objetivado como conhecimento num corpo de verdades universalmente válidas sobre o real vivido. Neste sentido se dá relevância aos meios de comunicação social, precursores essenciais da cultura, força motriz das sociedades atuais. O autor acima refere:

Por isso proponho conceitualizar ideologia em termos das maneiras como o sentido mobilizado pelas formas simbólicas serve para sustentar relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas. (THOMPSON, 2002, p.79)

Dentro deste contexto, o forte componente ideológico projetado *nos diálogos, debates-discussões, livros e periódicos, falas, ações, posturas, atitudes e gestos, imagens, fotografias, filmes, e vídeos*, numa variedade sem fim. Na continuidade da vida uma comunidade populacional projeta as tradições, a história e marcos culturais do vivido pelos agentes sociais, que repercutem na universidade. Esta se define como sendo o espaço do qual brotam a produção do conhecimento, a democracia e a cidadania.

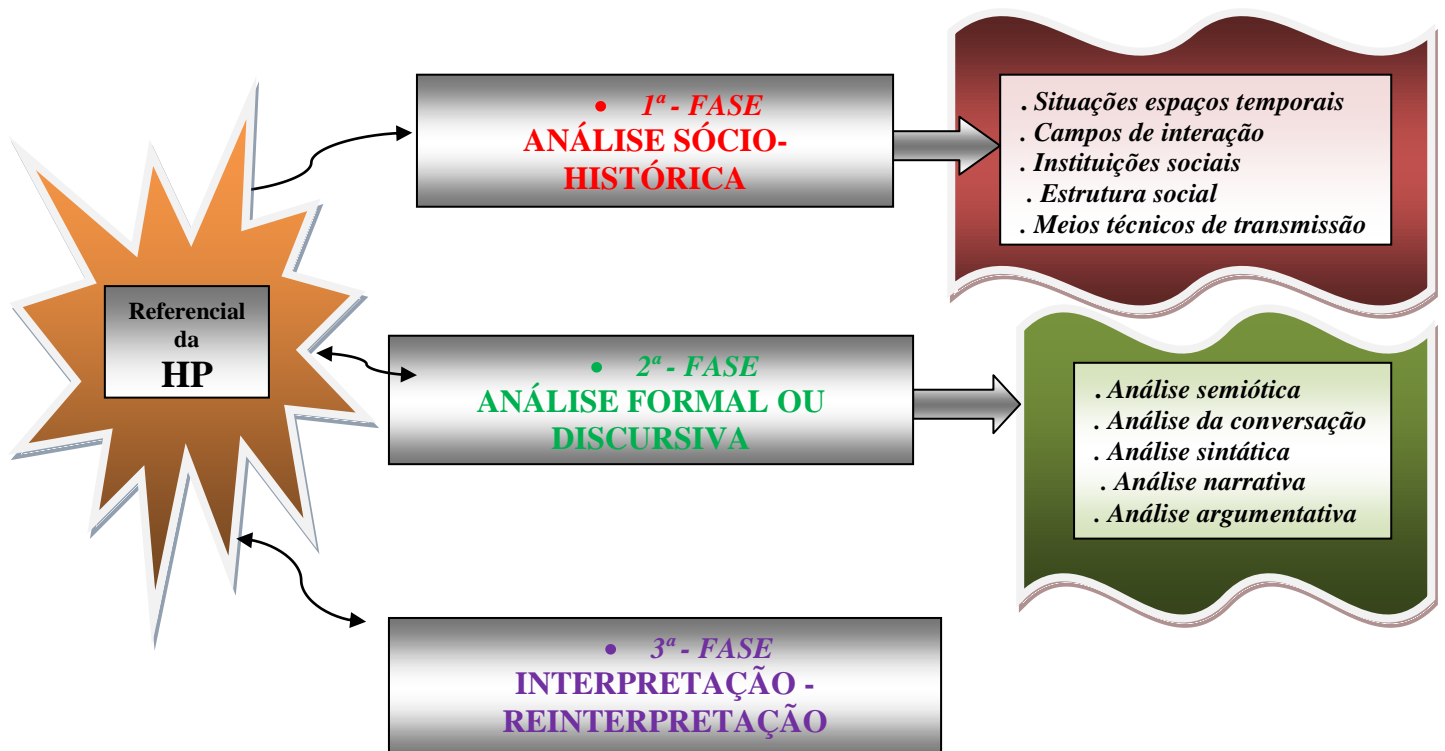
A ideologia de Thompson resgata fenômenos que transportam o crescimento histórico dos indivíduos na sua atemporalidade. Se a mesma se expressa, como já dito acima, numa múltipla variedade de componentes ideológicos, automaticamente se perceberão formas simbólicas que são produzidas e desenvolvidas no cotidiano dos estudantes, segundo o entendimento do autor citado, teremos *a transformação interpretativa da doxa (QUADRO 1)*.

QUADRO-1

Contextualização Geral

Hermenêutica da Vida Cotidiana

Interpretação da Doxa



São estas formas que ao serem produzidas pelos agentes sociais e legitimadas apresentarão especificidades significativas que operados por estratégias próprias conseguem manter ou subverter o significado próprio ao poder, percebido como capacidade para que se tomem decisões, alcancem objetivos e interesses, dos quais se impregnam os indivíduos no círculo social.

Thompson quando analisa ideologia e cultura o faz sustentado na construção da “*Teoria Social da Comunicação de Massa*” que convida a participar de um referencial crítico para análise e interpretação dos fatos e fenômenos originários no contexto sócio-histórico onde acontecem os processos de produção, transmissão e recepção designados pelo autor como formas simbólicas.

O autor ressalta a questão da dominação. Para ele, as formas simbólicas são ideológicas quando servem para estabelecer ou sustentar relações de dominação, ou seja, quando as formas simbólicas contribuem para a manutenção sistematicamente assimétrica das relações de poder. Atribui movimento à ideologia e às formas simbólicas inserindo-as em seu contexto, no qual elas são ou não ideológicas. Visto desta maneira:

As formas simbólicas são ideológicas somente enquanto servem para estabelecer e sustentar relações sistematicamente assimétricas de poder; e é essa atividade, a serviço das pessoas e grupos dominantes, que tanto delimita o fenômeno da ideologia, dando-lhe especificidade e distinguindo-o da circulação das formas simbólicas em geral, como dá a essa concepção de ideologia proposta um sentido negativo. (THOMPSON, 2002, p. 90-91)

Entretanto, estas em sua formação são contextualizadas, surgindo assim uma noção diferenciada de cultura, já que os fenômenos culturais são significativos para os atores e analistas que se preocupam em compreender as características significativas da vida social de acordo como autor *op. cit.*, (2002). Ainda, esclarece que os contextos e processos se estruturam de diferentes maneiras. Assim, se caracterizam por relações assimétricas de poder, pelo acesso diferenciado a recursos e oportunidades ou por

mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas.

Daqui o autor remete à concepção estrutural de cultura que enfatiza *tanto*¹³ o caráter simbólico dos fenômenos culturais como também pelo motivo destes estarem sempre articulados em contextos sociais estruturados, em que a contextualização social das formas simbólicas, acontece de forma estruturada nas instituições sociais, representando o ponto forte da noção de cultura posta por Thompson (2002), assim:

De acordo com esta concepção, os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas. (THOMPSON, 2002, p.166)

Concebida desta forma vislumbro neste estudo, a interpretação das instituições sociais tal como é a escola/universidade. Ainda a mencionar estão os sub universos que reportam à tutoria vivenciada pelos estudantes permeados de personalidades, identidades, cultura e história dos agentes que neles convivem.

Porém, considerados como constructos significativos, em que a análise de cultura é compreendida como a interpretação dos padrões de significado incorporados a formas simbólicas como:

As ações e manifestações verbais do dia-a-dia, assim como fenômenos mais elaborados, tais como rituais, festivais e obras de arte, são sempre produzidos ou realizados em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade. (THOMPSON, 2002, p.179-180)

A tutoria como estratégia do ensinar-aprender, objetiva o desenvolvimento de autonomia no horizonte formativo, como um processo através do qual a aprendizagem se tornará dinâmica pela vida afora, num movimento que corrobora com o nosso devir histórico. Não há como conceber a separação nos atores sociais (estudantes), mesmo

¹³ O grifo é do autor.

que temporárias, de suas concepções ideológico-culturais neles enraizadas no curso da vida e que os envolvem na esfera das interações sociais em face das relações de produção das formas simbólicas em cenários de aprendizado.

Entretanto, percebi em Thompson (2002) que a concepção simbólica em face da análise cultural se comporta como uma alternativa e ao mesmo tempo a modificação dela, considerando-se os contextos e processos socialmente estruturados pelo grande aporte de elementos culturais simbólicos. De tal maneira, é articulada a concepção de um preparo crítico e reflexivo na formação destes enfermeiros e em sua progressão acadêmica.

Esta tem como foco a reconstrução social, priorizando a (co) responsabilidade na transformação coletiva da realidade. Para isso, não se deve pensar a formação do enfermeiro como uma construção isolada no decorrer do tempo, ainda mais quando me situo diante de estudantes de cursos diferentes no meu cotidiano profissional, ou seja, enfermagem e medicina, com especificidades e objetivos próprios.

A aprendizagem é construída em volta do cotidiano das pessoas e das instituições. O aprendizado permeia os problemas advindos da realidade, tendo como fundo, conhecimentos e experiências, que as pessoas já possuem. A formação discorre então descentralizada e ascendente em diferentes locais e envolvendo diversos saberes.

Prosseguindo, acrescenta-se a democratização dos espaços de aprendizagem em trabalho, o crescimento do aprender/ensinar pelo grupo dos atores participantes. Ainda, a busca de soluções crítico-criativas para os problemas encontrados, o desenvolvimento do trabalho em equipe, a melhoria permanente da qualidade do cuidado à saúde e a humanização do atendimento.

Quando se estabelece uma relação assimétrica me reporto aos valores implícitos no conceito de ideologia, que para Thompson (2002), carregam a força do poder e as

relações de dominação que quase sempre favorecem os indivíduos. Concebida deste modo, o estudo da ideologia deter-se-á na análise dos modos como o sentido ou significado das formas simbólicas atua para manter ou criar relações de dominação.

Sobretudo, é um trabalho interpretativo e o autor atribui às instituições sociais um importante papel. Nestas vivemos em nosso cotidiano, e reportando-nos à tutoria vou constatando que ela tem um peso significativo no que possibilita trabalhar os sujeitos implicados como indivíduos em formação integrados no coletivo, modelando-os pela ação do conhecimento que é estruturado ideológico – cultural e historicamente com a vida.

Então, não podemos nos esquivar aos processos de produção e recepção das formas simbólicas, que fluem na tutoria bem como às influências que sofrem – tanto esses processos quanto os de análise – pelas instituições sociais nas quais estão estruturados, como também quando reproduzidos pelos estudantes. Thompson (2002) não exclui a análise da estrutura e composição da obra, mas agrega a essa análise, o estudo do contexto em que essa obra está inserida.

Em suma, a título de reflexão, tais relações entre os sujeitos-objetos são repetidamente estabelecidas e sustentadas em tutoria por estratégias, ou por práticas, que devido as reproduzirmos em série, as naturalizamos em nós e nos outros atores sem termos a noção do seu potencial opressor e aniquilador e dominante.

Assim, caminhando nos ensinamentos do autor entendo que a tutoria deverá conjugar na formação em enfermagem, práticas de cuidado vinculadoras de elementos estruturantes, continuamente renovados. Porém, acredito na aprendizagem edificada em tutoria, se movida pela atividade ideológica nas concepções congruentes de Thompson (2002), unidas à ação do tutor junto aos estudantes.

Por fim, as operações simbólicas tenham o mérito de propagar construções (constructos) sociais já lapidados pela ação grupal no coletivo. Como resultado, possa a aprendizagem perpetuar-se na interação dos agentes sociais independentemente se vinculada por métodos: Novo ou Tradicional.

1. 2 - Referencial Metodológico

A pesquisa é uma atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partindo do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície.

Demo (1983)

A pesquisa é sustentada no movimento das Ciências Sociais, no que cabe a indagação e a descoberta da realidade, contínua e incansável tornando-se mais instigante à medida que os desafios adquirem maior amplitude. É importante, acrescentar que Demo (2009), traz a compreensão de que fenômenos, ditos qualitativos, precisam ser manipulados cientificamente, de forma que se possa, compreender os dados coletados e neste liame intervir visando à mudança pela informação interpretativa, que conduz à dúvida e os refaz pela construção de si mesmos.

Com o autor, também fortaleço a análise da realidade que elenquei ao objeto de estudo em que o entendimento de objeto-sujeito se coloca substancialmente. Isto, porque os sujeitos permeiam as situações, o que dificulta muitas vezes, enxergar o real no seu todo. Outrossim, temos o intelectual crítico e reflexivo que faz da tutoria com seus atores um caminho de: participação ativa, explicitação das ideias, vivências, percepções, sentimentos e valores.

Para uma maior compreensão do estudo proposto, este se insere no campo da pesquisa social na área da Enfermagem, numa abordagem metodológica qualitativa. Dentro deste teor, a pesquisa em tela no entendimento de Minayo (2004), incorpora a questão do significado, pois este é inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais que em transformação se compõem em construções humanas significativas.

Assim sendo, essa abordagem permite a observação de vários elementos simultaneamente, em pequenos grupos sociais, como também propicia um

conhecimento aprofundado de um evento, possibilitando a explicação de comportamentos. Em relação à pesquisa qualitativa esta:

[...] responde a questões muito particulares [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...]. (MINAYO, 1996, p.21)

Quando observo o universo simbólico, que compõe a tutoria, entendo que a cultura está relacionada ao processo de formação dos indivíduos. Esta se encontra impregnada nos sujeitos o que reforça o caráter simbólico dos fenômenos culturais, que num contexto estruturado, como é a tutoria, formas simbólicas como ações, objetos e expressões significativas de vários tipos são produzidas, transmitidas e recebidas, em processos históricos específicos.

A exemplo, do ora descrito, o tutor é primordial no processo de ensinar-aprender, segundo Gonçalves (2010), pelo que é necessário a formação no dia-a-dia qual seja, dialogando com suas próprias experiências, com as questões teórico práticas que pretenderá aplicar nas práticas tutoriais. É necessário ir somando a esta realidade, a compreensão das mediações vividas pelos atores sociais nas diferentes situações, quer sejam pessoais ou coletivas. Para tal, o detalhe e a minúcia na prática da tutoria na enfermagem, deve se impregnar de tantos outros espaços, ditos sociais ou não sociais, em suas múltiplas combinações.

O caminho metodológico favorece a descrição e análise dos acontecimentos, no cotidiano dos sujeitos. Além disso, Lo Biondo–Wood (2001), assinala com propriedade que a pesquisa qualitativa combina a natureza científica e artística da Enfermagem, para aumentar a compreensão da experiência da saúde humana, tendo-se em conta que as pessoas e grupos atribuem significado e sentidos às experiências que derivam da conjuntura, de seu cotidiano.

O estudo foi desenvolvido no Centro Universitário Serra dos Órgãos - Unifeso, uma instituição de ensino privada que se situa na Região Serrana em Teresópolis, Município do Estado do Rio de Janeiro, sendo a divulgação de seu nome oficialmente autorizada (**ANEXO B**). A justificativa para a escolha do cenário está baseada na premissa de que o Curso de Graduação em Enfermagem se estrutura através do currículo integrado, com metodologias ativas, e sessões tutoriais. É num ambiente revelador de diferentes realidades que perpassam as metodologias consideradas ativas, cujo entorno, retrata grupos de tutores, aos quais, cabe liderar como orientadores o aprendizado para a formação dos estudantes, que unidos nesta trajetória vivenciam as mudanças almejadas pela instituição, diante do atual currículo.

Os participantes desta pesquisa foram dezoito professores-tutores do Curso de Graduação em Enfermagem, que atuaram ou estavam atuando no momento da coleta de dados do 1º ao 7º períodos letivos e que aceitaram participar do estudo. Passo a esclarecer, que no último semestre do curso de graduação (8º período), o estudante não mais, se insere em tutorias para construir o aprendizado teórico/prático, ele somente está inserido em cenários práticos (internato).

Outro critério de inclusão é que este tutor não depende do preparo específico da profissão, que lhe confira o conhecimento para exercer tal função em tutoria, portanto, não precisa ser enfermeiro. Como critério de exclusão, destaquei professores tutores que não concordaram participar da pesquisa, os que se encontravam de férias e licenças médicas.

O número de participantes na pesquisa qualitativa não é pré-estabelecido visto que, nas entrevistas:

Contudo, temas comuns começam a aparecer, e progressivamente sente-se uma confiança crescente na compreensão emergente do fenômeno. A certa altura, o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções. Neste ponto de saturação do sentido [...] se a avaliação do

fenômeno é corroborada, é um sinal de que é tempo de parar. (GASKELL, 2010, p.71)

Outrossim, os princípios ético/legais foram pleiteados conforme Gauthier (1998) o que repercutiu no consentimento livre e esclarecido dos depoentes; proteção de grupos vulneráveis; ponderação entre risco e benefício. Para além destas particularidades, são considerados os interesses dos participantes como também a disponibilidade em participarem do estudo. Ainda a informação sobre a relevância social da pesquisa e suas significativas contribuições.

Minha intenção foi extrair do autor citado, a ideia da importância do compromisso com o máximo de benefícios e o mínimo de riscos; relevância social da pesquisa e seus benefícios significativos, como a garantia dos interesses envolvidos como danos previsíveis serão evitados, sem perder o sentido de sua destinação no que tange à justiça e à equidade¹⁴. Assim, em respeito à dignidade humana dos participantes implicados estes demonstraram concordância em participar de tal momento, mediante a assinatura de próprio punho, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (**APÊNDICE A**).

Ainda, o anonimato dos indivíduos implicados na pesquisa foi assegurado como também, o sigilo, o respeito à privacidade e liberdade em contribuir para o estudo, podendo estes solicitar o afastamento da mesma no momento em que o desejassem. Com o intuito de garantir o anonimato dos entrevistados adotei o uso de pseudônimos, cuja preferência coube a nomes de anjos (**APÊNDICE E**). Porém, busquei a analogia entre a liberdade do ato de voar, a autonomia conseguida pela ação de ensinar-aprender perpassada pela (re) produção de formas simbólicas, em tutoria.

¹⁴ Como disse Aristóteles: “a equidade é a justiça do caso particular”, ou seja, o ato de moldar a justiça à especificidade de cada caso *sub iudice*.

Quanto às características dos professores-tutores do 1º ao 7º períodos, do Curso de Graduação em Enfermagem, na leitura de dois quadros¹⁵, ilustram dados de identificação (**QUADRO 2**), e atividade profissional dos participantes (**QUADRO 3**), usando dialeticamente a reflexão da transformação da quantidade na qualidade. O intuito sustentou obter a melhor forma de captação flexível do real, já que todo o dado é um construto significativo.

No panorama que me cerca pude constatar referente aos dados que identificam os sujeitos, uma proporção quase igualitária de gênero feminino - onze (11) e masculino - sete (07), em que a maioria representa enfermeiros de formação - dezesseis (16), em que apenas dois (02), se diferenciam pela profissão de nutricionista e de sociólogo. Entretanto, há que apresentar no que cabe à idade numa média de 24 a 29 anos idade – três (03) professores tutores, de 30 a 39 anos - nove (09) sujeitos, de 40 a 49 - quatro (04) depoentes, e de 50 a 60 - dois (02) entrevistados. Ainda, é pertinente realçar o tempo de formação entre eles sendo que de 4 a 8 anos – nove (09) sujeitos; de 12 e 15 anos apenas três (03); com 22 e 23 anos mais três (03) e de 26, 28 e 35 anos, também três (03).

Continuando nesta abordagem representativa dos sujeitos, elencando agora suas características de atividade profissional me deparo que a totalidade dos professores tem especialização (18), e nas mais diversas áreas entre estas, destaco: saúde pública; gestão em saúde; emergência e metodologias ativas.

¹⁵ O Quadro 2 e Quadro 3 foram elaborados pela autora, através do instrumento de Caracterização dos Sujeitos de Pesquisa (APÊNDICE B), e das entrevistas dos depoentes.

QUADRO 2 – Caracterização dos Sujeitos – Dados de Identificação

	Pseudônimo* Tutor	Sexo	Idade Anos	Tempo de Formação	Formação Profissional	
1º G R U P O	1-Ariel	Masculino	36	12 anos	Sociólogo	
	2-Jiel	Masculino	30	06 anos	Enfermeiro	
	3-Mitzael	Masculino	31	05 anos	Enfermeiro	
2º G R U P O	4-Aniel	Feminino	60	35 anos	Nutricionista	
	5-Mihael	Feminino	44	22 anos	Enfermeira	
	6-Mikael	Masculino	33	05 anos	Enfermeiro	
3º G R U P O	7-Caliel	Masculino	38	05 anos	Enfermeiro	
	8-Daniel	Feminino	29	07 anos	Enfermeira	
	9-Lauviah	Feminino	35	07 anos	Enfermeira	
4º G R U P O	10-Nanael	Feminino	35	15 anos	Enfermeira	
	11-Sealiah	Feminino	32	12 anos	Enfermeira	
	12-Rochel	Masculino	30	08 anos	Enfermeiro	
	13-Anael	Feminino	42	22 anos	Enfermeira	
	14-Omael	Masculino	24	04 anos	Enfermeiro	
	15-Poiel	Feminino	28	05 anos	Enfermeira	
6º G R U P O	16-Chavakiah	Feminino	50	28 anos	Enfermeira	
	17-Mebahel	Feminino	49	26 anos	Enfermeira	
	18-Vehuel	Feminino	45	23 anos	Enfermeira	

*A numeração dos pseudônimos foi estabelecida pela autora de forma a respeitar primeiramente a sequência das entrevistas realizadas e em seguida a ordem alfabética dos nomes de Anjos escolhidos pelos professores.

QUADRO 3 – Caracterização dos Sujeitos – Dados da Atividade Profissional

Pseudônimo Tutor	Especialização (Área)	Término (Ano)	Mestrado (Área)	Término (Ano)	Doutorado (Área)	Término (Ano)	Docência Tempo (Ano/Mês)	Curso Para Tutoria	Tutoria Tempo (Ano/Mês)	Outra Atividade
1- Ariel	Criança e Adolescente	1999	Ciências Sociais	2002	Saúde Pública	2009	10	Capacit. ^a	03	Enf. ^a Med. ^a
2- Jeliel	PSF	2010	—	—	—	—	01	Especializ. ^a	03	Enf. ^a Med. ^a
	Metodologias Ativas	2009								
	Enfermagem do Trabalho	2007								
3- Mitzrael	Metodologias Ativas	2009	—	—	—	—	05	Especializ. ^a	06 meses	—
4- Aniel	Nutrição Materno Infantil	1979	Saúde e Trabalho	1989	Ciências Saúde Coletiva	1999	33	—	01	Enf. ^a
5- Mihael	Saúde Pública	2001	Educação	2000	—	—	20	Especializ. ^a	03	Enf. ^a Med. ^a
	Processo de Mudança em Saúde/Fiocruz	2006								
6- Mikael	Emergência	2007	—	—	—	—	05	Especializ. ^a	03	Enf. ^a Med. ^a
	Metodologias Ativas	2009								
7- Caliel	Emergência	2007	—	—	—	—	05	Especializ. ^a	04	Atenção Básica
	Metodologias Ativas	2009								
8- Daniel	Metodologia da Pesquisa e Ensino Superior	2005	Enfermagem	2007	—	—	01	Capacit. ^a	03	Enf. ^a Odont. ^o
9- Lauviah	Promoção da Saúde	2005	—	—	—	—	06	Especializ. ^a	03	Med. ^a
	Metodologias Ativas	2009								
10- Nanael	Saúde Pública	2001	Enfermagem e População	2007	—	—	12	Especializ. ^a	03	Enf. ^a
11- Sealiah	UTI Neonatal	2006	Enfermagem Assistencial	2006	—	—	02	Capacit. ^a (A)	02	Empres. ^a
12- Rochel	Gestão em Saúde	2011	—	—	—	—	03	Capacit. ^a (A)	02	Enf. ^a
13- Anael	Obstetrícia	2004	Enfermagem	2006	—	—	20	Especializ. ^a	04	Enf. ^a Med. ^a
	Metodologias Ativas	2009								
14- Omael	Metodologias Ativas Saúde	2009	—	—	—	—	02	Especializ. ^a	06 meses	Enf. ^a
15- Poiel	Gestão em Políticas de Saúde	2011	—	—	—	—	04 meses	—	04 meses	Enf. ^a
16- Chavakiah	Saúde Pública	1996	—	—	—	—	11	Especializ. ^a	06	Enf. ^a
	Processo de Mudança em Saúde/Fiocruz									
17- Mebahel	Pediatria	1989	Enfermagem	1997	Ciências da Saúde	2006	16	Capacit. ^a (A)	03	Enf. ^a Med. ^a
18- Vehuel	Saúde Pública	1989	Educação	2005	—	—	21	Capacit. ^a (A)	06	Enf. ^a Med. ^a
	Administração Hospitalar	1993								

LEGENDA: — - Sem Atividade Realizada; Capacit.^a - Capacitação; Capacit.^a (A) - Capacitação Avulso; Empres.^a - Empresária; Enf.^a - Enfermagem; Especializ.^a - Especialização; Med.^a - Medicina

O término do curso variou entre 1989 a 2011, quanto à representatividade dos Cursos de Mestrado, o quadro indica um quantitativo de metade dos professores (09) com a qualificação entre 1989 e 2007. As áreas abordadas ilustram cinco (05) em enfermagem, na educação dois (02) e em ciências sociais e saúde e trabalho dois (02).

No que posso realçar do Curso de Doutorado, os resultados são importantes, apesar, de três (03) pertencendo dois (02) à depoentes não enfermeiros, um deles realizado em 1999 e o outro em 2009. A restantes, trata-se de enfermeira que concretizou seu Doutorado em 2006. Importa esclarecer que entre os depoentes dois (02) deles, estão com o Mestrado em andamento e uma (01) com o Doutorado. Na trajetória definida pelo cotidiano profissional dos depoentes é deveras pertinente constatar que apenas um professor tutor possuiu quatro (04) meses de docência. Em seguida cinco (05), entre um (01) a cinco (05) anos no exercício da profissão como docentes.

Entre cinco (05) a seis (06) anos de profissão, quatro (04) depoentes, de dez (10) a doze (12), três professores. No percurso de dezesseis (16) anos, apenas um (01), e de vinte (20) a vinte e um (21) anos, somente um (01) dos entrevistados. Por fim, igual quantitativo de um (01), coube a outro que totalizou trinta e três anos na docência. Na continuidade contraponho particularidades mais específicas no que diz respeito à prática da tutoria por parte dos professores, em que dez (10) deles, possuem especialização em seu preparo para o exercício da tutoria. Entre este dez (10) tutores, sete (07) deles desenvolvem a atividade tutorial no período de três (03) a quatro (04) anos. No entanto, excetuam-se três tutores, que praticam a metodologia há seis (06) meses apenas.

No que cabe a capacitações uma totalidade de seis (06), em que quatro deles possuem capacitação avulsa, ou seja, por conta própria ou de forma esporádica, e que se enquadram na média de tempo de dois (02) a três (03) e seis (06) anos de exercício

tutorial. Assim, relevo dois participantes que realizaram a capacitação em moldes institucionais vigentes, com três (03) anos de prática. Resta esclarecer que dois professores exercem a tutoria sem algum preparo via especialização ou capacitação. A contracenar com estas informações vale salientar que os professores aqui representados, na maioria, atuam no Curso de Graduação em Enfermagem e em outros Cursos como Medicina, exercendo também atividades afins em outros cenários no Curso de Enfermagem, cabendo a uma depoente (01) a função de empresária em firma individual.

A coleta de dados transcorreu no período de maio a dezembro de 2011. Para esta etapa optei por utilizar como instrumento de coleta de dados a entrevista não diretiva, e os documentos institucionais. Esta permite que o participante utilize livremente seu discurso pessoal de modo aberto e ilimitado, fazendo com que contribua com sua experiência, padrões sociais, cultura e características da personalidade, entre tantos outros aspectos relacionados à sua trajetória de vida profissional.

Assim, numa primeira fase, dada a necessidade de uma aproximação maior dos participantes, percebi que a *entrevista não diretiva*, pode ser a melhor opção como técnica para a coleta dos dados de natureza subjetiva que Chizzotti (2010, p.92), define como: “[...] a forma de colher informações baseadas no discurso livre do entrevistado”. O autor apresenta características da Entrevista Não Diretiva no **QUADRO 4**, a seguir:

Da entrevista pode-se extrair especificidades, a partir da vivência dos indivíduos ou grupos, perguntando-lhes não mais o que sabem, mas o que pensam em função da socialização que os modelou. A entrevista irá permitir aos professores tutores, de modo não diretivo, falar livremente sobre atividades vinculadas aos atos tutoriais, **(APÊNDICE C)**.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade e a preferência dos depoentes em comum acordo com a pesquisadora, com a determinação de local, dia e horário pré-estabelecidos com os mesmos.

QUADRO 4 – Entrevista Não Diretiva – Características

ENTREVISTADOR	ENTREVISTADO
1-Escuta ativa, 2-Atenção receptiva.	
3-Intervir com interrogações de conteúdo discretamente, ou sugestões que provoquem e envolvam questionamentos de interesse à pesquisa.	3-Informações transmitidas
4-Atitude aberta à comunicação; 5-Diálogo descontraído e confiante.	4-Liberto na expressão, sem receios; 5-Falar sem constrangimentos sobre atos e atitudes e interpretá-los no contexto em que ocorreram.
6-Atender às comunicações verbalizadas como também as atitudinais (gesto, olhar etc.), não qualificá-las sem prévio preparo (não exortar, não aconselhar; não discordar das interpretações expressadas; não fere aspectos íntimos). 7- Outras habilidades são exigidas para saber: <ul style="list-style-type: none"> • Auxiliar a expressão livre; • Estimular; • Orientar o discurso para questões fontais. 	6-Manifestação de interpretações
7-Interação verbal e não verbal; 8-Compreensão do contexto das ações comunicadas de modo a: <ul style="list-style-type: none"> • Recolher os dados; • Condução à progressiva: <ol style="list-style-type: none"> a) - elucidação do problema; b) - formulação; - confirmação de hipóteses.	8-Emissão de ações dentro de um contexto.
9- Segurança da cientificidade atender: <ul style="list-style-type: none"> • Posição atitudinal do entrevistador; • Qualidade das informações recolhidas; • Registro de forma adequada Redução do volume de dados elementos passíveis de análise.	

Fonte: Chizzotti (2010).

No decorrer dos preparativos, o espaço de uma sala silenciosa, sem ruídos provenientes do movimento de aulas, foi preparado de forma acolhedora. Nela destaquei do coletivo de cadeiras, três delas, que dispus em semicírculo diante das quais coloquei uma pequena mesa.

Então, sobre esta depusitei parte do meu arsenal didático como: dois gravadores um MP3 e outro MP4, para proceder à gravação das entrevistas e posteriormente transcrevê-las na íntegra, submetendo-as ao processo de copydesk, sem alterá-las em seus sentidos, providenciando seu encaminhamento aos participantes para revisão e

aprovação. Também, folhas impressas com os devidos termos de coleta de dados, entre outros materiais. O ambiente tornou-se acolhedor, no entanto, recorri a um rádio leitor de CDs, que acrescentou um fundo musical que imperceptivelmente, ao som de piano tocou “Conversa com os Anjos” de Marcos Ariel.

Em outra mesa, foram colocados alguns alimentos e bebidas. Os professores adentraram livremente neste espaço e se entrosaram. A seguir, compartilharam de modo descontraído do lanche, nesse clima espontâneo, sentaram-se. Após, iniciei a explicação de todos os procedimentos a serem explorados no desenvolver das entrevistas, desde os metodológicos com a abordagem da entrevista não diretiva, somando-se os trâmites éticos e legais, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Concernente a estes, relativamente ao anonimato dos sujeitos, convidei-os para a escolha de nomes de anjos, tendo como norte de preferência a invocação de 72 deles. Para isso coloquei-lhes em mãos um guia exploratório de Arruda e Grzych (1995), para lhes facilitar a escolha ou até mesmo outra preferência, se mais lhes conviesse. Recepcionaram a proposta e cada um por si foi procedendo à seleção, no verdadeiro sentido de liberdade e pureza que a simbologia de um ser angelical desenha em seus significados e sentidos. Entre os entrevistados houve descontração, preocupando-se em saber qual o anjo do colega.

Porém, diante da folha da caracterização dos sujeitos percebi em certos momentos que houve dificuldades no que coube às lembranças dos tempos passados, quando do preenchimento de datas correspondentes aos eventos vividos em suas trajetórias de vida profissionais. Prosseguindo nas explicações e esclarecimentos, da entrevista, apresentei-lhes as temáticas sugeridas, questionei a clareza dos temas, dúvidas e se os mesmos se articulavam às suas ideias. No que pude reforçar acerca da sequência dos temas, quem começaria em primeiro lugar e os subsequentes, alegaram que seria melhor deixar livre,

já que poderia haver necessidade de retornar, disciplinadamente, nas falas de uns e de outros.

Todavia, a modalidade da entrevista em grupo entendida por Moreira e Caleffe (2006), não padronizada, realizada em pequeno grupo, facultou-me a percepção, de ter sido utilizada de forma gratificante, pois no decurso do evento os sujeitos demonstraram esmero em discursar acerca dos assuntos, revisando seus improvisados registros, em folhas que lhes tinham sido cedidas. Para, além disto, se impuseram a breves pausas de reflexão antes de socializarem suas opiniões, como ainda, controlavam para não avançar nas temáticas subsequentes quando estavam discorrendo acerca do tema. Por fim, despendi doze horas na realização das seis entrevistas, compostas por três professores, cada uma delas.

Para iniciar a investigação de campo, o projeto de Tese de Doutorado teve que ser previamente apresentado ao Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da presente instituição de ensino à qual estão vinculados os sujeitos. Em cumprimento aos ditames ético legais, prosseguiu para análise e parecer, tendo obtido a aprovação. Após, foi publicado no Memorando com o n.º 547-10, no dia dezessete de dezembro do ano de dois mil e dez (ANEXO A).

Assim, os sujeitos foram informados previamente do estudo e de sua importância, preservando os aspectos ético legais e rigor científico, conforme a Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde, (BRASIL, 2001) - (**APÊNDICE D**). Esta Resolução apresenta as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, e delineando a abordagem do indivíduo e da coletividade, como também os referenciais básicos da bioética: autonomia, beneficência e justiça, entre outros, assegurando em pleno os direitos e

deveres que são pertinentes: à comunidade científica, aos participantes da pesquisa e por fim ao Estado.

Assim, oportuno relatar que esta fase de coleta de dados teve suas adversidades e imprevistos, suscitados pelo movimento humano da vida dos indivíduos, que não é linear. Por esta razão, limitações se impuseram, depoentes que não compareceram no dia e horário previsto, outros evitaram a participação, ainda os que alegaram dificuldades se demonstrando bastante ocupados e alguns condicionados a motivos de força maior, solicitaram transferência da Enfermagem para o Curso de Graduação em Medicina e o pesar maior, coube ao falecimento de uma colega.

Outro instrumento utilizado para a coleta de dados foram os documentos. Para Gil (2006), estes são fontes de papel, que atendem com propriedade e riqueza ao propósito de fornecer dados que contribuem na investigação social. Os documentos utilizados foram: decretos, portarias, resoluções, regimentos, pareceres, projeto político pedagógico (PPP), projeto político pedagógico institucional (PPPI) e o caderno de orientação acadêmica (COA), que serviu como base do Capítulo II, intitulado - A Presença da História no Tempo do Unifeso: Contexto Sócio Histórico para fundamentar a análise dos dados.

Cabe destacar algumas recomendações quanto ao uso de documentos na pesquisa:

O uso que o investigador social faça da documentação disponível, deverá ir acompanhado da correspondente avaliação e interpretação do material documental. O uso vantajoso desta singular fonte de informação passa, necessariamente, pelo reconhecimento dos seus limites. Pois estes, como as vantagens, são sempre relativos. Depende de qual seja o propósito do estudo e das decisões de desenho adotadas. Uma vez mais, o desenho (que é tanto como evocar a imaginação sociológica) se nos apresenta como a chave para tirar o máximo proveito dos sempre limitados recursos da investigação. (VALLES, 1997, p.131).

A informação que os documentos forneceram permitiu uma análise e interpretação atentas, possibilitando assim, extrair sentidos e significados que

regulamentaram práticas profissionais em momentos passados e recentes, com base na oficialidade de alguns dos documentos e a legitimação de ações.

Assim, é preciso trilhar os aspectos sociais reproduzidos pelos agentes em seus atos, inseridos em diferentes contextos. Haverá a intencionalidade de reconhecer os processos de sentido, na interação dos sujeitos que produzem e interpelam formas simbólicas. Na ótica de Veronese e Guareschi (2006), vão sendo apreendidas pelo pesquisador que tecerá os elementos de sentido, como produto da ação com os eventos.

A complementar o exposto, torna-se importante, apresentar:

A constituição de um objeto como forma simbólica pressupõe que ela seja produzida, construída ou empregada por um sujeito para um sujeito ou sujeitos e/ou que ela seja percebida como produzida dessa forma pelo sujeito ou sujeitos que a recebem. (THOMPSON, 2002, p. 184)

Então Veronese e Guareschi (2006), destacam como prevalentes de significado à luz de Thompson, para a análise sócio-histórica um mergulho na dimensão das interações¹⁶ e semantização do mundo no qual se produzem as estratégias, as práticas e as teias relacionais de poder, cujo sentido emerge através do operar da ideologia. Agora enveredando pela transcrição dos dados, iniciei a análise e interpretação destes, seguindo as diretrizes destacadas por Minayo (2004), acerca da análise temática, que trata a noção de tema, relativo a uma afirmação a respeito de um assunto e a partir daí surgem os núcleos de sentido.

Assim, percorro as etapas: *1º - Pré-Análise* – leitura flutuante e recorrente das entrevistas; *2º - Exploração do Material* – trata de se operar a codificação, ao agrupar os dados por semelhança e conseqüentemente o surgir das unidades temáticas; *3º - Análise dos dados obtidos e interpretação* – os depoimentos são analisados, e estabelecidas articulações com autores que tratam da temática do estudo como também

¹⁶ A interação é um evento complexo, dialético e interacionista, que depende inteiramente dos elementos e de seus contextos, das pessoas e dos lugares e que constitui uma ferramenta importantíssima para a construção do conhecimento (FERREIRA e REZENDE, 2003).

do referencial teórico-metodológico apresentado e desenvolvido por Thompson (2002), designado como *Hermenêutica de Profundidade* (HP).

A preferência está calcada na possibilidade de analisar o contexto sócio-histórico e espaço-temporal, que cerca o fenômeno em tela, efetivando-se, caso necessário, as análises discursivas de conteúdo e em seu bojo a essência crítica do viés ideológico impregnado na realidade social. Importante ressaltar que esse mundo sócio-histórico é um campo sujeito, que se compõe de pessoas que seguem uma trajetória de vida diária mediada de *formas simbólicas* conceituadas como um amplo espectro de ações, falas, imagens, textos e acontecimentos que as envolvem instigando-as à reflexão, e exigindo à pesquisa análise social a constante reinterpretação.

O autor *op.cit.*, (2002, p. 363) esclarece que “[...] resumidamente, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”, o que consecutivamente facilitará a análise dos fenômenos culturais contribuindo em uníssono para o campo-sujeito-objeto que foi investigado.

A interpretação complexa da hermenêutica de profundidade, para este estudo empreende um objeto de estudo cuja análise é uma construção simbólica com significado, revestida de formas simbólicas que por si só são, também, construções significativas e devido a esse fato para que possam ser compreendidas precisam dessa interpretação.

O referencial metodológico apresentado se origina na *doxa* designando a hermenêutica edificada na avaliação criteriosa de como os sujeitos compreendem a sua realidade cotidiana. Interessante sinalizar que na hermenêutica de profundidade o mergulho nas condições contextuais do fenômeno, torna-se essencial, uma vez que os sujeitos ao elaborarem o entendimento acerca do dia a dia, podem não detalhar as especificidades que fluem do campo investigado.

Dentre os aspectos importantes destaco o contexto e a imensidão de interações que o envolvem, ou outra gama de fatos/fatores que acabam por ser ignorados ou despercebidos. É esta a razão que fundamenta a metodologia em estudo, visto que o campo objeto, forma também o campo sujeito e os sujeitos que compõem o campo sujeito objeto, integram os pesquisadores, indivíduos que podem compreender e até mesmo agir, movidos nessa compreensão e reflexão.

O mundo social na compreensão de Thompson (2002) se constitui de indivíduos que carregam todo um aporte histórico de tradições, crenças e culturas, depreendendo-se não serem simples observadores. Estes edificam o presente abordando o passado, e consoante o interesse mesclam e disfarçam o presente. Por tal fato ir além da *doxa* para *mergulhar* na interpretação do fato social, torna-se importante articular as três fases ou procedimentos da *hermenêutica de profundidade*. Com o propósito de absorver em maior amplitude, sentidos e significados, o referencial metodológico orientou-me para o *esquema conceitual da hermenêutica de profundidade* “nascido” em Thompson (2002), e esteticamente organizado numa Contextualização Específica - 1ª Fase (**QUADRO-5**), e na Contextualização Específica – 2ª Fase (**QUADRO-6**), do modo como segue:

QUADRO 5

<i>Contextualização Específica</i> 1ª FASE – Análise Sócio-Histórica
<p>Pretensão pelas condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Objetivo:</i> reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas (THOMPSON, 2002), mediante os aspectos abaixo:
<ul style="list-style-type: none"> • Situações Espaço-Temporais: • situações espaços-temporais são identificadas/descritas e nas quais as formas simbólicas são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas (vistas, ouvidas, lidas) por sujeitos situados em locais específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais, e a reconstrução desses ambientes é uma parte importante da análise sócio-histórica.
<ul style="list-style-type: none"> • Campos de Interação: • espaços de posições e um conjunto de estratégias, que conjuntamente determinam algumas das relações entre pessoas e algumas das oportunidades acessíveis a elas.
<ul style="list-style-type: none"> • Instituições Sociais: • conjuntos relativamente estáveis de regras e recursos juntamente com relações sociais que são estabelecidas por eles.
<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura Social: • Assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação. Analisar a estrutura social é identificar as assimetrias, as diferenças e as divisões. Determinar que assimetrias são sistemáticas e relativamente estáveis, ou seja: entre elas quais são manifestações não apenas de diferenças individuais, mas diferenças coletivas e duráveis em termos de distribuição e acesso a recursos, poder, oportunidades e possibilidade de realização.
<ul style="list-style-type: none"> • Meios Técnicos de Construção de Mensagens e de Transmissão • Substratos materiais em que e através dos quais as formas simbólicas são produzidas e transmitidas. Os meios técnicos conferem às formas simbólicas determinadas características, certo grau de fixidez, certo grau de reprodutividade, e certa possibilidade de participação para os sujeitos que empregam o meio.

Fonte: Thompson (2002).

QUADRO 6

<i>Contextualização Específica</i> 2ª FASE – Análise Formal ou Discursiva
Entender as formas simbólicas como construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada, como se interessando pela organização interna das mesmas, suas características estruturais, seus padrões e relações, considerando que formas simbólicas são produtos de ações situadas que estão baseadas em regras, recursos, disponíveis.
<ul style="list-style-type: none"> • Análise Semiótica: • Compreender as relações entre os elementos que compõem as formas simbólicas, ou o signo, e das relações entre esses elementos e os do sistema mais amplo do qual a forma simbólica, ou o signo podem ser parte.
<ul style="list-style-type: none"> • Análise de Conversação: • Estudar instâncias da interação lingüística nas situações concretas em que elas ocorrem, e tendo-se a cuidadosa atenção às maneiras como elas estão organizadas; realçar algumas das características sistemáticas, ou “estruturais”, da interação lingüística.
<ul style="list-style-type: none"> • Análise Sintática: • Preocupar com a sintaxe prática ou a gramática prática – não com a gramática dos gramáticos, mas com a gramática ou sintaxe que atua no discurso do dia-a-dia.
<ul style="list-style-type: none"> • Análise Narrativa: • Presente nos campos da análise literária e textual, no estudo do mito e, em menor proporção, no estudo do discurso político.
<ul style="list-style-type: none"> • Análise Argumentativa: • Reconstruir e tornar explícito os padrões de inferência que caracterizam o discurso. Os métodos desenvolvidos objetivando facilitar esse tipo de análise possibilitam ao analista romper o corpo do discurso em conjunto de afirmativas ou asserções, organizadas ao redor de certos tópicos ou temas, e então mapear as relações entre essas afirmativas e tópicos, em termos de determinados operadores lógicos, ou quase-lógicos (implicação, contradição, pressupostos, exclusão, entre outros).

Fonte: Thompson (2002).

A terceira e última etapa da *hermenêutica de profundidade*, designada **Interpretação-Reinterpretação** analisará a construção significativa ou explicação

interpretativa do que está representado ou do que é dito, reinterpretando assim o objeto de estudo.

Assim, o objeto de minha investigação: *A transmissão cultural na prática da tutoria pelo professor na formação do enfermeiro do Unifeso*, se constituiu num território pré interpretado, sinalizando as formas simbólicas. Conforme Thompson (2002, p. 79), são: “um amplo espectro de ações, falas, imagens e textos produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como constructo significativos”, e interpretadas pelos sujeitos que se situam e vão participando desse espaço. Então fica claro de acordo com o autor de que:

[...] o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação. Por isso, devemos conceder um papel central ao processo de interpretação. [...] O estudo das formas simbólicas é fundamental e inevitavelmente um problema de compreensão e interpretação. (THOMPSON, 2002, p.355 e 357)

Agora preciso compreender como estas formas simbólicas serão interpretadas e compreendidas pelos indivíduos que as produzem e as recebem em seu dia a dia, ou melhor, na vida quotidiana. Nesse sentido por tudo isso, ao longo da existência humana nos diferentes contextos da vida social e histórica, torna-se premente um fluxo interpretativo, das opiniões, crenças, histórias de vida e culturas transmitidas de gerações a gerações. Os processos de compreensão e interpretação acerca dos objetos da investigação social representam o:

[...] território pré-interpretado. O mundo sócio-histórico não é apenas um *campo-objeto* que está ali para ser observado; ele é também um *campo-sujeito* que é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas quotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor. (THOMPSON, 2002, p.358)

Cabe mencionar Demo (2009), por conta da sutileza que agrega a tudo isto, a título de sentidos e significados, quando se posiciona diante dos sujeitos, alegando que estes não valorizam somente o raciocínio lógico, mas, também lhes somam o emocional. Este é

complexo não-linear e particularmente o considera confuso porque vai hibridando as idéias, as concepções e apesar de dinâmico, acrescenta o autor que sempre é contraditório.

Entretanto, vejo como é demais interessante não abdicar além das épocas, do contexto humano que nos forma como sujeitos susceptíveis às mudanças e às diferenciações que em nós repercutem, até porque, vivendo em sociedade, necessito saber como entender o outro e como este gosta de ser entendido. Resta, corroborando com o autor *op. cit.* (2009, p. 33), compreender que: “Vale aí estudar sua cultura, sua história, sua maneira de ver e de se expressar, seu espaço e seu tempo. Tudo isso ajuda a contextualizar melhor [...]. A possibilidade do entendimento vem da variação interpretativa, não de padronizações únicas”

De modo geral, Cardoso (2007), expõe com clareza que para a análise dos fenômenos culturais, ou seja, a análise das formas simbólicas em contextos estruturados há a necessidade de se apropriar, na visão de Thompson (2002), do referencial metodológico conhecido por *Hermenêutica*¹⁷ *de Profundidade*. Busca-se nele a ocorrência da reinterpretação e ainda com propriedade acentua que o campo-objeto, é também um campo-sujeito e os sujeitos por sua vez, constituem este campo-sujeito-objeto. Igual acontece com os analistas-pesquisadores, sujeitos susceptíveis de compor a compreensão e a reflexão e daqui partirem para a ação interpretativa.

O grande desafio, neste processo de interpretação, reside em filtrar os significados que emanam dos sujeitos e compô-los na multiplicidade dos cenários histórico sociais, por considerá-los evolutivos, na gênese humana. Thompson (2002) abraça os sujeitos e apresenta-os como elementos constitutivos, porque se impregnam de tradições históricas e

¹⁷ A palavra Hermenêutica é oriunda do grego *hermeneutike* e significa arte de interpretar. É vista como uma teoria ou filosofia da interpretação, que possibilita tornar compreensível o objeto de estudo, mais do que uma simples aparência ou mera superficialidade. Assim, o deus Hermes era tido como aquele que descobriu o objeto, utilizado pela compreensão humana, para alcançar o significado das coisas para transmiti-lo a outras pessoas. (RUSS, 1991).

por tal não deverão se classificar de observadores. Importa trazer à presença deste trabalho de pesquisa, o verdadeiro sentido da trajetória do homem, que articulada aos retalhos do passado e sem querer, acontece que mascaram o hoje de tal monta que é oportuno expor o que o autor concebe:

É possível dissolver a fala em fiapos esqueléticos codificados, como uma gramática fria, mas a ossatura nem de longe é a pessoa, assim como os códigos genéticos não explicam a personalidade individual. A fala é jogo de sujeitos, cercado de manhas e artimanhas, influências e contra-influências, meneios e trejeitos, todos com algum significado. Por isso é impossível reduzir o entrevistado a objeto. (DEMO, 2009, p.34)

Sem dúvida, observo que se afloram fenômenos qualitativos intensos, ainda mais, se atender aos significados emanados das falas dos sujeitos, se perpassados nas vivências pessoais carregados pela cultura e aprendizado, sustentado em processos educativos contínuos e permanentes. Assim, pelo já exposto, resta compartilhar do entendimento de Thompson (2002), quando este me esclarece com primazia de ir além da doxa com o intuito de me fortalecer pela interpretação profunda do fato social.

É fundamental atender na condição hermenêutica do autor à fase sócio-histórica, que trás como finalidade reconstruir as condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Não importa prosseguir sem a colaboração de Cardoso (2007), quando esclarece com propriedade de que o pesquisador que procura interpretar uma forma simbólica, pode incorrer na prática de se analisar a ele mesmo, porque no fluxo interpretativo este se colocou como objeto. Neste prosseguir foi interpretado pelos sujeitos responsáveis pela construção do campo objeto, que integra a forma simbólica.

Passo em seguida à reflexão de Demo (2009), e Thompson (2002), para que, a título de contribuição, eu me associe e melhor compreender que a interpretação da doxa está para lá de um círculo de opiniões ou mesmo crenças. O primeiro autor, citado anteriormente, esclarece que a fala de alguém se fará muito mais entendível se

incorporamos a história de vida, os projetos sociais, coletivos e individuais, o cerco das tradições culturais, os sentidos iguais e duplos, maneiras e modos de relacionamento, os grupos que se constituem e suas inter e intra relações, dentre tantos outros aspectos.

Para poder ir além, com a doxa do cotidiano, objetiva a análise sócio histórica, não um percurso linear desenhado pela observação das formas simbólicas, mas contrariamente, me convida a persegui-las de modo que eu possa compreender onde as mesmas se formam histórica e socialmente, para que possa devidamente explicá-las, se aludo ao entendimento de Demo (2009).

Em vista disso, atendo-me à contextualização social das formas simbólicas neste liame de interpretação e debruçando-me aos objetos socioculturais cabe reforçar unicamente o que apresentam Thompson (2002), e Cardoso (2007). Aqui se alinha uma realidade não comum, não de aparências e sim de um real interpretado e reinterpretado da vida quotidiana.

Igualmente, tal realidade se compõe de campo-sujeito-objeto, que se sustêm em forças de origem cultural-histórico, permutadas por nós, como sujeitos que reconstroem o mundo subjetivamente não pelo poder mágico da mente. Tal situação é complexa, uma vez que não se concebe indivíduos que não sejam sujeitos, ou porventura, não estejam contextualizados no espaço e no tempo. É, por isso, impossível isolar o que se pondera para junto a Demo (2009), concordar da abstração que passo a observar se saio da minha própria pele para que me veja de fora.

Ademais, dentro deste contexto reconstrutivo, que se reflete à luz de Thompson (2002), o procedimento por ele apresentado e denominado de “*interpretação da doxa*”. Este medeia a interpretação das opiniões, crenças e compreensões que se sustentam e são partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social, entendendo-se que as

formas simbólicas não podem ser analisadas separadas dos contextos em que são produzidas e interpretadas.

Entretanto, como é salutar e benéfica para mim, a observação do autor, quando a meu ver enaltecendo a máxima anterior, completa:

[...] podemos alargar tal idéia, sem desmerecer seu centro que continua de pé: compreende-se melhor a fala de alguém se, além de sabermos o mundo de opiniões e crenças que a cerca, também buscarmos entender sua história de vida, seus projetos sociais coletivos e individuais, o entorno das tradições culturais que demarcam os sentidos comuns e os duplos sentidos, modos de relacionamento com os outros e constituição do grupo de relações mais próximas, e assim por diante. (DEMO, 2009, p.38)

O momento se propicia para que eu possa posicionar-me em relação à *primeira etapa* do referencial metodológico que aborda a *Análise Sócio-Histórica*, fase esta que deverá ir além de levantar opiniões e crenças, para que possa averiguar seus possíveis sentidos. Então para que me seja concedida, com Thompson, a contextualização social das formas simbólicas, irei enfrentar situações no espaço e no tempo, campos de interação social, aparatos institucionais da sociedade e estruturas sociais, elencarei meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão.

Para tanto, gostaria de esclarecer que atenderei, neste primeiro momento para fins do estudo, à produção e circulação de formas simbólicas transmitidas culturalmente, sejam também, as onipresentes na vida cotidiana dos sujeitos e rotineiramente a estes apresentadas, ou mesmo na experiência comum. Ainda dependendo de contextos sócio-históricos específicos, aspectos diferentes irão ser considerados como: o meio técnico como recurso para o exercício do poder e da ideologia, o aparato institucional de transmissão perpassado por regras e relações hierárquicas de poder que ocupam posições institucionalizadas e o distanciamento espaço temporal em que as formas simbólicas inseridas em novos contextos, podem ser localizadas em diferentes tempos e locais.

Nesse entendimento irei priorizar no *Capítulo IV* deste estudo, a orquestração das condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas, mediante os aspectos já apresentados, na tessitura do contexto que ocupa a atividade tutorial na malha cotidiana dos professores.

A *segunda etapa*, metodológica designada *Análise Formal ou Discursiva* objetiva desnudar a estrutura da complexidade do objeto e de expressões que se movimentam no campo social. Tentarei na visão de Thompson e Demo (2002, 2009), contribuir para um entendimento mais dinâmico e analítico do discurso no contexto sócio-histórico do meu estudo de pesquisa, retratando-o, sobretudo, ao destacar desde agora para efeitos deste, a *análise argumentativa* ou a *análise de conversação*.

A primeira, pelo fato de poder atender à caracterização e ainda discutir os padrões de inferência que subsidiam o discurso dos professores tutores entrevistados, no sentido original do termo, elaborando teias relacionais no que afirmam e tópicos de suas falas, identificando-se a ocorrência de implicação, contradição, pressupostos, exclusão, entre tantos outros. Neste ir prosseguindo reforço satisfeita a inevitável reinterpretação, conduzida pelo trâmite metodológico, da circularidade do discurso onde se interpretará o que já está interpretado. Por conta disto, o novo e as sutilezas dos argumentos na tessitura crítica valorizarão o mundo simbólico, pela mão do que se indaga questionando-se.

A análise de conversação, a segunda a ser priorizada neste estudo, relevará sobre maneira, os ditames sistêmico-estruturais de interação linguística que ordenam as realizações contínuas das práticas sociais cotidianas. Sobressaem os circuitos das falas dos sujeitos perante o analista-entrevistador que tudo observa, do dito e não dito, e assim por diante, já que suas impressões carregam como se observa:

[...] o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balançar da cabeça, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala. Pois a

comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. (DEMO, 2009, p.34)

Finalmente, a minha responsabilidade junto ao referencial metodológico, impera diante da *terceira etapa* da Hermenêutica de Profundidade, intitulada de Interpretação Reinterpretação. Não a considero independente, relativamente às etapas anteriores, embora a esta, a primazia lhe dirijo como se de filigrana tecida a ouro, se trate.

Sem dúvida, em virtude de emanar um mundo simbólico, um campo pré interpretado, projeta-se como alude Thompson (2002, p.376), “[...] um significado possível que pode divergir do significado construído pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico”. Aqui se insurge, em benefício do autor, Demo (2009), quando proclama da necessidade de adentrar na interpretação da *doxa*, “*Além*”, no autêntico sentido da palavra, que incuta o mais alto voo inovador, da reconstrução crítica e criativa.

Ainda é importante refletir que:

A fase de interpretação é facilitada pelos métodos de análise formal ou discursiva, mas é distinta dela. [...] A interpretação constrói sobre esta análise, como também sobre os resultados da análise sócio-histórica. Mas a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por *síntese*, por construção criativa de possíveis significados. [...] *isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito.* (THOMPSON, 2002, p.375)

Agitada pelos autores, estes me fortalecem sob o que pretendo defender, não somente, me movem a averiguar sentidos acerca de opiniões e crenças, mas bem mais, como para além de reinterpretar características estruturais internas, de outra fase, há que se alcançar a embriologia das circunstâncias sócio históricas dos indivíduos, no habitual cotidiano.

É obvio que isto aconteça, já o diz o autor *op. cit* (2011), em virtude destes, buscarem incessantemente, significados e sentidos para tantas situações e fenômenos que os inquietam e cuja compreensão se esforça para articulá-los aos contextos e condições de suas próprias vidas.

CAPÍTULO II**A PRESENÇA DA HISTÓRIA NO TEMPO DO UNIFESO: CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO**

Os indivíduos participam criadoramente na cultura ao estabelecer uma relação viva e dialética com a mesma. Por um lado, organizam suas trocas e dão significados a suas experiências em virtude do marco cultural em que vivem, influenciados pela cultura.

Gómez (1998)



Fig. 6 – Paz Verde



Paz Verde
Contextualização Sócio-Histórica

A “Mãe Natureza” me ajuda a reencontrar o seu poder em mim, pela força e descoberta da realidade. Na sombra de uma árvore, a leitura de um livro, me faz reviver o aprender, indo além.

“Na música, cada som tem a sua cor e uma gama infinita de matizes. Na literatura, cada palavra, escrita ou falada, tem a sua cor e uma gama infinita de matizes. Num matiz claro, tende a impressionar o intelecto desenvolvido, porque a aura deste é justamente daquela cor – o rosa límpido provoca a emotividade amorosa, o verde seda vibra com o artista das belezas naturais etc. Como se vê, a arte causa um efeito sedativo no observador, ou ouvinte, ou leitor”.

Mattar, (2002).

Não há conhecimento pronto e acabado, do mesmo modo que não há vida absoluta. Tudo é processo contínuo de construção e de autoconstrução. Olhar o que estamos fazendo, refletir sobre os sentidos e os significados do fazer pedagógico é, antes de tudo, um profundo e rigoroso exercício de compreensão de nosso próprio ser.

Ghedin (2005)

O Ser humano ao longo da vida busca sua identidade e agrega a si a vivência de grupos, para construir desconstruindo incessantemente o seu território tecido por atos pessoais, históricos, sociais, ideológicos e culturais. Aqui residem *situações espaço temporais*, que de modo sucessivo levam à produção, circulação e recepção de formas que traduzem significados, sentidos e simbolismos. Em múltiplos espaços se identificam na linha do tempo, sendo reconstruídos por sujeitos situados em locais especiais e específicos, agindo e reagindo a tempos particulares, constituindo uma parte importante da análise sócio histórica (THOMPSON, 2002).

Neste percurso o tempo foi congratulando à cidade de Teresópolis e seus habitantes, o reconhecimento à sua beleza natural, e pureza de suas águas. Portanto, atraiu pessoas que procuravam refugiar-se em seu clima ameno e bucólico, objetivando restabelecimento da saúde ao invés do calor abrasivo do Rio de Janeiro e de outras regiões circundantes.

Todavia, cabe salientar junto a Paranhos (2006), que o município de Teresópolis, situa-se na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, numa altitude de 900 metros, enraizado na Serra dos Órgãos, em seus 849 Km² de território, distando aproximadamente 80 Km de centros urbanos relevantes como o Rio de Janeiro e Niterói. Outro grande impulso se deve ao fato de nos últimos quarenta e seis anos, ter-se reconhecido a esta localidade, notório desenvolvimento advindo da presença da Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO).

Nos primórdios desta resenha histórica vivifica-se a verdade deste nome atribuído à fundação, fruto da inspiração de Arthur Dalmasso¹⁸ que em discussão profícua com seu amigo Amaury Santos¹⁹ proferiram como segue:

[...] aliou as palavras **FÉ** – isto é, confiança e **SÓ** – pois nada mais temos e nada mais precisamos ter,²⁰ em apenas um vocábulo para concretizar um ideal na cidade de Teresópolis. Na realidade, uma interessante e oportuna conjugação com **FE**, de Fundação Educacional e **SO** de Serra dos Órgãos, privilegiada região geográfica que abrigaria a pioneira instituição de ensino superior da cidade, a partir de 20 de janeiro de 1966 [...]. (PARANHOS, 2006, p.37)

Tal como narra o autor op. cit. (2006), a legitimação das ideias de fundar a FESO surgiu da bravura de mulheres e homens que desejavam para seus filhos e netos, um ensino de qualidade, além do mais, formar uma instituição que integrasse e destacasse o nome da cidade, de mãos dadas com o espaço educacional no Brasil. Assim, é bom mencionar o rápido propósito de instituir cursos de nível superior, incorporados a novas unidades educacionais. Para alcançar tal propósito, a instituição se organizou em 1966, como fundação de direito privado sem fins lucrativos pelo Decreto Municipal n.º 2/66, que a reconheceu três anos depois como de Utilidade Pública pelo Decreto n.º 98/69, e de Utilidade Federal em 1983 pelo Decreto n.º 88747/83.

Inicialmente instalados os cursos de graduação em Medicina, Administração e Ciências Contábeis, expandiu-se a instituição em unidades educacionais e ainda em sua estrutura orgânica e arquitetônica. Houve gradativamente a oferta de novos cursos de graduação, investindo-se em cursos de pós nas áreas de Administração, Ciências Contábeis, Medicina, Direito e Pedagogia. Obviamente, o impacto repercutiu na deslocação de estudantes originários das mais diversas partes do Brasil.

¹⁸ Mentor da idéia da FESO. Nascido em Le Touvet, França, em 29 de agosto de 1920, veio para o Brasil em 1922, naturalizando-se em 1947, mesmo ano que chegou a Teresópolis. Médico e professor universitário e diretor da Faculdade de Medicina de Teresópolis de 1974 a 1977. (PARANHOS, 2006)

¹⁹ Fomentador da ideia da Fundação Educacional. Carioca, nasceu em 21 de Setembro de 1916, formado em Contabilidade e Economia. Professor tendo exercido o cargo de Superintendente Administrativo da FESO. (PARANHOS, 2006)

²⁰ O grifo e o negrito são do autor.

Há que se realçar a enorme demanda para estudos na Faculdade de Medicina (FMT). Daqui esta foi a primeira a integrar a FESO, sendo inaugurada a 22 de fevereiro de 1970, autorizada pelo Decreto n.º66.435 de 10-04-1970 e reconhecida pelo Decreto n.75237 de 16/01/1975. Com base na grande expansão das escolas médicas no Brasil, principalmente na região Sudeste, motivou que a FESO, como instituição, respondesse à necessidade nacional de ampliação do ensino superior (PPPI, 2006).

Deste modo, progredindo, a FESO, firmou convênio com a Prefeitura Municipal de Teresópolis em 1972, objetivando proporcionar um cenário de aprendizagem hospitalar aos estudantes e do então Hospital Municipal, a mudança para o ora designado Hospital das Clínicas de Teresópolis Costantino Ottaviano (HCTCO) que foi reconhecido pelo MEC/MS como hospital de ensino.

Aqui vale salientar que a Fundação Educacional surgiu com a missão de *promover a educação, a ciência e a cultura, constituindo-se num polo de desenvolvimento regional de modo a contribuir para a construção de uma sociedade justa, solidária e ética* (PARANHOS, 2006, p.44).

Portanto, soma-se o intuito de:

[...] ser uma transformadora de ideias, uma renovadora de ideais e de pensamentos e, mais do que isso, uma verdadeira fomentadora do novo, do dimensionamento extraterritorial que provaria com o tempo ser capaz de realizar, de ser, enfim, uma agregadora de valores dos mais diversos matizes e tendências, todos numa convivência profundamente democrática e inovadora. (PARANHOS, 2006, p.48)

Entretanto, caminha-se da verdade do passado ao presente, sem se saber se o pensamento do Dr. Arthur Dalmaso, se projeta, ainda, nos dias de hoje: “*a obra permanecerá e aqueles que verdadeiramente foram responsáveis por ela dormirão com a consciência tranquila ad eternitatem*” (PARANHOS, 2006, p.48). Aqui se insurge uma desarticulação entre as várias unidades mantidas pela Fundação, por se terem as Faculdades Isoladas. Para tanto, é encaminhado ao Ministério da Educação (MEC), um

requerimento solicitando-se que estas, passem a ser consideradas como Faculdades Unificadas, o que foi autorizado em 1994, unificando-se as normas acadêmicas. Desta forma, as múltiplas ações encetadas pela FESO, como a criação de novos cursos abrangendo as áreas da saúde, elevam as Faculdades Unificadas em Centro Universitário, reconhecido oficialmente em 2006.

A *estrutura social*, que se compõe de assimetrias e diferenças mais ou menos estáveis e que irão caracterizar as instituições sociais e os campos de interação. Entretanto, analisar a estrutura social é identificar as assimetrias, as diferenças e as divisões. Melhor ainda, cabe determinar, entre elas, quais são manifestações não apenas de diferenças individuais, mas, diferenças coletivas e duráveis em termos de distribuição e acesso a recursos, poder, oportunidades e possibilidade de realização.

É por assim dizer um território de poder e dominação para a maioria das pessoas. Ainda um contexto social estruturado mediado por fenômenos culturais, onde formas simbólicas são analisadas (Hermenêutica de Profundidade). Eis um contexto social de vida cotidiana, organizado de maneira complexa, implicando desigualdade e a simetrias amplas que passam de um contexto a outro. Nele os indivíduos gastam a maior parte do seu tempo, agindo e interagindo, falando e escutando, na busca de seus objetivos e seguindo os objetivos dos outros. Então, formas simbólicas, são fenômenos sociais, no entanto, se um único indivíduo a produz e recebe, será exceção à regra.

A transformação interpretativa da doxa incluiu a transformação das compreensões, das atitudes e das crenças cotidianas das pessoas que constituem o mundo social. A interpretação da ideologia envolve, necessariamente a análise sócio histórica das relações estruturadas, de poder e de dominação destacando as posições daqueles que mais e menos se beneficiam das relações existentes. Ainda, examina

mecanismos simbólicos, em virtude dos quais, essas relações sociais assimétricas se estabelecem e sustentam no fluxo diário da vida social.

A circulação de formas simbólicas em contextos sócio-históricos específicos, implica em uma série de características (aspectos diferentes da transmissão cultural resultantes da troca de formas simbólicas entre produtores e receptores), cruciais para a compreensão do desenvolvimento da comunicação de massa. Assim, nesta:

O que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários. As mensagens são produzidas por um grupo de indivíduos e transmitidas para outros situados em circunstâncias espaciais e temporais muito diferentes das encontradas no contexto original de produção. (THOMPSON, 2011, p.51-52).

Para além do relatado progride-se na trajetória histórica e para tanto, idealizam-se mudanças curriculares. Interessantes movimentos decolam com a intenção de fortalecer a formação dos enfermeiros, sustentada na qualidade. Outrossim, movimentam-se vontades, brilhantes ideais, comunidades acadêmicas, academias e profissionais. Aqui cabe mencionar a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), que desde o primórdios se propôs a colaborar na edificação da mudança curricular nacional para o Curso de Graduação em Enfermagem.

Pontua-se com Vale e Fernandes (2006), o desenho das intervenções desta entidade associativa já em 1929 em seu 1º estatuto, quando objetivou o árduo trabalho e compromisso de seus associados no avanço da educação das enfermeiras em consonância com os quesitos da Escola Oficial do Governo para as escolas de Enfermagem. Em 1939 foi organizada a Comissão de Educação com o propósito de ajudar a diretoria da ABEn em projetos para que novas escolas de Enfermagem fossem implantadas. Ainda, em 1945 passou a designar-se Divisão de Ensino de Enfermagem e logo após de Divisão de Educação, articulada ao corpo docente das escolas de

Enfermagem, pela mão das superintendentes dos serviços e mais tarde em 1954, conhecida como Comissão de Educação.

Em 1961 em decorrência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961 e ainda corroborando, com os autores *op.cit.*, (2006), a ABEn sugere ao Conselho Federal de Educação a elaboração de outro currículo que preconizasse em seu corpo as exigências mínimas, que deverão estar presentes na formação do enfermeiro. Desta forma, em 1962 o então Conselho Federal de Educação (CFE), produz o Parecer nº 271/62, que instituiu um novo currículo mínimo para o Curso de Enfermagem.

Com Moura *et, al* (2006), tem-se a noção de ter sido próximo do término de 1970 que a enfermagem se investe como força política da prática social, resgatando-se a qualidade do ensinar aprender, a produção técnico-científica, política e ética da Enfermagem Brasileira. No entanto, sempre a ABEn buscou tais nobres ideais em todos os momentos de institucionalização da enfermagem profissional brasileira.

Em destaque, também, o Parecer n.º 163/72 do Conselho Federal de Educação, regulamentado pela Resolução n.º 04/72, apresentando um novo currículo mínimo com peso no modelo médico de assistência hospitalar. Composto do ciclo pré profissional, tronco profissional comum e das habilitações: Enfermagem Obstétrica, Enfermagem Médico-Cirúrgico e Enfermagem em Saúde Pública. No decorrer do tempo, várias outras propostas na área da saúde foram sendo definidas, o que corrobora com Ito *et.al.*, (2006), quando resgatam, como linhas mestras a universalidade, equidade e integralidade, norteando políticas públicas, como também, a formação generalista dos profissionais.

Então em 1994, outro novo currículo mínimo foi desenhado, substanciado no Parecer nº 314/94, este regulamentado pelo Conselho Federal de Educação da Portaria

Ministério da Educação e Cultura nº 1721/94. Este recepcionou as Diretorias de Educação e suas Seções Estaduais, como os representantes dos professores e estudantes das Escolas e seus Cursos de Graduação em Enfermagem e ainda as enfermeiras dos serviços de saúde (TANJI, 2011).

De volta à colaboração de Moura *et. al.*, (2006), estas sustentam a concretude dos ideais anteriormente mencionados, destacando-se o Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem (SENADEn), já que a ele se vinculou o interesse de se criar um espaço, no qual se pudesse dialogar sobre políticas educacionais, ABEn e as Escolas de Enfermagem, com a intenção desta de expandir o seu campo de gestão nas áreas da educação e saúde. Aqui se vincula resumidamente tais desafios conforme a referência a múltiplos SENADEn(s), como seguem:

- 1994 – 1º SENADEn, como versa Correia et al., (2005), objetivou articular as especificidades históricas à política educacional em Enfermagem, como ainda, as diretrizes educacionais sinalizando-se os problemas na formação em Enfermagem nos diversos níveis e por último as estratégias e diretrizes para o ensino.
- 1996 - neste prosseguir a notória Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996), pois na mesma articula-se às mudanças nacionais na educação, objetivando a reorganização dos Cursos de Graduação, extinção dos currículos mínimos, como também a adoção de diretrizes curriculares dirigidas a cada um dos cursos como versa (ITO *et. al.*, 2006).
- 1997 - 2º SENADEn, teve como propósito a implantação do novo currículo para o Curso de Graduação em Enfermagem. Este enfatizava o ensino no modelo biomédico, desarticulação entre teoria e prática, como também, a ausência da

integração entre as disciplinas básicas e profissionalizantes (CORREIA *et. al.*, 2004);

- 1998 - 3º SENADEn, que priorizou as diretrizes para a educação em Enfermagem, com base na LDB, integrando as/os: competências, habilidades e conteúdos referentes às diretrizes curriculares entre outros assuntos, conforme apresentado pelos autores *op. cit.*, (2004);
- 2000 - 4º SENADEn, focalizou discutir as estratégias político pedagógicas na Enfermagem e a construção pelas Instituições de Ensino Superior de seus Projetos Políticos Pedagógicos e a resgataram o conceito de estágio curricular, de 500 horas;
- 2001 - 5º SENADEn, discutiu o Exame Nacional de Cursos e a Avaliação Institucional - Lei nº 9.131/95 e Decreto nº 2026/96, juntamente implantando os Projetos Pedagógicos da Enfermagem. Outrossim, aconteceu a homologação do Parecer do Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Superior nº 1133/2001 que apresentou as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos (DCNs) de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição, e ainda Resolução nº 3/2001 que institui as diretrizes específicas para o ensino de Graduação em Enfermagem (BRASIL, 2001). Aqui se reforça a Resolução CNE/CES nº. 3 de 07/11/2001 instituindo, como referi, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), realçando que estas atendem imperativos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9394/96, (BRASIL, 1996), respeitando as atribuições dos órgãos próprios do sistema de regulação do ensino superior.
- Importa sinalizar neste processo a interpretação de Demo (1998), na qual o autor sugere que as DCNs devem ser compreendidas em sua amplitude,

constituindo-se como orientadoras dos PPP, levando em conta a enorme diversidade de contextos e potencialidades existentes em nosso país. Então as diretrizes foram entendidas como indicadoras de perspectivas e caminhos, permeando as transformações necessárias no processo educativo em saúde.

- 2002 - 6º SENADEn, durante o qual debateram a Educação e respectivas mudanças, aconteceu a implementação das Diretrizes Curriculares e a elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos. Também, a indicação de 4000 horas para Graduação de Enfermagem de 4000 horas, com abrangência nacional no decurso de oito semestres letivos;
- 2003 - 7º. SENADEn, resgatou para as universidade/escolas a elaboração de novos processos pedagógicos na saúde em Enfermagem, desestruturando as práticas pedagógicas tradicionais, as relações de poder e introduziu outros paradigmas;
- 2004 - 8º SENADEn, resultou da construção coletiva do Fórum de Escolas e Serviços de Saúde da ABEn, somando a inovação de metodologias relativas a questionamentos no ensino e prática, costurando a reflexão crítica sobre ensino-trabalho-pesquisa como determinantes na qualidade da formação profissional;
- 2005 - 9º SENADEn, no qual produziram a "Carta de Natal", espaço de formulações paradigmáticas e pragmáticas, em virtude das fragilidades que até hoje são visíveis no campo operacional (MOURA *et. al.*, 2006).
- 2006 - 10º SENADEn, trouxe a reflexão acerca de se atender a organização do processo de trabalho, considerando-se a educação permanente como estratégia importante na produção do trabalho em equipe e na integralidade de atenção à saúde;

- 2008 - 11º SENADEn, trouxe para os novos pactos entre educação e saúde em prol da qualidade da formação dos profissionais da saúde/Enfermagem, considerando suas articulações com o ensino de Graduação, Pós-Graduação e Ensino Profissional de Enfermagem.
- 2010 - 12º SENADEn, teve como objetivos: o desenvolvimento de programas, projetos, ações e estratégias, que possam vir a impulsionar a educação em Enfermagem no âmbito nacional; a responsabilidade social e educativa na formação em Enfermagem; o espaço promotor de intercâmbio interinstitucional e de socialização do conhecimento na educação e entre as várias Escolas de Enfermagem.

De início, será oportuno entender que o primeiro momento da Hermenêutica de Profundidade apresentada por John B. Thompson (2002) solicita a contextualização das mudanças espaciais, culturais e temporais no aparato institucional e humano, somando-se a este, exigências políticas da educação e saúde, reformas institucionais, mudanças curriculares, entre tantos outros aspectos relevantes com base em Cardoso (2007).

Para prosseguir neste intuito cabe realçar que as perspectivas que despontam na seara da educação me conduzem à reflexão acerca do significado do termo e seu valor social, político e histórico. Assim, necessito, desde já, resgatar para o presente trabalho a noção de ideologia, que irá sobrevoá-lo, conforme Thompson (2002, p. 69), esta:

[...] refere-se, essencialmente, a um sistema de pensamentos e idéias que são situados socialmente e coletivamente partilhados; e a análise ideológica é o estudo das maneiras como esses sistemas de pensamentos e idéias estão influenciados pelas circunstâncias sociais e históricas em que estão situados. (THOMPSON, 2002, p.69)

Há que prosseguir no fluxo do pensamento interpretativo, pois Thompson nos apresenta propriamente como Hermenêutica da Vida Cotidiana e o desaguar nas especificidades que perpassam a tutoria. Cabe aprofundar neste contexto a

multiplicidade de mudanças histórico culturais na seara da educação, que induziram outros modos de pensar, agir e até mesmo do novo fazer, que despontaram com o surgimento de indústrias de mídia, exploradas para fins de produzir múltiplas cópias de manuscritos e textos, apenas a partir do séc. XVI até hoje.

Assim, múltiplas mudanças políticas e sociais na educação e na saúde realizam a mediação da cultura moderna e o desenvolvimento social frente ao crescimento de redes de transmissão, pelas quais, as formas simbólicas se tornam acessíveis a um grupo maior de receptores. As experiências das pessoas medeiam-se por sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica. A análise cultural se apresenta como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas, uma vez que, estas integram em si, as expressões linguísticas, os gestos, as ações, as obras de arte, como fenômenos sociais contextualizados.

A produção e circulação de formas simbólicas são onipresentes na vida cotidiana e até mesmo no pensamento do outro (Ideologia). Entretanto, sistemas simbólicos incorporam instituições e aqui identifico a Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO), sediada em Teresópolis, criada em 20 de Janeiro de 1966. Uma instituição particular sem fins lucrativos, mantida por uma Fundação Educacional, que se propõe à sua própria missão: “promover a educação, a ciência e a cultura constituindo-se num polo de desenvolvimento regional, de modo a contribuir para a construção de uma sociedade justa, solidária e ética” (PPPI, 2006).

Frente às ações concretizadas pela FESO nos anos de sua existência, revelaram-se as condições de transformação das Faculdades Unificadas, em Centro Universitário, que foi reconhecido oficialmente em 2006, recebendo o nome de Centro Universitário Serra dos Órgãos- Unifeso (PPP, 2009). Arvora-se nesta arquitetura a concepção crítica da ideologia, sendo as maneiras como o sentido (significado) serve em circunstâncias

particulares para estabelecer e sustentar relações de poder que são assimétricas- “*relações de dominação*” – características da ação e interação; às formas de poder e de dominação; à natureza da estrutura social; à reprodução e à mudança social; às qualidades das *formas simbólicas* e a seus papéis na vida social;

A ideologia mantém, até hoje, a concepção crítica – num instrumental crítico que chama a atenção para a gama de fenômenos sociais que podem ser, e que muitas vezes o são, no curso da vida cotidiana, objetos de crítica e interligados num conflito.

Porquanto, as **Instituições Sociais** desenham-se na compreensão de Thompson (2002), como conjuntos estáveis de regras e recursos, juntamente com relações sociais que são estabelecidas por eles. Seguindo esta perspectiva, a trajetória da instituição de ensino superior, já anteriormente referenciada, o Centro Universitário, apresenta-se como uma Instituição de Ensino Superior (IES), que promove a formação profissional em quinze cursos de graduação nas áreas das Ciências Sociais, Ciências Humanas e Ciências da Saúde.

Há que lembrar os propósitos delineados para efetivar-se a mudança curricular, no curso de enfermagem, se iniciaram no ano de 1999. Somente, em 2001 os debates adquiriram corpo, e proclamaram, através de um termo de referência, uma nova estrutura curricular. Realmente, teve como linha mestra uma formação profissional diferente para o enfermeiro.

Cabe reforçar, que mediando tal perspectiva as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (BRASIL, 2001), priorizaram a formação generalista, ajudando, assim, a preparar um estudante mais crítico e reflexivo. Acrescenta o atendimento às necessidades sociais da saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS), a qualidade e a humanização do atendimento.

De tal maneira, houve a necessidade de agir conforme ao preceituado nas DCNs, e sendo a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem, tornou-se imperiosa objetivando o processo de formação para o enfermeiro em conformidade com as especificidades que se seguem: generalista, humanista, crítico e reflexivo. Aqui se impregna não somente o desejo pontual da Enfermagem, mas, realça-se a mudança curricular institucional do Unifeso, que passará a abraçar os Cursos de Graduação em Medicina e Odontologia.

Em 2003 revisita-se a grade curricular do Curso de Graduação em Enfermagem no que aborda as horas de estágio supervisionado, ampliando-as retratando o que está prescrito nas DCNs. No transcorrer dos acontecimentos o Curso de Medicina vitaliza-se por ter sido contemplado a nível nacional pelo Ministério da Educação e Cultura/Ministério da Saúde/Organização Pan Americana de Saúde, com o propósito de recepcionar financiamento e implantar o Promed (Programa de Mudança Curricular para os Cursos de Medicina). Daqui se insurge rompendo com a estrutura curricular em grades, caminhando para o currículo integrado.

Entretanto, não posso deixar de realçar a poderosa presença do professor Luis Cláudio da Rocha Fraga até 2005, frente ao processo de mudança curricular, como coordenador do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso. Outrossim, ao abraçar o cargo de Diretor de Educação da ABEN seção Rio de Janeiro, e a coordenação do Fórum das Escolas do Estado do Rio de Janeiro, este se vê na rica missão de discutir a formação profissional do enfermeiro. Tal desempenho norteador por alta força de propósitos lhe possibilitou construir a realidade que atualmente se encontra o Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso.

Com Thompson (2002), entende-se que *campos de interação* compõem, então, espaços de posições que associadas a estratégias, determinam algumas das relações

entre pessoas e certas oportunidades acessíveis a elas. Tanto é que adiante, em 2005, para constituir-se um quadro profissional de ensino e saúde a Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ) conjuntamente com a Rede Unida, constituíram o Curso de Especialização em Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior de Profissionais de Saúde.

Ancorada em Feuerwerker e Lima (2004), percebe-se como uma estratégia sustentando a política do Aprender SUS, de modo a ir estimulando a promoção da educação permanente dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde, facilitando a aproximação entre o sistema de saúde e sistema formador profissional para realizar a mudança na graduação das profissões da saúde.

Simultaneamente, a instituição desenvolveu capacitações de alguns dos professores junto a profissionais experientes das Universidades dos Municípios de Marília e de Londrina. Isto se justifica por terem sido elas as pioneiras no Brasil a vivenciar igual desenho metodológico e curricular no âmbito de cenários de formação inovadores. Este comportou a participação da rede de serviço de saúde e representantes da comunidade, representando desta forma os sujeitos que deverão dinamizar os cenários de aprendizagem das atividades práticas do processo de formação profissional com esmerada qualidade.

Outro aspecto a referenciar nesta linha, é a reflexão dialética da educação, que atendendo a Lopes (2007), elenca a sua manifestação por meio de uma práxis educativa, no sentido da unidade, contradição, movimento e relação. Em suma, a educação desponta os fenômenos sociais e o mundo cultural, que é de todos os tempos, de todas as sociedades e de todos os meios. Nesse entendimento a educação é parte do contexto social, dos valores, das condições materiais, e interesses, que formam as ideologias e as

políticas presentes na sociedade. É a garantia da superestrutura, as relações sociais de produção que crescem no comando de certa classe.

Com base em Tanji (2011), esta refere que professores do Unifeso, foram nomeados para construir um projeto que abraçasse o edital do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (PRÓ-SAÚDE). Portanto, desencadeou a reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia, revitalizando-se assim, a atenção aos preceitos norteadores do Sistema Único de Saúde na formação dos futuros profissionais. O intuito de tal empreitada sinalizou o resgate de subsídios financeiros revertendo a favor do corpo docente e reestruturação arquitetônica do espaço levado a cabo pela operacionalização da mudança curricular dos respectivos cursos superiores.

No território brasileiro dos 89 cursos (trinta e oito de Medicina, vinte e sete de Enfermagem e vinte e quatro de Odontologia), o Unifeso foi contemplado com o programa – PRÓ – SAÚDE, para esses três mesmos cursos. Como versa Tanji (2011), a referida instituição nomeou um Comitê Local de Acompanhamento do Pró-Saúde, com o intuito de ir acompanhando a democratização das relações entre universidade, serviços de saúde e comunidade, o dito processo de mudança curricular nos serviços de saúde, sustentados pelos princípios e diretrizes do SUS.

Por conseguinte, em 2006:

[...] a Direção do Centro de Saúde, encaminha para apreciação e aprovação, ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do UNIFESO o Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem, considerando a necessidade de mudar o perfil de formação do enfermeiro convergente às DCNs e ao Programa Nacional de Formação Profissional em Saúde. Após análise, o PPC do Curso de Graduação em Enfermagem foi aprovado e regulamentado através do Parecer N° 46/2006 de 12 de dezembro de 2006, e da Resolução n° 08/2006, considerando também a necessidade de registrar a estrutura curricular com carga horária de 4.560 horas aula, distribuídas em quatro anos para integralização mínima do Curso, com sua implantação gradativa a partir do primeiro semestre de 2007. Neste momento com subsídio financeiro oferecido pelo PRÓ-SAÚDE, para o Curso de Graduação em Enfermagem, a mudança curricular que até então estava somente redigida em um termo de referência, passou a ser vislumbrada, como uma realidade próxima a ser implementada. (TANJI, 2011, p.42)

Nesse mesmo ano, se articula a comemoração dos 40 anos da Fundação Educacional Serra dos Órgãos-FESO em que as Faculdades Unificadas Serra dos Órgãos, são então credenciadas como Centro Universitário Serra dos Órgãos – Unifeso, mediante a Portaria 1.698, de 13 de outubro de 2006, publicada no Diário Oficial da União (D.O.U.) Seção I, de 16 de outubro de 2006 (BRASIL, 2006). O presente evento identificou o Unifeso, à semelhança de outros Centros Universitários, com o tributo de qualidade ao ensino proporcionado aos estudantes no decurso da formação, por ser autônomo e participativo. Assim, tais especificidades delegaram ao Unifeso a importância merecida, como sendo uma das referenciadas instituições educacionais do Estado do Rio de Janeiro.

Neste prosseguir sob o olhar de Thompson, (2002) continua se insurgindo *a estrutura social*, desencadeando no primeiro semestre de 2007, o curso de graduação em Enfermagem, iniciou a mudança curricular, para módulos, consoante a Portaria/GR/A/17/06. Relativamente a tais propósitos os professores deixam de ministrar aulas teóricas para uma grande plateia de estudantes e começam por serem orientadores de aprendizagem em um espaço presencial chamado de tutorial. Para tanto, se formam pequenos grupos de estudantes de dez a treze estudantes e um professor, cujos encontros acontecem duas vezes por semana, com a duração de quatro horas, por cada encontro.

O tutor representa a segurança do vínculo estabelecido entre todos estes estudantes, já que lhes proporciona as orientações possíveis, de maneira a não doar os meios, mas proporcionar-lhes os caminhos para que os alcancem como sejam: as reflexões acerca dos temas propostos, a necessidade de aprofundamento do conhecimento, o modo de verbalizar e escrever o que aprenderam, entre outros.

Porém, no decorrer do tempo já no segundo semestre de 2008, o Unifeso organiza o Curso de Especialização em Processos de Mudança no Ensino Superior e nos Serviços de Saúde. Este se compõe de profissionais de várias áreas de saber e de atuação como: enfermeiros, médicos, dentistas, psicólogos, pedagogos, num total de setenta e quatro profissionais do município inseridos na rede de serviço de saúde. Assim, objetivava-se o entendimento pleno acerca da mudança na concretização do processo do conhecimento diante da nova proposta curricular, uma vez que a maioria destes profissionais recepcionam dia a dia, estudantes de Graduação e Profissionais do Ensino de Graduação dos diversos Cursos do Centro de Ciência da Saúde.

Outrossim, é relevante pontuar o que refere Tanji (2011), já que se aprimora a todos os intervenientes a adequada qualificação na prática de seus misteres, na responsabilidade conferida à formação como a seguir se apresenta:

[...] o Conselho Administrativo Superior, aprovou em 27 de novembro de 2007, o Regimento Geral do UNIFESO e sua determinação para implantação a partir do ano de 2008. Neste Regimento no capítulo IV, prevê a avaliação institucional que é dirigida e coordenada pela Comissão Própria de Avaliação, que foi designada pela Reitoria e a ela vinculada (UNIFESO, 2007). Na perspectiva da avaliação institucional, incluem-se as avaliações docentes no que refere ao desempenho nas atividades; nível de qualificação, produção acadêmica e compromisso com as propostas do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) e ou ao programa ou curso que estiver vinculado. Todos esses movimentos, vêm a corroborar com os pressupostos filosóficos da instituição, quando no PPPI é apontada a preocupação com a eficiência, a eficácia e efetividade da educação e do ensino, em todos os níveis e graus (UNIFESO, 2006). Recentemente em 15 de março de 2010, foi publicado em D.O.U. nº49, a Portaria nº 1.631 de 18 de novembro de 2010, que vem a reconhecer o Curso de Graduação em Enfermagem, bacharelado, com cento e quatorze vagas anuais, no turno diurno, ministrado pelo UNIFESO (BRASIL, 2010).

Entretanto elevo a minha crítica para o aparelho institucional privado universitário a título do agora relatado, para bem caracterizar os conhecimentos transmitidos como ideológicos, já que carregam em seu bojo as intenções capitalistas. À simbiose tecida pelo homem lhe corresponde a transformação da realidade, já que a existência deste conferida ao trabalho, contribui para a construção da educação o que Saviani (1985,

p.19), identifica na organização social: “Dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres significa afirmar que ela é ao mesmo tempo uma exigência do e para o processo de trabalho como é ela própria, um processo de trabalho”.

Essa construção pode ser utilizada para inferir determinadas questões no que me habilita à compreensão das concepções pedagógicas como teorias da educação revelando o seu caráter ideológico e cultural. Vista a educação nesta perspectiva obtêm-se a Tradicional e a Nova, concepções. A pedagogia Tradicional, como o faz Saviani, tem um momento histórico e se manifesta pela diferenciação de uma relação real e necessária entre o modo de produção (estrutura) e a ideologia (superestrutura).

Esta concepção concebe em simultâneo o homem, como uma essência imutável e também propõe a sua liberdade. É a concepção imbuída de natureza humana a mutabilidade do homem determinada pela existência. Assim, relevante quando passo a refletir sobre a composição tecida e fortalecida pelas relações de poder no que apresenta a hierarquia institucional do Unifeso, como segue:

- A Gestão do Curso de Graduação em Enfermagem - vincula-se ao Centro de Ciências da Saúde (CCS) do Unifeso, o qual tem sua administração geral e gestão acadêmica exercidas pelos seguintes órgãos: (1) Diretoria do Centro, (2) Conselho do CCS, (3) Coordenação de Curso e, (4) Colegiado de Curso.
- A Diretoria do Centro - integra funções políticas e estratégicas de superintendência, articulação funcional, coordenação, supervisão, acompanhamento e avaliação das atividades do Centro.
- O Conselho de Centro é composto pelo Diretor - pelos Coordenadores dos Cursos e Programas que integram o Centro; pelos Coordenadores, Diretores ou

responsáveis de Órgãos suplementares e serviços de apoio vinculados ao Centro; Compete-lhe deliberar em matéria de ensino, pesquisa e extensão, bem como exercer a coordenação acadêmica do processo didático-pedagógico-científico dos cursos e programas que integram o Centro;

- As Coordenações de Curso - são definidas como órgãos de gestão acadêmica encarregados do exercício das funções de coordenar, articular, promover e desenvolver o currículo e das relações acadêmicas internas e externas com ênfase na corresponsabilidade institucional;
- O Colegiado do Curso - cabe-lhe avaliar constantemente a aplicação das propostas curriculares dos cursos, assistindo e assessorando as coordenações quando necessário. Este se reúne com regularidade semanal com participação plena dos seus membros, de maneira consultiva e deliberativa em matérias próprias ao seu âmbito;
- A Coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem - situa-se no nível da administração setorial, vinculada e subordinada, portanto, à Diretoria do Centro de Ciências da Saúde e será exercida por docente do quadro principal do Unifeso, indicado pela Diretoria do CCS e nomeado pelo Reitor, de acordo com a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).
- A Coordenação tem reunião semanal com os Coordenadores de Período, quando são discutidos assuntos pertinentes à organização, planejamento e gestão do curso. Mensalmente, também se reúne com os estudantes representantes de período, com o intuito de identificar demandas ou eventuais disfunções no processo ensino aprendizagem;

Outrossim, no processo de mudança curricular, foram definidas quatro Comissões com a finalidade de subsidiar e acompanhar, em articulação com a Diretoria do CCS e a Coordenação, a execução do Projeto Político Pedagógico do Curso, a saber: (a) Comissão de Elaboração e Acompanhamento do Currículo, (b) Comissão de Avaliação, (c) Comissão de Integração Ensino-Trabalho-Comunidade, e (d) Grupo Gestor do Pró-Saúde, para garantir a governabilidade, viabilidade e efetividade deste novo momento.

Tais comissões são compostas com estrutura e características de funcionamento que nos permitem defini-las como o *Núcleo Docente Estruturante* do Curso. De acordo com a Resolução n.º 1 de 17 de Junho de 2010, que o Núcleo Docente Estruturante é composto por docentes, preferencialmente com titulação em pós-graduação *stricto sensu*, contratados em regime de trabalho que possibilite dedicação plena e integrem uma das Comissões anteriormente referidas.

Entretanto, é pertinente entender a importância do que Thompson (2002) define como ideologia, pois os patamares hierárquicos anteriormente apresentados, em suas instâncias, movimentam sentidos e forças que ajudam a entender bem melhor o que se pode elencar a valores compartilhados no coletivo, de forma complexa, já que o sentido é mobilizado para a manutenção de relações de dominação, assim:

“As maneiras como o sentido é mobilizado a serviço dos indivíduos e grupos dominantes, isto é, as maneiras como o sentido é construído e transmitido pelas formas simbólicas e serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações sociais estruturadas das quais alguns indivíduos e grupos se beneficiam mais que outros, e que alguns indivíduos ou grupos têm um interesse em preservar, enquanto outros procuram contestar”. (THOMPSON, 2002, p.96)

Porquanto, a Nova Pedagogia traz um homem inacabado, e se centraliza “no como agir e não mais em o que ensinar” o professor, o intelecto e o conhecimento diminuem a sua relevância (LOPES, 2007, p. 71). Ao caracterizá-la tem-se o libertarismo imbuído

da vontade do sujeito em que o processo do ensinar aprender pertence ao estudante. Este exercício comparativo entre as duas me esclareceu de que o Novo se originou da crítica à concepção tradicionalista.

Ainda mais hoje, que na atualidade, sequer, é possível continuar vivendo no mundo, sem livros, sem rádio, ou televisão, portanto, sem vínculos para se pensar a educação. Por tal razão que segundo Thompson (2002), posições de espaços, estratégias vêm a determinar entre as pessoas relações e oportunidades, estabelecendo-se *campos de interação*.

Para tanto, é preciso analisar as teias sócio-histórico-culturais no devir da construção da aprendizagem, quando inseridas em tutoria como estratégia do ensinar aprender, com o propósito de melhor atender o objeto de estudo para a transmissão ideológica e cultural, como veículo de difusão das formas simbólicas.

Com Dantas da Silva e Santos (2009a), a educação fortalece a minha convicção de que são necessárias estratégias de aprendizagem para que o estudante do Curso de Enfermagem se motive na busca do conhecimento, obtendo como bem maior, o melhor preparo para a atividade profissional. Para tal, o uso de estratégias de aprendizagem, é essencial, porque permitem traçar escolhas, discernir o que fazer diferente e também o que não fazer.

Assim, articulam nesta reflexão as contribuições úteis a favor dos sujeitos, para o atual estudo, uma vez que a tutoria como estratégia em prol do ensinar aprender de seus atores (professor-estudante), deverá agregar benefícios que participem das transformações destes agentes humano sociais, dando-lhes novas roupagens, até mesmo, bem diferente das iniciais.

Uma reconstrução precisa acontecer se olharmos a diversidade de contextos que emergem das histórias de vida, das multiculturas que se adicionaram a estes indivíduos,

as crenças, costumes e aportes hereditário-genéticos. Sem dúvida que este desconstruir pela crítica emergente da análise de cada um, só se conseguirá de mãos dadas com a transformação pessoal repercutindo ao redor. É urgente olhar o que não se olha para ver, na concepção de Demo (2009), a rota inteligente dos argumentos para que o mundo simbólico seja desbravado mais e mais pelo que se questiona incessantemente.

Para continuar neste intuito vale realçar que as perspectivas, que despontam na seara da educação me conduzem à reflexão acerca do significado do termo e seu valor social, político e histórico. Assim, necessito desde já ladear o presente trabalho da noção de ideologia, que irá sobrevoá-lo, por completo já que esta:

[...] refere-se, essencialmente, a um sistema de pensamentos e ideias que são situados socialmente e coletivamente partilhados; e a análise ideológica é o estudo das maneiras como esses sistemas de pensamentos e ideias estão influenciados pelas circunstâncias sociais e históricas em que estão situados. (THOMPSON, 2002, p.69)

Conceitualmente, retornando ao autor *op.cit.*, (2002), a ideologia para se tornar expressiva faz uso das formas simbólicas, que povoam e impregnam significados sentidos que de cunho pessoal se constituem no coletivo-social que as produz, transmite e recebe, pontuando-se a concepção crítica da ideologia.

Apresenta-se um discurso, que necessita para analisá-lo da decomposição das falas, havendo maior facilidade de capturar, nestas, os detalhes ideológicos mais manhosos ou mesmo obscuros que se articulem ao poder, para que de modo qualitativo na visão de Demo (2009), possamos reconstruir as imensas informações obtidas.

Continuando os argumentos com Thompson (2002), a análise da ideologia e da cultura pode ser elaborada de acordo com as inter relações entre significado e poder. Salienta que as formas simbólicas, podem ser usadas para estabelecer e sustentar relações de dominação e inevitavelmente a análise da ideologia assume um caráter

distintivo e crítico. A ideologia levantará novos questionamentos elencados ao uso das formas simbólicas e às relações concernentes à interpretação, auto reflexão crítica.

Quanto às ideias do autor *op. cit.*, (2002) é relevante sinalizar que o entendimento sobre cultura nos reporta a contextos estruturados, cuja análise se reveste do estudo das formas simbólicas, que se produzem sendo transmitidas e recebidas. A exemplo, as ações, os objetos e expressões significativas de múltiplos tipos, relacionados a processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, os fenômenos culturais são entendidos como formas simbólicas, que (...) são construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas. (THOMPSON, 2002, p.357)

Pelo exposto, pressuponho que os tutores do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso, inseridos em um contexto sócio-histórico específico – A Tutoria – estabelecem em sua prática cotidiana, a transmissão cultural de modo que produzem e mantêm uma ideologia que estabelece e sustenta relações de dominação e poder, beneficiando pessoas e grupos em detrimento de outros, permitindo participações e possibilidades, diferenciadas.

O autor atribui movimento à ideologia, como também, às formas simbólicas inserindo-as em seu contexto, no qual elas são ou não ideológicas. Assim, são ideológicas se estabelecerem e sustentarem relações sistematicamente assimétricas de poder. Caberá, ainda, especificar que sob esta visão:

A constituição de um objeto como forma simbólica pressupõe que ela seja produzida, construída ou empregada por um sujeito para um sujeito ou sujeitos e/ou que ela seja percebida como produzida dessa forma pelo sujeito ou sujeitos que a recebem. (THOMPSON, 2002, p.184)

Ainda, se compreende que estes fenômenos são rotineiramente interpretados pelos atores, no trajeto de suas vidas cotidianas em contextos específicos, e sua análise

permitirá entender as características significativas da vida social. A existência de cultura transporta-nos aos tempos passados, porque esta remonta os indivíduos à sua própria criação, já que se fizeram culturalmente. Para Lopes (2007), cultura se mostra como o mundo transformado pelos homens na mediação desta com a natureza, numa relação de trabalho, como garantia de sobrevivência e concretização de desejos.

Importante, realçar que Thompson (2002), reveste, com tanto mérito, as instituições sociais nas quais vivemos cotidianamente, pois são estruturadas ideológica e historicamente e por este fato, não haverá a possibilidade de excluí-las do processo interpretativo. Este soma o homem mergulhado no mundo, situado no seu tempo e em sua comunidade. No contexto, dos fatos educativos, podemos observar as atividades teóricas e práticas desenvolvidas pelos atores sociais, vinculadas ao processo estratégico do ensinar aprender e desvendá-las no caráter histórico, desenhado desde longas décadas até ao século XXI.

Assim, pretende-se um destino melhor para pensamentos, ideias, tradições e cultura, uma vez, que se acalentam altas discussões e tende-se a reprimir determinados posicionamentos. Destaco, como polêmico, instigante o tema que aborda os meandros das metodologias de ensino-aprendizagem, na sutil ruptura do passivo-tradicional para o ativo-inovador, porque estão desarmando fortes e inquietas interpretações plausíveis das mentes pensantes.

Aqui descubro a tutoria como um meio *Técnico de Construção de Mensagem e de Transmissão* que, consoante Thompson (2002), se constituiu como um substrato material, de maneira que as formas simbólicas são produzidas e transmitidas. Os meios técnicos conferem a estas certas características como: grau de fixidez, grau de reprodutividade e possibilidade de participação para os sujeitos que empregam o meio.

Essencialmente se no desenrolar de sua evolução os estudantes almejam atingir o que se desenha adiante, trabalhando as características dos sujeitos conformes à estratégia em uso, aplicando todas as especificidades que a mesma possibilite alcançar, a bem dos mesmos. Para isso, podem contribuir nesta perspectiva a sensibilidade e o prazer para que se queira aprender ou ensinar, de verdade, sem eles ficará enfadonho mesmo que mudem as metodologias, pouco se obterá nem por parte do estudante ou do professor tutor.

Talvez, apenas exemplificando a reprodução de um produto que de tão frequente valerá a pena apresentá-lo tal como, uma situação estimulante e experiência gratificante, influencie o interesse, para um novo aprendizado por parte de alguns sujeitos. Frente a frente com a tutoria o professor tutor terá o poder de conduzi-la gerando um estado de confiança, espontaneidade e entusiasmo.

Porém, o ambiente de mudanças estará sempre subjacente questionando incessantemente o ser capaz. Sabemos que a aprendizagem não deve ser encarada como uma tarefa difícil e cansativa. Necessitamos de motivação e afetividade e para isso, firmar o autoconceito positivo predisporá ao êxito, à paz emocional, reinando um clima de: aceitação, responsabilidade e comprometimento a favor da autonomia.

Hoje, resgatando a instituição em que trabalho, destaco a atividade diária, desenhada por metodologias ativas, o módulo tutorial, constituído por sessões tutoriais. Junto surgem: atividade auto dirigida e conferências, baseando-se no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem a partir teoria da aprendizagem significativa (AUSUBEL *et al.*, 1980). Essa teoria destaca as repercussões das experiências educativas prévias sobre a assimilação do conhecimento novo.

Ressalta a necessidade de um conteúdo potencialmente significativo e de uma atitude favorável para aprender significativamente. Aliás, refletindo sobre o que os

autores apontam, penso que o estudante tem vindo no aprendizado, numa trajetória crescente, relativamente à nova metodologia, em face das mais tradicionalistas, de há pouco tempo atrás.

Quanto ao professor, pelo fato da necessidade de aprender a lidar com a metodologia, deverá mostrar-se interessado em adquirir tais conhecimentos, independente da instituição o colocar em processo de aprendizagem ou não, que por sua vez sua vontade em realizar o melhor em termos de qualidade precisará ser predominante.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Unifeso (PPP, 2009), a ruptura com a organização disciplinar se baseou na necessidade de preparar o estudante para uma intervenção interdisciplinar na realidade, cujos problemas são, em sua maioria, complexos. O princípio adotado foi o do currículo em espiral, que propõe a organização do curso partindo do geral para o específico, em níveis crescentes de complexidade e em sucessivas aproximações. Esse princípio sustenta a construção de sequências de conhecimentos definidos a partir das competências a serem alcançadas.

Então, novos conhecimentos e habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras são introduzidos em momentos subsequentes, retomando o que já se sabe e mantendo as interligações com as informações previamente aprendidas. A transferência unidirecional e fragmentada de informações e a memorização se substituem pelo construir significado do conhecimento, partindo-se do confronto com situações reais ou simuladas (PPP, 2009).

A organização das atividades acadêmicas no Curso de Graduação em Enfermagem tem por base dois módulos, o tutorial e o de prática profissional. Os módulos constituem e abrigam diversos espaços de construção do conhecimento. Quando falamos em espaços de construção do conhecimento, estamos nos referindo às atividades, às

estratégias e aos cenários que se constituem em oportunidades de aprendizagem para estudantes e professores.

Ainda, na proposta do currículo integrado no Curso de Enfermagem, diversas atividades de construção de conhecimento são identificadas. No módulo tutorial são: As sessões tutoriais, a atividade auto dirigida (AAD) e as conferências. No módulo de prática profissional, os espaços de construção de conhecimento se configuram em instrutorias nos laboratórios das ciências básicas (LCB) e no laboratório de habilidades (LH), além das atividades de integração ensino trabalho cidadania (IETC).

O tutor faz a mediação do processo de ensino aprendizagem, e ao fazê-lo ele fica atento ao desenvolvimento de capacidades dos estudantes, considerando-se as competências esperadas para cada período. O grupo realiza um movimento de produção de conhecimentos em espiral crescendo em complexidade durante o curso, através de sucessivas aproximações.

Novas sínteses e significados são construídos continuamente pelo trabalho coletivo perpassado por situações-problema, simulações reais que cumprem o papel de disparadores de reflexão e de teorização para o grupo, e para cada um. Aqui os estudantes elaboram as possíveis soluções, aplicando-as à realidade objetivando resolver o problema, pelo compromisso com o meio, tentando transformá-lo.

No prosseguimento do ensino-aprendizagem vai evoluindo o movimento em espiral, o qual compreende seis passos: O primeiro é a identificação do(s) problema(s). O segundo é a formulação de explicação. O terceiro é a elaboração de questões de aprendizagem. O quarto é a busca de novas informações. O quinto é a construção de novos significados. O sexto e último passo é a avaliação do processo.

Também, situações reais, podem ser elaboradas pelos próprios estudantes, a partir da vivência nos cenários de integração ensino trabalho cidadania (IETC), denominando-

se de narrativas da prática. No coletivo-grupal constroem o relato de uma cena vivida em qualquer dos espaços do IETC, que estejam atuando ativamente. Porém, após o debate conduzido pelo tutor, todos resgatam a narrativa mais significativa e instigante para o estudo a ser realizado pela identificação de problemas e formulação de hipóteses explicativas.

Um referencial articulado às narrativas da prática com as teias da formação profissional é o liame entre a aprendizagem e experiência, referenciando o filósofo da educação, John Dewey (1859-1952), que definiu educação como a reconstrução da experiência (MOREIRA, 2002). Neste sentido, o desenvolvimento da capacidade dos estudantes e do professor de refletir sobre o vivenciado, reconstruindo-o, deve prevalecer na continuidade do evoluir universitário. Nesta experiência prevalece integrada aos meandros do ensino-aprendizagem na retrospectiva da memória e abraçada pela história dos estudantes.

Outrossim, em Dewey (1959,1963), não existe aprendizagem autêntica separada da experiência, onde apenas se memorizam fatos sem perceber relações, gerando um conhecimento despido de significado para o ser que aprende. Sem isso, o estudante não abraça o processo de aprendizagem como algo relacionado a si próprio. O estudo se volta contra ele, sendo apenas obrigacional, exigência defronte ao currículo e professor, apenas interessante para obtenção de ótimos resultados, mas desprovido de força vital.

Qualifica-se a experiência dos que trilham os caminhos do aprender a aprender como professores e estudantes expectativas e desafios diante da substituição de métodos mais tradicionais, pelas metodologias ativas. Assim, é o processo de ensinar e aprender, de modo que currículo estruturado em grades opere através de um currículo integrado variando entre módulos tutoriais e a prática profissional conduzindo os estudantes ao mundo do trabalho desde o primeiro período (TANJI, *et al.* 2008 a).

O papel do professor como um mediador-tutor, orientador da aprendizagem, tem em seu novo desenho de atuação o: orientar, motivar, estimular e intervir atuando com segurança e organização de ideias e conduta, como no modo como dialoga com o grupo de estudantes. Este deverá agir priorizando a identidade cultural, a educação das gerações e a sabedoria histórica do grupo, porque orientado no entendimento de Demo (1988, p.64): “a sabedoria se compreende como estratégia da felicidade [...] a ciência se entende como estratégia formal tecnológica, tendencialmente devotada a refinar estruturas dominativas”. Então ao estudante caberá maior: responsabilidade, disciplina, comprometimento. Ainda, interagir com colegas e professor-tutor, pesquisar novos materiais, ser mais independente beneficiando a construção da própria aprendizagem.

De volta ao PPP (2009), do curso de graduação de enfermagem do Unifeso, cada situação-problema ou narrativa da prática leva, em média, três sessões tutoriais para abertura, processamento e fechamento. As sessões de tutoria acontecem em dois momentos semanais, com três horas de duração cada uma. Na média a cada período, são trabalhadas oito situações-problemas e duas narrativas da prática.

Têm como função disparar a reflexão-teorização para o grupo e, particularmente, para cada estudante. O grupo executa um movimento de produção de conhecimentos em espiral, crescendo em complexidade durante a formação, através de sucessivas aproximações com os objetos de estudo e novas sínteses e significados continuamente são construídos através do trabalho coletivo do grupo.

Prosseguindo a troca de formas simbólicas entre produtores e receptores, implica, em geral, uma série de características que se analisam sob o título de transmissão cultural. Entretanto, conforme Thompson (2002), o meio técnico de transmissão é o substrato material de uma forma simbólica, isto é, os componentes materiais com os quais, uma forma simbólica é produzida e transmitida. Sabe-se que os componentes

variam desde as condições de conversação face a face, até aos sistemas eletrônicos de áudio para amplificação e difusão.

Os meios técnicos de transmissão podem ser vistos como diferentes tipos de mecanismo de estocagem de informação, ou seja, o conteúdo significativo, permitindo que ele possa ser preservado para uso subsequente. Porquanto, podem ser empregues como recursos para o exercício do poder, já que talvez permitam acesso restrito à informação, que poderia ser usada pelos indivíduos para conseguirem determinados interesses ou objetivos.

Destaco aqui, a título de exemplificação sustentado o acima apresentado, as Diretrizes Curriculares Nacionais; o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI); o Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem; o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Graduação em Enfermagem; o Caderno de Orientação Acadêmica (COA) do Curso de Graduação em Enfermagem.

Como atributos do meio técnico a fixação que diz respeito à forma simbólica que é transmitida. Este grau varia de um material a outro (a faculdade da memória, a inculcação de rotina, as práticas ritualizadas, a escrita, a gravura, a pintura, a filmagem, a gravação nos quais o grau de fixação pode ser alto ou baixo). Aqui pontuo a prática da tutoria (processo de qualificação); os cadernos da especialização; as apostilas; a elaboração da situação-problema; o estudo auto dirigido; a biblioteca; a orientação individual-grupal; os cenários de aprendizagem; o portfólio; a síntese escrita; as características individuais dos sujeitos; a internet; os livros; os áudios e os laboratórios, por fim.

Ainda como atributo a reprodução, ou melhor, a reproduzibilidade das formas simbólicas é uma das características-chave que subjaz à exploração dos meios técnicos por instituições da comunicação de massa. É sem dúvida a mercantilização das formas

simbólicas que as instituições procuram e promovem. Para explorar os meios técnicos com eficiência as organizações comerciais devem desenvolver maneiras de controlar a reprodução das formas simbólicas, restringindo através da proteção dos direitos autorais, como exemplo. A ideia de uma forma simbólica original, ou autêntica, se adquire um novo significado. Destacam-se a divulgação do currículo e as pesquisas científicas para processamento da situação-problema.

Assim, mencionando o último atributo a participação. Considera a natureza e amplitude da participação, que o meio técnico permite, requer, dos indivíduos que empregam esse meio. São as habilidades, as faculdades e recursos para codificar e decodificar mensagens do meio. Desta forma um meio técnico, não pode ser totalmente dissociado dos contextos sociais, já que ele é empregado por indivíduos envolvidos na codificação e decodificação de formas simbólicas. Por conseguinte, apresento como importantes os tutores e a organização do processo tutorial através do qual emergem os olhares diferentes; os interesses múltiplos; a formação diferenciada; e as diversas culturas.

Ainda envolvida conforme Thompson (2002) com *os campos de interação*, como anteriormente apresentados, reconheço porque na época mestrado tentei inovar, com o uso do filme como estratégia de aprendizagem a favor do estudante e de mim mesma, e obtive bons resultados, pois, concebo o ato de ensinar e aprender como prazeroso, para ambas as partes.

Em Dantas da Silva (2007), na interrelação do filme com a aprendizagem, os estudantes adquiriram a percepção de que o professor é importante. A iniciativa e o gosto pelo aprender, parte dele mesmo, verdadeiro construtor do seu saber. Mais ainda, esclareceram que a imagem do filme entre tantas outras formas simbólicas foi útil, como

mais um estímulo, uma vez que o pensamento necessita ser exercitado, para que possa estruturar um raciocínio e assim, aprender.

O contraponto foi bem demarcado e a mudança tornou-se notória, pois recordo o estudante chegando à sala de aula se arrastando, desmotivado sem compromisso com a própria aprendizagem, passivo; individualista, somente com interesse na nota e em passar de ano para obtenção de diploma. Traduzia uma postura que inquietava como: imediatismo falta de disciplina e hábitos de estudo nulos ou insuficientes.

Com a introdução do filme como estratégia seus intentos e propósitos começaram a transformar-se gradativamente, foi com a sua ajuda, potencializando autoconceito positivo, e pela imagem o êxito, a tranquilidade emocional, o clima de aceitação, a responsabilidade e o comprometimento.

No nível das argumentações bem fundamentadas que as interações e a semantização do mundo, vai produzindo as estratégias e as práticas relacionais de poder, como versam Veronese e Guareschi (2006). Estes, junto a Thompson apoiam substancialmente o *mergulho* na análise sócio histórica pela mão da Hermenêutica de Profundidade da vida cotidiana. Fortalecida por tal propósito, vislumbro tornar-se necessário trazer à reflexão o desenho institucional de transformações, mesmo que breve, o espaço no qual habito profissionalmente.

Ainda fortalecida em Demo (2000), pude aprender que a construção do conhecimento é fenômeno tipicamente dialético, em face da unidade de contrários, que longe de ser expressão lógica, é também resultado e causa social. Então olhar de outro prisma ou contexto, nem sempre é tão fácil, mais quando o comodismo se planta nas mentes e ações de certos professores e estudantes, ainda mais se a instituição de ensino é apenas do tipo arquitetônica distante daqueles que alberga. Uma renovação pela

criatividade intelectual é apontada pelo autor *op.cit.*, (2000), e nela firmo a minha concordância se associada pela força da construção do conhecimento.

Assim, tantas outras duplas constituídas pelo professor e estudante renascerão lapidadas pela: competência intelectual, idade e sexo, fatores emocionais e sociais, motivação, concentração, reação, realimentação, memória, hábitos de estudo, pois, estas características essenciais devem ser levadas em consideração se o professor oferece diversas formas de trabalhar e aprender com alternativas de raciocínios.

O trabalho no módulo tutorial revela-se como *meio técnico de construção de mensagens e de transmissão* que sustentando a abordagem construtivista, cuja máxima é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio. A idéia de que o indivíduo é agente ativo do seu próprio conhecimento, constrói significados e define o seu sentido e representação da realidade de acordo com as suas experiências e vivências em diferentes contextos (STRUCHINER e GIANNELLA, 2005).

No que pude entender junto a Malheiro (2008), o professor tem uma alta dose de cumplicidade no que tange à sintonia, com os sentimentos dos estudantes, suas motivações e diversos temperamentos, identidades e culturas multifacetadas, que obviamente interferem em suas histórias de vida pessoal, grupais, e de estudo ao longo da formação. Instante a instante, as especificidades dos estudantes, precisam ir despontando para que possam ir sendo trabalhadas, numa sala onde se desenvolve, a exemplo, uma atividade tutorial. Tê-lo como viva percepção facilitará continuamente, a busca de novas estratégias de ensino aprendizagem, até mesmo porque estas, não se coadunam a todos da mesma forma. Somando como muito útil, o autor, acrescenta outras particularidades a meu ver de grande peso para refletirmos, como sejam as características do professor.

Do cotidiano com os estudantes tenho tido a oportunidade de encontrar imensos benefícios das discussões tutoriais em prol de todos nós, que de modo participativo atuam pelo que passo a sinalizá-los:

1. temáticas selecionadas são estudadas sob diferentes olhares;
2. raciocínio cativa a tolerância recíproca e a complexidade dos assuntos;
3. respeito a opiniões e experiências dos estudantes são muito estimuladas;
4. amplia os hábitos de aprendizagem solidária e cooperativa; ajuda a desenvolver habilidades de síntese e de integração;
5. marca a co-produção do conhecimento;
6. instiga os atores a reconhecer as suposições facilitando a aceitação de informações ou teorias contrárias às crenças tradicionais ou ideias prévias;
7. auxilia o trabalho em equipe, coleta de informações, produção de conhecimento, organização e síntese de ideias, comunicação, argumentação e elaboração de relatórios de pesquisa e por fim ensina a pensar (aprender a aprender), no envolvimento dos estudantes favorecendo um relacionamento feliz do professor-estudante.

Trilhando o trabalho grupal mais amplamente, este permite que todos expressem seus saberes prévios, buscando identificar de que problemas tratam a situação. Os movimentos de identificação do problema e de formulação de possíveis hipóteses são favorecidos pela explicitação de ideias, associações iniciais e vivências; de percepções, sentimento e valores; dos fenômenos e mecanismos que fundamentam as possíveis explicações até a formulação de hipóteses.

O grupo explicita suposições, conjecturas e proposições. A explicitação dos saberes prévios ajuda o grupo na identificação das fronteiras dos seus conhecimentos em relação

à situação apresentada. A identificação dessas fronteiras orienta a elaboração das questões de aprendizagem que visam enfrentá-las.

Após o levantamento das diferentes percepções sobre o problema, o grupo formula explicações e hipóteses que serão a base para elaboração de questões de aprendizagem direcionadas a checar e/ou fundamentar as explicações formuladas. As questões de aprendizagem orientam a busca de novas informações. Embora, produzidas ao longo de todo o trabalho, o grupo seleciona as questões consideradas fundamentais para que todos estudem sendo objeto de discussão da próxima sessão tutorial.

Preferência é dada à formulação de perguntas que requeiram análise ou avaliação, ou seja, questões que buscam correlação e que possibilitam a construção de associações entre a situação e a realidade (PPP, 2009). A busca por novas informações é realizada pelos estudantes da forma e onde considerarem mais adequado.

O Curso oferece um conjunto de referências disponíveis como acervo, na forma de livros e revistas científicas. O acesso aos bancos de dados e bases de publicações indexadas também é estimulado. Para algumas situações, essa busca poderá envolver a coleta primária de dados por meio de entrevistas e visitas de observação.

A sessão tutorial dispara a articulação com espaços de construção do conhecimento, como já destacados anteriormente, a atividade auto dirigida e as instrutorias. Os estudantes têm períodos reservados durante a semana, considerados espaços para o estudo auto dirigido, nos quais podem dedicar-se à busca de novas informações.

Atividades programadas e orientadas por professores instrutores nos laboratórios das ciências básicas e nos de habilidade, também são fontes para busca de novas informações. A busca e a discussão dessas novas informações, orientadas pelas questões

de aprendizagem, permitem a teorização e a construção de novos significados para melhor compreender os problemas das situações processadas.

As novas informações trazidas são analisadas criticamente pelo grupo no que se refere à natureza, à relevância e às fontes. Novos significados fluem no confronto entre os saberes prévios do grupo e as novas informações como experiências consideradas válidas. A articulação ao conhecimento e à situação-problema que os desencadeou possibilitaram a contextualização com a realidade humana e social de maneira a suscitar novas capacidades cognitivas, atitudinais e afetivas, que irão ajudar em outras situações provenientes do real vivenciado por seus atores.

Importante salientar a avaliação da sessão tutorial que é feita habitualmente. O foco da avaliação é o aprendizado do grupo. Além da auto-avaliação e da avaliação entre pares, tutores e estudantes avaliam-se mutuamente, no sentido de melhorar o processo de ensino-aprendizagem e o trabalho coletivo. Para cada situação problema, o estudante realiza uma síntese individual, contendo os conhecimentos construídos individualmente e partilhados com o grupo. Essa síntese faz parte do portfólio e é avaliada pelo tutor.

A título de esclarecimento, a atividade auto dirigida (AAD), refere-se aos momentos de estudo independentes. É um espaço de construção do conhecimento, contextualizado no módulo tutorial. A busca de novas informações e conhecimentos ocorre de forma autônoma e tem como elemento condutor as questões de aprendizagem elaboradas pelo grupo na abertura e processamento de uma situação problema ou narrativa da prática. Nesse espaço, o estudante efetua suas buscas por novas informações, livros, periódicos, manuais, pesquisa em base de dados, entrevistas, entre outras fontes.

Seguidamente, o espaço de estudo auto dirigido pressupõe a distância física entre o educador e o educando e os demais colegas que compõe o grupo. No entanto, não se distancia da relação construtiva e dialógica entre atores e envolvidos no processo educativo (STRUCHINER e GIANNELLA, 2005). Dois ambientes institucionais dão suporte à AAD, o Centro de Capacitação em Base de Dados (CCBD) e a biblioteca.

As conferências - são atividades programadas semanalmente. Elas têm a duração de duas a três horas e podem constituir aulas expositivas, filmes, mesas de debate dentre outras. Os temas são perpassados pelas competências do período e com a situação-problema que está sendo processada na semana. Entretanto, o coordenador do período, seleciona e articula as temáticas e os conferencistas. Os debatedores são professores da própria instituição ou convidados, especialistas ou estudiosos da temática a ser abordada.

O espaço da conferência acontece sob uma abordagem expositiva e dialogada. Estudantes e conferencistas discutem o assunto proposto, a partir de uma apresentação expositiva. Como esses estudantes estão vivenciando a construção de novos significados para aquela temática nas sessões tutoriais e nas atividades autodirigidas, se torna significativa para o grupo, que traduz dúvidas e reflexões. É um encontro da construção dos grupos com os saberes do conferencista.

Entretanto, o intuito é de conciliar o fenômeno do presente estudo, com eventos subjacentes, definindo-se assim, interpretações complexas, mas necessárias, vista a tutoria como estratégia do ensinar aprender para os estudantes do curso de graduação em enfermagem, orientada pelo tutor que nem sempre reverencia a vontade ou a motivação a tal nobre propósito.

Nesse sentido, precocemente o estudante desperta para o objeto do conhecimento que deve estar relacionado a alguma necessidade deste, a cerca do qual elaborará uma

representação. Trata-se de buscar um conhecimento vinculado às necessidades, interesses e problemas oriundos da realidade do estudante e da realidade social mais ampla.

Significar um objeto do conhecimento, para que o sujeito se debruce sobre ele, implica em uma ação educativa no sentido de provocar, desafiar, estimular, ajudar o sujeito a estabelecer uma relação pertinente com o objeto, que corresponda em algum nível, à satisfação de alguma necessidade sua, mesmo que essa necessidade não estivesse tão consciente no início.

A propósito Demo (2009), junto a Thompson (2002), reflete os sujeitos que compõem o “campo sujeito objeto” que somado ao pesquisador, têm a faculdade de compreender e interpretar. Cabe salientar, que a Hermenêutica de Profundidade (HP), de acordo com o segundo autor (2002, p.363), resumidamente “[...] é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”.

Para tal, este acarreta um potencial inovador já que supera as abordagens tradicionais de ideologia, e introduz a propositura de sentidos, os discute e desdobra pela argumentação e debate num exercício constante de racionalidade argumentativa e comunicativa.

Por tal razão alinhava a hermenêutica de profundidade como contextualizando tudo que virá adiante, procedendo pela *interpretação da doxa*. Esta é sustentada de forma:

[...] uma interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social. [...] Muitas vezes as formas simbólicas são analisadas separadamente dos contextos em que elas são produzidas e recebidas pelas pessoas que rotineiramente dão sentido a essas formas e as integram a outros aspectos da vida. [...] e as maneiras como as pessoas situadas dentro delas interpretam e compreendem as formas simbólicas que eles produzem e recebem, é desprezar uma condição hermenêutica fundamental da pesquisa sócio-histórica, que o campo-objeto de nossa investigação é também um campo-sujeito em que as formas simbólicas são interpretadas pelos sujeitos que constituem esse campo. (THOMPSON, 2002, p.364)

Importante, trazer ao liame desta compreensão o que se apresenta no diz respeito ao objeto de investigação social, quando nos leva a considerar que é:

[...] *ele mesmo, um território pré-interpretado*. O mundo sócio-histórico não é apenas um campo-objeto que está ali para ser observado; ele é também um *campo-sujeito* que é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas quotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor. (THOMPSON, 2002, p.358)

Dia a dia, a tutoria nos apresenta um fluxo contínuo de palavras e imagens, informação e ideias, a respeito dos acontecimentos que têm lugar para além do nosso ambiente social imediato. O professor tutor se torna ponto de referência comum para muitos indivíduos, que podem até não interagir um com o outro, mas que partilham, em virtude de sua participação numa cultura mediada, de uma experiência comum e de uma memória coletiva. Portanto, o cotidiano tutorial se compõe de gestos, atitudes, posturas, atitudes, falas, imagens, textos, mensagens escritas, desenhos entre outros.

Com Thompson (2002), percebe-se ainda uma *análise formal ou discursiva* que leva a entender as formas simbólicas como construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada, baseando-se em suas características estruturais, padrões e relações, considerando que formas simbólicas são produtos de ações situadas que estão baseadas em regras, recursos, disponíveis.

Na nova proposta curricular, o estudante deixará de ser o receptor passivo e, adota uma outra postura de busca participativa e reflexiva, construindo o seu conhecimento a partir do contato, e do interagir com os objetos sociais abraçando tantas outras possibilidades de novos conhecimentos. Interessante que o educando deixa de ser aquele a quem se ensina e passa a ser um sujeito que aprende a aprender. No entanto, assumir essa nova proposta requer preparação, estudo e disposição para mudar paradigmas (TANJI, *et al.*, 2008 a).

Com base na descrição de Santos (2007), o contexto social traçado no cotidiano dos atores/agentes sociais ao uni-los num intercâmbio dialético suscitará a identidade sócio-individual para a concretude grupal que concebida como relação se torna homogênea e a transformação da realidade acontece sob o efeito da catarse.

Porém, acolhendo a inquietação acima, antes de prosseguir penso ser importante alimentá-la sutilmente, com as implicações crítico reflexivas acerca do bom modelo do profissional do ensino, o professor. Cabe a Sacristán e Gómez (1998), pontuar que relativamente a este se aplica a máxima de que entre a opção de se tornar um sujeito robotizado nas mais variadas tendências impostas pelo sistema, aniquilando-se o em seu caráter ideológico, deverá bitolar-se na prática como um seguidor de seus valores e idéias, principalmente.

Acrescentam os autores (1998, p.10), como válido e essencial à reflexão de que *a formação, pelo contrário, entendida como desenvolvimento profissional, é fruto da reflexão sobre a ação, ajudada por quanta tradição de pensamento tenha sido capaz de dar sentido à realidade educativa.* É dessa forma que a educação representa o clamor histórico dos fenômenos educativos ao longo dos tempos, evidenciando as culturas e civilizações no movimento da história do homem. Então, este a constrói não agindo pelo simples ato da necessidade, e sim como sujeito pessoal, liberto em tudo o que é, e o é.

Por essa razão me apoio em Saviani (2000) quando entendo a flexibilidade dos sujeitos no poder, que lhes é conferido de dominar certa situação, de forma a afastar-se ou intervêm, decide, escolhe, arrisca, assume suas escolhas, compromete-se por elas, e se responsabiliza. No entanto, junto ao autor posso refletir e aceitar que hoje, nos deparamos com a questão da legitimidade da educação no que deve convir à liberdade das pessoas.

Para tal, as opções pertencem aos indivíduos, no que cabe fixar ideais e objetivos para outrem, desenha na educação reflexões apelativas que necessitam ser validadas, por quem as vive como sejam, os professores e estudantes. A mudança está atrelada à transformação do mundo pelo trabalho, ou melhor, a educação em termos concretos de sua atividade.

“A maneira pela qual os indivíduos manifestam sua vida reflete muito exatamente o que são. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem quanto com a maneira pela qual produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção”. (MARX, 1980, p. 46)

No liame do entendimento para Costa e Rauber (2009), no decurso dos anos a implantação das primeiras escolas de ensino superior no Brasil, suas políticas pedagógicas e de inclusão social surgiram motivadas por uma sociedade mais igualitária e democrática. O processo de globalização instaurou a mercantilização do ensino, extraindo do Estado políticas educacionais. De outro lado, a percepção de que a educação superior adentra no direito público presenteado pelo Estado com qualidade, democracia e comprometido com a dignidade do povo brasileiro.

A formação pelo educar é impregnar de sentidos as práticas e os atos, partindo-se do cotidiano vivido, em que os estudantes de enfermagem se colocam envolvidos nas necessidades e interesses comunitários, das exigências de uma sociedade planetária já que precisam ser pedagogicamente trabalhadas, e pela ação destes, a aprendizagem é aplicada à prática social (CÔRREA *et al.*, 2007).

Na experiência atual vale (re) significar o que se aprende para que ao produzir outros sentidos os estudantes tenham a possibilidade de ao inserir-se na tutoria, tenham a perfeita noção de que precisam perturbar e serem incomodados diante das dificuldades, para que se opere a mudança pela transformação social. Assim, as ideias se convertem em comportamentos corroborando com o autor anteriormente, apresentado:

Se o conhecimento não nos desinstalar da poltrona confortável da acomodação irrefletida, não é digno deste nome. O sentido último do conhecimento que nos dignifica como sujeitos é justamente a desinstalação e o espanto que lançam cada ser humano, em particular, de outros significados que transformam nosso modo de ser no mundo. (CÔRREA, 2007, p.14-143)

Em Morales (2009), instiga-se para a importante reflexão de como nos vemos a nós mesmos. Pergunta que move meu cotidiano profissional, pela autenticidade do continuar a cada dia melhor, reunindo relações educativas sim, mas também vínculos afetivos porque por mais que queiramos, com base no autor concordo com a máxima de que: *transmitimos mais do que ensinamos*.

Porém, há que se entender que neste novo prosseguir de ações tutoriais a forma como as condutas do professor são captadas pelo estudante, irão repercutir em benefício ou não, na dedicação e incentivo dos mesmos, e automaticamente a reação daqueles influenciará no agir do professor.

Para além da fonte de conhecimento, e o mundo relacional, as universidades adquiriram um cunho fortemente comercial, vendo-se na necessidade de atender a um mercado capitalista tendendo para a formação superior. Reforça-se a necessidade das universidades, objetivarem como o maior bem, a produção do conhecimento e transmiti-lo pleiteando o crescimento do indivíduo e naturalmente da sociedade, contudo, a desregulamentação globalizante, tem feito com que esta última seja esquecida.

Relevante voltar a mencionar a estrutura organizacional do Unifeso como: o Conselho Diretor composto por presidente e vice-presidente. A Reitoria que integra o Chanceler, o Reitor, o Pró Reitor de Graduação, o Pró Reitor de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão e o Pró Reitor de Administração. Ainda, o Centro de Ciências da Saúde (CCS), apresentando a Diretora e seguidamente as Coordenações dos Cursos de Medicina, Enfermagem, Odontologia como também as coordenações específicas do Curso de Graduação de Enfermagem do 1º período ao 8º período; somando os tutores;

os cotutores; os instrutores; os conferencistas; os monitores; e os tutorandos (estudantes).

Segundo Thompson (2002), aqui se enfatiza o aparato institucional de transmissão, desenhado pelas articulações institucionais que se caracterizam por regras, recursos relações, implicam relações hierárquicas de poder entre os indivíduos que ocupam as posições institucionalizadas. Os indivíduos em virtude disso, são dotados de diferentes graus de controle sobre o processo de transmissão cultural.

As diferentes instituições (o aparato institucional de transmissão) constituem o que se descreve como canais de difusão seletiva, ou seja, o conjunto de arranjos institucionais através dos quais as formas simbólicas circulam, de diferentes maneiras e em diferentes quantidades, no mundo social. A considerá-los de acordo com o ora apresentado, os instrumentos avaliativos; o texto científico; o trabalho de conclusão de curso e as publicações dele decorrentes.

Os mecanismos para implementação restrita vinculam-se à capacidade de armazenamento dos meios técnicos, já que as formas simbólicas podem ser empregadas como um recurso na busca de interesses e objetivos particulares. A difusão das formas simbólicas é um processo que pode ser regulado e controlado de vários modos. Então o aparato institucional de transmissão se constitui num conjunto de mecanismos de implementação restrita que tem como demonstrar esses aspectos de interação entre formas simbólicas e poder.

Novamente com Thompson (2002), o distanciamento espaço-temporal, permite que a transmissão de uma forma simbólica, aconteça pelo desligamento dessa forma, em vários graus, do contexto de sua produção, Então se distancia de seu contexto tanto espacial como temporalmente, e inserida em novos contextos estes podem ser localizados em diferentes tempos e locais.

Interessante porque a natureza e a grandeza do distanciamento variam de um meio técnico a outro a exemplo: na conversação rotineira, há relativamente pouco distanciamento espaço temporal, como acontece com o aprendizado para a tutoria, que após algum tempo os estudantes o esquecem.

Focando o contexto de copresença, este sinaliza que a acessibilidade das formas simbólicas é limitada aos participantes da conversação, ou aos indivíduos localizados na proximidade imediata. Ressalva-se, em que a forma não perdurará além da lembrança de seu conteúdo que desaparece rapidamente a exemplo: a fala suplementada através de certos meios técnicos, como altofalantes, telefones podem facilitar o distanciamento espacial ao mesmo tempo, que garante uma co-presença temporal.

Na continuidade a extensão de acessibilidade das formas simbólicas no tempo e espaço, onde a natureza e o grau de acessibilidade extensão dependem tanto do meio técnico de transmissão como do aparato institucional em que o meio e seus usuários estão inseridos. Com o autor *op. cit.*, (2002) a rede de comunicação baseada em computadores pode ser entendida em parte, como desenvolvimento que amplia a acessibilidade no espaço e no tempo enquanto dá aos usuários dessa tecnologia maior flexibilidade sobre as condições de seu uso.

CAPÍTULO III**A PRÁTICA DA TUTORIA: REVELANDO A ESSÊNCIA DOS RELATOS DOS PROFESSORES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO UNIFESO**

Fig. 7 - A Rainha pela mão do artista

*E todo mundo, ao ver a rosa,
Parava,
Para prestar-lhe a submissão
de um olhar ou a vassalagem
de uma ternura emocionada*

Neif Mattar (1978)



Fig. 8 – A Rainha Isabel de Aragão



*A Rainha Isabel de Aragão
A Prática da Tutoria: Revelando a Essência
dos Relatos dos Professores do Curso de
Graduação em Enfermagem do Unifeso*

A Rainha Isabel, é uma presença viva, desde o dia que nasci. Hoje me proporciona “mergulhar” através de sua história em especificidades tão úteis para o momento que me encontro como sejam: simplicidade, dedicação e verdade.

O pão que sobrava dos banquetes no palácio eram distribuídos com os pobres pela rainha, que os levava escondido em seu manto, pois o seu esposo não poderia saber. Certa feita ela foi surpreendida por ele no jardim, que, curioso, perguntou o que levava. A rainha disse que eram rosas. O rei, com um gesto brusco, puxou-lhe o manto e caíram rosas.

Mattar, (2002).

Subir o Everest é algo avassalador como desafio. Chegando ao topo, perde o encanto. O jeito é subir de novo. A realidade descansada na extensão definitiva nunca foi real. Para sermos felizes temos de inventar grandes causas, ou pelo menos cercar a rotina com alguma surpresa.

Demo (2009)

Este capítulo é constituído de três unidades temáticas, tal como seguem:

1ª UNIDADE TEMÁTICA

- A Formação e a Prática do Professor Tutor no Contexto Profissional do Unifeso;

2ª UNIDADE TEMÁTICA

- A Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor Tutor;

3ª UNIDADE TEMÁTICA

- A Prática da Tutoria em Enfermagem: Ato e Ação.

[...] É olhar no olho do sujeito e dizer para ele se foi suficiente ou insuficiente e nesse sentido, é muito mais fácil dar o suficiente. O que nós estamos construindo vai além da situação do papel, além do conhecimento construído, estamos construindo uma pessoa para cuidar no mundo da sua especificidade, eu vejo isto.

Anaue

1ª Unidade Temática

A FORMAÇÃO E A PRÁTICA DO PROFESSOR TUTOR NO CONTEXTO PROFISSIONAL DO UNIFESO

Esta unidade é composta dos seguintes tópicos:

- 1-** A cultura na formação profissional do professor tutor
- 2-** O cotidiano da prática profissional do professor tutor
- 3-** A interação da metodologia de ensino tradicional com as metodologias ativas

Os tópicos anteriores abordaram as implicações teórico práticas frente às situações sociais concretas do dia a dia dos professores-tutores no Curso de Graduação em Enfermagem. Desde a formação profissional, os agentes sociais se transformam através de suas conquistas progressivas, mediadas pelas mudanças históricas, políticas e educacionais. Estas modificações são adstritas aos sujeitos no sucedâneo dos espaços que ocupam, de modo acessarem as exigências algumas das vezes impostas pela Instituição, que são travadas a serviço de uma prática docente.

Tal realidade proporciona a observação de caminhos diversificados em relação aos sujeitos, que irão compor a arquitetura do estudo. Porém, cabe mencionar a construção de novos percursos pelos agentes sociais, no processo de formação, avanços e retrocessos objetivando a profissão. Esta se carregou de características sócio-históricas e de outras culturas, talvez tão desiguais entre si.

Não posso de forma alguma deixar de reportar a Thompson (2011), pois o mesmo posiciona o indivíduo no contexto social, e acrescenta que eles se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico. Concordo que o

crescimento intelectual, com o qual os indivíduos se deparam no transcorrer da época moderna, os pode fazer mais ou menos poderosos, pelo uso do conhecimento que absorvem e disseminam no cotidiano de suas vidas.

Cabe destacar, a junção do desenvolvimento institucional que sempre se emparelha fazendo com que formas simbólicas emanadas de manuscritos, textos, livros, imagens, televisão, rádio, rodas de conversa, processos educativos, regras de convivência dentre outros eventos, germinem e se reproduzam ficando assim, amplamente dispersas no tempo e no espaço.

Assim, esta unidade traz os trajetos percorridos pelos indivíduos que no ritmo de suas vidas decidiram pelo professorado. Para tal, surgem implicações frente às situações concretas, em espaços de tempo no cotidiano profissional, diante do modo como os sujeitos em suas especificidades, se modelam devido às circunstâncias sócio históricas no processo de ensinar aprender na formação em enfermagem.

Retorno do passado e resgato na formação dos professores tutores, o ensino tradicional, imbricado por processos historicamente específicos, onde se reconhecem contextualizações sociais bem expressivas de suas trajetórias profissionais. Estas incorporam fenômenos culturais, que pelo fato destes sujeitos estarem inseridos em contextos sociais estruturados, produziram, transmitiram, reproduziram e receberam ações, objetos e expressões significativas, que rotineiramente necessitam ser interpretados por eles como agentes sociais, no curso de suas vidas diárias.

Entretanto, aclamaria para a construção de formas mais complexas de significados porque capitais sociais, discursos, ideias, formação, textos, falas, mesmo origens sociais carregam traços característicos, de contextos próprios vividos por estes atores.

1- A cultura na formação profissional do professor tutor

Como situação relevante e destacada por uma pequena parte dos professores foi

- *A cultura na formação profissional*. O descrito pode ser observado nos depoimentos que se seguem:

Na minha graduação todos os professores que trabalharam comigo, se preocuparam em formar um profissional enfermeiro, nunca poderiam imaginar que hoje ou amanhã eu estaria na docência. Eu fui formado um profissional enfermeiro. Estar na docência significa fazer outra formação para dar conta dos meus alunos. É isso que eu acho que está faltando na formação do enfermeiro, ele é um educador. (CALIEL)

[...] tive essa formação como educadora inclusive com didática na formação. Fiz licenciatura também, fui formada como educadora. A minha formação foi como profissional de enfermagem e educadora. (LAUVIAH)

[...] porque eu também sempre quis dar aula, fui monitora de farmacologia, sempre tive apreço pela docência, só que não pela metodologia ativa, desconhecia-a. (SEALIAH)

Eu precisei aprender várias linguagens comecei por um grande desafio em ser docente muito cedo em 1989. [...] eu assumi a coordenação de ensino. Sempre tive como proposta essa forma diferente de abordagem, trabalhei e fui estudiosa durante um período de um grupo da própria UERJ, me formei lá como enfermeira e docente também. (MEBAHEL)

A formação dos professores tutores se contextualizou em épocas diferentes, e outras maneiras de pensar surgiram em virtude da situação política, do mundo cultural, das condições sócio-históricas e educacionais vigentes. Contudo, trata-se de um grupo heterogêneo, com uma representatividade predominantemente feminina e com graduação em enfermagem, numa faixa etária, situada entre os vinte e nove a sessenta anos de idade.

A maioria passou por mudanças radicais advindas de preceitos constitucionais da Carta Magna de 1988, no que diz respeito a movimentos educativos e de formação profissional. Portanto, os professores reivindicaram transformações em seus modos de vida, trazendo ações e expressões significativas, manifestações verbais, símbolos,

leituras interiorizadas que irão repercutir em suas posturas e modos de agir, produzindo-se formas simbólicas tal como as conceitua Thompson (2002), sendo transmitidas e recebidas em contextos socialmente estruturados.

Todavia, pretendo realçar os traços e os elementos pertinentes contextualizados numa estrutura sócio-histórica, para que possa aprofundar o significado transmitido por todas essas e outras formas, vinculando-as à análise cultural. Este contexto é vivenciado na Instituição de ensino que alberga os presentes depoentes, onde toda uma estrutura humana, física, organizacional, curricular, didático pedagógico científico e legal, orienta e modela à sua feição, os que dela fazem parte. Daqui frutificarão construções significativas no movimento dos participantes, neste arsenal institucional e pessoal distintos, devido ao carisma individual e identidade profissional advinda da formação, que cada um deles.

Em relação a essa especificidade, cabe destacar o que segue:

[...] Trabalhar com um currículo integrado implica grande esforço e mobilização no que se refere à nova proposta pedagógica. [...] Essas iniciativas, portanto, não podem ser tarefa exclusiva dos professores, isoladamente, mas devem ser responsabilidade das instâncias e unidades técnico-políticas de gestão dos serviços de saúde, da universidade e da população. Ou seja, como se trata de trabalhar sobre a realidade, de transformar o processo de trabalho estabelecido e promover mudanças profundas nas relações, é preciso que o compromisso e a decisão de fazer parte do processo sejam institucionais e não somente de atores isolados.

(COA-UNIFESO, 2010, p.11)

Assim, torna-se necessário a articulação eficiente entre todas essas teias, para que a estrutura de ontem, do aqui e agora, e do futuro próximo dos atores sociais, possa absorver contextos já consolidados. Assim, brotará com certeza, um emaranhado de significados, até porque os indivíduos carregam em si mesmos o capital social e cultural que os formou. De certo modo, com particularidades que entre eles os diferencia, aonde quer que se encontrem e com quem estejam, no tempo e no espaço, produzindo por isso, identidades e/ou subjetivismos próprios.

Dessa forma, entendo que o percurso de vida destes sujeitos carregará marcas de toda uma história e experiências passadas, que a sinalizam quando se reportam aos ambientes pelos quais transitaram. Assim, ou se referem a eles próprios, como fruto daquilo que seus professores em tempos de formação de outrora foram capazes neles reproduzir transitando toda a vida, entre formas simbólicas, mediadoras da cultura moderna, em vista do desenvolvimento social que os move na atualidade.

Neste percurso, com certeza, as situações perpassadas pela cultura necessitaram ser analisadas como sendo:

[...] o estudo das formas simbólicas - isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos - em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. (THOMPSON, 2002, p.181)

Prosseguindo, num vai e vem entrelaçado do que se pode compreender, refletir e de agir em função de tudo isso, observo um ligeiro desconforto nas expressões de alguns depoentes quando se reportam à formação, apesar de se encontrar há quatro anos realizando tutorias, como *Caliel*: “*Estar na docência significa fazer outra formação para dar conta dos meus alunos*”. Trás em seu bojo um empobrecimento, motivado pela falta de preparo frente às circunstâncias impostas pelas mudanças e pressupostos curriculares, unificados pelos aparelhos institucionais vigentes.

Percebo algumas contradições que sobressaem, e as considero importantes, já que não entendo como este professor tutor, ciente de tal situação, e acareando-se desse modo, nada realize. Constato que frente a uma frágil formação por ele assim pontuada, no ausente preparo como educador, o mesmo continue em seu cotidiano mantendo e reproduzindo as lacunas identificadas. Sejam, no cognitivo, nas atitudes, e no afetivo de seus estudantes, projeta igual formação por ele mesmo considerada pouco qualificada, quanto mais ainda hoje, realizando uma metodologia de ensino diferente da tradicional.

Ao contracenar com o depoimento de *Caliel* sucede a fala de *Lauviah* que merece destaque, porque exala poder, pelo que lhe foi construído transmitido e enobrecimento, facilitado na assimilação de algo mais, no transcorrer da trajetória conquistada pela depoente, sendo por ela considerada como uma fortaleza, quando o seu repertório é tão direto e forte, como segue: “*A minha formação foi como profissional de enfermagem e educadora*”.

Entretanto, um contraponto procede em relação ao exposto, pela última depoente no que tange ao *status* do qual se empossa. Instiga-me o pensamento, saber se algo de diferente fará em sua prática, já que no método de ensino tradicional a obrigação de ter que fazer, era presente. Agora diante do novo método, o excedente valorativo de professora, enfermeira e educadora, repercutirão numa formação de melhor qualidade.

Aqui cabe, justamente a ideia de que as pessoas espelham na vida o que são, realmente, sem tirar nem pôr. Porém, são o que são produzidas pelas circunstâncias, e muito pelo processo progressivo do desenvolvimento humano, que as acompanha para onde quer que se dirijam, no presente ou para o futuro, de um local para qualquer outro. Destaco o movimento instaurado e progressivo de mudanças culturais, políticas e sociais na educação e na saúde, e suas repercussões nos indivíduos.

Para tanto, o tempo no cotidiano das pessoas supõe que os acontecimentos se sucedem no contexto de um passado inacabado, e por essa razão, nem sempre a interpretação é possível por completo, como o reconhece tão bem, Ghedin e Franco (2008), porque os significados se investem de sentidos à medida, que são buscados na sua totalidade.

Porquanto, as exigências daí demandadas têm vindo a mobilizar o que foi transmitido e recebido, nos bancos escolares e universitários época por época, no

sucedâneo da vida de todos os indivíduos, acusando dificuldades, e entraves em se recepcionar o novo, ou seja, o diferente.

Em virtude disso, estabelecem-se contrapontos relacionáveis entre um ensino tradicional transmitido, que sempre os preparou literalmente, pela mão da segurança e a inovação desconhecida, que necessita ser executada para sustentar a formação dos futuros profissionais. Não somente os professores precisam estabelecer confrontos urgentes no curso da vida cotidiana, assim como, submetidos às críticas e conflitos, venham a ter posicionamentos diversos ou opostos.

Dessa forma, é a instituição que determina e resolve com a sua imponência arquitetônica e aglomerado poder hierárquico crescente dentre a diretoria do Centro de Ciências Sociais (CCS); Coordenações de Cursos; Pró-Reitoria e Reitorias, os melhores mecanismos de maneira a realizar com primor o processo de mudança curricular, a execução e a operacionalização da metodologia ativa, já aplicada pelos atores sociais.

Portanto:

[...] a troca de formas simbólicas muitas vezes envolve um aparelho institucional de transmissão. Por “aparelho institucional” quero designar um conjunto específico de articulações institucionais dentro dos quais o meio técnico é elaborado e os indivíduos envolvidos na codificação e decodificação das formas simbólicas estão inseridos. Essas articulações institucionais são caracterizadas por regras, recursos e relações de vários tipos; eles implicam especificamente relações hierárquicas de poder entre os indivíduos que ocupam as posições institucionalizadas. Em virtude de tais articulações, os indivíduos são dotados de diferentes graus de controle sobre o processo de transmissão cultural. (THOMPSON, 2002, p.224)

A contento particularizo os professores depoentes, que acabam agindo em seus cenários de atividades pela base da diferenciação, quando, porventura, conseguem sobrevoar determinados limites, suavizando-os em prol dos estudantes através de seus atos e de suas ações, que foram transmitidas no processo de sua formação profissional.

Interessante, a imposição, que acaba por se tornar “rica e instigadora”, já que os fenômenos precisam ser interpretados rotineiramente pelos agentes sociais, no

transcorrer do dia a dia. Tão bem é expresso pela entrevistada, *Lauviah* quando refere ter ouvido as pessoas de fora, traduzir opiniões um tanto que fragilizadas, acerca de uma nova metodologia de ensino-aprendizagem, que está iniciando.

A propósito, preciso esclarecer a expressão “rica e instigadora” motivada pela força do que consigo entender como significado do que se sente, pelo poder e uso da palavra transmitida ou mesmo pela postura adotada. Em suma como são fortes todas estas situações, apontadas, se sustentarem a argumentação, intencionando o convencimento, estratégicas se induzirem a algo que seja, e igualmente, verdadeiras fortalezas quando impregnam nos indivíduos concepções contrárias à vontade pela manipulação suave ou drástica, do ter que fazer, caso não possua sequer, o devido preparo.

Dito em outros termos, vislumbro um comprometimento sério e rigoroso, com a profundidade do fenômeno para além, somente das aparências que iludem. No entanto, importa destacar que os professores aqui envolvidos, receberam uma formação enraizada em métodos tradicionais de ensino-aprendizagem e que apesar disso, não lhes inculuiu um formato igual de agir, pensar ou atuar no cotidiano profissional.

Independente de tudo isto, estes fazem parte de uma arquitetura institucional, que de tempos a tempos, em virtude da vontade de seus atores ou impregnados pelos eventos regulamentadores, fará fluir a liberdade ou a imposição, diante de um circuito de uma variedade de formas.

Passo a conceber as alternativas possíveis que serão por estas adotadas, em virtude do modo como recepcionarem o que lhes é transmitido num espaço comum, ou seja, a circulação de um potencial simbólico distribuído entre os sujeitos. Cabe ressaltar, a troca do que produzem pela permuta do que recebem em espaços de interação humana, desenhados pela disputa das oportunidades oferecidas.

As considerações que passo a aludir em seguida, serão entremeadas, de registros institucionais, que envolvem os atores e suas impressões em mim, deixadas. Assim, conduzida adentrarei em (re) análises sucessivas para a praticidade da compreensão, daquilo que a título de reflexão é apontado por Geertz (1983, p. 5) como: “*o homem é um animal suspenso em teias de significado que ele mesmo teceu*”.

O faço em referência ao já relatado pelos entrevistados, já interpretado em prol da **cultura na formação profissional do professor tutor**, pela *formação profissional* adentrando na sustentação teórica. Se o faço é para que possa esmiuçar cuidadosamente, o campo sujeito objeto, fortalecido em Thompson (2002).

Que seja, na presença dos sujeitos e do pesquisador, pois em conjunto, todos têm a capacidade de compreender e interpretar o caráter das formas simbólicas. Estas se relacionam pela sua produção, armazenamento e circulação de materiais que são significativos, para os indivíduos que os produzem e os recebem.

Nos trechos dos depoimentos, outros aspectos afloram e por considerá-los meramente, importantes, pela preocupação que me despertam venho a destacar novamente, o sentido impregnado na fala de *Caliel*, já que na formação de professor o mesmo comenta, que sente em sua prática a falta do preparo de educador.

Concordo com autor que diz o:

[...] *processo de desenvolvimento de profissional docente*,²¹ que incorpora a ideia de percurso profissional, não como uma trajetória linear, mas como evolução, continuidade de experiências, trajetória marcada por fases e momentos no quais diferentes fatores (sociais, pessoais, políticos) atuam, não como influências absolutas, mas como facilitadores ou dificultadores do processo de aprendizagem da profissão. [...] mas sobretudo com as oportunidades de estudo e de reflexão [...] que lhe foi possível vivenciar desde o início de sua trajetória em direção à profissão.

(GIOVANNI, 2005, p.54)

Embora, seu teor seja substancial e simples dela absorvo um pouco mais, que me permite acrescentar na experiência do que vivencio também, de que a trajetória da

²¹ O grifo é da autora.

profissão, somente, se constrói pelo aprender a aprender, pois nenhuma formação por mais perfeita que seja, é completa, perfeita e única.

Retomando a *formação profissional*, transparece a especificidade própria do ser humano, detalhes que particularizam e identificam subjetividades de contextos histórico culturais, nos quais nos reconstruímos pela vida de relação social como sujeitos e objeto de análise. Nesta ótica concordo com Demo (2009), por ser imperioso incutir à unidade analítica um distanciamento retrospectivo com a intenção de deixar o objeto desnudado, já que as particularidades desta categoria, tanto podem estar no sujeito como no objeto, melhor ainda, no sujeito objeto.

Assim, destacando o que é abordado por Thompson (2002), minhas convicções se aclaram neste ponto, porque ele nos apresenta evidências acerca do objeto de análise cujo nascedouro, é uma construção simbólica significativa. Ainda sustentada pela certeza de que somos o que somos, porque provimos da complexidade de nossa história de vida. Portanto, a cultura prega o percurso das civilizações que refinaram o desenvolvimento do homem que na diversidade dos acontecimentos, arrisca, conflita e oportuniza discussão sustentável à crítica aberta.

Insurge aqui um terreno fértil entre o culto e o civilizado, à concorrência e à falta de solidariedade, uma vez que, os indivíduos são ainda fruto da desigualdade nata, que nos caracteriza como diferentes em capacidade e esforço individual. Portanto, exacerbasse à luz do autor o “contorno interpretativo” que dá graciosidade e vida à comunicação humana.

Esta se articula à formação do homem como um construto, o torna diferente a meu ver, no individual e automaticamente na vida em grupo. Daqui vale à pena ir refletindo acerca da capacidade mutável do sujeito, pois ninguém permanece o mesmo infinitamente. Este se vai moldando permitindo-se crescer e melhorar até mesmo como

profissional, já que os modos de convivência acabam influenciando, de alguma forma, mudanças em si mesmo.

Daqui as diferenças irão fluir já que se distinguem entre os sujeitos múltiplas produções posturais, formas de pensar e de ação, impactadas defronte à formação que receberam, alguns as reproduziram e outros as modificaram devido às circunstâncias mescladas pelas oportunidades oferecidas, ou conquistadas por si mesmos. Por outro lado, importa que eu priorize no desfiar do cotidiano dos indivíduos aqui e agora implicados, as ações simbólicas que a meu ver frutificam em contextos sociais estruturados.

Ao longo da trajetória de formação dos depoentes, acredito fortalecida em Thompson (2002, 2011), que as instituições culturais como a escola, a universidade, sendo meios de informação e comunicação, investem-se de um poder simbólico, possível de ser lido. Por certo, é este capaz de impregnar nos indivíduos reações, instigá-los a liderar respostas e acrescentaria até mesmo pensamentos, mostrando caminhos e decisões, induzi-los a crer e descrer e entre outros efeitos, originar eventos, através da produção e transmissão de um fervilhar de formas simbólicas, cujos padrões de significados incorporados a elas, poderão ser interpretados conduzindo à análise da cultura.

Evidente, fica que isto aconteceu e continua influenciando os agentes sociais por toda a vida, quando me deparo com os papéis ou funções que os indivíduos exercem durante o decurso da profissão. Com certeza que alguns deles se beneficiarão pela força da persistência ou pelo vínculo interesseiro visando o poder e o conflito, já que na maioria das vezes a qualidade não faz “*jus*”, sequer ao essencial.

Contudo, pode ser que algumas regras, crenças ou costumes sejam preservados, em prol da facilidade da acomodação ou então pelos medos e receios que toldam as

mentes mais fracas, do deixar para lá. Por fim, a ala daqueles que tudo procuram contestar, porque são fruto de críticas infundadas ou porque lhes foi doado por herança, ou devido a férteis ideais.

Outrossim, são contestadores, e compreendo na medida, que os afeta de modo significativo e por isso, as despojam impulsivamente. Para que isto não aconteça é preciso que se aceitem hoje mais do que nunca, como “ideólogos”²², no pleno e benéfico sentido, sob o olhar de Thompson (2002). Com o autor passo a entender que aos indivíduos lhes é dada a possibilidade como agentes sociais, que são, de respeitar e até recepcionar o pensamento do *outro*²³, que pensa diferente por não ser igual a eles.

Por conta disso, abraço e contesto os fenômenos culturais já que englobam sob a ótica do autor *op.cit.*, (2002), as ações, e as manifestações verbais do cotidiano, até mais incrementados como: rituais, festivais e obras de arte. De geração em geração são produzidos não como num espartilho, pois se acompanham de circunstâncias sócio-históricas particulares, que pesa e molda os indivíduos, e as instituições para as quais certos recursos, terão que ser utilizados pelos primeiros, já que detêm poder e autoridade.

São arquétipos de concepções enraizadas que somadas a contextos multiculturais estruturados, formam a multiplicidade humanizada. Portanto, talvez se ignore instintivamente a cultura sem alguma sutileza sequer, e quanto aos sujeitos se aculturam e se colonizam à sua frente, simplesmente. Todo este aparato de formação se projeta no tempo a locais distantes, e na vida dos indivíduos que agem profissionalmente, porque formados a serviço da formação dos estudantes de enfermagem, adquirem a noção de que o distanciamento espaço temporal pode acontecer da maneira, como é concebido:

²² Termo utilizado pelo autor.

²³ O grifo é do autor.

A transmissão de uma forma simbólica implica necessariamente o desligamento dessa forma, em vários graus, do contexto de sua produção: ela é distanciada de seu contexto, tanto espacial como temporalmente, e inserida em novos contextos que podem ser localizados em diferentes tempos e locais.
(THOMPSON, 2002, p.225)

Aqui a obediência perceptivelmente imperou durante longas décadas, no hábito e experiência cuja reflexividade, crítica e criatividade não eram muito usuais como prática de pensamento e de ação. Viver o espaço da formação é ascender barreiras pela força da superação que se impõe pelo gosto e prazer ao que se faz. É o espaço físico e humano do meio social universitário em virtude das peculiaridades contraditórias da ordenação exigida quando não resta sequer alternativa, senão adaptar ou fortalecer para ascender, indo adiante.

A propósito, o inverso também pode ocorrer diante do que se inova em termos de educação, já que hoje se apela para outras metodologias de ensino aprendizagem, mais livres, ativas e não tão duras. A contento, hoje é oportuno frisar que ao observar os professores atentamente, verifico que carregam fortes marcas de um passado geracional, porque se arquitetaram fechados, na inata rigidez transmitida, os eternos relicários.

Conforme constato no cotidiano, o crescimento profissional do professor deve estar sustentando-o uma noção de cultura que segundo Thompson (2002) necessita ligar-se continuamente ao poder revelado pela interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são colocadas em comum pelas pessoas que constituem o mundo social.

Em contrapartida, Dantas da Silva (2007), ainda reforça os conteúdos que não são verbalizados, por sua força implicada com certeza no mundo de relações, já saturado de falas repetidas entre as pessoas. Parece ser semelhante à postura daquele professor que se esforça demais sem, no entanto, convencer o estudante de que aprender é preciso, pois talvez não o experimente em si, sequer, como razoável conduta profissional.

Em síntese, na trajetória de formação profissional dos sujeitos entrevistados transporta de um passado ao presente uma preparação básica a ser transmitida, na prática cotidiana. Contudo algumas fragilidades e inseguranças despontam nestes, se confrontados com outros modos de formação diversos, do que receberam quando emergem posturas e maneiras de pensar contraditórias.

Diante dos novos desafios se reavaliam, estremecem e interpretam o que possuem como poderoso ou não, pela falta talvez, de um preparo mais específico, para o desempenho da profissão, também, como educadores, não somente, professores enfermeiros, há exceção de outros que são de outras áreas de formação como sociologia, nutricionalismo a exemplo.

No entanto, os professores-tutores sustentam um convencimento, não condizente de que a formação inicial, por si:

[...] garantiria não somente a base para a construção de um conhecimento pedagógico especializado, como também uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual [...] que deve capacitar o futuro professor a assumir a tarefa educativa [...], não pode ser negada ao longo de suas trajetórias a aquisição de conhecimentos. (CARDOSO, 2007, p.101)

Porém, está claro que as explicações dos depoentes são diversas do anteriormente colocado pela autora *op.cit.*, (2007), contudo, muito interessante a constatação não diria conclusiva, mas, determinante, e com a qual me identifico. Daqui os sujeitos proclamam a ausência de um preparo específico pedagógico, para a prática da formação, mesmo que o digam possuir. Em suma, permanecem numa tradição passada, consciente, e sem o convencimento de que conquistas se alcançam na base do que se age e reage, com o intuito de se evoluir pela transformação pessoal-profissional, ceifando o que se reproduz ofuscado pela dominação do “*ad perpetuum*”.

2- O cotidiano da prática profissional do professor tutor

A Formação e a Prática do Professor no Contexto da Vida Profissional revelam modelos de ensino no tempo e em locais específicos, conforme a leitura dos depoimentos, em que cinco dos depoentes retratam diferentes *modos de formação ensino tradicional e ensino nas metodologias ativas*, como ilustram as falas:

O ensino tradicional cabe na minha formação enquanto sociólogo, fazer rodas, estabelecer temas, colocar os alunos a pesquisar, sair do quadro, [...]. Não dá para considerar o ensino tradicional como uma coisa só, nocivo para nós. [...] eu já fazia a metodologia ativa durante a minha docência e isso talvez se explique pela minha formação em Ciências Sociais [...]. Sempre parti daquela perspectiva de romper com aquela visão tradicional, de professor dono da verdade, enfim. (ARIEL)

Enquanto profissional como enfermeiro há cinco anos, que estou formado e todo esse tempo trabalhando na instituição no Programa da Saúde da Família. Assim, procurava me informar como era a tutoria, o que estava acontecendo na tutoria, para saber o que cobrar deles [...]. (JELIEL)

Quando se está no modelo tradicional, você monta as suas aulas, provas, vai lá dá as aulas e acabou principalmente, nas universidades particulares. Eu estranhei muito quando saí da instituição federal e fui para uma particular porque, não se convive com os colegas, vai até lá, dá a sua aula e vai embora [...]. (ANIEL)

O estudante saiu com um perfil, mas sem preparo. [...] Nunca vi ninguém preparando plano de aula. Eu fiz essa instrumentalização através da pós. [...] lidamos com o estudante dia a dia e não sabemos dessa situação. (DANIEL)

O meu processo de formação vem sendo guiado por estratégias pedagógicas, diversas. Agora no mestrado estou com outras estratégias e agora eu vejo que o cenário tutorial além da linguagem verbal, que é explanada pelos discentes e é conduzida pela figura do tutor, existe também transmissão de informações a partir do corpo [...].Então foi no período de seis meses que tive a possibilidade de efetivamente trabalhar as questões mais significativas, da tutoria. (OMAEL)

Entre o passado e o presente, sobressaem as raízes próprias do lugar de onde os indivíduos estão falando, as origens, as crenças, as convicções, os terrenos culturais, as experiências e as histórias de vida. Transportados agora para um ambiente comum, designado universidade, os professores se conduzem ou são conduzidos na praticidade do professorado, integrando o universo da atividade cotidiana.

Mais uma vez, há a entoação, a natureza e grandeza do distanciamento que se identifica nos modos de formação no cotidiano da prática profissional do professor-tutor, sendo interessante quando colocam frente a frente o novo tempo de formação e o mais remoto, ou então nos espaços de trabalho tutorial. Aqui realça o autor que:

No caso da conversação rotineira, sem ajuda da eletrônica ou de outro equipamento técnico, há relativamente pouco distanciamento espaço-temporal. A conversação acontece numa situação que pode ser chamada de *contexto de co-presença*; a acessibilidade das formas simbólicas é limitada aos participantes da conversação, ou aos indivíduos localizados na proximidade imediata, e a forma não perdurará além do momento transitório de sua execução, ou da lembrança de seu conteúdo que desaparece rapidamente. (THOMPSON, 2002, p.225)

Os contextos sociais organizados de forma complexa, as desigualdades e as simetrias, passam de um contexto ao outro, sem as pessoas se aperceberem. Assim, os opostos (o antigo e o novo) são ressaltados, se associam e retratam os depoimentos dos sujeitos, como o típico tradicional que a todos contemplou e ficou gravado em cada um. Importa priorizar os locais especiais há tempos particulares no desenrolar da vida dos professores participantes, pela necessidade de serem reconstruídos, para que se possa compreender tais ambientes, e a ação destes, nos indivíduos. Esta inclusão se dá por processos idênticos, entre eles, no entanto, cada um prioriza modos de atuação distintos marcados pelo peso da historicidade humana.

Então, a experiência ganha e o aprendizado absorvido no passar dos anos, recriado em tantos outros, jamais envelhece porque se revigora e se torna novo. Por conta disso, há um rastro simbólico nas trilhas dos indivíduos que o compõem, não podendo ser esquecido muito menos ignorado. Por conseguinte, a análise social a ser realizada abarca campo-sujeito-objeto sem, separá-los de todo um contexto sócio-histórico tal como é: o Unifeso “empossado” numa transmissão cultural através da prática da tutoria pelo professor na formação do enfermeiro.

O que conta, neste caminho simbólico rotineiramente hibridado pela cultura particular de cada um, é que essas pessoas vão dando sentido a todo esse aporte de

formas continuamente, integrando-as a outros aspectos de suas vidas. É o que pode acontecer até mesmo, na construção do conhecimento, que os depoentes absorvem para si, no contínuo do tempo, já que o autor a seguir, dispõe acerca de:

Negligenciar esses contextos da vida quotidiana, e as maneiras como as pessoas situadas dentro delas interpretam e compreendem as formas simbólicas que eles produzem e recebem, é desprezar uma condição hermenêutica fundamental da pesquisa sócio-histórica, especificamente, que o campo-objeto de nossa investigação é também um campo-sujeito em que as formas simbólicas são pré-interpretadas pelos sujeitos que constituem esse campo. (THOMPSON, 2002, p.364)

Em relação à formação dos depoentes, outras situações espaço-temporais foram reveladas em consonância com os campos de interação, nos quais se deflagram espaços de posições, estratégias, que mobilizam as relações entre uns e outros, como ainda, as oportunidades de acessibilidade, que são diferentes para cada um.

Neste tópico continuo destacando fatores que influenciam a prática dos professores integrantes do estudo, certos *modos de formação*, e maneiras de comportamento correlatas às demandas institucionais. Cabe mencionar que *Ariel* adotou uma postura atemporal, assimétrica pela ruptura de padrões e regras impostas nos moldes tradicionalistas da sua formação. Assim, age em virtude da reflexão, criatividade, inovação e criticidade, modificando modos de agir e pensar recebidos em prol dos estudantes e de si mesmo.

Ou seja, absorvendo o que expõem Giddens, *et al* (1997), dá para compreender que o processo surge da reflexibilidade hermenêutica porque envolve a preocupação do sujeito. Este o faz, junto às situações e às práticas sociais cotidianas, como são os procedimentos acadêmicos durante a formação, na cadeia da reciprocidade professor-estudante, quando inseridos numa comunidade de partilha de significados.

Relevante acrescentar a ânsia de um bom preparo diante da realidade, ou até mesmo, a inquietação com a repetição de práticas, questionadas no interior dos sujeitos, e ainda o prestígio reconhecido a ambos os depoentes *Ariel e Aniel*, não enfermeiros,

por formação. Ainda somando as estratégias adotadas com a integração teoria à prática efetivada por um dos professores *Jeliel* como também, o seu interesse em ir acompanhando o estudante em atividade de estágio, para se manter informado da nova metodologia no módulo tutorial.

Corroboro com Tanji *et. al.*, (2010a), no que diz respeito ao movimento do ensino e da aprendizagem, ou seja, participar da formação unindo-a ao processo de mudança curricular é considerá-la a esperança de especificidades positivas para a preparação dos enfermeiros, conduzidos atualmente, pelo professor.

Haja vista o que acontece no meio de tantos receios, dúvidas e incertezas frente ao desconhecido, como se constata diante de certos argumentos aqui declarados pelos depoentes. Uma delas refere o curso de aprimoramento, como o fez *Daniel*, contudo, se admira diante das necessidades de seus estudantes, em relação a uma formação de qualidade, e nem mesmo assim, recém-instrumentalizada foi capaz de primar pela diferença.

Coerente, com o esforço, mesmo assim, capto nessa realidade vivida cotidianamente, riquezas e dificuldades um tanto que absurdas, e incoerentes, devido às colocações de algumas professoras como o revela *Daniel*, que concebe um perfil de enfermeiro, atribuído aos estudantes em formação, que com frágil qualidade são lançados na atividade profissional. Como entendê-la quando alude com precisão que os acompanha dia a dia e desconhece tal realidade.

Estas situações requerem a profissionalidade sábia e corroborando com Sacristán e Gómez (1998), quando definem que esta não foi criada unicamente pelo condão científico, mas também pelo senso crítico e ético que preconiza o melhor a fazer, a possibilidade e o modo de fazê-lo, nos limites das circunstâncias. Aqui se

objetiva um percurso ideal para os professores que se orientam pela nova metodologia de forma a torná-la bem sucedida para a formação profissional.

O que nos traduz *Ariel* quando comunica: *O ensino tradicional cabe na minha formação enquanto sociólogo, fazer rodas, estabelecer temas, colocar os alunos a pesquisar, sair do quadro, [...]*. Muito interessante o contraponto que se forma frente ao que se coloca na tensão dialética de se recepcionar a contradição quando o professor perpassado pelas questões curriculares de mudança se compensa no esforço mais que iluminado. Aqui venho a concordar com Sacristán e Gómez (1998, p.21), ao expressarem: *“As diferenças de origem consagram-se como diferenças de saída, a origem social transforma-se em responsabilidade individual”*.

As pessoas não utilizam apenas habilidades e competências do substrato material nos quais as formas em seu simbolismo são produzidas e transmitidas, como indica Thompson (2011). Por certo, que não, pois acrescenta que para codificá-las ou descodificá-las os sujeitos, recorrem ao conhecimento, suposições que frutificam dos recursos que os mesmos carregam para poderem mais facilmente, elaborar a permuta simbólica.

A situação que constato pela fala de *Ariel*, penso que ajudará a clarear o posicionamento do autor, pois nela sobressai a reflexão do depoente. Nele a formação de sociólogo diversa da dos colegas, que são enfermeiros, construída em bases tradicionais não minimiza de forma alguma, a sua atuação, que apesar, disso realça a diferença na melhor qualificação dos estudantes, e benefícios aos demais, no que coube a modificação da sua prática, se soltando dos muros rígidos da universidade.

Nas experiências dos professores vislumbro seus percursos profissionais mediados por sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica uma vez que,

informações e conteúdos significativos são transmitidos de um passado para um presente em que os professores aqui retratados carregam em si mesmos.

Nesta unidade - **A Formação e a Prática do Professor Tutor no Contexto Profissional do Unifeso**, sequer, são os moldes humanos mais rígidos, mas o fato de não poderem ser retirados das entranhas dos indivíduos, já que os concebo como constituído e constituinte, caracterizando assim, o professor como agente social. No que a sociedade o afeta e o transforma por simbiose, numa relação que eu tentaria ilustrar com a bela imagem, daquela mãe que amamenta seu filho. Tal relação é necessária, temporária à semelhança do que refere *Ariel* quando diz: “*Não dá para considerar o ensino tradicional como uma coisa só e nocivo, por nós*”.

Concordo com Silva (2005), quando alude que hoje, não se pode mais, falar do professor, mas, dele no contexto estruturado, desestruturado, ou seja, reestruturado, em virtude de não serem os modos de formação, que o determina, e sim as maneiras como o indivíduo concretiza dia a dia.

Dessa forma, atingir territórios tradicionalmente transferidos ao inová-los pela força, da subjetividade ora articulada a campos objetivos nos facultou a capacidade segundo Thompson (2002, p.13), de sermos (...) *sujeitos que produzem, recebem e compreendem as formas simbólicas como uma parte rotineira de suas vidas cotidianas*.

Para tanto, as realidades diárias sinalizam a produção de formas carregadas de grande variedade de fenômenos significativos, ações, gestos até rituais, manifestações verbais, escritos ou posturas. Estas são observadas e sentidas em diferentes contextos sociais mais ou menos tradicionais ou modernos nos quais são produzidas, transmitidas cujos territórios são fortemente bitolados pela noção de cultura.

Segundo as ideias do autor *op.cit* (2002), cultura acarreta em seu seio toda uma análise social desenhada pela valorização ou não das formas simbólicas traduzidas pelo:

caráter simbólico, relações de poder, rede de conflitos, e distribuição desigual de recursos ou capacidades que caminham de quem as produz para um receptor, num movimento de transmissão cultural.

A título de resumo das ideias explanadas até este momento, a passagem da cultura operante e vivenciada nas trajetórias dos indivíduos para esclarecer de que subjetividades e modos de ser próprios, ajudando-os a identificarem completamente. Estes extravasam identidades, que fluíram perpetuando domínios já enraizados, no contraponto interessante, de tantos outros que insistem positivamente em buscar novos saberes.

Neste prosseguir, reporto as falas dos sujeitos desta unidade, capto características comuns entre eles, como se a título de justificativa os indivíduos necessitassem para sua segurança se afirmar a partir do modo como se compreendem a si mesmos, diante das atitudes enquanto profissionais quando se debatem entre o que manter ou mudar no que lhes é cedido por herança.

Partindo desta referência associo as palavras de Gadotti (2003, p.62), por achá-las ricas de sentido no que à semelhança contrasta a formação e a prática dos sujeitos como acentua: *“O homem que trabalha não só com a mão mas também torna-se consciente do processo que desenvolve, dominando o instrumento que utiliza e não sendo dominado por ele”*.

Na continuidade da afirmação do autor, os professores são o que são, essencialmente, pela ação do conhecimento construído e a construir. Os indivíduos pela própria, e ânsia de saber podem mobilizar-se buscando outras fontes pela via da qualificação com o intuito de se fortalecerem. Entretanto, no início de carreira, utilizam a história de vida, o que adicionaram cognitivamente, e talvez dinâmicas ou mesmo

estratégias, para realizarem entre trancos e avanços, um cotidiano da prática profissional.

3- Interação da metodologia de ensino tradicional com as metodologias ativas

Ainda de um contexto ao outro, igualdades e desigualdades podem ser notadas quando os *métodos de ensino tradicional e das metodologias ativas agem e interagem* no cotidiano profissional dos professores tutores. Assim, três sujeitos evidenciam estes aspectos em seus depoimentos:

[...] eu aprendi é que de verdade não dá para jogar o ensino tradicional fora, pois, é algo que eu acabei observando aqui, em alguns colegas, em alguns autores, e em alguns discursos. Bom o ensino tradicional não é uma coisa só.
(ARIEL)

[...] acerca do ensino tradicional quando falo do único detentor do conhecimento e da sua transmissão não é para diminuir, pois, quando o assunto é a tutoria restringe-se um pouco essa prática. A adaptação ao método (metodologia ativas) o fato de ter saído de um método tradicional, ele me deu um embasamento muito bom, não só em relação ao conhecimento científico para estar na tutoria, até porque transito dentro da minha área de formação.
(MITZRAEL)

[...] o curso, deu um passo à frente em relação à construção do conhecimento em relação ao modelo tradicional. Eu penso que quem construiu o modelo na enfermagem estava muito inspirado, porque tem um diferencial, que eu acho fantástico, porque não é um trabalho solitário, é um trabalho em equipe, em conjunto. O docente saiu do trabalho autoritário, era a única autoridade dentro da sala, e os alunos saíram da posição de facilidade de ouvir, copiar e depois decorar.
(ANIEL)

O tópico agora apresentado articula-se na sequência dos dois anteriores porque se estrutura neles, trazendo ricos adicionais provenientes da interação das metodologias tradicional e ativa, que são filtradas pelos professores diante de suas práticas atuais. Na verdade acaba influenciando o antes, o agora e o após, quando um dos entrevistados consegue identificar na nova metodologia, pontos fortes do ensino tradicional.

Talvez porque pese demais em sua personalidade moldada nesses ditames, a metodologia tradicionalista, ainda assim, se preocupa em acrescentar que tudo isso faz parte de um grande contexto: a sua formação, a reduzida experiência, como professor, vivência de vida, o possível individualismo nascido da reflexão em volta de si, e a compreensão ausente acerca das origens e dos contextos.

Neste movimento simbólico anteriormente apresentado, identifico o aparato institucional, que conseqüentemente estará relacionado ao meio técnico, a fim de que possa articular os mecanismos para a implementação restrita das formas simbólicas produzidas pela especificidade das situações, acima enfatizadas. Por sua vez, as formas armazenarão a informação que se beneficia até difundida pode vir a ser, ou então empregue como um recurso na busca de interesses e objetivos particulares.

Caso isso esteja acontecendo, poderá vir a tornar-se maléfico ao meio técnico, uma vez que, a troca de formas simbólicas, envolve um aparelho institucional de transmissão. Daqui torna-se relevante que se proceda a um movimento de auto reflexão constante. Dessa forma, constato a positivamente da desenvoltura com que se lançaram os professores a expressá-las entre si, porque pontua o autor:

É um assunto de auto-reflexão porque ele indica que, ao se trabalhar com um campo objetivo, que é também um campo subjetivo, o processo de interpretação está ligado, em princípio, a sujeitos que constituem este campo, e que esta ligação, em tese, pode servir na prática para estimular a reflexão entre e por estes sujeitos. (THOMPSON, 2005, p.413)

Ainda, assim, fico instigada com tais percepções acerca da metodologia passada mais tradicionalista, pois percebo que não somente, a metodologia seja o alimento, que nutre o bom professor, mas essencialmente, a qualidade da formação, para além dos adjetivos e atributos que venham a polir ao longo de suas existências. Se fossemos assim, concebidos a difusão do que em nós foi produzido, não possibilitaria agora neste

momento, reconhecer tais contrariedades, por escassa sensibilidade e aprendizado, entre outras especificidades.

As ideias inovadoras e as características produzidas nos indivíduos ao longo de épocas, como a interação de campo a campo, marca-os profundamente. Os participantes refletem na contemporaneidade sua atuação enquanto professores, mas nem todos o fazem de igual maneira, já que dois deles, *Ariel* e *Aniel* não sendo enfermeiros de formação, têm uma sutileza distinta, o que instigou, não por comportarem mais anos de carreira profissional, mas porque expressam com significado o que lhes vêm do interior.

Portanto, os entrevistados revelaram cicatrizes boas ou ruins do que receberam ou resistiram ao longo dos seus cursos de formação. Devido ao entorno das épocas vivenciadas, em conformidade com as idades diferentes que possuem os tradicionalismos, que carregam se mostraram presentes, sem se aperceberem. Este fato é importante, como contraponto com o novo que estão vivenciando. Não o vejo como construto negativo, pelo contrário os depoentes o colocaram com espontaneidade, naturalidade e essencialmente liberados.

Determinadas particularidades do discurso de alguns professores tutores, devem ser ressaltadas emitidas como tenha sido a provocação educada e formal que acabou acontecendo e instigou minha atenção, entre *Ariel* e *Mitzrael*. Este abordou a questão do professor ser o único detentor do conhecimento contrapondo a posição do outro professor relativamente a seu discurso, a ponto de se pensar jogar fora, o ensino tradicional. A estas sutis cenas linguísticas aplica o colega o contra golpe, ciente de que o pode derrubar pelo simples fato de ser ou não enfermeiro.

De fato, não fosse a visão analista da situação propriamente dita, que me permite pontuar o que segue:

Damos o nome de hermenêutica à visão dialética, segundo a qual em particular as realidades sociais podem ser o contrário do que aparentam. É

preciso, para além de somar componentes analíticos, caçar os sentidos, os significados, as insinuações, os silêncios, o que se queria, ao final, dizer. [...] Conclusão: não se pode estudar qualquer realidade sem interpretá-la. Observar, por mais formal que possa querer ser, também é interpretar. A razão pode ser simples: somos sujeitos, não objetos; entidades subjetivas, hermenêuticas. (DEMO, 2005, p.36-37)

No percurso da formação humana e profissional dos sujeitos, foi interessante o quanto retrocederam da atualidade até ao passado, mais próximo para uns, do que para outros. Assim, tiveram como foco o ensino tradicional que lhes deixou significados e sentidos, marcas de tradições e de vastas culturas, como faces de uma mesma moeda que modelaram os indivíduos e se propagam em contextos particulares compartilhados por estes.

A primazia da categoria, tal como já delineei anteriormente, abarca a formação do professor resgatada num passado à atualidade, enfatizando a transmissão cultural vivenciada na trajetória humana e profissional, praticada pelos indivíduos. Tal realidade não pode desligar-se da neutralidade, se impregnada de aspectos da vida social onde a ideologia e caráter simbólico se tipificam, já que os fenômenos se encontram quase sempre inseridos em contextos sociais estruturados, segundo Thompson (2002), diante da concepção de cultura.

Como explanado, é necessário partirmos de outras situações, às vezes em nosso entender “adversas” e contraditórias, costuradas a princípios fechados e de enraizados ideais de nossa formação, para que possamos revertê-los. Embora, tal como aludem Dantas da Silva *et. al.*, (2010a), é gratificante quando os sujeitos se permitem mudar pela ação das situações reais, sejam humanas histórico culturais, científicas ou até mesmo, pelos cenários de ensino aprendizagem que ocupam objetivando-se novos modos de pensar e fazer educação.

Institucionalmente ocorrem mudanças, sejam na educação e saúde, que nos colocam como obrigatórias ou alternantes, objetivando uma melhor prática diária e de

formação profissional. A princípio piamente posso acreditar que o real é quase uma norma a seguir, dessa forma como se apresenta, e norteada pela experiência e depoimentos dos sujeitos, faço voz junto a Demo (2009), para aceitar que à primeira vista, o que parece, pode não ser o que parece.

Conflitos permanecem silenciosos, e se desnudam frente à uma análise mais minuciosa, pelo que se torna imperioso refletir acerca:

Como a ideologia é um discurso, para analisá-la é necessário passar pela capacidade de esmiuçar falas, captando não apenas seus sentidos aparentes, mas sobretudo os implícitos e as manhas e artimanhas das falas ideológicas comprometidas com o poder. (DEMO, 2009, p.36)

No depoimento de *Ariel* afloram particularidades neste sentido, como: [...] *aprendi que de verdade não dá para jogar o ensino tradicional fora, [...]*. Bom o ensino tradicional não é uma coisa só. Isso me incomodou um pouco na experimentação, tanto na literatura como no discurso de alguns colegas. Acompanhando *Aniel* esta enfatiza: [...] *Porque tem um diferencial que eu acho fantástico, não ser um trabalho solitário.*

Nesse sentido, discorrendo na vivência diária e habitual dos indivíduos, surgem outras formas simbólicas que se entrecruzam com relações de poder, reforçando pessoas e grupos que se fortalecem em determinadas circunstâncias particulares com o intuito de manterem a dominação. Daqui resalto o objeto de análise do presente estudo, para sob a ótica de Thompson (2002), poder concordar que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, e exige inevitavelmente a interpretação.

Porém, não será qualquer uma, por se tratar de um objeto de investigação social que representa um território pré interpretado, onde os indivíduos são capazes de compreender e interpretar pela hermenêutica da vida cotidiana. Denominada pelo autor igualmente como “*interpretação da doxa*”, descrita como Hermenêutica de

Profundidade (HP)²⁴, alcança-se com a sua ajuda mais amplamente, o contexto do campo sujeito objeto.

Acontece que a primeira fase ou procedimento agregado a mais dois estágios, compõem dimensões analíticas distintas de um processo interpretativo, complexo para o qual enfatizei neste primeiro momento a **análise sócio histórica** aplicando-a à prática do estudo e que objetiva em Thompson (2002, p.366): (...) *reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas.*

Porém, trata-se de situações espaço-temporais em que:

As formas simbólicas são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas (vistas, ouvidas, lidas) por pessoas situadas em locais específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais, e a reconstrução desses ambientes é uma parte importante da análise sócio-histórica. (THOMPSON, 2002, p.366)

De acordo com essa maneira de ver do autor, emerge a discussão teórica mais ligada à cultura e a análise prática das formas simbólicas em termos de argumentação mediada pela HP. Em Demo, (2009) se conjugam alguns contrapontos importantes, realçando a possibilidade de uma ruptura metodológica com a hermenêutica da vida quotidiana, a fim de que se possa olhar para além dos contextos culturais.

O autor *op.cit.*, (2009) enfatiza aguçadamente e que passo a expor, porque também com ele concordo, de que as formas simbólicas não devem ser analisadas separadamente dos contextos onde se produzem e são interpretadas. Para Thompson (2002), é suficiente limitá-las basicamente a opiniões e crenças, contudo, mal não se faz se incorremos na busca das histórias de vida, dos sentidos comuns e duplos, os modos de relacionamento, entre tantas outras coisas.

Assim, como nos instruiu perfeitamente Demo (2009, p.38): *Todo olhar é culturalmente plantado, mas diminui se apenas conseguir ver dentro de seu contexto cultural. Não há futuro sem passado, porém, o futuro precisa ser mais que o passado.*

²⁴ Utilizarei a sigla HP que significa Depth Hermeneutics, em vez de Hermenêutica de Profundidade escrita por extenso.

Defronte dos objetos sócio históricos que se multiplicam e mediatizam rapidamente, por detrás da mesmice repetida, vale aprofundar aquilo que pretendem significar nas posturas dos sujeitos.

Então precisamos parar e refletir para apreender a especificidade da comunicação em ato. Um toque genético, um espaço e o tempo, ou os meios técnicos na (re) construção das mensagens em seu percurso cotidiano, o esclarecem satisfatoriamente, quando indaga, Demo (2009).

Caminhando num tempo de transformações em cronologia de história de Educação em Saúde, ou seja, o processo de mudança estabelecida no campo da saúde para o campo da educação, os professores, têm sido marcados por imposições, rápidos raciocínios e também pelas adaptações explosivas. Os profissionais destas áreas precisam melhorar nesse movimento de mudanças os modos de: Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a viver com os outros; Aprender a ser;²⁵, com o intuito de produzirem junto aos estudantes uma nobre formação.

É um cotidiano tumultuado promovido por ditames legalmente educacionais, impostos hierarquicamente, diante dos quais, alguns professores obedecem e/ou silenciam, outros resolvem ir resistindo, e muitos deles se acomodam da melhor maneira, por ser mais fácil. Talvez valha a pena argumentar que os sobreviventes que restam atualmente, são em quantidade reduzida. Assim, tenho a percepção de que a solução cabível pode ter repercutido no modo de atuar ou até mesmo, no ir conduzindo o que se faz de qualquer forma desmerecendo a qualidade.

Nenhuma instituição fica impassível frente às exigências, esculpidas pelo processo de mudança curricular, que se encontra em contínuo movimento no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso, hoje e a futuro. É a sobrevivência em prol da qualidade

²⁵ Expressões utilizadas no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.

onde se uniram esforços encetados por todos os agentes sociais, desta instituição de ensino.

As orientações cedidas por Demo (1998) incorporam fortes contribuições quando sugere que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2001), deverão ser entendidas em sua amplitude, como suporte do PPP, motivadas pela multiplicidade de contextos e potencialidades enraizadas em nosso país. No sentido da mudança, é natural conforme ao PPP (2009), que esta tenha sido propagada à flexibilidade do currículo, às metodologias ativas de aprendizagem, à prática como alicerce à edificação do conhecimento e a tantos outros aspectos considerados essenciais.

Cabe mencionar ainda, que o currículo do curso de enfermagem se estrutura junto a quatro eixos, sendo eles: Semiologia ampliada do sujeito e da coletividade; Ética e Humanismo; Política e Gestão em Saúde e Construção/Produção do Conhecimento. Neste momento, passo a enfatizar o da *Construção e Produção do Conhecimento*, pelo forte significado que representa. Assim, se pondera, visto que construir-produzir conhecimento ocorre em todos os cenários e situações vividas pelos atores, no percurso do ensinar-aprender.

Saliento ser uma proposta afincada segundo Demo (2006), na qualidade formativa dos estudantes ajustada na aprendizagem, que jamais deixará de ser relevante porque, incute dinamismo, é constitutiva e se constituiu na reciprocidade de nossas vidas cotidianas, que se movimentam sem cessar. A ideia é que a formação é construída do novo valorizando a ideologia, sobrevoada pela transmissão cultural já que novas formas simbólicas conjugam nova importância, se passadas entre nós numa dialética não linear.

Talvez nos atenhamos ao que Demo (2009, p. 18-21), propõe desta maneira tão provocadora: “Todo resultado é decepcionante, porque é mais extenso do que intenso. [...] A realidade descansada na extensão definitiva nunca foi real”. Portanto, interessa

somar às máximas do autor a referência central da qualidade humana, por ele designada como participação. Seja o envolvimento, a autonomia que faz o todo e dele se diverge. Claro, mas conseguir olhar a realidade de fora, se a constituímos fazendo parte dela, é difícil.

Mais fácil ficará se a prática do professor estiver facilitando para o estudante o conhecimento, mobilizando o sujeito do aprendizado. É o processo de vinculação ativa do sujeito aos objetos de conhecimento. Dessa forma, representam dúvida as metodologias de ensino aprendizagem à mercê das necessidades, interesses e problemas emanados dos sujeitos e do real social mais amplo. Tudo porque os indivíduos não são passivos à influência das situações, pois vão construindo significados, sentidos e representações do que vivem consoantes, os contextos em que se encontram.

Com Thompson recupera-se uma visão dialética bem escancarada e saudável em que as falas dos depoentes sinalizam fenômenos, desenhados pela força do ensino tradicional, que continua ser um diferencial, devido a nos interessar pelo fato de suscitar nos professores de hoje, outros modos de atenção, até de olhar a realidade. Entretanto, neste cotidiano pode até acontecer que o professor venha a adotar posturas e comportamentos impressos nele, desde outrora.

Em analogia terá a convicta percepção de estar seguindo adiante, como refere Cardoso (2007), seja pela força do poder que obtêm uma identidade facetada pela transmissão cultural. Na contramão existem aqueles outros, que lutam e buscam outros saberes, no espaço de formação, em que vivem dia a dia, independente do que lhes é ofertado.

Porquanto, ancoram-se no que tem em si, no ontem, e seguem no hoje, tal como se expõe:

Em primeiro lugar, uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, [...] e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida [...]. Finalmente os saberes profissionais [...] são utilizados e se desenvolvem no

âmbito de uma carreira, isto é, de um processo de vida profissional de longa duração do qual fazem parte dimensões identitárias, e dimensões de socialização profissional, bem como fases e mudanças. (TARDIFF, 2000, p.13-14)

Prevalece então, a vontade de ir além, em busca de resultados melhores na produção do conhecimento, conferindo aos sujeitos maior segurança e domínio no que se transmite aos estudantes. A maior razão reside em movimentar o que já se conhece em prol que se desconhece em termos de uma consistente aprendizagem.

Ainda falta destrinchar de que maneira a construção do ciclo reflexivo está sendo operacionalizado. Como se articulará à ação do cuidar, pesquisar, administrar e ensinar entre outros. Interessante tais instigações e diante delas passarei a refletir no liame deste trabalho, quando a interpretação enfatizar a questão da aprendizagem, pois nela todas elas se unem em prol da formação em enfermagem.

2ª Unidade Temática

A ORQUESTRAÇÃO DA TUTORIA NO COTIDIANO DO PROFESSOR TUTOR

Esta unidade integra os seguintes tópicos:

- 1- A inserção do professor na tutoria em enfermagem
- 2- A capacitação do professor para o exercício da tutoria
- 3- As características do professor tutor
- 4- O significado da tutoria para o professor tutor
- 5- Os sentidos atribuídos à enfermagem e ao enfermeiro na ótica do professor tutor
- 6- A organização do processo tutorial
- 7- Os meios de suporte à sessão de tutoria

Os tópicos anteriores trouxeram ao lúmen do presente estudo, algumas das implicações frente às situações sociais concretas do dia a dia dos indivíduos. Estas foram (re) construídas sob o poder e o domínio de condições sociais e históricas em que a produção, circulação e recepção de um mundo simbólico de formas, desencadearam significados, oportunidades, recursos e respostas diferenciadas às pessoas envolvidas, nesse circuito repleto de sentidos, signos, símbolos e identidades.

Este fato tem acontecido com os participantes desta pesquisa, tanto no período da formação profissional quanto como atuantes no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso, que representa uma estrutura institucional de transmissão perpassada por regras e interações de poder e de cultura.

Por sua vez, é interessante, compreender que se desenham relações assimétricas de dominação em espaços onde os sujeitos se motivam ou não, pelo acesso diferenciado, fruto de oportunidades ou por conta de determinadas condições que

possam vir a usufruir. Também se somam as particularidades inerentes a cada um, produzindo-se expressões de um ou de vários que serão percebidas como tais, num mundo social envolvido por múltiplas culturas.

Para que sincronize o movimento de um significado ou mesmo sentido, necessito torná-lo próprio, frente às circunstâncias e aos contextos, como se tratasse de uma orquestra de sons sincronizados. Aqui se salientam as transformações alimentadas nos processos de interpretação e reinterpretação, em face de comentários, de argumentos, críticas, informações, ideias, atitudes dentre outros.

Falas e discursos movem os indivíduos de forma a conduzi-los à compreensão de si próprios, dos demais, nos espaços que ocupam em busca de suas metas, ou perseguindo os objetivos alheios, pelas facilidades que convidam à lei do menor esforço possível. No entanto, cabe o propósito, para que aluda ao tópico:

1- A inserção na tutoria da enfermagem

A Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor Tutor mostra *as especificidades da inserção do professor tutor neste espaço*, o que foi destacado por mais de metade dos depoentes e entre eles, os mais relevantes, como seguem:

No meu caso embora já esteja há 10 anos na docência do ensino superior, eu só conheci as metodologias ativas pela literatura. A FESO representou meu primeiro contato com a prática de tutoria, que está relacionada à metodologia ativa dentro dessa minha trajetória. Eu me considero um tutor, que por acaso tenho uma formação que não é a de enfermeiro, mas que me coloca perfeitamente [...] nesse processo de ensino aprendizagem [...]. Igual ao enfermeiro, claro que não! Não tenho a vivência técnica e também não tenho determinadas vivências teóricas da prática da enfermagem. (ARIEL)

Bom, a iniciação na tutoria no meu processo de trabalho se deu desde a minha formação. Assim que entrei para a docência comecei a transitar pelos dois métodos. Essa inserção na tutoria foi tranquila pelo acompanhamento de transformação que a instituição teve no sentido da metodologia. Bem, me

adaptei rapidamente a isso porque já tinha a consciência de grupo grande da transmissão do conhecimento e o tradicional nos deixava limitados, até determinado sentido, porque nunca explorou ao máximo o que podemos explorar de um aluno. (MITZRAEL)

A inserção na prática da tutoria, no curso de graduação em enfermagem, tem uma história. Foi engraçado, porque no início eu fiquei um tanto apreensiva, com essa mudança toda. Hoje em dia eu não quero outra coisa. Tem que conhecer o método. Claro que nós aprendemos a lidar com o método, no cotidiano. É um processo dinâmico, mas tem que conhecer um pouco do currículo [...], o Projeto Político Pedagógico, eu acho que é importante. Se não dominarmos bem o método, podemos nem dominar a temática conseguimos conduzir, mas agora se eu não domino nem a temática nem o método. (MIHAEL)

A minha inserção procedeu-se de modo diferente. Também caí de para quedas. Eu vivenciei o processo em período que não estava inserida já tinha começado o método novo, e eu ainda estava no currículo antigo. (DANIEL)

O tópico ora apresentado culmina com a inserção dos professores na atividade tutorial, ressaltando, dois deles, *Ariel* e *Mihael*, que tiveram simultaneamente o ingresso na instituição de ensino, Unifeso, para preenchimento de vagas em cenário tutorial. Relativamente aos restantes colegas, os mesmos já se encontravam no local, alguns lecionando ou mesmo em outros campos de formação da enfermagem dentro do centro universitário, só que cumprindo moldes tradicionais de ensino aprendizagem.

Há que pontuar neste fluxo interpretativo a inseparabilidade de um contexto social e estruturado anteriormente, construído na vida profissional destes indivíduos, e o agora, organizado de maneira complexa. Portanto, repercutem desigualdades e simetrias que permutarão de um contexto ao outro, pois, padrões de comportamento e demandas institucionais demarcam características, que irão repercutir em aspectos diferenciados no que tange à transmissão cultural.

O faço segura influenciada por Zabalza (2004), e concordando com ele, de que o meio universitário deve ser um sistema aberto, que flua num processo permanente de interação com o meio contíguo, para que se cumpram suas características sejam: o ambiente formativo dentro da estrutura organizacional que o comporta no que cabe essencialmente, atender a todos, com uma formação que se espera, de qualidade.

De volta aos sujeitos em tela, estes se impõem diante de mim, quando observo uma variedade de aspectos a eles inerentes. Assim, são originários na idade que possuem, tempo de formados, a formação profissional e a progressão a esta vinculada e encetada por eles. Tudo leva a crer que daqui se originaram múltiplas situações experimentadas pelos indivíduos rotineiramente em seu cotidiano, suscitadas de antemão, pelos diferentes movimentos políticos e sociais, pelos quais passaram fazendo-os a reagir por intermédio de ações e interações no âmbito dos contextos.

Além disto, somam-se as constituições individuais, legadas pela herança genética mais as adquiridas, que unidas à formação, podem produzir diferentes e distintos efeitos, como o analisa Thompson (2002), com especificidade alegando as características espaciais e temporais do contexto de produção. Aproveito para esclarecer que os professores deste cenário de estudo, são originários de localidades diversas (localização, características da região), contabilizaram culturas das mais variadas.

Entretanto, absorveram modos de falar e escrever possivelmente diferentes, que recepcionados pela visão, audição dos outros agentes, os impactaram motivando-os a agir e reagir. Importante, esclarecer que o autor explica que o contexto de recepção possuiu por sua vez, outras características podendo ou não coincidir ou sobrepor-se às produzidas e carregadas pelos indivíduos.

Não parece difícil a compreensão se os exemplos clarearem o assunto aqui abordado, quando através da leitura entendo o que Thompson (2002, p. 194), apresenta “como no caso da troca de manifestações verbais em uma interação face a face. [...] a pessoa que fala e o ouvinte partilham o mesmo ambiente local [...]”, e entendo a sutileza por ele distinguida ao se reportar ao tipo de meio técnico, pelo qual são transmitidas.

Continuando, compreendi que o meio acaba por ir ofertando seu potencial simbólico que adicionado ao que as pessoas antes já produziram irá nelas por adição,

suscitar a manifestação de tantos outros, potentes e facetados significados. Então, torna-se claro extrair a compreensão do relatado diante do depoimento de *Ariel*, que proveniente de outra formação profissional, pois, é sociólogo, acrescenta: [...] *acabamos desenvolvendo uma metodologia que é tornar o aluno uma peça fundamental para aquele momento de ensino e aprendizagem.*

No meio em que atualmente, se encontra, ou melhor, a enfermagem, esta o instiga constantemente, a percursos específicos, mas sem excluir a bagagem construída pelas ciências sociais, que lhe sustentam a formação. Em nada se fragiliza como tutor em exercício, cumprindo o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o julgo pela acareação espontânea de professor receptivo a se transformar, pela humilde sabedoria baseada no aprender a aprender, que nem a todos contempla, por vezes.

Nela cresce ao reconhecer: *“Igual ao enfermeiro, claro que não! Não tenho a vivência técnica e também não tenho determinadas vivências teóricas da prática da enfermagem”*. Apenas, acredito que para quem domina a leitura e a vontade de estudar, esta situação não o dominará e progredirá sendo bem sucedido.

Tomadas as falas dos sujeitos aqui implicados dá para sentir a variedade de posicionamentos e proveniências desencadeadas por seus aportes formativos, todos eles de certo modo limitados, pelas necessidades do sistema, à custa do sacrifício das demandas de si próprios, onde não lhes resta sequer a cumplicidade.

Em algures pude reler uma frase escrita por alguém num lampejo de luz, já que minha mente disparou no seguinte: “[...] *tentar inovar na universidade é como tentar mover um elefante*“. Tal assertiva se apropria, por semelhança, porque acabo vivenciando em parte, o que prolatam os participantes. Estes são demovidos do centro de equilíbrio, por várias vezes, num constante vai e vem tanto que se tornou séria a expressão vertical de *Daniel* quando acrescentou: *“Também caí de para quedas”*.

A ninguém é possível conceber confusas estruturas internas institucionalmente em prol de processos de mudança, onde modelos hibridados em vigência de outros se instauram, caso não sejam devidamente organizados. As repercussões advindas são sérias, podendo ser drásticas, pois se vivificam transformações a ritmo *record*, apenas, porque a instituição de um bem cultural passou a um bem econômico onde o lucro é o mais importante.

Em *Ariel* a marca do impacto, segundo a minha ótica, os ares da mudança, em si, na trajetória que me apresenta bitolada pela pressão da exigência. Julgo-o até voluntária ao revisitar seus enfoques e possíveis estratégias de atuação onde fervilham acontecimentos que incitam a comportamentos e atitudes, para além de seu espaço social imediato. Com Demo (2009), passo a entender que o que se vive na travessia dos tempos mais remotos que nos carrega deverá incorporar com certeza a dialética do desejo e da felicidade.

Na sociedade do conhecimento, reencontramos a qualidade histórica e cultural do humano, seja pela: democracia, direitos e obrigações, associativismo, educação básica obrigatória e finalmente, a ânsia de sermos felizes, no processo das buscas permanentes dos indivíduos. Outrossim, a ampla circulação de mensagens veiculadas entre nós, faz com que a comunicação de massa se torne um fator importante de transmissão cultural nas atuais sociedades ditas modernas, porque colaboram com a criação, estabelecimento e manutenção das relações pessoais e institucionais, se for o caso.

Aqui se combinam maneiras específicas para a produção, mercantilização e circulação ampliada das formas simbólicas como acentua Thompson (2002), modalidades de transmissão cultural que distintivamente articula um meio técnico, um

aparato institucional e certo tipo de distanciamento espaço-temporal, como explanarei mais adiante.

Enfim, são fases de vida e processos de profissionalização dos indivíduos, que os almejo distintos, se atenderem, no entanto, o sentido de formação elaborado por Zabaldá (2004), quando a ela, com redundância se refere, e plenamente concordo como sendo a formação formativa.

Neste propósito e como contraponto revela-se a título de partilha:

Minha impressão é que a formação (no que tange ao formato mais próximo ao mundo universitário) deslocou-se para o pólo exterior e está esquecendo o pólo pessoal. Na realidade, ficamos reduzidos a sujeitos com uma posição subsidiária: somos parte de um sistema e devemos nos adaptar (nos formar é igual a nos conformar) às exigências e às condições que esse sistema nos impõe. (ZABALDA, p.46, 2004)

No entanto, da minha parte a revolta expressa a sistemas fechados de formação, do gênero: “*manda quem pode e obedece quem tem juízo*”,²⁶. Embora apoiada no que o autor *op.cit* (2004), expressa este, demanda um confronto com a realidade dos sujeitos participantes a fim de que os mesmos possam interiorizar-se para discernir suas preferências e vontades, mitigadas em prol da concessão do novo. Mais alto entoa a imposição quase obrigatória do comando institucional, independente da vontade pessoal.

2- A capacitação para o exercício da tutoria

Pela leitura dos depoimentos, mais de metade (treze) dos depoentes interpreta *o movimento de capacitação* para o exercício da tutoria, e em consonância apresento o enxerto de quatro de suas falas, como abaixo:

²⁶ Ditado popular.

Tive alguns cursos de capacitação sobre esta nova metodologia. A minha maior capacitação mesmo no curso de metodologias ativas se deu através do curso de especialização, mas a fixação desse método foi num processo de ensino-aprendizagem de vida, era interessante porque nós aprendíamos com as nossas dúvidas e anseios, a buscar, mais. [...] foi a partir do momento da experimentação, enquanto aluno, onde vivi a mudança. (MITZRAEL)

Não tive uma capacitação. Tive uma grande professora, [...] ia para casa dela, e num mês ela me orientou, ensinou tudo. A minha capacitação foi ela, [...]. Então acabei não sentindo falta de capacitação, porque a tive com ela. (ANIEL)

No meu ponto de vista das capacitações que eu participei não adiantaram nada para o meu aprendizado, em ser tutor, ou conduzir uma tutoria. Posso falar sinceramente, aprendi a fazer tutoria na prática na minha leitura e com o curso de especialização. Isso mudou muito a minha cabeça do que é ser tutor, e conduzir uma tutoria. (MIKAEL)

Busquei dentro de outros cursos que já tinham essa metodologia na formação (...), e nós também, mas aprendendo meio que na prática. Na medida que se ia avançando nos períodos, nos cursos de capacitação, nós íamos ficando com mais dúvidas do que respostas. Assim, fazemos o processo que nós vamos ter que ensinar para esse acadêmico. Às vezes ele tem um tutor que está até atualizado, naquilo que é uma obrigação nossa, pois você acaba tendo que correr atrás de atualizações de novos materiais. Então a capacitação tem que ser constante. [...] não é capacitar no início para todo o sempre. (DANIEL)

A tutoria faz parte de uma metodologia hoje aplicada e vivenciada pelos tutores da instituição do curso de graduação em enfermagem do Unifeso, após a implantação do currículo integrado que aconteceu no 1º semestre de 2007. Em função disso, os professores necessitaram passar por diferentes processos de atualização.

Portanto, são relevantes as falas dos mesmos, destacadas acima, em função do caráter plural e complexo do percurso de socialização na universidade frente à sutileza da adesão metodológica em suas prioridades e sutis entraves. Assim, os considero essenciais, junto ao grupo dos sujeitos entrevistados, quando estes se lançam no novo caminhar com a metodologia inovadora, da forma como expressam, quando o foco é a capacitação.

Os depoimentos revelam as especificidades que traduzem o impacto inesperado da mudança tais como a surpresa e a expectativa, a experiência do fazer sem embasamento teórico-metodológico, atemporalidade do método descrito em estratégias

de ensino aprendizagem a necessidade de estudo e pesquisa. O professor neste desenho ativo de alteração do seu modo de se colocar diante do conhecimento, e de comunicá-lo se viu quase vacilando pelo que necessitou recorrer à sua segurança, nos limites dos contextos que foi vivenciando.

Entretanto o fez distintivamente retroagindo ao que já praticava recorrendo pelo uso do transmitido, e pelas diferenças sentidas, em seu cotidiano, para poder compensar o desafio imposto. Então é imprescindível começar por realizar uma práxis realmente transformadora, diante do percurso educativo e profissional, naquilo que entendo como necessário, quando neste pensar se aponta:

[...] terão de desenvolver tipos de relação pedagógica muito diferente dos que existem hoje em dia. E isso vai obrigar os docentes do ensino universitário a mudarem uma boa parte da imagem que têm da sua própria profissão. Terão de se atualizar, de criar dispositivos de atendimento dos alunos, de fomentar a sua presença em grupos de trabalho e de reflexão, de promover a integração dos jovens em equipes científicas etc. Em minha opinião, esta é a primeira mudança geral na Universidade, que tende a transformar a função docente no contexto universitário. (NÓVOA, 2000, p.132)

Novos caminhos na educação e na saúde continuam questionando as instituições sociais, neste caso a universitária, como espaço de posições ao exigirem seus atores a conformação a conjuntos estáveis de regras e recursos, produzindo relações sociais nem sempre compatíveis com a vontade destes, que as integram no âmbito do sistema educacional que representam. Seus valores vão-se destacando pelo processo de formação, enaltecendo os agentes reprodutores e naturalmente a cultura, a eles inerente. A educação precisa proclamar pelo todo, articulando teias de mudanças sociais buscando métodos inovadores para que com ela, alcancemos o homem escrito, pela sua própria história.

É relevante, salientar como os entrevistados se colocaram diante das mudanças educacionais, no curso de suas vidas diárias. Uma grande parte se deixou impregnar dos significados da implantação destas, e envoltos em outros sentidos, através de um

movimento de capacitações e cursos de pós graduação, dirigidos a tais intentos, se lançaram nas atividades profissionais como professores, e agora tutores.

Do grupo de depoentes, é importante ir sinalizando como cada um foi sendo preparado para poder enfrentar um cenário de ensino aprendizagem, denominado de tutorial. Dá para perceber que as modalidades e os atores que as ministraram foram diversos, bem como, as capacitações que para alguns deles, foram em número maior, e ao invés para outros foram inexistentes. No seguimento, os cursos de especialização, também como importantes na minha concepção, aconteceram em tempo e em locais variados, supondo importante, porque, nada em lugar algum, no tempo que urge movendo as pessoas, se mantêm inalterável.

Dia a dia, tudo se modifica inclusive os modos de pensar e de agir. Dessa forma, dá para entender que aquilo que foi transmitido para uns, e não para os outros, implicaram em diferenças, e ao tratar-se de questões metodológicas as “*nuances*” impostas de forma intempestiva e descoordenada pela mão dos entrevistados, poderá ter ocasionado desencontros relevantes, no percurso do que precisa ser seguido, adiante pelos professores, frente aos estudantes.

Aqui corroboro com a questão do significado e da intencionalidade pronunciados pela autora, quando diz que a metodologia hoje é entendida:

[...] fugindo, de um lado, daquelas abordagens apenas teóricas que não chegam a enfrentar a prática [...] isenta, a ser dominada e aplicada indistintamente e independente dos pressupostos teóricos que a sustentam. [...] entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO E DA INTENCIONALIDADE²⁷ como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. (MINAYO, 2004, p.10)

Basta olhar atentamente o processo de ensino-aprendizagem, limitando-o à reprodução do conhecimento, para encontrarmos um professor poderoso no simples ato

²⁷ As palavras, escritas em caixa alta são da autora.

de transmitir conteúdos, e o estudante como espectador recebê-los puros, no único esforço de repeti-los de igual modo, passivo e acolhedor reproduzindo-o, meramente na facilidade do acrítico.

Em contraponto, nos posicionamentos dos participantes deste estudo, estão em conformidade com o que a autora expressou anteriormente, como ainda, com o julgamento de *Daniel*, quando em outros momentos, refere achar não haver nenhum modelo ideal. Haja vista, que outros colegas dizem ter aprendido com a própria prática, apesar dos restantes terem sido trabalhados por algumas capacitações e um deles alegar que já executava a metodologia ativa e não sabia.

Na verdade, são diferenciadas as repercussões nestes professores aqui apresentados, no que os afeta no movimento da capacitação, para o exercício da tutoria. Igualmente, as respostas que irão resultar de tudo isto, produzirão efeitos heterogêneos o que de certa maneira, me inquieta substancialmente, quando o assunto é a formação dos estudantes.

Em consonância ao fenômeno educativo, mais especificamente a aprendizagem do professor que trabalha a formação, a considero uma atividade complexa, pois a noção de ser professor, me parece viver nebulosa na mente destes, incompreendida e conflituosa, quando se esclarece:

[...] ser profissional é, sobretudo, saber renovar a profissão, e isto advém das habilidades básicas, de teor processual metodológico. É isto principalmente que temos de aprender nas instituições educacionais. [...] estão incluídos todos os fundamentos da aprendizagem reconstrutiva também os metodológicos, que nos leva a questionar a ciência, a argumentar com propriedade, a manusear dados com capacidade interpretativa, e assim, por diante. Esta atividade metodológica não poderia ficar para depois ou para o fim do curso, porque é propriamente a porta de entrada. (DEMO, 2005, p.91)

Interessante quando passo a refletir acerca das falas dos participantes, e me deparo com *Aniel*, que quase por esforço próprio, unicamente caminhou sozinha, repetindo o que lhe foi passado. Acrescenta, argumentando que acabou por nem sentir

falta da capacitação, porque a teve com a colega que assiduamente lhe ministrava alguns dos seus conhecimentos, e alega por fim, não ter tido outro jeito.

Então, tantos pontos relevantes precisam ser tocados, quando me detenho na fala de *Daniel* uma vez mais, identificando a zona de conforto daqueles que não se movem para nada fazer, e os que se mobilizaram, mas, permanecem no seu canto, sem algo para partilhar pelo diálogo, acabando por se não darem a conhecer, muito menos, sequer o que fazem.

Sigo com o recorte do que pontua o autor, quando escreve:

[...] um indivíduo emprega recursos, baseia-se em regras e implementa esquemas com o objetivo de produzir formas simbólicas, para um receptor particular ou para um conjunto deles e a expectativa de tais formas, faz parte das condições de sua produção. (THOMPSON, 2002, p.200-201)

Para tanto, a ação, interação, produção e recepção das formas simbólicas são constituídas pelas características dos contextos sociais, conforme as necessidades dos sujeitos. As organizações, como a universidade estão aprendendo a aprender, pela força do aprimoramento; gestão de recursos; adequação às novas demandas como vimos, anteriormente.

Naturalmente, exige-se uma metodologia em que Zabalza (2004), afirma que as condições precisam ser adequadas para que haja situações melhores, em prol daquilo que se deseja modificar. O bom caminho se inicia para que se possa a partir desse pressuposto, entender o que Thompson sugere em relação às trocas de formas simbólicas, se analisadas através de três aspectos da transmissão cultural: meio técnico, aparato institucional e distanciamento espaço temporal.

Cabe destacar o meio técnico de transmissão, que é “o substrato material de uma forma simbólica, isto é, os componentes materiais com os quais, e em virtude dos quais, uma forma simbólica é produzida e transmitida” (THOMPSON, 2002, p. 221). Neste meio, abordarei por semelhança ao entendimento do autor, o substrato como o terreno

fértil, a sementeira feita através da capacitação ou o curso de especialização, que a todos os entrevistados sustentou, já que informações e conteúdos simbólicos foram fixados e transmitidos do produtor para o receptor.

De retorno às falas postadas dos sujeitos, dá para constatar que *Daniel*, foi relatando que as capacitações suscitaram mais dúvidas que respostas. *Mikael* enfatiza que “*as capacitações que eu participei não adiantaram nada para o meu ensino, em ser tutor, ou conduzir uma tutoria*. Ainda resgatando Thompson (2011), este explica que a natureza do meio pode ir variando a produção, e o intercâmbio simbólico.

Também *Mitzrael* vai reforçando o efeito da capacitação nele através do vínculo com a vida, cujo processo ensino aprendizagem, lhe facilitou a fixação do método. Parecendo opostos os três entendimentos, não o são, se complementam, pelo dinamismo que os impulsionou quase a todos, ao mencionar: “*Era interessante porque nós aprendíamos com as nossas dúvidas e anseios, a buscar, mais*”.

Aqui corroboram para eles determinadas condições (atributos) que quase sempre acabam por ajudar nesta fixação, seja, alterando ou revisando a mensagem ou os conteúdos simbólicos relevantes porque foram significativos, para os sujeitos. Os participantes foram apresentando as leituras, e aqui gostaria de destacar substratos materiais de grande importância a que se recorre gradativamente: Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs); o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI); o Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem e o Caderno de Orientação Acadêmica (COA), entre tantas outras literaturas em consonância com o tema.

Entretanto, surge a conversação face a face, a experimentação estimulada pelo aprendizado construído no poder que confere aos professores o diálogo, até mesmo a difusão eletrônica de áudio pela via de CD, e porque não a divulgação virtual pela

internet, já que de forma alguma descaracterizará os meios que venho analisando, por enquanto, tendo em vista o que é sinalizado pelos autores:

Tanto é assim que estudamos, aprendemos, conhecemos, experimentamos, para desenvolver tais potencialidades. Ninguém é simplesmente o que quer. Longe disso. Mas é possível alargar enormemente as oportunidades, se soubermos trabalhar adequadamente este equipamento e sua relação com o meio. Entre os extremos de uma natureza fixa que tende negar o potencial de desenvolvimento (nature) e a tábua rasa que imagina poder inventar qualquer potencialidade (nurture), há o fantástico meio-termo da aprendizagem reconstrutiva. Nem só “nature”, nem só “nurture”. (HARRIS, 1998, DEMO, 2000b, p.81)

Como pressuposto, de que a aprendizagem à luz do autor citado pode ser um processo reconstrutivo, acentua-se o interesse do ser humano, se mover em direção ao saber. Eis a condição “*sine qua non*” essencial à sua natureza biológica, cultural e social, com o intuito de recriar a realidade diante de si, para que possa continuar impulsionando sua história individual e coletiva, unindo-o à formação.

3- As características do professor tutor

Outro aspecto relevante e digno de registro foi abordado por sete dos professores entrevistados no que, A Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor Tutor, favorece as *características individuais e os reflexos no desenvolvimento da tutoria*, da forma como ilustram algumas das falas:

[...] que eu o que eu gosto de fazer dentre outras coisas, estimular esse aluno no seu desenvolvimento humano, no seu desenvolvimento político. Dizer-lhe você pode tem condição, você é normal como outro qualquer [...]. Está ali enquanto educador, enquanto pessoa que está trazendo experiências significativas. Então, é um abraço que recebo, é uma palavra ou uma lágrima, estou ali enquanto educador, pois o impacto de uma aula pode durar um dia, mas também pode durar uma vida inteira, uma simples aula. (ARIEL)

[...] mas a fixação desse método foi num processo de ensino-aprendizagem de vida, [...] foi a partir do momento da experimentação, enquanto aluno, onde vivi a mudança. [...] que venha trazer para o aluno benefício fazendo que esse conhecimento si fixe mais e dê significado, na vida do estudante. Tanto que uma das funções do tutor do primeiro período, passa nessa questão de nome

paternal, até para lhe dar sustentabilidade para que ele possa visualizar a continuidade no ensino-aprendizagem. (MITZRAEL)

[...] cada um tem a sua marca. O individual, por si não tem como colocar todo o mundo igual é robotizar. Então, essas diferenciações desde que a linha, não perca o eixo, eu não vejo muito problema. [...] a individualidade tem que ser cuidada. (ANIEL)

O mais importante da questão, [...] é como saber conduzir e ter a capacidade de trabalhar num processo grupal. A outra coisa é estabelecer e ter comunicação. [...] fazer o exercício de ouvir que é muito importante, e ser flexível [...]. Então tem que ter formação sim. Esse tutor tem que ter perfil, precisa estar qualificado. (MIHAEL)

[...] Precisam ser profissionais flexíveis, que reconheçam que têm que se atualizar, não são donos da verdade e donos do saber. Esse tutor tem que entender as metodologias ativas, mas com sedução para que entenda o que está fazendo. (LAUVIAH)

O tutor precisa ser [...] um observador, e eu não sei se o tutor deve ser apenas um observador. [...] o tutor tem que ser um estimulador. Ele conduz o aluno à formação do seu conhecimento, e a conduzi-lo por vezes deve ser necessário uma intervenção, de você perguntar ou estimular. (POIEL)

Então é importante que se tenha o conhecimento, é completamente difícil você colaborar ajudar de forma excessiva, quando não tem a menor noção. Isso foi uma das coisas que muito me incomodou foi é a questão de todo o mundo poder ser tutor. Tem que ter no mínimo uma aproximação. (MEBAHEL)

A socialização traz em seu bojo a escola universidade, que na contemporaneidade vem integrando intencionalmente a adesão à cultura existente nesse meio, agregada ao vasto leque de mudanças esculpidas ou não, em modelos mais ou menos aceitos e talvez inquestionáveis. A título de sustentação das ideias o tópico: *As características do professor tutor* se nortearão pela prática profissional dos sujeitos e a natureza do eu, o próprio, em prol da formação do futuro enfermeiro.

Entretanto, retorno à caracterização dos sujeitos (**QUADRO 2**), representados neste estudo e observo que a busca por cursos de especialização foi de dez professores numa totalidade de dezoito. Cabe, no entanto, ressaltar a predominância que conferiu a título de exigência, o preparo para a atividade tutorial. Cabe enfatizar, a desmotivação dos depoentes para o ingresso nos cursos de mestrado e doutorado respectivamente.

A justificativa não se valida pelo curto espaço de tempo, que possa ter contemplado alguns dos participantes, frente ao exercício da docência. Sigo pensando

poder ser causada pela desmotivação e comodismo, pois, diante da mobilização à necessidade aclamada para o exercício da tutoria, no geral, todos se movimentaram para realizar as ditas especializações.

Neste movimento de análise importa ir destacando da caracterização dos indivíduos, minimamente as especialidades que os contempla na especificidade cabível à tutoria, pois não tiveram muito ou quase nada haver com o desempenho desta. A percepção que extraio de tais preferências, pessoais foi que o livre arbítrio e desejo, os fez enveredar por outras áreas de atuação, e no que resta ao cotidiano profissional, os poucos (sete) que efetivaram o devido preparo, o fizeram por indicação ou interesse institucional.

Portanto, esmiuçando mais ainda o que é dito face a face, e na voz dos entrevistados, é essencial para além, da bagagem teórica e prática que carregam em sua trajetória profissional, atender cuidadosamente para os dados apresentados, referentes às particularidades individuais, para ser tutor. Relevo algumas considerações, já que não depende somente do peso do conhecimento, mas também da aptidão, do perfil e do querer fazer porque se gosta, do que se faz. A meu ver é a força motriz para que se tenha um bom desempenho profissionalmente, junto aos estudantes.

Outrossim, numa média jovem rondando dos 29 a 36 anos, o pouco tempo de formação, igualmente de docência e, por conseguinte, de permanência no exercício tutorial, desenhou uma inatividade dos depoentes em se aprimorarem para construírem aprendizado, já que os cursos de mestrado toldaram a raridade. Em contrapartida os professores mais antigos, na faixa dos 42 a 60 anos (seis), com mais tempo de graduados, e de docência, quase próximos com os colegas anteriores no que se refere em anos de prática de tutoria, representam uma presença forte na concretização nos cursos de mestrado e doutorado.

Sinalizo a exceção à regra na figura de *Ariel* que, apesar, de pouca idade se conduziu de forma diferente em relação ao primeiro grupo de colegas. Possivelmente, a maturidade produzida pela cultura e padrões sociais aportados por seus ancestrais, experiências vividas, tradições e a natureza do eu (*self*)²⁸, foram entre outros possíveis motivos, a explicação sobre seu modo de se orientar na vida, a par da profissão e no presente, ter a sabedoria de como orquestrar a serviço da tutoria o seu cotidiano.

Relevante desde já, destacar que os depoentes que não têm a formação de enfermeiros, despertaram maior interesse para progressão em suas carreiras profissionais, embora a idade de ambos perfaça a diferença de vinte e quatro anos. Daqui posso pensar que as épocas histórico-sociais, que os envolveram foram diversas, possivelmente não os influenciaram diretamente, o que me faz supor, o interesse individual de alcançarem suas devidas qualificações.

Hoje mais do que nunca, as mudanças requerem a inserção social que se produz na interação profissional dos indivíduos, como já foi analisado, ressaltando o enfoque *subjetivo-inovador*²⁹, enquanto protagonistas dos propósitos formativos, que desejam alcançar. Para tanto, suponho que não se deve acorrentar pela dominação o pensar e o agir dos sujeitos, colocando-os num cerco.

A reflexão do autor é importante, quando esclarece:

“Na realidade, ficamos reduzidos a sujeitos com uma posição subsidiária: somos parte de um sistema e devemos nos adaptar (nos formar é igual a nos conformar) às exigências e às condições que esse sistema nos impõe. [...] a formação estabelece-se e funciona quase unicamente como o caminho de responder às demandas do sistema [...] os indivíduos e suas necessidades tornam-se secundários ou são ignorados. [...] nesse sentido, a formação não é concebida como um direito de todos os cidadãos para se desenvolverem plenamente tanto pessoal como profissionalmente [...]. (ZABALZA, 2004, p.46-47)

²⁸ O self é entendido como um projeto simbólico que o indivíduo vai modelando e remodelando no curso de sua vida [...] implica um conjunto de prioridades continuamente modificáveis que determinam a relevância ou não de experiências reais ou possíveis. Este conjunto de prioridades faz parte integrante do projeto de vida que cada um constrói para si.

²⁹ Expressão utilizada por Zabalza (2004, p.46).

Fica claro prosseguir junto aos entrevistados, através de suas falas que progridem nos ditames do perfil profissional emergindo materiais simbólicos, que se ampliam pela força do poder do conhecimento, não somente restrito ao local, em que eles se encontram. As relações existentes vão fluindo nas falas trocadas numa conversação face a face em um meio técnico, como o considero sê-lo o tutorial.

Formas simbólicas são produzidas individualmente e no compartilhamento grupal a circulação de habilidades, competências, qualificação, sensibilidades, comunicação, atenção, valores, crenças e atitudes entre outras, acaba acontecendo. Identidades coerentes para os sujeitos vão sendo construídas e remarcadas acima de tudo, pelas características do professor tutor, pela possibilidade de fixá-las, preservá-las inculcando-lhes até mesmo um teor de durabilidade.

Passo a destacar na fala de *Ariel* um pouco do sentido do que aqui se enfatiza quando este refere que a mudança útil tem a ver com a sua essência, e acentua que esta, é a inserção no ambiente de trabalho. Constato como forte o seu sentir, já que atrela o perfil do profissional às especificidades do coletivo, no qual se encontra estando conforme a progressão literária, quando a atividade profissional deste me dá um panorama ascendente de suas conquistas.

Deste modo, estas se situam entre a graduação, especializações, mestrado e doutorado num espaço bem breve, de doze anos, numa formação de sociólogo e ainda relevante perante os trinta e seis anos, que possuiu. Em contrapartida associa-se diferentemente, a posição de *Mitzrael* que não tão distante na idade vislumbro certa inércia no querer ir além.

Constato no momento da entrevista, a forma de se colocar junto aos colegas, quando reproduzindo por suas palavras o que outros tinham acabado de argumentar, ou se lançava a falar, sem refletir cuidadosamente, prolatando o que lhe vinha na mente,

causando impacto e inquietações diante do grupo, mobilizando-o ao ponto de se insurgirem diplomaticamente, diante do que acabava de expor.

Todavia, merece atenção o seu parecer quando refere o processo de formação no 1º período atrelado à questão paternal, pelo fato de ser o primeiro período. Na minha percepção este modo de pensar e de agir significa preocupação ou falta de preparo para lidar com esses estudantes que estão ingressando no curso, uma vez que logo de início está sendo “poupado” do mais essencial, o começo da formação onde lacunas não podem subsidiar no bom sentido do progresso formativo a futuro.

Quando refiro as questões subjetivas dos professores, se o faço é guiada pelos depoimentos, cujas particularidades afloram em número e em qualidade desenhadas pela individualidade de cada um, já que depoentes referem o não ser possível robotizar comportamentos, pois a singularidade do eu, precisa ser respeitada.

Neste contexto Dantas da Silva *et. al.*, (2010a), interpeladas por Thompson (2002), refletem acerca do que o autor defende quando elas se motivam a distinguir no amontoar dos acontecimentos e objetos, as especificidades inerentes à essência do campo subjetivo que os indivíduos constroem no trâmite de suas rotinas e da vida em comum.

Sem outra alternativa, as autoras *op. cit.*, (2010a), concordam com o autor porque no âmbito desse domínio composto por pessoas desiguais, exala-se o perfume da pré interpretação, interpretação e reinterpretação somando-se o que também, postula Demo (2009), acerca da riqueza subjetiva, por considerá-la complexa, não-linear e contraditória.

Outros vão priorizando situações que veem a reboque do interesse da qualificação em processo para os professores, e a “sedução” mencionada por *Lauviah*, pois sinto que quanto mais se ensina, mais se aprende amando o que faz, embora, não seja uma

máxima universal, para tantos, que não aprenderam sequer, a se abraçar. Surge o contraponto feito por *Ariel* quando referencia em sua fala: “*É um abraço que recebo uma palavra, uma lágrima [...]. Está ali enquanto educador, enquanto pessoa, [...] o impacto de uma aula pode durar um dia, mas também pode durar uma vida inteira [...]*”.

Afinal, o professor é um “personagem” real no meio tutorial cujo “*lócus*” está encaixado numa organização dita universitária, que se bem acolhido acaba por tornar-se para alguns colegas e estudantes até um ponto de referência na interação entre si e os restantes. Isto acontece à semelhança do que pude entender junto a Thompson (2011, p. 265), em locais específicos (meio tutorial, técnico e humano), como conhecimento não local (mediado entre os sujeitos-experiência e memória coletiva).

4- O significado da tutoria para o professor tutor

O significado da tutoria foi expresso por seis dos depoentes quando este demonstra - A Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor Tutor, como evidenciam os depoimentos, em seguida:

[...] a tutoria e nesse sentido eu tento me colocar como um componente desse eixo central [...] outra coisa que significa nessa prática é o desafio intelectual para o docente, porque ele precisa muitas vezes se colocar como capa. [...] entender essa vinculação que quando ensina se aprende e quando se aprende, nós ensinamos também, e talvez seja uma característica da tutoria. (ARIEL)

A tutoria é o disparador, [...] dispara novas situações, facilita no sentido de compreender e de se relacionar dentro dessa inserção. Então a tutoria desbrava novos conhecimentos. Facilitar o conhecimento de novas situações [...]. Outra questão, naquela relação teoria-prática-teoria [...] então a tutoria é uma riqueza, muito grande. [...] a socialização do conhecimento, o aprender a aprender. Ainda, com a ciência sendo um dos pilares essenciais para uma prática de tutoria, trazendo benefícios para que o conhecimento se fixe mais e dê significado na vida do estudante. [...], ela traz para o aluno algumas linhas de pensamento e abre novos campos através da instrumentalização da pesquisa no sentido da formação de pensamento e conhecimento [...]. Este aluno tem a sua própria opinião em relação aos temas. (MITZRAEL)

Vários significados para a tutoria, como responsabilidade, satisfação e compromisso, a troca, outro ponto fortíssimo para mim, como significado da tutoria é o trabalho em conjunto. Nem chamo de trabalho em equipe, é o trabalho em conjunto, para mim, é um pouco diferente, porque você constrói ali mesmo, não é partido, cada um está ajudando o outro [...]. Bem, eu ainda não sei se estou muito presa ao método tradicional, foram 32 anos. (ANIEL)

O significado da tutoria é facilitar o processo de ensino aprendizagem. A tutoria ela envolve troca, integração, trabalho de grupo, vínculo, responsabilidade e co-responsabilidade até porque nos colocamos no grupo, fazemos parte daquele grupo. A grande coisa da tutoria, é que na maioria das vezes o tutor ele não só ensina ele mais aprende do que ensina. Então de fato é um processo grande de troca de saberes de conhecimento, agora precisa ser significado para o estudante. Se não conseguirmos significar a tutoria, não entender esse significado da tutoria, não conseguirá o tutor significar isso para o estudante [...] tem grandes significados para mim, ela faz com que repensemos até a nossa prática, enquanto tutores que somos. Ainda, tem que se pensar como a instituição vem significando, a tutoria porque então ela acaba perdendo a importância e o valor que ela tem nesse processo de ensino-aprendizagem. (MIHAEL)

Para mim a tutoria começa pelo significado, que é aprender a aprender [...]. A tutoria ainda é muito centrada no tutor. [...] assim coloca a vivência dele. Então a tutoria é definida no tutor. (CALIEL)

Eu vejo a tutoria como troca é um momento muito rico, onde o estudante está aprendendo troca com o outro, ele resignifica o saber [...]. Há essa troca que ajuda a estimular, a puxar a trazer esse estudante junto. [...] Acho que a tutoria é aprender até esse estímulo de falar, de dialogar de trocar de repetir, de saber ouvir quando é importante, mas, também saber opinar quando é necessário. (DANIEL)

Este tópico aborda várias situações, interpeladas pelos participantes relativamente, ao que mencionam em seus depoimentos como: o significado da tutoria e sua repercussão neles próprios, recortes da atividade tutorial na visão do professor; o repensar da prática do professor e um breve “*design*” do espaço tutorial. Em suma quanta riqueza é transmitida nos significados que circulam nas vozes, dos sujeitos do estudo.

Suponho, entretanto, maiores contributos em âmbito tutorial, caso venham os professores a esmerar-se em seus testemunhos pelas palavras proferidas, se continuamente, se ajudarem pela crítica construtiva interna, com o intento de repensarem suas práticas diárias, a serviço da formação dos estudantes de enfermagem.

Frases como as que se seguem não podem cair no vazio, ou não fossem vivenciadas pelos indivíduos em seu cotidiano. Assim, para que se fixe sua importância pelo registro, a sequência aqui e agora num retalho construído pelas falas de vários sujeitos: *“Nós ganhamos muito mais do que aquilo que integramos; [...] processo grande de troca de saberes de conhecimento; [...] tutor ele não só ensina ele mais aprende do que ensina, [...] momento muito rico, faz com que repensemos até a nossa prática, enquanto tutores que somos”*.

Há em suas colocações indícios do que se aplica aos estudantes por reciprocidade também abrangendo os professores, pois é assim, que o definem alguns deles, em suas entrevistas. Porém, se torna claro diante do que pontuam os autores, quando referem que a tutoria faz com que os sujeitos, respondam aos estímulos externos, agindo sobre eles, para que construam e organizem seu próprio pensamento, de modo cada vez, mais elaborado (LOPES, 1996).

Todavia, Struchiner e Giannella (2005), dizem que o indivíduo é agente ativo do seu próprio conhecimento, constrói significados, sentidos e representações da realidade de acordo com suas experiências³⁰ e vivências em diferentes contextos. Se assim é, fica mais fácil compreender o espaço tutorial, como anteriormente já sinalizei aquele meio técnico de transmissão, no qual os indivíduos se envolvem na produção e recepção de formas simbólicas.

Por falar em formas simbólicas, os entrevistados em suas mensagens traduzem múltiplos significados no que cabe à tutoria, e em simultâneo traçam diferentes características inerentes a esta, que as transportam e dependendo:

[...] estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários. As mensagens são produzidas por um grupo de indivíduos e transmitidas para outros situados em circunstâncias espaciais e

³⁰ Experiências são interações do indivíduo em determinadas situações no mundo, que incluem outros indivíduos, o meio físico e social. A experiência que se incorpora nos processos de ensino-aprendizagem diz respeito, à memória, à história dos sujeitos (MOREIRA, 2002);

temporais muito diferentes das encontradas no contexto original de produção. (THOMPSON, 2011, p.51-52)

Importa resgatar acerca do conteúdo significativo, e comunicado por *Mitzrael* quando foca o conhecimento, contudo, dependerá de ser ou não significativo e neste caso para o estudante, ou melhor, o indivíduo receptor. Conforme o autor *op.cit.*, (2002), trás a interpretação dele no que o grau de fixação é essencial, e neste caso, a memória, para que o venha a armazenar. Vem ao encontro, do que se pode compreender como tipo de *mecanismo de estocagem de informação*,³¹ para que haja a possibilidade de capturar o material, para uso posterior.

Percebo que o contexto da vida real se situa como entorno destes sujeitos, no alinhavo da relação existente, entre professor e estudante, quando problemas externos podem ser valorizados, como o realça o participante entrevistado. Dia a dia, a tutoria apresenta um circuito contínuo de formas simbólicas entre, palavras, imagens, informação, textos e ideias, a respeito dos acontecimentos que têm lugar para além do nosso ambiente social imediato.

A atividade de formação no curso de graduação em enfermagem tem por base dois módulos: o tutorial e o de prática profissional. Os módulos abrigam múltiplos espaços de construção do conhecimento (ações, estratégias, oportunidades em cenários). Está formada então, a ponte para que o meio técnico disponibilize o conhecimento fixado e pelo poder deste na formação do estudante, este o fortaleça na travessia, entre o teórico, o prático e o teórico.

Relativamente ao módulo de prática profissional em que o binômio professor e estudante se hibridam contextualizados pelas: instrutorias, laboratórios das ciências básicas (LCB), laboratório de habilidades (LH), atividades integração ensino trabalho e

³¹ O grifo é do autor.

cidadania (IETC), a relação direta com o mundo do trabalho, a saúde de indivíduos e as coletividades (COA, 2010).

Assim, as relações de comunicação, são sempre mediações de poder que variam na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições), envolvidos nessas relações, permitindo acumular o poder simbólico.

Outro aspecto relevante se encaminha novamente, em parte ao depoimento de *Mitzrael* ao expressar seus significados e simbolismos acerca de tutoria, onde se disparam pelo seu poder: situações novas, e novos conhecimentos, mais um atributo do meio técnico designado por Thompson, o *grau de reprodução*. Passo a supor que permitirá aos professores, ampliar o processo de aprendizagem que o vejo vinculado à criação, pela transformação de significados em novos significados, no contacto progressivo com o conhecimento público.

Por outro lado, há a percepção que a possibilidade estará pautada no que é original e autêntico, vinculado à reprodução em maior projeção, de quase tudo que se lê e escreve, atualmente. O professor tem a faculdade de produzir e recepcionar informações, pela busca e envio de textos em âmbito virtual, nesta era informacional em que vive articulado o cotidiano universitário. Nesta perspectiva, pode ocorrer a construção de textos científicos de forma coletiva, em períodos mais avançados da formação. Esses artigos publicados servirão a todos que os resgatem em larga escala, como o refere Thompson (2002).

Mais uma situação suscitada por *Mitzrael*, quando incorpora a importância da pesquisa, no significado que atribui à prática da tutoria, são linhas de pensamento. Estas se ampliam através do que é permutado pela instrumentalização dos trabalhos de pesquisa, que os estudantes necessitam construir amparados por seus professores-tutores.

Do mesmo modo, o que expressa *Daniel* referente à tutoria como uma rede viva de trocas, por onde se resignificam os saberes, ou seja, os já acumulados, outrora produzidos por seus sujeitos. Ela acentua que a troca, é relevante quando é capaz de trazer a clareza das informações. Reforça ainda, a multiplicidade de caminhos percorridos para buscar esses conteúdos.

Os entendo como meios técnicos, ou seja: as características individuais dos sujeitos, a prática da tutoria; a Situação-Problema (SP); o estudo auto dirigido (AAD); a biblioteca (livros, áudios, entrevistas); as orientações grupais; os cenários de aprendizagem; os portfólios; as sínteses escritas; a internet, e os laboratórios.

Todos são ofertados e disponibilizados aos sujeitos, professores e estudantes, independente do *design* da mesa ser de formato quadrado ou arredondado. Embora este último facilite no entendimento de *Aniel*, o real sentido ou o melhor significado de tutoria entre tantos, que ela representou como sendo: [...] *o trabalho em conjunto, [...] porque você constrói ali mesmo, não é partido, cada um está ajudando o outro.*

O diferencial está no sentar lado a lado, independe de ser o professor ou o estudante, que importa, qual dos dois, se os veículos estão disponíveis desde que se habilitem a produzi-los, a recepcioná-los e a transmiti-los, pois o conhecimento para se fortificar na cientificidade necessita ser socializado, entre os indivíduos.

Um contraponto emerge quando a depoente *Aniel*, apesar de parecer adaptada a esta nova realidade refere: *Eu ainda estou muito presa ao método tradicional, foram 32 anos.* Esboça a meu ver uma insegurança que aliada à fala de seu colega *Ariel* embora, mais pautada para o estudante, não se excluiu da relação quando salienta de que há poucos exemplos de segurança, sobre o método, pois os egressos se estão bem ou mal, ninguém conhece, alegando: *Então acho que é uma coisa por vir, ou seja, é o devir.*

Realmente, os dois participantes parecem saborear da mesma insegurança e medo, provenientes da situação descrita no que tange à formação de futuros enfermeiros. O que se produz em prol do que reproduz em resultado final, e se propaga a anos luz, chega a ser tão veloz e distante. Quase à semelhança do que se comercializa em larga escala, como se de uma obra de arte humana se tratasse, pronta por certo, mas inacabada.

Ao levar em conta tudo que se apresenta, a atuação do tutor é deveras relevante, quando *Caliel* focaliza o tutor como o centro de tudo, e com o que não pactua da forma como o apresenta, pois ele é concebido na sua essência como um facilitador de aprendizagem. Julgo por este fato, que o entrevistado, desconhece em parte o que é ser tutor. Caso contrário se acontecesse o que alega, a metodologia empregue não daria a possibilidade de se ter tutor professor, que não fosse enfermeiro.

Outrossim, *Caliel* se contradiz acerca do significado da tutoria, referiu ser o aprender a aprender, contudo, continua firme em concebê-lo como o centro de tudo, ou melhor: “[...] eu vejo a tutoria, ainda muito ligada ao tutor. A tutoria ainda é muito centrada no tutor. [...] Então a tutoria é definida no tutor”.

Portanto, seus argumentos são frágeis e insustentáveis, bastará reler o que está escrito nos manuais que nortearam o curso de especialização, para que se venha a compreender muito bem a prática, que devidamente exercida as palavras de *Caliel*, encontram significado, pois, a tutoria acabará por alimentar o aprender incessante, do aprender a aprender.

Por enquanto, o pensamento de Zabalza (2004), encontrará espaço em quase tudo que o tópico integra ainda mais, se articulado às condições da aprendizagem institucional – a organização universitária, aqui presente, e de qual compromisso, não se excluiu, como faz “*jus*” *Mihael* quando diz: “[...] Ainda, tem que se pensar como a

instituição vem significando, a tutoria porque então ela acaba perdendo a importância e o valor que ela tem nesse processo de ensino-aprendizagem.

O fluxo interpretativo em relação ao pensamento do autor ajudará no esclarecimento das ideias aqui narradas:

Discutir o que as organizações "aprendem" é uma bela metáfora que abre expectativas muito positivas para as partes que as compõem, desde os aspectos estruturais até aos mais dinâmicos. A idéia da "aprendizagem" situa-nos frente à possibilidade de que as organizações (nesse caso as universidades) aprimorem seu funcionamento, a gestão de seus recursos, a forma como definem suas funções e as adequações às novas demandas, o tipo de relações que mantêm, etc. (ZABALZA, 2004, p.98)

É fundamental que a instituição universitária, apregoe a mesma linguagem que confere aos sujeitos que integra, em seu seio. Caso contrário estará fazendo demagogia, suscitando imensas fragilidades no que produz em prol dos mesmos, pelo que se torna interessante a fala anterior, quando refere que as organizações necessitam aprender diria melhor: aprender a aprender.

5- Os sentidos atribuídos à enfermagem e ao enfermeiro na ótica do professor tutor

Os depoimentos de três participantes destacam que - A Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor Tutor - revela *argumentos e sentidos da prática na enfermagem*, do seguinte modo:

Preocupa-me essa distorção em relação à questão social, pois tenho medo que a visão da assistente social sobreponha, determinadas competências que são inerentes à nossa profissão. (MITZRAEL)

Eu que trabalho na unidade de saúde posso levar meu pai, mas se eu não confio no meu trabalho ou na unidade não levo nem a minha família para fazer um curativo, tem algum coisa errada então. Não pode ser assim, não posso querer para os outros, o que não quero para mim. Então penso que é um princípio básico da formação da ética. E nós perdemos nessa dimensão, por isso que a formação dá trabalho. (MIHAEL)

[...] o enfermeiro só mexe em papel porque como aconteceu com os estudantes, ele foi engolido pelo sistema, é muito mais fácil ficar sentado escrevendo do que atender o paciente. Não é respeitada a diferenciação, e a quantidade de profissionais por cada setor. Não existe a valorização da

profissão, porque o próprio profissional não valoriza a profissão. Onde está o profissional enfermeiro que está preocupado com o paciente? É questão de capacitação, atualização. [...] É questão de ser enfermeiro amar o próximo.
(MIKAEL)

Os sentidos atribuídos à enfermagem e ao enfermeiro na visão dos depoentes deixam transparecer as falácias, as rupturas e as interfaces, no transcurso do dia a dia. Há a ressaltar o posicionamento de dois participantes entrevistados, que apesar, de terem enveredado por outra área do saber, suas vozes e apelos são bastante significativos.

Apesar disso, estes tutores não minimizam o que sentem, extravasando com bastante propriedade as especificidades que a enfermagem, como ciência e comunidade universal a serviço do cuidar, necessita honrar e preservar, vivendo-as constantemente. Outrossim, a metodologia hoje empregue na instituição coloca os professores em interface de uns com os outros nos campos do conhecimento.

Na minha percepção tal propósito, precisa ser fruto de um trabalho conjunto e solidário para que se possa construir esse rizoma, devidamente, dentro da formação que a todos deve comprometer, na qualidade do que se oferece aos estudantes no movimento em ato pela ação e reação, do professor-tutor, com eles.

Portanto, é nobre e urgente, que se respeite a noção de mundo real, pela mão do que se faz e vive, diferenciando-se os futuros profissionais, em cenários práticos pela formação que tiveram. Deseja-se a qualidade sim, mas diante dos relatos os fatos narrados não conduzem a tais propósitos.

Em termos formativos, nem mais me afeta o ideal, uma vez que, a realidade necessita de tanta atenção e aprimoramento. Em outras épocas o binômio real e ideal, habitualmente se emparelhava nos discursos, das grandes plateias científicas de quais eventos, congressos e até mesmo, dentro da sala de aula, cheguei a participar. Então esse ideal na enfermagem, está bem distante do meu campo de visão, neste momento.

Constato nos pareceres dos sujeitos participantes, mais do que sentidos e significados, os sentimentos que os une à profissão, que defendem.

Contudo, a esperança persiste, e dela não me afasto desde que para isso, se revisitem os patamares legais, os juramentos repetidos com compromisso, os propósitos de vida profissional, resgatando os princípios e os valores, que os formaram em certo dia. O ênfase devesse preocupada, mas, instigada frente à reflexão dos colegas professores, diante do que me tocou nos testemunhos prolatados.

É o convite à desilusão apelativa ou à esperança infundada, já que a enfermagem se encontra no coração dos que a edificam pela formação, da forma como a apresentam, como o fez Mikael: “[...] Não existe a valorização da profissão, porque o próprio profissional não valoriza a profissão”. De fato, vale a pena, mais do que nunca nesta nova era, que os enfermeiros se assumam como atores ativos, e a revitalizem atribuindo-lhe o seu autêntico valor meritório.

Que o façam com justiça plena, enaltecendo-a enquanto ciência que é, compartilhando-a não somente, entre as áreas sociais e sim, a muitas mais, deixando para lá receios absurdamente analisados, tal como entoa Mitzrael, quando diz: “Preocupa-me essa distorção em relação à questão social, pois tenho medo que a visão da assistente social sobreponha, determinadas competências que são inerentes à nossa profissão”.

Por bem, deverão ser incorporados novos valores, objetivando-se a produção de uma nova realidade, energizada pelas trocas universais, tão necessárias pela possibilidade que oferecem de crescimento à profissão. Entretanto, nessa linha venho apresentar o que segue:

[...] é imperativo preparar os alunos, futuros profissionais, para influenciarem nas decisões sócio-político-ambientais do meio em que atuam e no contexto onde estão inseridos com sensibilidade para compreender a condição planetária e humana. Situação possível, se, para além de abordagens pontuais e meramente técnicas sobre o tema, houver o seu verdadeiro introjetar no

processo formativo, constituindo-se em base para o pensar e o fazer profissional, em direção ao cuidado multidimensional e integral há muito pretendido pela profissão. (CAMPONOGARA *et. al.*, 2011, p. 652)

Não passa despercebida a dimensão introspectiva de tantos depoentes que se contrariam em si mesmos como se desorientados estejam dentro de um processo criativo, de interpretação de significados onde os constituem e desconstituem, ativamente. Encontram-se perante tão dispersas situações, mais ainda quando se deparam no cotidiano com ex formandos, em cenários de atividade profissional.

O que não os afasta das questões pontuadas por Thompson, quando este se reporta aos contextos sócio-históricos mais específicos, neles as formas simbólicas são recebidas e valorizadas de acordo com as características sociais destes contextos, acontecendo que:

Ao receber e interpretar as formas simbólicas, os indivíduos baseiam-se em recursos, regras e esquemas a eles disponíveis. Assim, as maneiras pelas quais as formas simbólicas são entendidas e pelas quais são avaliadas e valorizadas podem diferir de um indivíduo para o outro, dependendo das posições que eles ocupam em instituições ou campos socialmente estruturados. (THOMPSON, 2002, p. 201)

Como não poderia deixar de ser torna-se imperioso retroagir a interpretação contextualizada das formas simbólicas, porque elas estão presentes, nos espaços de teoria e prática da formação dos estudantes ainda em preparação, dos agora profissionais, como o referem os sujeitos. O autor citado (2011) vem esclarecendo que a hermenêutica, dá condições suficientes aos indivíduos, para que utilizem os recursos de que dispõem para darem sentido às mensagens recebidas.

Então, fica mais fácil compreender o que está acontecendo com os indivíduos, assim, que *Mihael* e *Mikael* destacam com sutil tristeza e incomodo a prática dos enfermeiros que se formaram na instituição, quando o primeiro alega: *se eu não confio no meu trabalho ou na unidade não levo nem a minha família para fazer um curativo,*

tem alguma coisa errada então. Ou como salienta o outro colega Mikael: [...] o enfermeiro só mexe em papel porque [...], ele foi engolido pelo sistema.

As falas comprovam de que a estes sujeitos foi dada a oportunidade de *apropriação*, e arriscaria também de *participação* na dimensão do que o autor defende substancialmente, quando especifica:

“Apropriação” faz parte de um processo mais extenso de formação pessoal, através do qual os indivíduos desenvolvem um sentido, para eles mesmos e para os outros, de sua história, de seu lugar no mundo e dos grupos sociais a que pertencem. [...] com os recursos de uma tradição interessada no elo de ligação entre a interpretação e a formação do eu. (THOMPSON, 2011, p. 31)

“Um terceiro atributo do meio técnico refere-se à natureza e amplitude da participação que ele permite, ou requer, dos indivíduos que empregam esse meio. Diferentes meios exigem dos indivíduos que utilizem diferentes habilidades, faculdades e recursos a fim de codificar e decodificar mensagens no referido meio [...], de tal modo que um meio técnico não pode ser totalmente dissociado dos contextos sociais [...]. (THOMPSON, 2002, p. 223)

Na redefinição dos sentidos e significados das mensagens, geram-se muitas vezes situações extremamente conflituosas, onde acaba prevalecendo vaidades, ou outros subjetivismos, que toldam a formação no que lhe é de mais útil, ou seja, a qualidade.

Assim, corroboro com o autor e com os participantes do estudo, porque me deparo com eles, numa situação de codificadores decodificadores, do que produzem e recepcionam por intermédio da sua participação, nos diversos cenários de formação e exercício profissional.

Destarte, embora até inquietantes tais situações, preciso manipulá-las com delicadeza já que se compõem de dúvidas e inseguranças para os sujeitos implicados, ora presentes. Corroborando, então com o autor a claridade aflora no confronto dos indivíduos, com o resultado do que lhes foi cedido por *apropriação*, ou seja, os estudantes.

Diante deste processo, os recursos disponíveis alguns inatos do indivíduo, e outros, próprios do meio em que se encontram, em parte, lhes garante que usufruam as

habilidades e competências. Somando surgem diferentes formas de conhecimento, e suposições que compoem os recursos culturais, sustentam a vinculação simbólica.

Em suma, as mensagens fluem no movimento aqui apresentado, sendo entendidas pelos sujeitos, relacionando-se com elas, cada um a seu modo, e acabam por integrá-las em suas vidas, da forma como melhor lhes provem. Talvez observando, alguma das situações apontadas pelos depoentes possa compreender que o professor, compõe um preparo diferenciado numa trajetória formativa.

Por certo seu esforço em consegui-lo foi grande, no entanto, numa situação de reverter o processo em prol da formação, o estudante o fará se exigindo ou não, da forma como melhor lhe prover. Este desfruta de outros meios, outras faculdades e outros recursos, numa época em que o contexto social oferece também, outras possibilidades permitindo-lhe uma participação e apropriação diferenciadas de acordo com o que deseja produzir, transmitir e por bem aprender, quando o meio lhe proporciona realmente a aprendizagem.

6- A organização do processo tutorial

Outros pontos relevantes e dignos de registro referem-se à fala de mais de metade dos professores, no que concerne *a organização do processo tutorial* promovendo, A Orquestração da Tutoria no Cotidiano do Professor Tutor, como constam alguns dos relatos, que se apresentam:

[...] eu gosto de fazer as coisas organizadas, [...] estudar [...] gosto de preparar para a EP, para a tutoria. [...] aprendi demais no 3º período, porque a organização da coordenadora dá uma condução no trabalho que fluiu assim, transforma é muito tranquila sem apreensões, sem atropelos sem acontecer coisas desagradáveis no sentido faltou isso ou aquilo. (ANIEL)

A forma como organizamos o processo tutorial, é diferente de uma metodologia tradicional, a própria forma como nos colocamos no ambiente

físico. Assim, nos aproximamos muito mais do estudante, estamos muito mais perto, e isso facilita acredito o processo de ensino-aprendizagem. Então você precisa se preparar para uma tutoria. Eu até entendo que nós temos que dominar o método, mas, para isso nós precisamos de nos preparar. [...]. Assim, chegarmos num período e ele estar organizado com cronograma, saber o que vai fazer a cada dia, o diálogo com o estudante ele passa a ser muito mais fácil [...]. (MIHAEL)

Então nós precisamos saber alinhar mesmo, claro que cada tutor vai seguir seu caminho. De todo modo é preciso um norte comum, para evitar a diferença, você faz isto você faz aquilo no final acabamos não fazendo nada. (DANIEL)

Tanto que em alguns períodos, estávamos com problemas de repetir temas, no LH, na própria tutoria, mas acho que isso também, é decorrente porque ainda agora acabamos de formar a primeira turma. Precisamos colocar a casa em ordem, este momento é de reformulação. (LAUVIAH)

[...] eu entendo que o tutor, tem que estar eternamente revendo o método. A capacitação é necessária e tem que ser focada, para não dispersar muito e fugir do foco principal. (ROCHEL)

[...] Há da minha parte a preocupação que a minha tutoria não seja diferente dos demais [...]. Espera-se que todos, saiam dali com as mesmas competências. [...] os meus tutores recebem as situações problemas no início do período, dá tempo para que ele se programe o período inteiro, caso falte algum conhecimento, até para fazer uma pergunta. Para produzir conhecimento tem que saber fazer pergunta, até para saber por que está perguntando. Aí a educação permanente é importante para esse tutor para estar contando para ele onde vão estar os hiatos para que possa influenciar na construção do conhecimento. É um processo de um ir e vir [...]. (ANAUEL)

A primeira atitude que eu tomei defronte ao curso, foi o de ter em mãos todas as situações problemas, para você trabalhar no seu dia a dia trabalhar num espaço tutorial, é você fazer antecipadamente, uma leitura pré analítica, analítica da situação problema, que futuramente será discutida com o grupo de estudantes. A cada situação problema o primeiro passo é esse de você de coadunar com os objetivos delineados, você já faz uma leitura sistematizada, da situação problema. (OMAEEL)

[...] eu sigo os passos do espaço tutorial, também, mas antes da tutoria faço uma revisão em casa. Assim, o conteúdo bibliográfico, tentando ver o que se pretende naquela situação problema, como da atualidade. O que de atual, existe para estimular aquele aluno a pesquisar, porque ele precisa ver, eu quero que ele traga aquilo. Ainda que seja uma situação polemica, como um problema publicamente relacionado à enfermagem. Depois de eu ter revisado em casa todo o conteúdo [...]. (POIEL)

Este espaço de construção de ensino aprendizagem denominado de tutoria o *meio técnico* de semeadura de múltiplas inovações, em análise, medeia uma estrutura organizacional em incessante mobilização. Esta envolve a mudança da formação, desde os seus conteúdos e percursos a seguir e sem dúvida um *aparelho institucional de transmissão*. A título de sustentação do que seguirá adiante, prossegue:

[...] “aparelho institucional” quero designar um conjunto específico de articulações institucionais dentro dos quais o meio técnico é elaborado e os indivíduos envolvidos na codificação e decodificação das formas simbólicas estão inseridos. Essas articulações institucionais são caracterizadas por regras, recursos e relações de vários tipos; eles implicam relações hierárquicas de poder entre os indivíduos que ocupam as posições institucionalizadas. Em virtude de tais articulações, os indivíduos são dotados de diferentes graus de controle sobre o processo de transmissão cultural. (THOMPSON, 2002, p. 224)

Todavia, atitudes, comportamentos, informações e experiências estão sendo constantemente destrinchadas por intermédio de: dinâmicas institucionais, elementos conceituais imperiosos para a produção de novidades e profundas transformações na graduação, em especial na profissão dos futuros enfermeiros.

Desta monta, há que se considerar que os depoentes em seus relatos trazem ao lúmen da discussão, questões demais importantes, relacionadas ao processo em debate. Assim, se constitui a prerrogativa de que devem ser vistos como atores atuantes, de um sistema maior cuja supremacia, se impõe evidentemente, pela mudança curricular institucionalizada pela organização formativa tida como o presente Centro Universitário – Unifeso.

No que os entrevistados expressam sobressai o entendimento anterior de que para se conseguir boas mudanças torna-se necessário: adequada organização (coordenação-liderança) comandada por veículos uniformes que a todos contemple com dedicação, presença e estudo prévio, planejamento participativo, foco e conformação, reavaliação das práticas executadas e vindouras marcadas pelo paradigma moderno.

Nesse percurso, pressuponho o que é recomendado no caderno de orientação acadêmica (COA,2010), e que se leve em consideração a formação do grupo de tutoria. Constata-se, atualmente variação no quantitativo de seus integrantes, no que vivenciam os docentes, alguns deles já contestando, por atingir catorze ou mais, em determinados períodos do curso. O que se define teoricamente: um grupo de doze ou mais estudantes, mediado por um tutor, que atua como orientador do processo de ensino aprendizagem.

O grupo realiza um movimento de produção de conhecimentos em espiral crescendo em complexidade durante o curso, através de sucessivas aproximações. Novas sínteses e significados são construídos continuamente pelo trabalho coletivo perpassado por situações problema, narrativas de prática que representam situações simuladas e reais, que cumprem o papel de disparadores de reflexão e de teorização para o grupo, e para cada um (COA, 2010).

Na continuidade das relações intra e interpessoais profissionais e formadoras faz “*jus*” no que deseja emitir em sua vivência, o depoimento de *Daniel*, tornando-se a meu ver, a máxima dentro do tópico em análise, devido à sua relevância: [...] *é preciso um norte comum, para evitar a diferença, você faz isto você faz aquilo no final acabamos não fazendo nada.*

Diante de tais considerações e por isonomia do que absorvo em Pachane *et al*, (2004), observo os professores, diante de atitudes de mudança, investidos da cultura institucional do ensino superior. Daqui se confrontam com as variações do avanço científico-tecnológico, alterações na organização do trabalho que executam (rizoma produtivo), no seio do social que forma e informa, num cenário atual globalizado que repercute nas relações dos sujeitos, com o conhecimento.

Interessa ir articulando os tutores, diante da imponente estrutura organizacional da instituição, para melhor compreender *o aparelho institucional* e como este, pode intervir hierarquicamente no que os indivíduos, envolvidos codificam e descodificam no mundo simbólico, em consonância com o que versa o codex acadêmico normativo:

Conselho Diretor – Presidente, Vice-Presidente; **Reitoria** – Chanceler, Reitor, Pró-Reitor de Graduação, Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Pró-reitor de Administração; - **Centro de Ciências da Saúde/CCS** – Diretora; **Coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem** - Coordenações Específicas do Curso de Graduação de Enfermagem do 1º período ao 8º período; Tutores; Co-Tutores; Instrutores; Conferencistas; Monitores; Estudantes (tutorandos). (COA, 2010, p.8-9)

Este emaranhado institucional, do modo como se organiza revela-se como a constante força dominadora e de controle, sobre tudo e todos, flexibilizando os sujeitos e suas relações. Daqui, a certeza do que pode afetar positivamente ou negativamente no trabalho tutorial, como meio técnico que o nutre, devido ao poder, instaurado hierarquicamente, como já visto, anteriormente.

As reações se propagam como se um circuito as movesse, dentro de uma cadeia arquitetônica, física e humana conhecida por sistema educacional, o vigente. Instâncias precisam ser modeladas com o fito de se agregar esforços comuns para que as diferenças entre módulos formativos (tutorial), ou mesmo de período a período por semestre, não venham a causar mais desconfortos, como os que já estão gravados, no interior dos indivíduos, ora depoentes.

Entretanto, as revelações são fortes, no entanto, havendo hierarquicamente alguém que se flexibilize, dá até para acreditar que imponentes estruturas, possam se mover a serviço dos objetivos propostos e a alcançar desde seu nascedouro. Agora, recepciono o apelo de *Lauviah* como segue: “[...] *Precisamos colocar a casa em ordem, este momento é de reformulação*”.

O enxerto que segue ajudará na articulação institucional implicada na transmissão de um texto literário quando:

Muitas vezes têm sido dadas, para que se possam trazer benefícios, sempre melhores, para os protagonistas que vivenciam estas mudanças e que se diga desde já, não tem sido fácil [...] para prosseguirmos introduzindo, as devidas transformações levando-nos a constantes revisões metodológicas [...], impregnando-as a arranjos [...]. Estes têm desempenhando papel essencial no perfil dos profissionais frente ao formar estudantes e os já formados, como também o tutor/facilitador, construindo relações recíprocas de mão dupla, em compromissos assumidos, combatendo-se as exclusões e os autoritarismos. (TANJI, *et. al.*, 2010a, p.3)

No desfecho das reflexões trago à tela a forte esperança tão necessária aos protagonistas, que se envolvem no binômio professor e estudante, no propósito formativo da enfermagem.

7- Os meios de suporte a sessão de tutoria

Outra situação de destaque é apresentada por quatro dos depoentes entrevistados, quando nos trazem *os espaços e posições dos atores sociais na educação permanente*, como demonstram os depoimentos:

Os momentos que nós temos, por exemplo, a EP, você aprende com os colegas, você convive com os colegas, você monta uma ACI, em conjunto. Então esse aprendizado conjunto que estávamos falando antes, é o que acontece. Pode ser que em outro período as coisas fluam diferentes, mas o importante é que todo o curso, todos os coordenadores e todos os tutores tenham foco no que é da metodologia, como deve ser feita e o resto é respeitar a individualidade e buscar ajuda daqui e dali. (ANIEL)

Agora uma coisa importantíssima [...] é a educação permanente (EP), ela é uma ferramenta que potencializa a tutoria, e que precisamos valorizar mais a EP. Percebo que isso aqui não acontece [...]. Na tutoria você vê claramente o crescimento do estudante. (MIHAEL)

Não está sendo satisfatório, vamo-nos juntar em grupo, e verificar qual o melhor caminho a ser seguido, se aquilo não está bom. Então eu acho importante isso ser trabalhado na EP, pois é ela que vai fazer passar tudo dentro da tutoria. Pois é ali que você vai pactuar tudo que estará sendo construído e que você vai nortear o pensamento de todos os tutores, para acompanharem o mesmo raciocínio. Isto para evitar aquelas discussões: um tutor cobrou e o outro não cobrou. (MIKAEL)

É um cenário importante, mas também a EP, não pode ser vazia. Não adianta fazê-la com dois, pois, não vai ter significado e troca nenhuma. E aí como você faz? A troca é importante, às vezes nós nos perdemos no meio do caminho [...]. Eu acho que você está [...] no cantinho tutorial, no seu espaço. Até para se estabelecer um ponto de troca, a EP sendo coletiva vai trazer talvez essa visão, de como o aluno chega, quais as características, às vezes na instrumentalização verificamos que tem aluno que não quer falar de jeito nenhum, se estimulá-lo só vai fugir de você. (DANIEL)

Para continuar atendendo a instituição universitária como fomento de cultura e não somente como a serviço do mercado, torna-se bastante prevalente que o sistema educacional se associe a outras instituições, para que não caia no entendimento diminuto de alguns professores, que a educação permanente, é um algo a mais, sem mera importância, da forma como esclarece Demo (2006, p. 33): “Embora muito contraditória, é comum a expectativa de que, uma vez graduado, o professor já não precisa de ulterior formação”.

Na mesma linha do pontuado pelo autor, somam-se abordagens com base na Unesco (2004), de que os professores não se aprimoram pela leitura, sequer, são razoáveis usuários de livros, de onde se depreende também, sem grande afinidade por questões culturais, sem gosto possivelmente pela formação permanente, chega a ser preocupante.

Por certo outras instituições há, no liame educacional que promovem e valorizam o fato do profissional, estar sempre se movendo pela força da aprendizagem, até ao ponto de incentivarem a leitura de outros modos. São mediações que necessitam surgir para que se possa fortificar até mesmo, o mundo da educação como sejam: a organização publicadora, a rede de distribuição a título de exemplificação, no que aborda Thompson (2002).

Atrativos precisam ser implementados para que se possa ir além, pelo bem que se colhe a favor do que se aprende, nos dias atuais, de tal monta que existem órgãos de fomento à pesquisa incentivando o professor e o estudante à leitura, e à construção de textos científicos filiados a projetos de iniciação científica.

São estratégias a serviço da produção e recepção de formas simbólicas, que submetidas a processos de valorização, aumentam ou diminuem o valor simbólico. Estas estratégias, com certeza, estão ligadas à posição social do produtor e ao contexto social em que estão inseridas, com base no autor, *op. cit.* (2002).

De volta aos sujeitos e seus discursos, penso ser interessante ir separando o que se pode extrair como de valor efetivamente, aos espaços e posições da educação permanente, segundo a concepção destes, em seu cenário quando dele partilham. Não vejo que se possa deixar de pensar em algum momento, em educação permanente, hoje, mais ainda, quando a interface formação-trabalho a remete a tempo integral, para o cotidiano formativo.

A educação permanente (EP) antecede a tutoria, propriamente dita, como estratégia, e acontece duas vezes por semana, em cada período, ressaltando o último (8º período), que por motivos do internato dos estudantes, não mais ocupam o espaço tutorial, por conseguinte, a EP parece não mais, se justificar.

Brevemente um enxerto do que pensam as autoras no que cabe à educação permanente, no decurso da formação em enfermagem, penso ser oportuno, porque constato que os depoentes trazem translúcida a problemática, no que lhes cabe hoje como professores:

Os profissionais da área da saúde não vivenciam, ao longo de sua formação, estratégias que articulem suas atividades e saberes com as dos profissionais da equipe. Sempre é referido como um dos momentos de dificuldade, quando se iniciam as atividades profissionais, o aprendizado em que se torna necessário compartilhar com outros profissionais os espaços de atuação e os sujeitos daquela atuação. (TANJI, *et.al.*, 2010b, p.487)

Em união ao apresentado pelas autoras *op.cit.*, (2010b), é oportuna a experiência com as questões da EP, travada pelos entrevistados, no contexto preparatório da tutoria, tão desvirtuado segundo suas concepções quando acrescenta *Mihael*: “[...] a educação permanente (EP), ela é uma ferramenta que potencializa a tutoria, e que precisamos valorizar mais a EP”.

Cabe então indagar porque razão uma ferramenta tão potente como esta ainda se afeta de tantos percalços. Alguns são abordados como relevantes segundo suas concepções, como o especificam: a partilha, a estratégia, a sensibilização; a aprendizagem, o convívio, a ajuda, a ferramenta, a comunicação e a articulação.

A meu ver constituiriam uma base tranquila e uniforme, em especial relativamente à metodologia, seguindo um padrão, suavizando as diferenças que às vezes são implementadas ao sabor de criatividade infundadas como o identifica *Aniel*:

Pode ser que em outro período as coisas fluam diferentes, mas o importante é que todo o curso, todos os coordenadores e todos os tutores tenham foco no que é da metodologia, como deve ser feita e o resto é respeitar a individualidade e buscar ajuda daqui e dali.

É importante a fala da depoente, porque nela extravasa alguns equívocos no que cabe trazer para a EP, entendimentos maiores sobre o que é da metodologia e como deve realizada, matéria que já deve estar incorporada no mundo cognitivo dos sujeitos, previamente, sejam os coordenadores e tutores. Acrescentaria a própria instituição como identidade física, composta por indivíduos que devem almejar iguais propósitos que os subordinados: professor e estudante.

Outros fatos ilustram a temática em tela, no que *Aniel* alude em relação em se respeitar a individualidade, o que não deve ser cogitado, sequer. Ainda o “*buscar ajuda daqui e dali*”, o que na verdade, pode ser o real fundamentado dessa EP, caso venha a inserir-se nos moldes que a devam sustentar de uma vez, por todas.

Constato ser conveniente atender aos *canais de difusão seletiva*, expostos por Thompson (2002, p.224). Entretanto, podem colidir no bom sentido, com o assunto aqui em discussão, porque os considera como: “conjunto de arranjos institucionais através dos quais as formas simbólicas circulam, de diferentes maneiras e em diferentes quantidades, no mundo social”

Julgo não poder ampliar o campo tutorial a extensão da mercantilização, como o retrata o autor, em seu texto, até porque a EP, não é referenciada em nenhum documento institucional. Mesmo que o fosse, seu uso não coincide com o que é ditado em seus preceitos. Articula-se no que antecede à tutoria por intermédio de um arranjo como canal de difusão seletiva, servindo mais como o polir de arestas, no que é desempenhado pelos tutores em seus diferentes meios técnicos, denominados por tutorias.

Outrossim, o canal é também um referencial, dentro do que se pode conceber como as formas simbólicas circulam e são usadas, afetadas pelo exercício do poder. Aqui corrobora Thompson (2002), com *os mecanismos para implementação restrita*,

cujo entendimento acarreta o sentido de que as formas simbólicas podem ser empregadas como um recurso na busca de interesses e objetivos particulares.

E mais, a difusão das formas simbólicas, é ela mesma, um processo que pode ser regulado e controlado de vários modos. Então o aparato institucional de transmissão se constitui num conjunto de mecanismos de implementação restrita que tem como demonstrar esses aspectos de interação entre formas simbólicas e poder.

Transportando para a realidade deste tópico gostaria de enfatizar ainda a EP, nessa problemática de servir ou limitar ou reorientar mesmo impondo mecanismos, para os circuitos nela elaborados. Há na fala dos participantes, situações que acabam por fechar tais características sejam: a construção da avaliação continuada integrada escrita - ACI (e), e a cobrança que será efetivada ao estudante; a “dança” do tutor que cobra e o que não cobra; a forçada EP coletiva.

Há que destrinchar o valor simbólico das expressões emitidas pelos professores no meio das atividades que são lançadas para abordagem na educação permanente, cujo efeito mais parece ser a força imposta aos integrantes, criando-se até desconfortos. Apelo para a questão da cobrança, e também à elaboração da prova escrita confeccionada neste espaço para os estudantes, entre outras situações.

Que não se descaracterize as situações, que já são frágeis, porque fundadas em processo de mudança, para que não se venha a questionar o que já indaga Brito e Purificação (2006, p. 29): “Se a inovação é ato de inovar ou renovar, por que, sendo a educação reconhecidamente motor fundamental de mudança e inovação, tende a cristalizar-se como lugar de fossilização e de atraso?”

3ª Unidade Temática

A PRÁTICA DA TUTORIA NA ENFERMAGEM – ATO E AÇÃO

A presente unidade temática denominada “**A Prática da Tutoria na Enfermagem – Ato e Ação**” é composta dos seguintes tópicos:

- 1- O movimento da prática da tutoria
- 2- Os passos metodológicos da atividade tutorial
- 3- As facilidades mediadas no exercício da tutoria na visão do professor tutor
- 4- As dificuldades mediadas no exercício da tutoria na visão do professor tutor
- 5- As facilidades e as dificuldades do professor tutor
- 6- As características dos estudantes tutorandos
- 7- A prática dos estudantes frente à tutoria
- 8- As finalidades da tutoria na formação do enfermeiro

Os tópicos acima demonstram a atividade produtiva dos indivíduos num movimento simbólico de significados e sentidos, e destes se apropriam para atuarem e intervirem no curso dos eventos que vivenciam em seu cotidiano profissional, como professores junto aos estudantes. Reações, lideranças, metas e decisões, podem ou não influenciar as ações dos sujeitos e dos grupos sociais.

Esta visão se enriquece pelo caráter criativo, construtivo e socialmente articulado à interpretação com base na cultura e sua transmissão interessada no elo da reinterpretação e formação do eu, profissional.

Assim, a **TERCEIRA UNIDADE TEMÁTICA**:

A Prática da Tutoria na Enfermagem – Ato e Ação:

Aqui se apresentam na essência dos discursos, dos gestos e das atitudes dos sujeitos dentre tantos, os meandros do dia a dia, quando num compasso metodológico de acertos e desacertos, as potencialidades e as fortalezas se encaram. A título da interpretação e da contra-interpretação, ou mesmo de um objeto de análise insurgido pela certeza, aclama que pessoas há que se beneficiam em detrimento de outras, às quais lhe serão concedidas participações e possibilidades diferenciadas. Para tanto, irei considerar os contextos e processos socialmente estruturados, ponderando a multiplicidade de fenômenos significativos, como ações, gestos, textos, diálogos, rituais, expressões verbais mesmo obras de artes, entre tantos outros, desenhando-se neste movimento a compreensão de cultura.

1- O movimento da prática da tutoria

Os depoimentos dos professores quase consensualmente remetem - A Prática da Tutoria na Enfermagem – Ato e Ação, cujo *aprender a aprender pelo diálogo* está presente, conforme o enfoque dos trechos das falas, entre as quais, destaco as mais relevantes:

[...] você tem que utilizar as mais variadas estratégias, para fazer a instigação desse aluno. E com esse aluno não adianta você ficar quieto, como se diz aqui, ficar fazendo cara de paisagem, porque aí é que não vai sair nada mesmo. [...] mas, pode aparecer, aquele que se esconde atrás do outro.

(ARIEL)

Hoje já praticamos o cuidado dentro de um processo tutorial, o que acaba ficando um pouco presente, na prática do aluno. A tutoria, a abertura da situação, a síntese, a construção a busca nos meios eletrônicos mais cabíveis, a busca nos livros, [...] eu acho que cada período tem as suas particularidades, as relações mudam. Eu também estou no sétimo período. As relações que

temos para construir com os alunos são muito distantes, porque a minha função ali é manter a vida, [...]. Mas é uma relação muito rápida, muito sem a construção de um vínculo. (MITZRAEL)

Na tutoria você tem uma direção que é construída em conjunto. O aluno tem que interagir o tempo todo, eu acho um ganho para nós como professores. E o ganho para o estudante é enorme, Então ele sai dali realmente com uma construção do conhecimento. (ANIEL)

[...] como ele sabe dirigir o conhecimento que ele sabe. [...] às vezes é o tutor que não faz aquilo [...]. Mas existem hipóteses? E aí eu acho que a nossa postura é fundamental. Este processo se constrói no cotidiano, na prática, não tem como falar de tutoria, se não viver a tutoria [...] esse processo de construção do conhecimento de forma coletiva. (MIHAEL)

Eu acho que você vai de acordo com a sua experiência ou até da característica desse grupo. Tem grupo que você já pode deixar caminhar sozinho, e outros, você tem que fazer questionamentos para que possa chegar ao objetivo daquela sessão. A prática hoje tem que ter a troca, saber como cada um está no seu espaço no seu lugar [...], pois ele sai de um período para o outro e no período tal, ele diz não fazia isto. (DANIEL)

Não é uma receita de bolo, [...]. Eu acho que hoje, falando especificamente da nossa instituição, a prática de tutoria do curso de graduação de enfermagem está muito por período, cada período tem uma prática diferenciada. Assim, não falta capacidade aos profissionais, falta comunicação. (LAUVIAH)

Essa questão de participar, nós não somos somente, facilitadores, também somos educadores. Eu trago material eu pesquiso também, Eles são fragilizados em termos de busca de pesquisa de por onde estudar. Se pretendermos ter tutorias e materiais com qualidade com fontes fidedignas nós enquanto tutores, facilitadores e educadores nós temos que direcionar. (SEALIAH)

Quanto à abordagem da prática da tutoria e a aprendizagem elaborada pelo movimento do diálogo, entendo este, como toda e qualquer manifestação articulada a ações, a objetos e expressões significativas de vários tipos. Neste sentido, compreendo que os intervenientes (professor estudante), deste processo vinculado à formação, experimentam modos de atuação diferenciados, que fazem desse cenário um contexto social bem estruturado. De fato, concordo e partilho do entendimento do autor que segue, quando apresenta de forma feliz voltando-se para a atualidade, acerca de:

“Aprender a aprender” é desafio tipicamente formativo, no sentido que se calca na gestação de autoria e autonomia. Esta visão foi amplamente recepcionada pela “autopoiese” teoria biológica que entende o ser vivo como dinâmica sempre em formação autônoma e autorreferente, de dentro para fora; (...) a **noção reconstrutiva** das aprendizagens inspirada na **autoria**,

postando o aluno como sujeito e o professor como mediador crucial. Ressalta-se ainda a politicidade da aprendizagem, à medida que o processo formativo resulta na forja do sujeito capaz de história própria, individual e coletiva. (DEMO, 2011b, p.29, 32)

A benéfica discussão trava-se por conta do que absorvo relativamente ao cotidiano tutorial contextualizado estruturalmente, vivenciado em conjunto pelo professor tutor atuando em unísono com os estudantes, no circuito de significados, por eles produzidos. Cabe-lhes por tal motivo, a autoria e autonomia, alimentada no pessoal e no coletivo recepcionado das histórias de vida, movimentadas de dentro para fora dos sujeitos, num processo dinâmico de aprendizagem.

Este movimento precisa acontecer para que o verdadeiro sentido de cuidar ajude o estudante a aprender. Todavia como é importante, capturar e digerir para onde *tencionam intencionalmente*, ou não, os ditos significados se *Mitzrael* sinaliza incisivamente, em sua prática tutorial o cuidado. Ao passo que o faz, julgo sobressair o “infeliz” contraponto quando explica que o relacionamento com os estudantes é muito distante. Isto corrobora com o que enfatiza reflexivamente Demo (2011a, p. 44): *Na prática, a aprendizagem é dolorosamente precária, não apenas porque os alunos aprendem mal, mas principalmente porque os docentes não sabem aprender.*

Realço na visão de Thompson (2002) o enfoque para o caráter simbólico dos fenômenos culturais, que incorpora formas simbólicas, e se revestem de características, que são compreendidas pelas pessoas e interpretadas por elas. Sem dúvida que toda esta arquitetura da paisagem cultural é traduzida nos depoimentos dos participantes, que apesar, de um deslocamento espacial para outros e novos contextos onde a relação face a face dos agentes sociais, se coloca, mais diretamente, na mais ampla complexidade, faz com que haja a imperiosa necessidade de valorizar a produção e a recepção explosiva dessas formas simbólicas.

Na modalidade dos **aspectos intencionais**, é importante frisar que há o entendimento segundo o autor de que as formas simbólicas são expressões de um sujeito, para outro sujeito, ou mais. Que se compreenda nesta ação que o indivíduo ao empregar tal forma tem a intenção de buscar algo, no modo como quer dizer ou até pretendeu. O segundo o “receptor” perceberá e irá interpretá-la como expressão de um sujeito que a demandou e apesar disso, essas formas terão mesclas de diferentes significados. Mas o mais importante é o que o sujeito produtor quis dizer ao produzir essa forma simbólica.

Na análise interpretativa do movimento da prática da tutoria torna-se relevante o que se ilustra diante do recorte das falas dos depoentes. Fica mais fácil entender aquilo que Thompson (2002), deseja expor, já que a tutoria demarca um contexto socialmente estruturado. À medida que o coletivo grupal se forma, entre indivíduos diferentes pela transmissão de crenças, tradições, padrões culturais, histórias de vida, formações literárias, idade, sexo e particularidades da personalidade de cada um, também trajetórias institucionais instigadas pela evolução curricular, irão caracterizar contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados, não havendo como dissociar intenções e influências.

Dá para perceber que a movimentação da tutoria, vai revelando formas simbólicas que produzidas pelos participantes vão tendo seu impacto entre eles, sendo recepcionadas e consecutivamente transmitidas. Em circuito repercutirão em outras novas produções de significados e sentidos. Apesar, disto há o entendimento de que formas simbólicas compreendem:

As ações e manifestações verbais do dia-a-dia, assim como fenômenos mais elaborados, tais como rituais, festivais e obras de arte, são sempre produzidos ou realizados em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade. (THOMPSON, 2002, p.179-180)

As alternativas para a progressão da tutoria constam na apuração dessas fontes significativas, e com elas interpretar o impacto do aprender a aprender, por parte dos agentes sociais (professor estudante). Isto se baseia essencialmente em clarear o significado destas na mediação da análise do contexto, onde estas se inserem. Portanto, é útil analisar o processo de interpretação do que agora se apresenta frente ao ato e ação da prática de tutoria na enfermagem, mobilizada pela transformação de identidades culturais e profissionais.

Daqui se revive a noção da perda de patrimônios culturais do passado e em vias disso, a formação vive hoje um processo de socialização e de reconversão pela identidade. Oportunamente a reflexão procede:

A pedagogia tradicional assentava num conceito de *esforço* que andava ligado ao conceito de dever, disciplina e respeito pela autoridade do professor. Por esta razão, as pedagogias activas deram relevo à ruptura do autoritarismo pedagógico e enfatizaram as noções de liberdade e de participação. Contudo, a experiência da aplicação das metodologias activas criou, em não poucos casos, a imagem de “facilitismo”, como proposta alternativa ao esforço exigido pelas pedagogias tradicionais. (TEDESCO, 2008, p. 120)

Assim, consensualmente, o significado do que expressam as percepções dos professores sobre a temática elencada ao tópico, é uniforme o que apresento sumariamente, identificando alguns deles. Por enquanto, *Aniel* deixa transparecer em seu discurso que prioriza e atende no entorno tutorial, especificidades que se tornam claras. O primeiro enfatiza que a direção é proclamada em conjunto, no binômio professor e estudantes, quando se almeja a construção do conhecimento, permutando-se o aprender a aprender pelo diálogo.

Porém, *Lauviah* esclarece que o desenvolvimento da tutoria, não se pauta em seguir somente um receituário, levando a pensar de que ele ou seus colegas podem assim, proceder, para em seguida concluir que os períodos têm práticas diferenciadas, não por falta de capacidade, mas sim por não dialogarem entre si.

É confuso compreender o que intencionam explicar se o bom andamento da tutoria no processo de aprendizado se tutela na capacidade de conduzi-la sequencialmente, ou se dominar os assuntos basta. No entanto, progredindo para os próximos períodos, os estudantes divulgam que nos períodos anteriores não faziam determinado procedimento. Enfim, resta a dúvida se a aprendizagem se perdeu, ou pelo contrário, inexistiu.

Para isso, frutificam por parte do professor e estudante nos extratos dos depoentes significados e sentidos quase numa reciprocidade, de forma a destacar: estratégias, estudo, aprendizagem, intenções, relacionamento, integração, trocas, comunicação, personalidade, conhecimento, capacidade, responsabilidade, facilitar e educar, cobrança. Frente a tais especificidades posturas, atitudes, expressões gestuais ou verbais, entoações, vão traduzir de um sujeito para outro ou outros, o que busca através de objetivos, propósitos, ou então vai tentar expressar o que quer dizer ou tenciona, no produto sobre o qual se empenhou intencionalmente.

A claridade ronda o sentido expresso na fala de *Ariel* que buscando ser tutor, não fiel à sua personalidade, mas como lhe transmitiram fazendo a tão fadada “cara de paisagem”, ou melhor, observacional. Esta teve o propósito, a intencionalidade de inculcar no movimento do seu cotidiano tutorial, suas características comportamentais, psicológicas por que não pessoais, até ao ponto de dar emoção a um frio pedaço de papel.

Acrescentaria, porém, que as intenções declaradas da depoente rezam por certo benefícios, contudo, no entanto podem vir a ser conflitivas e conflituosas, ou não claras, caso venham a desembocar no facultar, facilitar e a título de exemplo, os materiais escritos, procedimento contrário à metodologia empregue. Habita aqui a noção de

facilidade imbricada no posicionamento de *Sealiah* quando explica somos educadores, nós temos que direcionar, ou seja, orientar, até por que:

A sessão tutorial se caracteriza pelo trabalho em pequeno grupo de, aproximadamente, 12 estudantes e um professor facilitador (o tutor). O tutor faz a mediação do processo de ensino-aprendizagem. Ao facilitar esse processo, ele fica atento ao desenvolvimento de capacidades dos estudantes, considerando-se as competências esperadas. Nesse contexto, a formação profissional do tutor não precisa necessariamente ser na área de Enfermagem, pois a condução do grupo é mais um trabalho pedagógico e metodológico. Atualmente, no Curso de Enfermagem do UNIFESO, atuam como tutores, além de enfermeiros, biólogos, psicólogos, sociólogos e antropólogos. (ALBUQUERQUE *et. al.*, 2010, p.999,1001)

De que adiantam as boas intenções se caírem na criação de vícios, erros, ou facilidades “inconscientes”. Outrossim, toldam ações e rituais entre perceber porque o tutor não realiza determinado procedimento, como o indicia *Mihael* e o esclarece *Daniel* quando introduz deslizando o parecer do estudante que na passagem de um período para o outro, aumenta a explicação de que no momento anterior, não realizava determinada passagem metodológica.

Daqui, depreendo que a tutoria por se compor de seres humanos distintos, poderia possuir elevada riqueza tecida no possível capital cultural e simbólico que comportaria em seu seio, no entanto, percebe-se que não é isso que está acontecendo. Por conseguinte, obscuridade e confusão mascaram particularidades e objetivos bem ou mal tencionados, que por fim, podem talvez irem reforçar as práticas diversas por grupos de tutoria, é diferente de se imaginar que a possível falta de capacidade dos professores, resida apenas na falta de comunicação, para orientarem com êxito a aprendizagem.

2- Os passos metodológicos da atividade tutorial

Outro ponto a ser destacado é os passos metodológicos da atividade tutorial no que concerne - A Prática da Tutoria na Enfermagem – Ato e Ação – possibilitando a valorização do processo de aprendizagem, sendo abordado por quatro dos professores:

Sim, é feita a leitura silenciosa para que ele tenha o entendimento, também é feita a leitura alto, o brainstorm, para levantar os problemas da situação, e aí vamos levantar as hipóteses, o que pode ter levado aquilo. [...] eles falam na abertura que querem fazer o errado, e atropelar os passos [...]. Assim, participamos de um processo de aprendizagem, e infelizmente nem todos os períodos fazem e alguns fazem por obrigação, não entendem a valorização dos passos. O rigor de seguir os passos, sim, mas que se entenda o porquê de cada passo. (LAUVIAH)

Assim, temos que compreender e respeitar o método em todos os passos, de uma sessão tutorial, nos seus sete passos. Nós tutores, entendemos a importância daqueles passos, as etapas o porquê das coisas. Se tem significado para nós conseguimos transpor e significar isso para eles, e isso não se restringe a cumprir os sete passos. É preciso significar a construção e a elaboração e o fechamento daquela produção do conhecimento a cada situação problema desde a abertura, até ao fechamento. (NANAEL)

Frente à tutoria, uma vez o estudante de posse da situação problema o tutor, ele passa a guiar a condução desse processo de aprendizagem, a partir de etapas. [...] O estudante tem que em cima da situação problema, fazer uma leitura reflexiva, a fim de conhecimento textual mesmo, logo em seguida o estudante já deve fazer uma leitura pré analítica, grifando os pontos mais específicos na situação a ser trabalhada, e num terceiro ponto já sistematizamos, os problemas para discussões nos grupos. A partir dos problemas originam-se as hipóteses, que preferencialmente serão hipóteses explicativas, que partem do conhecimento empírico do estudante. (OMAEL)

Então o tutor é a articulação por isso tem que ter experiência, vivência mínima e necessária para estar conseguindo isso (aprendizagem), e mais do que isto, estar articulando os passos tutoriais. (MEBAHEL)

Os excertos das falas das entrevistas compuseram o tópico em questão, enfatizando essencialmente a metodologia (método), passos e sua valorização na prática da tutoria como ato e ação. Caso venha a refletir sobre o significado do que aqui apresento posso aprender junto a Moreira e Caleffe (2006), que se vincula à atividade tutorial quase uma relação de causa e efeito, que por sinal está sendo muito bem articulada neste percurso, na percepção dos depoentes.

Para a realização da atividade tutorial, a metodologia deve ser seguida religiosamente em seus passos significando-os, e a presença do professor orientando a condução dos mesmos torna-se essencial. Tudo leva a crer que o processo de aprendizagem deveria se construir “divinamente”, pois é o que se pretende. Para isso, acontecer parece ser oportuno introduzir a noção de método, já que se almeja um conhecimento que se quer científico na visão de Gil (2006, p. 26): “(...) como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Para tal, retorno a Moreira e Caleffe (2006), para que colaborem no que exalta *Nanael*, em relação à importância de significarem para si mesmos, as etapas (passos) que compõem o método, para assim, puderem aprender o processo, e desta forma, passá-los ativamente e de modo correto, para os estudantes.

Talvez seja interessante, unir o pensamento do autor que segue neste mundo tão natural de ato e ação, como o é, a tutoria:

Estamos sempre diante de uma realidade problemática e complexa, do mesmo modo que precisamos “objetivar” para poder “captar” o real. Mas a realidade não se mostra, por vezes se oculta em imagens inatingíveis. De certo modo, conhecer é entregar-se à realidade de forma que ela nos atinja e nos envolva a ponto de nos tornarmos parte dela. Assim, procuramos compreender as coisas que nos são incompreensíveis a primeira vista. O limite de nossa busca não está nas interpretações teóricas que encaminham muito bem a “objetivação” do real, mas no caminho – na metodologia – mais adequada para captar os significados que estão postos, não por objetos, mas por sujeitos que significam e ressignificam o mundo e sua realidade a cada instante. (GHEDIN, 2004, p. 4-5)

Este processo de aprendizagem para os tutores é essencial, já que sem ele a condução tende à deriva para os estudantes, que de tão perdidos lhes restará recorrer ao uso da “criatividade”. Caso estes, sejam portadores de bom senso, ou de espírito de justiça irão traduzir insatisfação pelo que deixaram de absorver em termos de conhecimento. Bem, transferidos para o período seguinte, a lacuna os acompanhará.

Daqui depreendo articulada à citação anterior, de que esta situação é complexa, ainda mais se a valorização se medeia em percorrer a aprendizagem e acompanhando-se gradativamente a formação do conhecimento. É a impregnação total do professor a tal realidade que releva:

A priorizar no conhecimento em formação a ação coletiva tão enfatizada pelos sujeitos, fundada na relação inter-intrapessoal onde se criam teias de saberes que sempre estão à prova pelo dialogo transpondo-se limites, permutando-se idéias e reflexões permitindo-se desafios constantes. São estes que levam à transformação dos cenários pela coparticipação dos agentes mediadores da atividade educativa, cuja tela de fundo passa a ser a continuidade experiencial cujo meio suscitará o antivalor do que será desaprender. (TANJI, *et. al.*, 2009, p. 164)

Uma dimensão mais profunda de análise na dimensão cultural enfoca a concepção estrutural da mesma, e com Thompson (2002), se caracteriza a situação prática como esquema indiscutível para a geração e interpretação de formas simbólicas. Adiantada na preleção do autor colaboro com ele, quando apresenta como característica das formas simbólicas, **o aspecto convencional**, ou seja:

(...) a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos. Essas regras (...), palavras ou situações concretas específicas (...), até convenções que governam a ação e interação de indivíduos que tentam expressar-se ou interpretar as expressões de outros (...). Muito embora seja geralmente tácito, esse conhecimento não obstante é social, no sentido que é compartilhado por mais de um indivíduo e de que está sempre aberto a correções e sanções por parte dos outros. (...) um texto produzido de acordo com as convenções do discurso científico pode ser interpretado por leitores subseqüentes de diferentes maneiras – (...) como um trabalho que rompe com as convenções científicas e inaugura algo de novo. (THOMPSON, 2002, p.185)

A partir da proficuidade do argumento do autor *op.cit.*, (2002), adiciono mais uma reflexão incisiva, de outros, quando referenciam que:

Por seu turno, o mundo social é composto de significados e interpretações que resultam em uma relação significativa que é descrita por ação. Uma relação significativa acontece quando a relação pode ser demonstrada entre o estado subjetivo do ator e a ação, como, por exemplo, um motivo particular por um lado, e um comportamento observável por outro. Os críticos argumentam que o que está faltando na explicação positivista é uma demonstração de como a ação em questão é justificada e explicada pela pessoa ou pessoas envolvidas. Isso exigiria uma explicação das regras, significados compartilhados e interpretações que os seres humanos fazem rotineiramente para conduzir suas vidas. O mundo social, portanto, necessita

ser investigado em termos de significados e ações ao invés de causas e efeitos. (MOREIRA, CALEFFE, 2006, p.53-54)

O sistema de regras e convenções vinculadas à nova metodologia ativa no que diz respeito à tutoria, na atualidade junto à formação dos estudantes, observa-se movimentado frente aos depoimentos e ao cotidiano dos participantes. Naturalmente, estes elaboram na maioria um produto simbólico que deixa transparecer a ausência dessa normatização, e ingenuamente percebo um receio ou desconhecimento, acerca do método em uso.

Expressões como: reforçar o rigor; estado de vigília sobre o outro; valorização dos passos; compreender, significar e respeitar o método; tutor experiente no mínimo traduz significativamente, todo o aporte interpretativo, que preciso identificar naquilo que os mesmos escreveram como passo a expor:

1. O professor gosta do método e conhece o rigor;
2. O professor reconhece que o outro perde alguns passos;
3. O professor percebe que o outro está errado e este prossegue por pensar estar correto;
4. O professor não realiza porque não aprendeu o método;
5. O professor necessita realizar estado de vigília em relação ao outro e reconhece uma vez mais, que o colega minimamente precisa ter experiência;
6. Os estudantes preferem fazer errado e atropelar os passos metodológicos, em suma.

A breve retrospectiva tranquiliza a organização das ideias e desenha um raciocínio bem próximo ao de Thompson (2002) e de Moreira, Caleffe (2006). Se porventura, lhes for requerido algo acerca do que praticam em cenário tutorial, provavelmente, não terão domínio da situação, salvo raras exceções, e possivelmente este conhecimento tácito, quando compartilhado estará sujeito a correções e sanções

por parte de outros, como acontece num intercambio de codificação e descodificação mediante regras e convenções diferentes.

Cabe obviamente a explicação que ao inaugurar algo de novo, neste sentido, fragilizou demais a qualidade da formação, em tudo que preceitua a metodologia. É notório focalizar tal veredicto, uma vez que, quem o testemunha é a voz dos estudantes e esta é clarividente.

Pontua com clareza Thompson (2011), que até mesmo na formação pessoal esta, possa tocar-se pelos materiais simbólicos, que podem ser incorporados reflexivamente no projeto de autoformação. Em virtude disto, as posturas, as ações, a verbalização adotada pelos professores diretamente entre si, e os estudantes, independente, do movimento da prática da tutoria, conduzirá à necessidade de recursos e capacidade a eles inerentes, para que lhes permita interpretar todo esse fervor de formas e significados. Porque estão contextualizadas, se constituirá o alvo da valorização – avaliação e conflito entre si.

Continuando, materiais simbólicos permeiam este campo de interação porque os indivíduos que os produzem se situam nele, independente da sua evolução e num dado tempo. Também, de outra forma, numa análise histórico-evolutiva da observação dos fenômenos como sendo um conjunto de trajetórias pessoais e institucionais, quando me reporto à citação que segue:

Enfim, estamos diante de um amplo leque de possibilidades de qualificação das universidades como instituições formativas, onde a formação já não é algo que acontece “entre paredes”, estando limitada a um espaço e um tempo concretos. A posição e a missão da universidade no contexto as “sociedade da aprendizagem” (ou seja, de uma sociedade em que é preciso se manter sempre disposto ao aprendizado para poder preservar um certo nível de qualidade de vida) adquire uma orientação bem diferente: é uma universidade menos auto-suficiente, mais preocupada em consolidar as bases do conhecimento do que em desenvolvê-lo por completo, mais comprometida com o desenvolvimento das possibilidades reais de cada sujeito(...). (ZABALZA, 2004, p.65)

No percurso da vida, os sujeitos buscam alcançar seus objetivos particulares, recorrendo a recursos como o conhecimento, habilidades e diferentes tipos de qualificações educacionais (o capital cultural). Entretanto, identificam-se méritos acumulados, prestígio e reconhecimento à pessoa ou posição (o capital simbólico). Diante deste fio condutor teórico atento, uma vez mais, para o contexto tutorial que se desenha na minha percepção como um campo de interação. Nele, e na instituição o poder que se desenvolve dá a possibilidade ou a capacidade, a algumas pessoas, à tomada de decisões, pelo que perseguirão certos fins ao construírem interesses, e assim, constituem com ele sua própria trajetória.

Cabe introduzir a ideia de que campos sociais se permutam dentro da instituição social, e assim, o foco se dirige à noção de “estruturados”³² designação empregue por Thompson (2002). Este, menciona a caracterização acerca das assimetrias e diferenças estáveis, referentes a acesso, recursos, oportunidades, chances na vida e poder definido pelo autor (2002, p. 199) como: (...) a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses (...) o individuo apoia-se e emprega os recursos que lhe estão disponíveis.

Por conseguinte, pode acontecer que teias de desafios se originem pelo choque de valores, mensagens se conflitem ou então crenças impregnadas desalojarem práticas rotineiras do cotidiano dos indivíduos. Defronte ao exposto, eis a ceara onde frutificam as contribuições dos depoentes para permitirem o entendimento deste emaranhado de ideias, com o intuito de caminhar junto aos participantes, para a transmissão cultural cujo processo possibilitará que formas simbólicas possam ser transmitidas dos produtores aos receptores, infinitamente.

³² As aspas são do autor.

3- As facilidades mediadas no exercício da tutoria na visão do professor tutor

Outro aspecto interessante é apresentado por seis depoentes, quando nos trazem as facilidades no exercício da tutoria, conforme mencionado a seguir:

Falar de facilidades, não é nada tão simples. Pertencem ao nosso mundo subjetivo e objetivo [...]. Primeiro do ponto de vista acadêmico sou professor universitário, sou de uma formação familiar da área médica, o que me acaba facilitando para estar neste momento, de desenvolver este olhar interdisciplinar, transversal que é preciso na tutoria. Gostar de estudar e é algo que me facilita, porque é preciso estudar, e nesse sentido acredito que eu tenha facilidade também [...]. (ARIEL)

Para mim, como facilidades na tutoria foi ter feito a pós graduação faz com que tenha mais facilidade, também por ser enfermeiro, torna mais fácil tudo que vai ser discutido, sobre determinado assunto [...]. Conhecer um pouco os alunos, da história de alguns deles, muitos são técnicos [...]. (JELIEL)

Entender o contexto de vida do aluno ajuda muito, porque dentro de uma metodologia, na tutoria, nós sempre usamos o respeito à subjetividade, [...] e que se comprometam com o método. Outra questão que gera facilidade é a socialização desse conhecimento. As relações humanas e o poder, daquele aluno que se coloca mais [...]. O sentir-se bem na tutoria, [...]. O tutor não é o único ponto de referência para o aluno na construção do conhecimento. (MITZRAEL)

A facilidade é você ter a ambientação, ter a temática mais ou menos dominada, não totalmente, mas dominada. A facilidade é você dominar o tema que vai trabalhar essa é a melhor parte. Outros fatores que facilitam é você trabalhar com as pessoas que gosta pessoas responsáveis pela formação. (MIKAEL)

Como facilidades eu acho a forma, dinâmica como trabalhamos todos sentados da mesma forma, o fato de todos estarmos no mesmo patamar já penso isso ser uma característica que já facilita muito, para estarmos trabalhando. [...] a questão da escolha do grupo, eu acho isso fundamental e necessário. Acho que se deveria poder escolher qual o grupo no qual querem estudar. (ROCHEL)

A facilidade no desenvolvimento da tutoria, no curso a primeira que eu achava era que os nossos organizadores do projeto político pedagógico, enquanto professores estavam nos espaços tutoriais. A outra coisa eram os espaços de educação permanente. A facilidade que eu vejo na estrutura física embora não tenhamos muitos locais, esta favorece as salas de tutoria [...] a minha facilidade está na criatividade. Eu acho que o grupo tem que ser criativo, para transformar aquela situação de papel em algo palpável, saber onde estão os ganchos. (ANAUEL)

Na vida cotidiana o indivíduo, aprende reinterpretando os significados da cultura. Da mesma forma assim, deveria fazer o professor, orientando-se pelo aprendizado constante, adquirido por seu próprio empenho, ou conduzido pela

instituição de ensino à qual se encontra vinculado. Resignificar esta sua revalorização, é urgente, para que se torne intuitivo o alcance desse poder, pela força da busca do conhecimento. Tal energia se propaga quando o professor qualificado devidamente, se harmoniza com os estudantes e assim, consegue caminhar ao lado destes, em sintonia para juntos alcançarem a edificação da carreira profissional. De outra forma, importa refletir bastante, acerca da formação dos professores, quando estes ponderam como facilidades mediadas no exercício da tutoria, a flexibilidade do tutor pelo domínio dos temas, quando:

(...) o que se entende por *conhecimento* (...) energia principal das inovações, não pode ser empacotado, muito menos repassado, mas construído, desconstruído e reconstruído, em processos intermináveis de pesquisa e elaboração. Não se pode ser docente sem autoria, pesquisa, texto próprio. (...) agora sabendo que conhecimento é dinâmica disruptiva em infinda ebulição, todo conteúdo carece ser reconstruído, porque somente conteúdos reconstruídos e reconstruíveis guardam interesse e atualização. (DEMO, 2011a, p. 55-56)

Vale ressaltar, articulando ao autor em tela, as ideias sumárias dos participantes da pesquisa, pelo aporte de informações quando entoam significados como:

Gostar de estudar; Observar as demandas dos estudantes; Compreensão do contexto de vida dos estudantes; Tutor a referência do estudante na tutoria; Conhecimento da temática ambiental o tutor (dominar o assunto); Trabalhar com os responsáveis pela formação; Capacidade do enfermeiro para ser tutor; Formato de trabalhar sentado (professor-estudante); Escolha dos grupos; Organizadores do PPP, nos espaços de tutoria; Educação permanente (EP); Estrutura física da sala de tutoria; Curso de processos de mudanças; Usar de criatividade.

O que se pretende aqui e agora, é compreender a repercussão desta teia de significados e sentidos, no que suas inter-relações podem exibir como uma estrutura

articulada, enquanto facilidades mediadas no exercício da tutoria sustentam elementos que se relacionam uns com os outros, revelando estruturas através das quais o significado é transmitido. A interseção destes elementos pode elucidar os agentes sociais geradores e receptores de informação, de que:

O processo educativo vem sofrendo importantes alterações nas formas de produção do conhecimento e da apropriação do saber nos dias atuais. Nesse novo contexto, a mudança curricular está nos alicerces da melhoria do processo de aprendizagem e, por consequência, o resultado repercute no mundo do trabalho, para o qual o aprimorar de valores e atitudes se tornam também presente. (FELIPPE, *et. al.*, 2008, p. 279)

Não obstante, a interpretação não se queda por aqui, uma vez que, todo este contexto se originou na mudança curricular advindo de uma identidade institucional perpassada ao longo da transmissão de trajetórias históricas e culturais. Sob a ótica de Silva (2004), a cultura traduz um campo de produção de significados, cujo campo é contestado de significação, identidade e poder.

Agrega-se a noção de currículo, porque toda a mudança nasce da desconstrução processual do que é naturalizado, melhor explica o autor:

Uma proposição frequentemente encontrada nas análises feitas nos Estudos Culturais pode ser sintetizada na fórmula “x é uma invenção na qual ”x” pode ser uma instituição, uma prática, um objeto, um conceito. A análise consiste, então, em mostrar as origens dessa invenção e os processos pelos quais ela se tornou “naturalizada”. (...) os Estudos Culturais permitem-nos conceber o currículo como um campo de luta em torno da significação e da identidade (SILVA, 2004, p. 134).

O que se pretende é compreender a repercussão desta teia de significados e sentidos no que suas inter-relações podem exibir como uma estrutura articulada enquanto facilidades mediadas no exercício da tutoria sustentam elementos que se relacionam uns com os outros, revelando estruturas através das quais o significado é transmitido. A interseção destes elementos pode elucidar os agentes sociais geradores e receptores de informação, de que:

Nessa perspectiva, o currículo é um artefato cultural em pelo menos dois sentidos: I) a “instituição” do currículo é uma invenção social como qualquer

outra; 2) o “conteúdo” do currículo é uma construção social. Como toda construção social, o currículo sem uma análise das relações de poder que fizeram e fazem com que tenhamos esta definição determinada de currículo e não outra, que fizeram e fazem com que o currículo inclua um tipo determinado de conhecimento e não outro. (SILVA, 2004, p. 135).

Para particularizar a compreensão dos depoentes em relação às suas falas múltiplos elementos podem ser agrupados e esclarecidos diante de expressões, efetivas manifestações verbais e ainda textos. Percebe-se um movimento crescente e inovador que naturaliza uma prática tutorial, de raiz peculiar à especificidade dos indivíduos como é o caso de gostar de estudar, estruturando-se para obter um determinado conhecimento. Como resultado o tutor domina o assunto podendo se tornar uma referência para o estudante.

É oportuno, colaborar com Thompson (2002), porque sua contribuição se destaca para este momento, a terceira característica das formas simbólicas, conhecida por **aspecto estrutural**, sobre o qual se explanou anteriormente, um pouco de suas especificidades, e que o autor denomina como constelação de elementos, de modo a obter sistemas simbólicos.

O que se pretende é compreender a repercussão desta teia de significados e sentidos, e suas inter-relações quando exibem ou não uma estrutura articulada no contexto social de tutoria e institucional, diante das meras facilidades encontradas pelos professores frente ao poder demandado pela mudança curricular vigente.

Um sistema institucional em sua amplitude carrega identidade e poder no que concerne à instrumentalização dos professores que abriga missionariamente, em seu seio, para que estejam habilitados ao exercício de suas práticas sempre regidos na força do conhecimento, essencialmente. Para prosseguir nesta discussão, enfatiza-se sem reserva de dúvidas, para o professor a qualidade formal e política, como a seguir se apresenta:

Por *qualidade formal* do docente entende-se competência técnica, domínio dos conteúdos, profissionalismo, conhecimento adequado e atualizado, traquejo metodológico e epistemológico. Incluem-se aqui as habilidades necessárias para produzir conhecimento com qualidade acadêmica e autonomia. Por *qualidade política* entende-se a capacidade de conceber e usar meios técnicos, metodologia e conteúdos, formalizações metódicas para fins devidos, sobretudo éticos. (DEMO, 2011a, p. 58-59).

A perfeição do autor *op. cit.*, (2011a), quando pelo uso das palavras consegue elaborar tão bem o que sente e sabe, pois alega com toda a notoriedade que nenhuma ideia é nova, pois não existe mente nova no contexto da evolução cultural comum. Porém, preciso uma vez mais, retornar às falas dos professores participantes e em conformidade com o aspecto estrutural da significação simbólica, corroborada a Thompson (2002), entender como a responsabilidade e autonomia integradas à própria vontade do ser podem em contextos sociais de formação humana e profissional, se encontrar vivas, por isso presentes.

Sequer, haverá esquecimento ou inocência no sentido expresso, e ousando recordar o velho ditado de que: “a culpa morreu solteira” e emergindo da neblina nos depoimentos em que os professores se encontram como sujeitos, já que vinculados a uma realidade deslocada pelas inovações, penso perceber que está faltando neste rizoma estrutural e sistemático institucional a verdadeira qualidade formal e política. O professor e a instituição rezam a consciência dos fatos, contudo, no ceder o que se possuiu no emaranhado do que não se tem, não serão adaptações e tentativas fugazes, sequer, duradouras, a argumentação à atual realidade.

É nas entrelinhas que apuro os detalhes mais preciosos de que expressar as facilidades não é de modo algum tão simples. Pelo contrário entendo que olhando sua raiz seria fácil. Impregna-se do eu (*self*), regido pelo estudo sustentado na cultura familiar. Particularidades não explicam os meios se por acaso, outros necessitam trabalhar com pessoas que de algum modo se encontraram vinculadas aos processos de

mudança para que a segurança e a destreza mental de outros tranquilize, porém, suas práticas, até mesmo o conhecimento de meios documentais.

O que existe para que um professor julgue corretos espaços quadrados de educação permanente, onde somente se reúnem colegas pertencentes a instâncias mais avançadas de coordenação de período, quem sabe de curso também. Releva outro professor o benefício de ter sido instrumentalizado pelo curso de especialização. Entretanto, um argumenta a favor da facilidade versátil de ser enfermeiro, lidando muito bem com a essência da palavra “articular”, parecendo mais aquele que a tudo e a todos se adapta, e por fim, concluiu, como sendo capacidade do enfermeiro, tutor.

Outrossim, tudo que foi visto até o presente momento, localiza uma organização, a universidade, e sendo assim, apelo para esta instituição, como sistema maior, complexo, e que alberga tudo e todos, sob seu poder e domínio, penso como deverá se posicionar diante destes fatos, cuja legitimidade a si mesmo, deve avocar. Assim, atento para o que segue:

Em todo o caso, há uma pergunta (...): as universidades podem aprender? (...) seríamos ingênuos caso confundíssemos esse “aprender”, unido ao mero fato de existir e à necessidade de se adaptar, com o que hoje se entende por processos de “desenvolvimento institucional”, isto é, processos dirigidos à qualificação das instituições, ao melhor cumprimento de suas funções (...). Como a universidade é um tipo de organização em que o poder dos indivíduos é muito forte (...) as possibilidades de mudanças visando à qualificação dependem muito do tipo de posicionamento que os sujeitos que a formam adotem (ou no mínimo, aqueles que adotam a decisão pertinente). A aprendizagem ou mudança institucional requer, nesses casos, a mudança nas ideias e nas práticas dos sujeitos, (...) exigem-se do contexto de aprendizagem colaborativa – no qual as trocas são motivadas – os ajustes progressivos. (...) Por isso não funcionam as “mudanças por decreto”, nem aquelas que se pretende realizar de uma forma rápida, sem dar tempo para que as mentalidades mudem. Afinal, tudo costuma transformar-se em uma mera mudança formal ou burocrática (cumprimos com os nossos deveres, mas deixamos tudo como estava). (ZABALZA, 2004, p. 96-101).

Realmente a variedade é difundida e facilmente divulgada, pelo caráter, ética e profissionalismo dos enfermeiros que se formam semestre a semestre. Agora penso, onde descansam institucionalmente as significações e a identidade tão necessária em

campos de luta, como o é, o contexto estruturado de tutoria, fortalecido pelas constelações institucionais, do processo de mudança curricular, conforme as exigências que dificilmente se exaurem.

4- As dificuldades mediadas no exercício da tutoria na visão do professor tutor

Dos professores tutores, cinco destacaram as dificuldades no exercício da prática da tutoria, como segue:

Sobre as dificuldades, é conseguir ficar quieto, nas tutorias. Eu gosto de vez enquanto de ir ao quadro, mesmo no ambiente de tutoria [...]. Digo isto, porque existe uma demora inerente a esse aluno, e que “*Mitzrael*” expressou muito bem, para ele compreender este método. Cá entre nós eles não são muito ativos na vida, como vão ser ativos no método? Criamos algumas ilusões metódicas, às vezes e colocamos na conta do aluno. (ARIEL)

[...] o ensino médio fundamental, na maioria é público, e precário, isso dificulta o perfil deste aluno que chega até a universidade. Outra dificuldade que vem desse processo é a aderência desse aluno ao método. O tutor, [...] passa por estudos de capacitação, mas, a transformação do aluno passa por alguma coisa muito subjetiva. A dificuldade que esse aluno tem nessa transformação interna de ser o receptor, de aderir ao conhecimento [...]. (MITZRAEL)

Uma dificuldade que eu penso no desenvolvimento da tutoria cientificamente em determinados temas, quando você a cada semestre é trocado de período, alguém falou de ter o conhecimento. Ele começa a aproximar do tema, e daqui a pouco mudal. (ANIEL)

Até hoje nós temos tutores que não conseguem seguir os sete passos infelizmente! E há alunos que não valorizam os sete passos, mas eu não vejo culpa neles [...]. (LAUVIAH)

[...] porque o nó crítico da sessão de tutoria é a avaliação final da tutoria. É olhar no olho do sujeito e dizer para ele se foi suficiente ou insuficiente e nesse sentido, é muito mais fácil dar o suficiente. O que nós estamos construindo vai aquém, da situação do papel, aquém somente do conhecimento construído estamos construindo uma pessoa para cuidar de tudo, no mundo da sua especificidade, eu vejo isto. (ANAUEL)

Realmente, as situações são bastante diversificadas entre os atores (professor - estudante), e acabam por produzir dificuldades, e entre algumas delas, os significados tornam-se primordiais, quando desvendados e esclarecidos. Consequentemente,

particularidades dessas formas simbólicas na visão de Thompson (2002), em certos contextos, podem substituir ou até representar um objeto, indivíduo ou situação.

Tomando como enxertos as falas dos entrevistados, cabe ao professor neste instante, a representação de *Ariel* que escrevendo no quadro, procedimento este, adverso à metodologia utilizada, tudo leva a crer que é sabedor disso, e o faz sem problema. O contraponto diante de tal situação indaga acerca do que elabora *Ariel* nessa ação: aula expositiva, explicação de algum esquema que tenha elaborado no quadro, entretanto o problema fica em aberto, já que a princípio o propósito ou intenção, não é dado a conhecer. No entanto, acredito que possa estar representando algo, ou substituindo de forma compensatória talvez, seu modo inquieto de ser.

Por conta disto, vou pontuando Thompson (2002), pois contribuiu com a noção de que esse tipo de situações se vincula ao uso de expressões as quais adquirem uma especificidade referencial, em virtude de serem aplicadas em determinadas circunstâncias. O mesmo explica que o pronome “eu” uma forma linguística, como aconteceu no exemplo de *Ariel*, “*Eu gosto de vez enquanto de ir ao quadro*”, adquire a figura de termo referencial, sendo livre e flutuante, por se referir a certo indivíduo, sendo usado num contexto particular.

Corroborar ainda a designação de mais uma característica das formas simbólicas, ou seja, o **aspecto referencial**, em que o autor *op. cit.*, (2002, p.190), define como sendo: (...) construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa.³³ A interpretação da ação do professor participante, dá a entender de que sua ação está sendo movida em referência à própria metodologia, e em consonância à dificuldade dos estudantes se tornarem rapidamente ativos, e participativos na construção da aprendizagem.

³³ O grifo é do autor.

Porém, detalhes não faltam, diante de tais situações, embora a citação que segue trás em si, uma compreensão útil, de que atitudes e ações são referências benéficas que adotadas pelo professor, podem causar positivamente nos estudantes pontes de ajuda para suas reflexões, e assim:

(...), os espaços de construção do saber necessitam ter meios que ajudem os estudantes, a problematizar, o que só se consegue através de metodologias que instiguem não só pelo olhar, à reflexão como também que despertem pela sensibilidade reações, que se transportem a comportamentos seguros e eficientes deflagrados, (...) nos ilimites da aprendizagem. (DANTAS DA SILVA, SANTOS, 2009b, p.147)

Este modelo de formação une sem sombra de dúvida, um trabalho de parceria muito bem articulado, entre estes dois atores sociais (professor e estudante) agora sustentada, nas expressões dos professores. A maioria explana suas ações, atitudes até mesmo sentimentos em função do que desenvolvem no processo de aprendizagem, junto aos estudantes. Em uníssono, ocorre uma motivação referenciada e reconhecida pela formação de ambos numa carreira profissional, em estágios diferentes, mas ainda assim, movidos para o mesmo fim, o conhecimento.

Este aspecto ainda me reporta para Thompson (2002), ao referir que as formas simbólicas tipicamente, ao dizerem algo sobre indivíduo ou situação, pela referência ou representação, também podem afirmar até declarar, mesmo projetar ou retratar. Interessante que ao dirigir a atenção para os depoimentos isso, acontece com frequência, como se mostra:

- o nível cultural dos estudantes; a troca dos professores a cada período; a importância da educação permanente (EP); a instituição não valoriza a EP, nem o curso de graduação; a formação de um bando de estudantes medíocres; o curso de graduação não reprova estudantes; o curso de enfermagem é feira de amostras, em suma o currículo é bonito, mas, os agentes que participam do processo não têm estrutura nem a instituição, possuiu a organização do sistema que pretende ou preceitua incorporar.

Daqui, a demanda de formas simbólicas está presente pelo significado e sentido das expressões e situações anteriormente expostas. Nestas como vai pontuando Thompson (2002), e por referência às dificuldades encontradas, quanto à aprendizagem (professor-estudante); educação permanente; sistema institucional; formação deficiente entre outras cabe frisar que por semelhança de raciocínio no que pontua o autor, gostaria de trazer à reflexão a questão da *opacidade referencial*, para melhor entender o pensamento dos participantes em ato e ação na prática da tutoria.

Embora, não apresente a especificidade referencial dos nomes próprios dos professores participantes, por questões éticas, tal como é de praxe, em contrapartida os codinomes vinculam-me aos depoentes, retratando-os. Porém, junto ao autor *op. cit.*, (2002), realizo um exercício mental, para me aproximar da especificidade referencial, clareando o seu uso em determinadas circunstâncias.

Assim, sendo as pessoas envolvidas falam de um local particular, acerca da vivência que possuem e naturalmente, o sentir destas retrata o referente através de práticas relevantes. Portanto, se consegue até identificar quem é quem, como se nota na figura de *Aniel* quando o descontentamento, realça a troca dela de período a período, a cada semestre. Observando esta prática, caso fosse outro professor o impacto de tal ação, poderia ser diferente, mas nesta situação (co) particular desta participante, não enfermeira, a sua permanência no mesmo período durante mais tempo, com certeza lhe forneceria maior segurança em termos de aprendizado.

Por conseguinte, se alusão irônica, a um indivíduo diferente e desincorporada desta, acontecer pelo referente alusivo, como o é, o de *Aniel* só pode ser determinada e a opacidade removida, se as circunstâncias particulares atenderem nas quais a expressão ou expressões foram utilizadas, refletindo junto ao pensamento de Thompson (2002).

Ainda, retornando ao modelo adotado de formação já que as dificuldades apontadas focalizam a meu ver sérias problemáticas, somente uma reação em cadeia, pode definir os resultados que não se almejam. Os professores em suas dificuldades conseguem vislumbrar as deficiências dos estudantes, continuamente e a recíproca é verdadeira. Assim, os primeiros têm dificuldade em lidar com a metodologia e vão identificando entre eles, a “colcha de retalhos” que vão formando no que cabe à aplicabilidade da mesma.

Pertinente é a seguinte reflexão, que traduz:

É pouco provável que a formação possa funcionar se a própria instituição não faz tudo o que está em seu alcance para eliminar as dificuldades que atrapalham o desenvolvimento. É necessário, de igual maneira, animar os professores com o objetivo de que enfrentem o aprimoramento da qualidade de seu trabalho por meio de uma formação permanente. (ZABALZA, 2004, p.150)

Então por sinal, a educação permanente, não processa a uniformidade para o corpo docente, por sua vez, sequer para os estudantes, que soltos e desorientados no entorno institucional, vão nessa falta de comando progredindo em tentativas de pretensa qualidade. A carência desta percebe-se na desmotivação acelerada dos professores e estudantes que somada ao descaso institucional, que tudo e a todos aprova terá como referência os seguintes significados das formas que a compõem:

- a colcha de retalhos, o currículo oculto e alguns bandos de profissionais medíocres, permutados pelo curso de graduação em enfermagem que lançados no mercado de trabalho, são a imagem pública, autêntica não opaca que se habilitará ao processo de seleção natural, onde sobrevirão os mais fortes e os excelentemente capacitados, no desempenho profissional.

5- As características dos estudantes tutorandos

Para cinco professores entrevistados, algumas características dos estudantes interferem no processo de formação profissional, conforme os relatos:

A formação que esse aluno vem tendo, em relação à educação no processo de vida, a transformação/transição tudo que é novo assusta e tudo que é revolução machuca muito e deixa cicatrizes mais profundas e em outros imperceptíveis. Então a diferença passa nesse ponto [...]. (MITZRAEL)

Tem o estudante que sabe muito, mas só sabe para ele. Para mim ele tem o mesmo valor daquele que não sabe nada. (MIHAEL)

[...] Eles não sabem questões básicas, viu o jornal ontem, viu o que aconteceu, são informações. Não conseguem fazer uma crítica da mesma notícia, em cima do que cada um falou. Eu acho importante trazer isto para o dia a dia, para a tutoria [...]. (CALIEL)

Às vezes pegamos grupos totalmente heterogêneos. Uma parte do grupo estuda está pronto a buscar os materiais e os outros que não sabem também não querem, mas, trazem várias outras coisas, das histórias de vida deles. Às vezes sinto até necessidade de conhecer este estudante, sim. Descobrir algo que nem todos os períodos trazem que é trabalhar essa história de vida.

(DANIEL)

Nós temos alunos com bastante dificuldade de escrita, no vocabulário e nós estamos num curso de nível superior com uma formação específica. Não temos mais tempo de voltar e resgatar a escrita deles [...]. Outra dificuldade é o perfil de nossos estudantes são estudantes trabalhadores, uns trabalham à tarde outros são plantonistas, outros trabalham de noite. Assim, eles têm pouco tempo para estudar, a cobrança é exatamente igual. (LAUVIAH)

Um tipo de articulação se desenha nas falas dos depoentes, já que o liame entre professor e estudante se mostra pouco coeso. Daqui advêm a pré e pós-preparação, precária dos estudantes, que vai esboçando espontaneamente as características pessoais e sócio culturais, das quais são provenientes. Estas determinam e classificam os resultados que se almejam obter diante dos objetivos, que se pretendem alcançar.

Múltiplas mudanças políticas e educacionais na área da saúde aceleraram ao longo do tempo, formas diferenciadas de significados e sentidos, que circulam até à atualidade, em contextos vinculados à formação na enfermagem. Estas forças, transmitidas por expressões linguísticas, a exemplo, “*o novo assusta, a revolução*

machuca”, se apodera ativamente dos indivíduos, em sua subjetividade mesclando o sentir e os modos de atuação, frente aos acontecimentos.

É o meio tutorial o local propício para que tudo isso aconteça já que redes de transmissão de informação se constituem onde gestos, ações, na mediação do que se verbaliza, pensa ou mesmo, escreve, acontecem em abundância. Estas experiências automaticamente são recebidas por um grupo maior, como os colegas e o professor, liberando-se assim, atitudes, atenção, compreensão, até afeto numa relação mais humanizada de cuidado, lugar onde tudo se inicia. Sendo oportuno o recorte reflexivo:

Há no agir em matéria de cuidado noções bem definidas de humanização no exercício de formação profissional quando nos confrontamos com o poder da educação, sempre que esta interage com o social/meio/espço de cuidado, convivendo-se com o que nos ultrapassa suprimindo o que nos limita, em que o processo de mudança age comandado pelos indivíduos. (TANJI, *et. al.*, 2010a, p.489)

Algumas questões interessantes, relativas ao professor, mas desencadeadas pelo cotidiano com os estudantes evidenciam um desconforto sutil, embora grave no que cabe aos primeiros, já que necessitam percorrer etapas crescentes pela mão da aprendizagem no contexto tutorial, quando as deficiências de seus estudantes são enraizadas na base e ao longo da trajetória de formação. À partida entende-se:

(...) que apesar da forte ânsia de mudança por parte dos sujeitos, estas quando acontecem (dês) constroem sistemas educacionais enraizados, resistentes ao se confrontarem com a ruptura de princípios e pressupostos, que passam a ser insuficiente conduzindo a revisão de posturas, frente às novas realidades. Assim, ao provocarem os indivíduos envolvidos desafiam a insatisfação, que se insurge frente à real situação na forte percepção, de que mudanças precisam acontecer. Todavia, as dificuldades para sua elaboração/construção ainda estão evidentes neste processo, por falta de habilidade para a comunicação escrita como de expressão constituindo-se como um grande problema no meio acadêmico. (...) até mesmo tornar a escrita concomitante à leitura como um hábito saudável e importante para o desenvolvimento do estudante. (DANTAS DA SILVA, TANJI, 2008, p.1,9)

O diagnóstico da presente situação parece traduzir especificidades no tutor que na ceara da educação precisa ter o “*feeling*” psicológico e emocional, para saber captar na relação com o estudante: particularidades; especificidades da transição e adaptação;

aprendizado; conhecimento básico deficiente; grupos heterogêneos; histórias de vida; fragilidades na escrita, vocabulário, perfil dos estudantes; estudante trabalhador, entre outras coisas.

Hoje as distâncias no movimento relacional diminuíram, e por conta disso, a produção e circulação de formas simbólicas como anterior mencionei, tornam-se onipresentes da vida cotidiana. Há maneiras de visualizar a relevância da atuação do professor com os estudantes, usando reaver o aprendizado não intencional como:

Uma maneira de visualizar a importância de nossa relação com os alunos é pensar nos *resultados não-intencionais*. (...) está muito relacionado com nosso estilo de relação com os alunos. O que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, *o mais importante e o mais permanente* do processo de ensino-aprendizado, e isso por sua vez depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos. (MORALES, 2009, p.15-16)

Ao adentrar neste espaço da não intencionalidade em relação, ao aprendizado, julgo como importante a contribuição do autor *op. cit.*, (2009), pelo tumulto que causou em face da sua perene convicção, quando afirma que a aprendizagem permanente, é a resultante dessa não intenção. Aqui não cabe a intenção naturalmente da pessoa, no sentido de ser capaz de produzir algo, ou que esse objeto, é o que ela queria produzir de verdade, realmente.

O participante *Daniel* colabora com essa problemática quando desponta nele a vontade de conhecer melhor esse estudante a meu ver para ajudá-lo, sequer instinto maternal, mas talvez uma não intencionalidade, acomodada instintivamente de prestação de cuidado, num simulado grupo tutorial “terapêutico”. De todo o modo é rico tal posicionamento, uma vez que, histórias de vidas pesam pela valorização, de serem tão importantes num processo de formação, ainda mais porque estas integram um item em destaque, na avaliação do módulo tutorial no que trata a construção do portfólio do estudante mais, em específico a trajetória de vida e a trajetória acadêmica:

(...) o estudante produz relatos auto-reflexivos sobre sua vida antes e após o ingresso no curso, podendo abordar sua história familiar, social, escolar e profissional. Esta dimensão contempla, ainda, o processo de socialização e integração na vida universitária e aborda o crescimento individual, as facilidades e dificuldades experimentadas no processo de aprendizagem. A cada período, o estudante vai acrescentando novos relatos da sua trajetória acadêmica e do seu processo de formação profissional. (COA-UNIFESO, 2010, p.63)

Lembro que posso estar permutando formas em contextos sociais e históricos de uma instituição de ensino, onde são presentes indivíduos portadores de histórias de vida e cultura particulares em cujo seio, as produzem, transmitem e recebem, a que Thompson (2002), intitula de **aspecto contextual**. A diferenciação é inata aos indivíduos, e no curso diário de suas atividades podem expressar-se de acordo com as relações sociais características desse contexto. Percebe-se que a diferença tange esse ponto, quando diante da adaptação ao novo, os estudantes reagem de maneiras diferentes, como *Mitzrael* explica através da abertura da mente, da visão de mundo.

No entanto, nem todos assim, procedem havendo aquele que ao dirigir uma frase a outro é relutante e assim, mesmo se mantêm na contramão e progride. Os há, opostos também, mas pela deficiência que possuem em questão de aprendizado de base. A intervenção do tutor se manterá conforme à metodologia ou deverá se orientar consoante as espécies de estudantes que lhe aparece na heterogeneidade dos grupos.

Tal situação dispara minha reflexão quando penso se a função do professor é ir aplicando os meios adequados, ou então solicitar a intervenção institucional, mediadora do contexto sócio histórico de instância superior, para que utilize e autorize a aplicabilidade de instrumentos de avaliação mais austeros, ou mais flexíveis, para os estudantes que têm menos tempo para estudar por serem plantonistas.

Para onde caminhará a formação intermeada com estas realidades, que analisam na visão de Thompson (2002, p.192): *a maneira como são construídas, circulam e são recebidas no mundo social, bem como o sentido e o valor que elas têm para aqueles*

que as recebem, tudo depende, em certa medida, dos contextos e instituições que as geram, medeiam e mantêm.

Entretanto, neste meio tutorial os professores face a face vão questionando formas produzidas e transmitidas que significadas pelos atores, revelam-se como conteúdos significativos. Então pela participação dos primeiros à adequação da necessidade de cada estudante, as diferenças serão suavizadas de maneira que cada um, pela orientação do professor possa recomeçar do ponto de onde partiu, e atingir assim, tudo que necessita para se qualificar independente das circunstâncias espaciais e temporais, que possam vir a vivenciar.

6- A prática dos estudantes frente à tutoria

Dos professores tutores entrevistados, quatro destacaram aspectos da prática dos estudantes na tutoria, como pode ser constatado pelos depoimentos:

Eles apagam tudo com muita facilidade. Não conseguem ter outras informações, outras fontes só vêem saúde. Eles não dão importância para outras leituras, ou então falam, mas, isso aqui não está sendo pedido.
(CALIEL)

O aluno se solta na tutoria, [...] conseguimos perceber onde está a fragilidade do aluno e ir atrás.
(LAUVIAH)

[...] em algum momento cada um tem o seu nível de crescimento, e aí nós avaliamos individualmente [...]. Então é essa questão mesmo de acompanhar o crescimento [...] nos momentos de tutoria. Tem aquele que se coloca à disposição e ele continua mais rápido, aqueles outros que conseguimos despertar o potencial, e ele vai por ele mesmo é a satisfação maior, é a grande realização. E isso o torna mais responsável na produção do conhecimento dele e no compartilhar com outro.
(NANAEL)

Engraçado que no espaço tutorial os alunos falaram para mim, que o momento que mais gostam do espaço tutorial, é o momento da avaliação. Argumentaram que eu os faço sentir especiais, porque faz com que reconheçamos que não estamos bem e de que podemos melhorar muito. [...]
(POIEL)

Em geral, coexistem nas instituições diferentes culturas provenientes do tipo de formação que os indivíduos receberam, sejam por conta dos conteúdos, de como se organizaram ou resultado do efeito que neles repercutiu. A formação dos estudantes ainda é traçada em cima de suas vontades, opções, não muito diferente do que aconteceu com os professores até determinado momento em suas linhas de vida literárias e de formação.

Contudo para os professores, hoje estabelecidos profissionalmente, num corpo docente, parece haver uma obrigatoriedade centralizada na resolução das necessidades institucionais. As ofertas formativas são escassas, tanto em disponibilidade, como em recursos materiais, e na hora de conjugar todos no mesmo espaço em busca de um sistema formativo, integrado e orientado para a qualificação da instituição como um todo, há bastantes entraves e desconformidades, embora, todos necessitam se acertar (ZABALZA, 2004).

Passo adiante refletindo acerca do que segue:

A troca de formas simbólicas entre produtores e receptores implica, em geral, uma série de características (...) sob o título de transmissão cultural. Distinguirei três aspectos da transmissão cultural: (1) *o meio técnico de transmissão*, (2) *o aparato institucional de transmissão*, e (3) *o distanciamento espaço-temporal* implicado na transmissão. (THOMPSON, 2002, p. 221)

Em contrapartida na modalidade de exercício acerca do *meio técnico de transmissão*, ou seja, os componentes materiais, com os quais a forma simbólica é produzida e transmitida com base, no autor *op. cit.*, (2002) articula-se com os preceitos da atual instituição de ensino, sabendo-se de antemão, que:

O princípio adotado foi o do currículo em espiral, que propõe a organização do curso partindo do geral para o específico, em níveis crescentes de complexidade e em sucessivas aproximações. Esse princípio sustenta a construção de seqüências de conhecimentos definidos a partir das competências a serem alcançadas. Assim, novos conhecimentos e habilidades – cognitivas, afetivas e psicomotoras – são introduzidos em momentos subseqüentes, retomando o que já se sabe e mantendo as interligações com as informações previamente aprendidas. (PPP-UNIFESO, 2009, p.41)

Por tal motivo, devido a mecanismos de informação, seja “o conteúdo significativo”, poderá ser preservado para uso subsequente, com base, no autor *op. cit.*, (2002).

Ainda, desta forma:

O conhecimento não se dá de uma vez, mas por aproximações sucessivas. A dinâmica do conhecimento exige aproximações reiteradas ao objeto, o ir e voltar. Numa primeira abordagem, de modo geral, o sujeito não consegue captar um conjunto de relações que lhe dê compreensão adequada do objeto. Vai se aproximando aos poucos: ora capta um aspecto, ora outro. Estuda-se um conceito; pode ficar pouco desenvolvido; mas quando se aprofunda o estudo, tenta-se aplicá-lo, são feitas experiências, ele vai se enraizando (fazendo maior número de relações com outros conceitos que o sujeito traz consigo). O processo de elaboração do conhecimento no educando pode ser comparado a uma espiral ascendente, onde há um movimento de ida e volta, de aproximações sucessivas, que se dá num nível cada vez mais profundo e abrangente (complexidade e totalidade cada vez maior). Em cada aproximação vamos captando novas relações. (Vasconcellos, 1995, p.76).

Assim, articulo o que percebi na fala dos depoentes quando vejo que eles se perdem na coerência das informações, acabando por estas, serem em sua essência, opostas entre si. Por vezes chego a pensar que um ou outro professor, é que se encontra meio perdido frente, ao que o currículo em espiral preconiza para a metodologia em uso.

Então conseqüentemente, pensam que o estudante apaga os conteúdos aprendidos porque apreendidos, numa condição de conversação face a face dependendo da faculdade da memória para poucos, talvez na realidade isso, aconteça. Muito pertinente é então a citação abaixo sobre:

O apreender, do latim *apprehendere*, significa segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender, compreender, *agarrar*. Não se trata de um verbo passivo; para apreender é preciso agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se, entre outros fatores. O verbo aprender, derivado de apreender por síncope, significa tomar conhecimento, reter na memória mediante estudo receber a informação (...). (ANASTASIOU, ALVES, 2006, p.14)

Então, na prática da tutoria o processo de qualificação, as características individuais dos integrantes, as pesquisas científicas, a divulgação do currículo podem ir sinalizando a necessidade de habilidades, estratégias ou então recursos para irem

codificando e decodificando mensagens. Aqui a *participação* é presente no estudante que extravasa o que vivência, surge o acompanhamento do tutor pelo movimento da decodificação, da avaliação individual e um exercício de poder para este tutor aparece para ter conseguido atingir este propósito. Na sequência apresenta-se que:

A avaliação da sessão tutorial é feita rotineiramente. O foco da avaliação é o aprendizado do grupo. Além da auto-avaliação e da avaliação entre pares, tutores e estudantes avaliam-se mutuamente, no sentido de melhorar o processo de ensino-aprendizagem e o trabalho do grupo. (PPP-UNIFESO, 2009, p.86)

É deveras relevante enfatizar que só uma minoria dos participantes se referiu à avaliação da sessão tutorial, prática de primordial importância e que tudo leva a crer que não é procedimento universal entre eles. Perdura a dúvida, se o silêncio se justifica na negligência ou na falta de aprendizado para realizá-lo. Sequer, terão parado para refletir que:

Sendo assim, o Curso de Enfermagem do UNIFESO se baseou em reflexões sobre avaliação formativa para constituir seu processo avaliativo. (...) A avaliação formativa supõe também uma ação do avaliador em direção ao desenvolvimento e crescimento do avaliado. Se um dos principais elementos da avaliação formativa se encontra no fato do estudante poder perceber seus avanços e dificuldades, então cabe ao professor desafiá-lo a superar essas dificuldades e continuar progredindo na construção dos conhecimentos. A proposição de se avaliar o processo de aprendizagem, mais do que o produto, demanda um acompanhamento do estudante, que deve ser capaz de promover motivação para superação e redirecionamento dos caminhos de construção do conhecimento. (PPP-UNIFESO, 2009, p.130-131)

Outrossim, gostaria de trazer à análise o aspecto sócio-histórico das relações estruturadas e na permuta de significados e sentidos que são fenômenos sociais que reconstruídos acarretam continuamente a intimidade cultural e social, que precisa estar sempre ativada. Reforça-se neste estudo, a hermenêutica até porque o campo-sujeito-objeto desenha a realidade educativa num conjunto de relações entre sujeitos que vivenciam o cotidiano.

Isto faz com que o contexto social e histórico, na forma como o concebe Demo (2000a, p. 48, 49), *não pode ser visto apenas como enfeite eventual, mas como*

constitutivo de sua gênese. Sendo assim, conhecer opiniões, crenças, representações, modos de se expressar e ver, jeitos de contar e ouvir são parte do contexto sócio-histórico naturalmente.

7- As finalidades da tutoria na formação do enfermeiro

Neste tópico, quatro dos entrevistados, ilustraram em suas falas as finalidades da tutoria no processo de formação do enfermeiro, conforme destacado nos depoimentos:

A tutoria é um ambiente político sim, um ambiente social, um ambiente de descontração e os limites disso é não se tornar um ambiente de crise não. De mostrar a importância para esse aluno de enfermagem, de se ver como um cientista, [...]. Eu penso que a tutoria é um espaço fundamental para nós mostrarmos isso para eles. Então, revendo acho que a finalidade da tutoria deve ser encarada de forma transcendente, para além do que temos como competências e como habilidades. (ARIEL)

[...] a finalidade da tutoria eu achava bem interessante [...] é formar o enfermeiro com a competência crítica e técnica. Tem que saber buscar e fazer mesmo, torná-los cientistas na enfermagem. O crítico junto com o reflexivo e a competência política [...], é o que deve compor esse enfermeiro devendo ser crítico, reflexivo científico e político, na formação desse enfermeiro, enquanto tutor assim tem que cobrar isso. (JELIEL)

O espaço de tutoria trás o respeito mútuo, o respeito das diferenças, das relações de conhecerem as qualidades do outro. Nós temos até dificuldade de falar das finalidades da tutoria, pois temos o nosso real e o ideal [...] é formar um estudante crítico e reflexivo, que ele seja capaz de atuar e de privilegiar espaços democrático, participativos que sejam mais próximos e comprometidos com a saúde da população, como também a formação de competências. (NANAEL)

A meu ver uma das finalidades da tutoria é a formação das competências cognitivas que já estão dispostas no próprio plano político do curso e no Caderno de Orientação ao Estudante (COA). Segundo as competências inter-relacionais, é esperado o amadurecimento de atributos, dentro do espaço tutorial, como a comunicação a observação. (OMAEL)

A cultura da modernidade contrapõe à prática educativa a modelagem sustentada na tradição cultural e educacional, assim:

Sendo (...) equivale a perguntar: “O que fazemos quando educamos? (...) a ação do educador pode ser comparada ao criar do artista, ao fazer do técnico, ao pesquisador do cientista, ao modelar do artesão, ao produzir do operário, ao agir do político? (...) podemos identificar três concepções fundamentais da prática educativa oriundas de nossa cultura: a primeira associa a prática educativa a uma arte; a segunda, a uma técnica guiada por valores; a terceira, a uma interação. Começamos pela mais antiga, a qual estranhamente, parece estar se tornando de novo a mais atual (...). (TARDIF, 2012, p.154)

Impregnada das reflexões suscitadas da citação de Tardif (2012), abeiro dos propósitos e perspectivas dos participantes deste estudo, e primeiramente, enfatizo a questão da arte no processo de educar, já que se almeja a melhor formação no curso de graduação em enfermagem. Resguardo cautelosamente, o supra simbólico, à exigência da excelente qualidade, em virtude da conjugação do que é apresentado e vivenciado pelos professores, na atual prática tutorial.

De volta ao autor, facilmente este reproduz à imagem do artista a ideia prévia não científica, vinculada ao objetivo que pretende alcançar concebido pela ação do educador, a alguém que:

1)- possui uma ideia, uma representação geral do objetivo que quer atingir; 2) possui um conhecimento adquirido e concreto sobre o material com o qual trabalha; 3) age baseando-se na tradição e em receitas de efeito comprovado específicas à sua arte; 4) age fiando-se também em sua habilidade pessoal (...), 5) age guiando-se por sua experiência, fonte de bons hábitos, isto é, “maneiras-de-fazer” (...) de “maneiras-de-proceder” comprovadas pelo tempo e pelos êxitos sucessivos. (TARDIF, 2012, p.154)

Referenciando o preceito anterior, percebo que alguns professores, quase em simultâneo vão reproduzindo receitas ou “*slogans*”, mais parecendo comerciais, de que a finalidade da tutoria é preparar um enfermeiro que seja crítico, reflexivo, e científico e tantos outros protótipos, enfim, etiquetas que não terminam mais. Assim, vou refletindo e acabo por cair na compreensão de uma tradição a seguir, e não consigo atingir em termos práticos como tudo isso, será, quando o professor tem noção de que entre o objetivo que pretende atingir existe “*o nosso real e o ideal*”, como pontua *Nanael*.

Outrossim, *Anaue* objetiva a formação para a vida. Tal assertiva, ainda me instaura maior preocupação por ser tão amplo e inespecífico o caminho adiante, quando

a mesma refere que “(...) *porque sair do jeito que entrou não pode aí nós temos culpa disso*”, realmente só me resta concordar.

Prosseguindo nas teias da interpretação gostaria de adentrar na segunda concepção de Tardif (2012), a educação enquanto técnica guiada por valores, para que junto a Thompson (2002), mergulhe com mais propriedade no *aparato institucional de transmissão*. Este se conduz pelas relações hierárquicas de poder, que existem entre os indivíduos que ocupam as posições institucionalizadas.

Os dois autores no que cabe à fala dos depoentes se tocam pela mão do educar na formação, que se caracteriza por regras recursos e relações hierárquicas de poder inquietadas pela transmissão cultural. Interessa focar que:

(...) a prática mobiliza duas grandes formas de ação: por um lado, ela é uma ação guiada por normas e interesses que se transformam em finalidades educativas; por outro, é uma ação técnica e instrumental que busca se basear num conhecimento objetivo (...). saber técnico-científico relativo ao conhecimento e ao controle dos fenômenos educacionais. (...) O professor se guia por dois saberes: 1) deve conhecer as normas que orientam sua prática; essas normas correspondem a tudo o que não é objeto ou produto do pensamento científico, mas interferem na educação, como valores, regras, regulamentos ou finalidades; 2) deve também conhecer as teorias científicas existentes (...) uma ação determinada pelo estado atual do conhecimento científico. (TARDIF, 2012, p.163-164)

Thompson (2002) corrobora com a ideia de que os indivíduos que ocupam posições institucionalizadas têm relações hierárquicas, podendo vir a constituir um referencial dentro dos *canais de difusão seletiva* já que as formas simbólicas são usadas, e afetadas pelo exercício do poder. Tais considerações particularizam o que preconiza a título de doutrina e exemplo a seguir, entre outros o Projeto Político Pedagógico.

Neste liame *Jeliel* objetiva colaborar para formar: (...) *enfermeiros cientistas (...), de competência crítica e técnica*. Em síntese *Mebahel* pontua “*Eu vejo na formação que a cultura institucional tem o problema na prática. Então no papel está lindo (...)*”. Há, contudo na fala da depoente um indício de crítica, já que enaltece a prática da enfermagem (talvez a sua prática), diante de outro profissional em área

específica, no entanto, está ciente de que algo bem diferente está acontecendo na formação dos estudantes.

É a inquietude da desarticulação na formação prevalece, quando a questão é avançar além do local onde tudo acontece, a teoria em tutoria e a prática da enfermagem no campo das relações de trabalho. Assegura-se aqui a credibilidade no professor que domina o conhecimento técnico científico, para que tenha legitimidade ao passá-lo na formação, aos estudantes de enfermagem. Nessa condução estes poderão levá-lo adiante e serem aceites, de maneira a constituírem referenciais de qualidade e mérito, para que a fala do professor entrevistado, seja apenas um eco e não uma realidade, quando delega a problemática à cultura institucional, parecendo contraditório, até excludente por parte dele, mas possível.

É a valorização que o mercado de trabalho, realiza sempre que colaborara como um recurso na busca de interesses, e até mesmo em objetivos particulares. Acentua-se a pretexto o que abaixo se refere:

Para isto, o perfil esperado do profissional de saúde compreende o compromisso com a universalidade, a equidade e a integralidade do cuidado. A ideia é que a formação deve permitir o entendimento da necessidade de garantia do cuidado que as pessoas demandam, em todas as suas dimensões, das atividades de promoção e prevenção até aquelas que envolvem serviços com maior densidade tecnológica. Enfim, o que se deseja é uma formação que garanta o equilíbrio entre a excelência técnica e a relevância social. (ALBUQUERQUE, *et. al.*, 2007, p. 297)

Porquanto, vale prosseguir na terceira concepção da prática educativa que à semelhança da tutoria, identifica as redes de interação, na discussão com o outro, e a formação ocorre como ainda a sua finalidade (TARDIF, 2012, p. 166). Então, é preciso aprimorar e atender também, o que *Anauel* e *Nanael* referem na relação interpessoal, como deveras importante, ao se privilegiar espaços participativos, em que a aprendizagem globalmente estruturada entre os atores, em várias modulações destaca:

A transmissão de uma forma simbólica implica necessariamente o desligamento dessa forma, em vários graus do contexto de sua produção: ela

é distanciada de seu contexto, tanto espacial como temporalmente, e inserida em novos contextos que podem ser localizados em diferentes tempos e locais. (...) No caso da conversação rotineira (...) acontece numa situação que pode ser chamada de *contexto de co-presença*; a acessibilidade das formas simbólicas é limitada aos participantes da conversação (...) e a forma não perdurará além do momento transitório de sua execução, ou da lembrança de seu conteúdo que desaparece rapidamente. (THOMPSON, 2002, p.225)

De outro modo, é percebido nos enxertos das falas dos depoentes que a aprendizagem incorpora estilo “camisa de força”, já que readaptações na metodologia aplicada à tutoria precisam ser constantemente realizadas, em conformidade com o perfil heterogêneo dos estudantes, que são recebidos a cada momento.

Versatilidade aos indivíduos ainda é possível solicitá-la, desde que esta não venha a comprometer a essência do que se objetiva de qualidade, para que não se obtenha o descaso e o desrespeito dos profissionais enfermeiros, onde quer que eles se encontrem. Caso contrário o argumento de *Sealiah* de que: “*Isto é muito angustiante, porque passa por cima daquilo que eu acredito, pois formação não é isso*”. Muito oportuna, mas inquietante, tal alusão, quando me quedo diante:

Trata-se, num primeiro momento, de *desconstruir* a expressão simbólica, para ver o que estaria querendo apesar do que diz, o que estaria escondendo para que não se diga (...). Num segundo momento, trata-se de reconstruir o fenômeno de acordo com a ótica do interprete, dando-lhe nova roupagem (...). Saber olhar o que não se vê facilmente, apanhar as dobras do discurso, perambular em suas gretas sutis, flagrar contradições, acompanhar a rota da inteligência dos argumentos, tudo isso faz parte da percepção crítica, capaz de tanto mais valorizar o mundo simbólico quanto mais o questiona. (DEMO, 2009, p.43)

Claramente, o autor *op. cit.*, (2009) expressa enaltecendo tão nobre tarefa de se interpretar o interpretado a que Thompson (2002, p. 376), num leve toque de reinterpretação esclarece divinamente apaziguando de certo modo: “um campo objetivo pré-interpretado, o processo de interpretação é necessariamente arriscado, cheio de conflito e aberto à discussão. (...) E esse é um conflito que pode surgir, entre uma interpretação mediada pelo enfoque da HP (...)”.

Eis, que é chegado o momento preparatório para agora refletir acerca de todos os significados que projetei como possíveis sem, no entanto, esquecer que minhas percepções podem ter se desviado, dos significados e sentidos, inculcados pelos participantes na trajetória irrequieta do sujeito objeto, tendo em vista a universalidade sócio-histórica, que os compõe.

Desejo ter alcançado a árdua tarefa que junto aos participantes deste estudo encetei sem poder esquecer a riqueza, que obtive em todas as etapas percorridas da colaboração emprestada dos autores, que junto ao referencial teórico metodológico, me ajudaram a chegar até aqui, fazendo das palavras escritas de Tardif (2012, p. 182), a expressão do meu sentir:

Na educação, o objetivo último dos professores é formar pessoas que não precisem mais de professores porque serão capazes de dar sentido à sua própria vida e à sua própria ação. Será que esse objetivo ainda pode ser realizado hoje, nos limites de nossa educação e de nossa cultura? Deixamos a questão em aberto.

CAPÍTULO IV**OS HORIZONTES DA REINTERPRETAÇÃO DA DOXA:
A PRÁTICA DA TUTORIA PELO PROFESSOR DO UNIFESO**

O mundo humano é filho da concepção interpretativa. Ele se mostra uma construção arquitetada na consciência humana. É o que os seres humanos têm sido: a imagem de si mesmos projetada num espelho analisado. Por isso seu medo de sair deste “mundo da caverna” é grande – pois estaria, secamente, diante do que ele próprio é. O ser humano revela-se incapaz de encarar-se em sua animalidade. Não há como fugir dessa verdade. Pela criatividade, o ser humano superou a animalidade e produziu a cultura. Convém lembrar que o mundo humano consiste num caminho só de ida, mas as curvas do caminhar permitem que se ocultem e se revelem outros horizontes, outras interpretações, outros mundos.

Ghedin e Franco (2008)



Fig. 9 – Poesia



Poesia

*Os horizontes da reinterpretação da doxa:
a prática da tutoria pelo professor do Unifeso*

Esta imagem para mim simboliza o aconchego da verdade e do amor já que foram estes os meus propósitos, sempre que avançava um pouco mais na busca da verdade para *ter* o humano, a essência da própria vida das pessoas. Para tanto, precisei mergulhar e fui identificando desafios. No abraço senti o acolhimento de mãe, porém, também, encontrei o diverso, os opostos, as adaptações, as verdades veladas, as vítimas das circunstâncias e as liberdades aprisionadas.

Então, quebrar padrões e culturas institucionalizadas por sistemas tem também, um preço interpretável.

Quem recebe deve dar. Quem recebe e não dá fica estagnado. Quem pretende dar sem ter recebido ilude a si próprio e aos outros. Quem dá o que recebeu, atualizando as suas potências, produz belas obras.

Mattar, (2002).

A interpretação em profundidade torna-se uma intervenção potencial nas próprias circunstâncias sobre as quais ela foi formulada. Uma interpretação em profundidade é, ela mesma, uma construção simbólica capaz, em princípio, de ser compreendida por sujeitos inseridos nas circunstâncias que formam, em parte, o objeto de interpretação que pode diferir de seu próprio entendimento cotidiano, a interpretação em profundidade pode possibilitar que eles se vejam a si mesmos diferentemente; pode possibilitar que reinterpretem uma forma simbólica e relacionada às circunstâncias de sua produção e recepção; que questionem ou revisem seu entendimento anterior e sua avaliação primeira da forma simbólica e, em geral, pode possibilitar a alteração dos horizontes de seu entendimento para si mesmos e para os outros.

Thompson (2002)

O capítulo tem como propósito, apresentar a interpretação/reinterpretação da prática cotidiana do professor em tutoria no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso, que se arquitetou de um modo complexo através da análise sócio histórica e formal. Para tanto, releva-se a constituição significativa dos fenômenos culturais e sua contextualização social, ou melhor, a exposição interpretativa do que foi representado ou dito pelos professores, participantes da pesquisa.

Daqui as intenções se simplificam porque os objetos da investigação social representam um território pré interpretado, e assim, desse modo os indivíduos que compõem o campo sujeito objeto, são capazes de compreender e interpretar. Circunscritas estão opiniões, crenças e compreensões que são nutridas e partilhadas por pessoas que sustentam o mundo social, e haverá para elas sentidos próprios do que emergir da interpretação a que estarão sujeitas.

Entretanto, cabe salientar que ao encontrar um possível significado este pode até ser diferente do construído pelos depoentes, que integram o mundo sócio histórico, que

previamente, já foi analisado. Assim, mesmo cabe a artimanha interpretativa que sutilmente deve ser colocada em ação, pois:

(...) compreende-se melhor a fala de alguém se, além de sabermos o mundo de opiniões e crenças que a cerca, também buscarmos entender sua história de vida, seus projetos sociais coletivos e individuais, o entorno das tradições culturais que demarcam os sentidos comuns e os duplos sentidos, modos de relacionamento com os outros e constituição do grupo de relações mais próximas, e assim por diante. (DEMO, 2009, p.38)

Eis chegado o momento mais pulsante de toda esta extensa trajetória, tornando-se pertinente, enfatizar o processo de transformação, de saltos e de alterações radicais, vinculadas às pessoas e suas vivências, pois não são acabadas como também, não mudam no mesmo ritmo. Outrossim, nada acontece isoladamente, por isso, tudo tem a ver com tudo, pois caso contrário não valeria sequer, a pena o movimento interpretativo, que confere além, do já exposto descobrir no que se percebe ser negada a verdade dos fatos, num processo de cadeia infinito.

Prosseguindo para atingir tais intentos, irei recorrer a dois procedimentos que ajudarão à reinterpretação de todo esse emaranhado mundo de significados que foi construído e para tal:

Standpoint epistemology ou análise culturalmente plantada - tentar partir do ponto de vista alheio, da outra cultura, do outro contexto (...) a boa vontade de escutar o outro com atenção e simpatia, procurar acreditar no que diz, levar a sério seu discurso e sua maneira de ver, tratá-lo como parceiro interlocutor em pé de igualdade.

Questionamento próprio – assumindo a posição de interprete autônomo, (...) trata-se de interpretar o fenômeno pesquisado em tom desconstrutivo, para ir além do que se diz; (...) questionamento significa metodologicamente falando, o compromisso com a profundidade do fenômeno para além das aparências, escavando-se no que se diz o que não se quer dizer (...) acentuando as contradições dialéticas que mantêm sempre a dinâmica de fundo acesa sondando a presença (...) do poder nas falas que juram pela verdade, e assim, por diante. (DEMO, 2009, p.56-57)

Finalmente neste liame, em simultâneo acontecerá à interpretação da interpretação no âmbito de um contexto histórico social, fundamentada na hermenêutica conduzida para a criticidade, e por isso acontecerá a auto reflexão crítica das pessoas que formam o mundo sócio histórico.

***INTERPRETAÇÃO DA ATIVIDADE PRÁTICA DO PROFESSOR
NA TUTORIA EM ENFERMAGEM NO UNIFESO***

A VISÃO DOS DEPOENTES DO UNIFESO

1- Manutenção e reconhecimento por parte dos depoentes, desde a trajetória acadêmica, de uma formação profissional, sem o preparo necessário como educadores, apenas como enfermeiros;

2- Enaltecimento do desejo desde a graduação da prática de professorado, por parte dos entrevistados, sem sequer, ter havido um processo de aculturação institucional, comunicando e integrando igualmente todos eles, ao passá-los quase automaticamente do método tradicional para a metodologia ativa;

3- No cotidiano da prática do professor do Unifeso transparece modos de formação tradicional, que no decurso do tempo, perpassou o preparo de todos os depoentes. Apesar disso, havendo alguns de áreas diversas da enfermagem, estes e os outros, traduzem através das ações, falas, gestos e atitudes, adaptações muito pessoais e singulares, às novas metodologias em vigor;

4- A prática profissional do professor conscientiza uns poucos, de que o estudante termina a formação com perfil de enfermeiro, mas sem a preparação devida. Assim, mesmo a caracterização da qualificação do professor percebe-se como não apresentada pelos mesmos. Ainda, o investimento na titulação e na aprendizagem específica para o desempenho da tutoria justifica-se como algo secundário e já acomodado, ou então emergente da necessidade de ter que correr atrás, cada um por si;

5- Os professores retratam a todo o tempo, os vínculos que ainda mantêm com o ensino tradicional, por vezes desprestigiando-a e recordam alguns dos procedimentos, posturas enraizadas de determinados colegas à época, em tom de crítica. Exaltam na tutoria a relação professor estudante como de igual para igual, diante da posição em que se encontram, frente a frente, salientando que o primeiro é um facilitador;

6- Falta de uma preparação e acompanhamento institucional na inserção dos professores na prática tutorial já que foi diferente, para todos eles, em que alguns, sequer a tiveram, e por tal fato se sentiram frágeis e traumatizados;

7- Desenvolvimento e progressão dos professores desde o início, nas atividades tutoriais sem conhecimento mínimo do teor da mudança curricular, e respectivos documentos institucionais;

8- Necessidade imperiosa quase imposta de inserção na nova metodologia, diante do escasso preparo para seu desempenho, cuja adaptação preconiza primordialmente o cumprimento dos passos que a compõem;

9- Os depoentes fazem revelações críticas acerca da falta de capacitações para o exercício da atividade tutorial, onde fragilidades e potencialidades são percebidas. Para alguns deles, o cotidiano e sua prática têm sido o melhor aprendizado. Apesar de pairarem mais dúvidas que certezas na diversidade de como o processo está sendo conduzido, ou seja, de forma tão desigual, para todos;

10- Os participantes mantêm o convencimento de que o tutor precisa ter um perfil próprio para exercer essa atividade, o que justifica a especificidade de determinadas

características da personalidade para atuar no primeiro período do curso de graduação em enfermagem, como também acentuam o ser ou não enfermeiro, independente do que a metodologia propõe;

11- Investimento para o domínio do desenvolvimento da tutoria de que o professor necessita possuir conhecimento para poder conduzir a aprendizagem dos estudantes, de modo que se oriente também, pelo processo de aprender a aprender;

12- É importante que o tutor aprenda, e que a instituição saiba significar, de forma que os depoentes em seus desempenhos não sejam vistos como facilitadores do processo, pois suscitaria contradições de acordo com a metodologia empregue na atual formação;

13- Redução acentuada do espaço da enfermagem, justificado pela não valorização da atividade profissional, caso não se atenda durante o período da formação à qualidade da preparação dos futuros enfermeiros, até porque a filosofia bem sustentada do Cuidar entre eles está sendo negligenciada.

14- Impera o saudosismo sobressaindo o reconhecimento realizado à prática do professor que na época da metodologia tradicional, seu desempenho teve apreciações valorativas, pelos depoentes no exercício da metodologia ativa;

15- É mantida na prática docente, uma atitude de descontrole durante a mediação da uniformidade da metodologia ativa aplicada o que a descaracteriza no foco de atuação dos depoentes;

16- Ausência de um norte comum, que mantenham os professores em sobressalto na condução e vigilância da metodologia como a falta de estudo por parte destes,

descontextualiza a essência do cenário tutorial, pulverizando variações importantes nas condutas dos mesmos;

17- A prática docente, sempre que revisada por espaços de educação permanente, se torna apreciada pelos depoentes, suaviza as lacunas do conhecimento, reorienta o trabalho minimizando o cansaço físico e mental;

18- Investimento para a necessária valorização por parte do professor e do estudante, do processo de aprendizagem reconhecido pelos depoentes, de maneira a se cumprir a metodologia em vigor;

19- Necessidade contínua de identificação das facilidades e das dificuldades vivenciadas na prática da tutoria, provenientes do professor e do estudante, mesmo do comando institucional, para que provoque práticas institucionais, mas cotidianas de vigilância e de atenção, atendendo à demanda contextualizada no exercício da tutoria;

20- É preciso elevar a credibilidade e confiança na figura do professor tutor e reconhecer o investimento para domínio do desenvolvimento da formação na condução tutorial, de utilização de estratégias e de atitudes autodidatas;

21- Reconhecimento por parte dos depoentes de que a tutoria representa um contexto social, político, cultural e ético, onde há a mediação de conflitos e críticas e por não haver uma concepção acerca destes elementos, no geral por parte dos atores e da instituição os recursos são insuficientes no Unifeso, para a constituição dessas práticas vinculadas à formação no Curso de Graduação em Enfermagem.

A VISÃO CRÍTICA E A REINTERPRETAÇÃO DA ATIVIDADE PRÁTICA DO PROFESSOR TUTOR DO UNIFESO

1- A atitude dos depoentes, apesar, da percepção que têm acerca da deficiência que possuem em sua formação como enfermeiros, de bases pedagógicas, para habitá-los ao exercício da docência, assim, mesmo se mantêm inertes, sem perspectivas ou interesse de contemplarem o que lhes falta. Como não se dispõem a nutrir-se do que reconhecem como necessário, no que cabe à especificidade do aprendizado, no decorrer da trajetória profissional, continuam assim, mesmo vinculados aos processos educacionais junto aos estudantes, interagindo com as metodologias ativas;

2- Há a declaração do desejo de professores até mesmo desde a graduação em enveredarem na carreira da docência, no entanto, esse sentimento deveria ser partilhado com a instituição, de forma a torná-lo mais forte e prevalente na comunhão dos mesmos ideais. Portanto, as mudanças são incutidas no cotidiano dos indivíduos, sem sequer, haver toda uma iniciação cultural, profissional e científica. Caso suscite a resistência, o desconforto inviabilizará a satisfação dos depoentes, repercutindo na sua atuação dia a dia perto dos estudantes, no contexto tutorial;

3- Naturalmente, que os padrões culturais, atingiram a formação de todos os indivíduos, presentes, até porque estes permutam diariamente espaços da educação, no preparo dos enfermeiros. Assim, é fácil captar o quanto o ensino tradicional marcou a todos, como único e eficiente.

Contudo, são identificadas dificuldades, e até mesmo “guerrilhas” quando a discussão trás à tona a situação do professor em tutoria, que não é pela formação enfermeiro.

Sobre estes se acumula como aos outros, a problemática da adaptação e de capacidade de todos conseguirem levar avante a metodologia inovadora tão dispare e diversa, do que sempre se elaborou em termos de formação;

4- Os processos de mudança curricular no entorno institucional, necessitam ser abraçados por todos que o integram de contrário vai-se percebendo um contexto desconexo e descontextualizado, pela falta de um aparelho de transmissão vivo e eficaz. É o início da qualidade do curso e dos professores aos quais cabe a difícil e a dupla função de aprender e conduzir o aprendizado, onde a titulação deve ser o formato da conduta, e preferencialmente pleiteada a cada um, de modo uniforme;

5- Há um esboço de saudosismo focado na formação tradicional pela qual todos os depoentes passaram durante as suas trajetórias de preparação para a atividade profissional. Apesar, disso para que se mantenha a qualidade de um bom professor a metodologia aplicada, não será o fator primordial, desde que o conhecimento que se deve possuir de maneira crescente se renove, como também, a dedicação ao que faz, seja o alimento da conduta profissional.

Assim, o nivelamento entre professor e estudante, nesta seara do conhecimento face a face não poderá acontecer. Isto cria um compromisso recíproco do individuo consigo mesmo, como também do sistema institucional. A atitude do tutor facilitador é reproduzida continuamente na fala dos professores que de forma equivocada a aplicam já que a função deste é apenas de orientação.

6- São valorizadas pelos depoentes momentos de reciclagem material, capacitação e de qualificação entre eles em detrimento daqueles, que os não possuem sequer. Contudo o

investimento na formação sempre retorna à instituição como reconhecimento em termos de qualidade. Então será necessário que esta os promova no curso de formação em enfermagem, e posteriormente na prática da docência;

7- Depoentes lamentam o desconhecimento acerca do arsenal documental da instituição sem, contudo, se colocarem a postos para iniciar tal resgate. Há a evidência do distanciamento institucional em momentos importantes junto aos professores;

8- Os participantes reclamam da falta de preparo a que são expostos na prática tutorial, quando são colocados entre o convite e a sutil imposição num espaço tão próprio em suas facetas metodológicas, cuja disciplina e sabedoria em fazê-lo são importantes, caso contrário, a metodologia não alcançará os objetivos a que se propôs;

9- Diante da falta de preparo específico para a condução da tutoria há a relevante desigualdade já evidenciada até pela fala de estudantes, os professores têm optado por aprender com a própria experiência individual;

10- Há o destaque de que o professor de períodos iniciais do curso deverá ter perfil especial no que cabe a características da própria personalidade, para que possam se adequar ao perfil do estudante. São períodos difíceis pelo cansaço que desencadeiam no que implica em inculcar nestes a metodologia de forma correta, até porque com o tempo esta se vai fragilizando, quer seja, pela conduta de alguns dos professores, mas também, pelo vacilo nato dos estudantes. Ainda, reforçam a idéia do tutor em ser um enfermeiro, no entanto, ao fazê-lo em tom de crítica, são sabedores que a metodologia os propõe sem margens de dúvidas;

11- Nem todos os depoentes identificam que o aprendizado é muito importante, para permanecer na atividade de aprendizagem junto aos estudantes. Soma-se o efeito das capacitações esporádicas, entretanto, para alguns. Contudo, é primordial que a instituição reveja frequentemente o processo de formação e a prática docente, de maneira que possa atender às expectativas estabelecidas pelas políticas vigentes, junto à nova mudança curricular.

12- Falta por parte da instituição um acompanhamento sistemático mais vinculado às práticas dos professores, pois é, aquele professor que vira facilitador do processo de aprendizagem. Se acaso vier a ministrar aula no espaço de tutoria, ou venha a recepcionar alguns passos em detrimento de outros, acaba por agredir a metodologia, criando fragilidades que por ausência de conhecimento, repercutirá em danos irreversíveis no âmbito da aprendizagem, caso não venham a ser posteriormente particularizados;

13- A formação torna-se responsável pelo que produz nos indivíduos, embora, haja um retrato fiel de que os depoentes reproduzem não o potencial apropriado pela trajetória de vida, cultural e científica, mas o que se torna mais conveniente adaptando-se ao formato institucional vigente, fragilizando com notoriedade a formação dos futuros enfermeiros;

14- São valorizados pelos depoentes no meio técnico tutorial junto ao aparelho institucional de transmissão, articulando ao novo o tradicional, o reconhecimento e valorização da prática de alguns bons professores, cujas atuações, atitudes, princípios e conhecimentos moldaram de maneira positiva poucos, dos agora depoentes e tutores, apesar da metodologia ser diversa da época em que a vigente era a tradicional;

15- A descontextualização metodológica no ambiente tutorial é enaltecida como fragilidade, apesar da tristeza de uma parte dos depoentes sem, no entanto, haver em momento algum, a ideia de se reportarem à educação permanente, ou instância superior institucional, apelando para a uniformidade de procedimentos teóricos e científicos;

16- A maioria dos depoentes tem noção do que está acontecendo com a disseminação à distância de suas práticas na formação, ao vincularem à metodologia ativa preconizada, tantas variantes, mas mesmo assim, continua-se institucionalizando as deficiências de modo descontrolado no âmbito da teoria prática na formação em enfermagem;

17- A educação permanente é um canal que deve colaborar para a busca de interesses e objetivos particulares, comuns a todos os professores envolvidos, sempre em comunhão com o sistema institucional. Aqui atitudes, posturas, textos, discursos, entre outras formas, devem ser partilhadas, para que resignificadas permitam agregar padrões de comportamento, que sejam idênticos, objetivando-se o melhor desempenho aos professores, uniformizando práticas, diante da formação dos estudantes;

18- Há a percepção por parte dos depoentes de que aprender se torna uma prática necessária, para que possam orientar os estudantes, no que lhes prover como útil e necessário em sua formação. Outrossim, mobiliza-se a transformação de identidades culturais e profissionais, sempre que a intenção dos professores socializada venha a se converter na uniformização das práticas, vinculadas a diálogos constantes. A valorização do processo de aprendizagem é enaltecido pelos depoentes, onde seguir a metodologia ativa é essencial, já que sendo convencional o atropelamento a nada irá conduzir;

19- Há a necessidade de continuamente, quando se interpreta as ações dos depoentes, com o intuito de identificar, se tais práticas estão sendo referenciadas à metodologia em uso. Visa-se desta forma, que a instituição não se descuide em ser vigilante, já que esta medeia e mantém todos os contextos que a integram em seu seio, promovendo a qualidade da formação no curso de graduação em enfermagem;

20- Há a desvalorização implícita do professor diante da transmissão tutorial conforme o preceituado pela instituição de ensino, que não atingida defronte ao distanciamento espaço temporal, onde informações se perdem, ou são inexistentes. Enquanto progredem professores com condutas isoladas, diferentes e desconexas, esvaziadas de fundamentação teórico e científica faltando-lhes o sentido extraído da significação detalhada dos conteúdos aprendidos e apreendidos na relação destes entre si e junto ao estudante;

21- Os professores no geral mantêm uma atuação que não está completamente em consonância com o que desejam em termos de atividade profissional, é desconforme ao legado sócio histórico que lhes foi transmitido em modelos tradicionais de formação. A desarticulação prevalece na cultura institucional vigente, que desestabilizando poucos professores, e outros tidos como exigentes, não se tornam suficientes e encorajados para desviar o curso da ação.

Ao longo de suas histórias de vida, os professores absorveram processos de cultura diferenciados, sob a influência de épocas diversas. Porém, foram marcas carregadas em moldes tradicionais de formação, que produziram e transmitiram aos professores condutas, ações e objetos de interesse díspares. Com o advento da implementação das metodologias ativas pelo Unifeso, esses professores acrescentaram

à sua carga cultural, a cultura da instituição, no curso de suas atividades profissionais, para iniciarem um novo processo de aprendizagem.

Assim, a partir de então, estes profissionais, silenciando seus conflitos interiores, interpelados por um passado que teve de ser readaptado, agora para o presente forçados à imposição de preceitos metodológicos, entre os quais a dúvida impera se deparam com culturas esparsas diante da formação dos estudantes. Eis a eminência do que fazer desenraizados de suas origens culturais, na dúvida frequente, daquilo que muitas vezes transmitem e da repercussão significativa em termos de aprendizagem recebida pelos estudantes que formam enfermeiros na incessante, arte de Cuidar.

Então, o lema é prosseguir assim, mesmo que a qualidade da formação seja utópica, e que o desejo do melhor na formação para os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso, seja um ideal a ser alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*E todo mundo, ao ver a rosa,
Parava,
Para prestar-lhe a submissão
de um olhar ou a vassalagem
de uma ternura emocionada*

Neif Mattar (1978)



Fig. 10 – Rio Soberbo



*O Rio Soberbo
Considerações Finais*

A Rainha Isabel, é uma presença viva, desde o dia que nasci. Hoje me proporciona “mergulhar” através de sua história em especificidades tão úteis para o momento que me encontro como sejam: simplicidade, dedicação e verdade.

O pão que sobrava dos banquetes no palácio eram distribuídos com os pobres pela rainha, que os levava escondido em seu manto, pois o seu esposo não poderia saber. Certa feita ela foi surpreendida por ele no jardim, que, curioso, perguntou o que levava. A rainha disse que eram rosas. O rei, com um gesto brusco, puxou-lhe o manto e caíram rosas.

Mattar, (2002).

Mudanças, não permitem fins!...

Uma trajetória de sonhos, desejos e reflexões na seara da formação no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso, foi desde remotas épocas, desenhada por fortes lideranças humanas, que alicerçadas em pilares culturais, políticos, econômicos e sociais adentraram em discussões institucionais, no âmbito nacional e regional. Com tais medidas, objetivou-se um aprendizado com a realidade, como também, o fortalecimento de propostas cuja estrutura visou à mudança curricular.

Este empreendimento foi devidamente idealizado e, portanto, incutido de força, para que se operassem verdadeiras revoluções no que cabe, à educação. Em virtude disso, custeios governamentais, foram pleiteados em prol da melhor qualificação do processo de formação dos estudantes, sem esquecer o preparo específico dos professores, gerando-se assim, outras fontes de conhecimento para os futuros enfermeiros.

Por conseguinte, à vontade dos indivíduos se adicionou o querer e o poder, para se uniformizar metas e preparar devidamente, os usuários dessa mão de obra nomeadamente, o professor, que no cotidiano da atividade profissional se vê envolvido em inovações na formação a serviço dos estudantes. Porém, ainda paira o temor frente às dificuldades, e a noção de trabalho que permeia a novidade, incutida em processos de mudanças.

Outro lado, importante, é que os indivíduos carregam potencialidades e fragilidades transmitidas por ancestrais comuns, na junção de um emaranhado de raízes que a todos, agrupa e diferencia. Assim, ressalto a transmissão de uma herança cultural de formação, como foram os sistemas educacionais vinculados à rigidez sutilmente, imposta de aulas expositivas, monodirecionais e, se porventura, uma ou outra era dirigida a um grupo mais restrito, seria exceção à regra, nos tempos passados.

Surge um novo mundo, que aclama por responsabilidade, empenho, e disposição dos interessados em abraçar as expectativas. Então, enveredar por realizar especializações e capacitações, avulso a título de estratégias iniciais de preparação, a convite institucional abarcando certo número de professores, foi um dos passos a seguir, já que a autoria é chamada a participar seja a, do professor e/ou do estudante. Mas como somente, se dá o que se tem, aprender na universalidade foi necessário e urgente.

Tais propósitos tiveram o seu rendimento, diante de um público selecionado, pois a metodologia a ser seguida proclamava um contexto sócio histórico institucional, de forma a estruturar-se em toda uma dimensão, arquitetonicamente hierarquizada. Assim, até a atualidade sob esta instituição de ensino superior, desfilam e prosseguem organizações complexas a serviço de um público diário, que nesse *habit* acaba por agir, falar e escutar, influenciar e ser influenciado permitindo assim, participações e possibilidades distintas.

Diante da necessidade de implementação de mudanças, houveram dificuldades, emanadas da adaptação dos sujeitos, a outras formas de pensar e de construir o conhecimento científico. Há que salientar nesta inovação, a colaboração recíproca do professor e do estudante, numa posição de orientador de aprendizagem, o primeiro e o segundo numa participação ativa e autônoma, num meio técnico designado como tutoria.

Todavia, apresentam-se intensos fluxos de palavras, imagens, informações e ideias, mediando acontecimentos passados, atuais e a futuro, que vão para além, do espaço social imediato. Neste momento, na condição de professora inclusa neste contexto institucional vivenciando as tramas elaboradas pela transmissão cultural, na prática da tutoria na formação do enfermeiro do Unifeso, inquietei-me com

determinados fenômenos sociais, que acabaram por serem produzidos, circulados e recebidos significando alguma coisa sobre algo.

Para tanto, absorvi o referencial teórico e metodológico de John B. Thompson, pela oportunidade legada no que cabe à análise crítica e interpretativa dos fatos atuais, da prática do professor do ensino superior, no que referencia à tutoria nos liames da transmissão cultural. Portanto, considere no âmbito dos dados coletados constatações relevantes que gostaria em seguida, de ir entoando como se um crivo esteja acontecendo diante de um mundo já interpretado, que está novamente a ser interpretado, por mim.

Eis então, o momento de destacar os aspectos mais relevantes em todo o percurso, desta desafiante tarefa, onde os depoentes vivenciam o processo tutorial, perpassando: o antes, o agora e o depois. Na sua prática atual, os depoentes reproduzem vivências de uma trajetória de vida profissional contextualizada, em que a minoria, vai tecendo essas marcas de formação, com predomínio dos professores não enfermeiros.

Entre aqueles que o são, em maior número, há a diferença de idade na profissão, que sendo notória os fez enveredar quase automaticamente, na carreira de ensino, na mesma instituição na qual se graduaram. Ainda assim, prosseguindo há em paralelo o vínculo de terem vivido à época os dilemas da mudança, outros, o fervor da especialização, alguns, esporádicas capacitações, poucos a modalidade de cotutoria, de uma conversação face a face, ou de um partilhar de experiências.

Entretanto, ecoa a ponderação esvaziada entre o certo e o errado, nos demais, que abraçam as circunstâncias institucionais, com base no improvisado, onde luta a segurança diante do que fazer num espaço que se julga hostil. Por conseguinte, há que se pensar junto aos depoentes, se o melhor será a livre aventura ou o acorrentar da falta de conhecimento teórico e metodológico, da ausência de preparo, neste meio técnico de modelagem, ampliação e difusão de aprendizagem, que se designa por tutoria. Então,

não cabe discutir jamais, a vontade, a vocação, sequer, a dedicação ou o prazer, ao que se pratica no tramite institucional.

Esta é a forte presença na vida pessoal e profissional dos indivíduos que meramente comandados se deparam com processos metodológicos de via dupla. Eis, onde a aceitação é dúbia, ou é singelamente apagada, do interior dos depoentes, já que vai acabando por encarrear professores em múltiplos modos de fazer e de ser, perante a formação dos futuros enfermeiros.

É a perda da essência, da identidade histórica, cultural e formativa dos indivíduos, cujas rupturas irão repercutir no público que formam como enfermeiros, já que a qualidade deveria ser o fim, que a meu ver ficará pairando em outra realidade atemporal, definitivamente. Então, a primeira inquietação em destaque, diz respeito, como acabei de explanar, à formação e à prática para a docência no ensino superior desta instituição. Outrossim, vislumbro a repercussão no preparo dos estudantes, que hoje se encontram fragilizados pela dimensão que algumas situações já pontuadas, estão adquirindo no percurso da formação.

Neste prosseguir a prática da docência, está sendo orquestrada pela tutoria no cotidiano do professor do Unifeso, incessantemente, sem sequer, tenha havido para alguns dos depoentes uma compreensão significativa, de todo o movimento de transformações inerentes à necessidade de mudança. São identidades inespecíficas e pulverizadas nas formas às quais os professores têm atribuído significados diversos, pois permanece o distanciamento hierárquico, de uma representação do aparato institucional de transmissão, que não interage porque sua instância é superior. Esta se tem mantido equidistante dos sujeitos, mesmo até, nos mínimos detalhes, como na atualização das informações levada a conhecimento no que encerram os legados documentados históricos no cerne do currículo vigente e outros afins.

Ainda, destacam os depoentes que a adaptação ao novo precisa de tempo para ser absorvida na heterogeneidade do aprendizado transmitido, aliás, para aqueles que o possuem há já algum tempo, a necessária revitalização, sem contar com os mais desfavorecidos que se regem por seus próprios estímulos e vontades. É sem dúvida um dilema com que se debatem dia a dia, pois inexitem reavaliações assíduas e cuidadosas, sequer, do desempenho dos professores. Práticas como essas no meu entendimento seriam benéficas, na condução do processo, até porque a diferenciação, por si só, é geradora de conflitos e de desigualdades.

Minimamente, alguns professores ponderam e fornecem a sugestão da contribuição que seria advinda caso houvesse institucionalmente comissão de avaliação dos enfermeiros das primeiras turmas formadas nos moldes da metodologia ativa vigente, e que já se encontram atuando numa extensão mais ampla não mais circunscrita, ao raio de formação individual. Tal retrospectiva seria na minha concepção valiosa, para que se possam alinhar condutas tornando a metodologia o mais homogênea possível, já que o esforço e o mérito do que se faz está bem mais além, de tudo isso, ou seja: o amor e o estudo incessantes.

Ainda assim, no geral os professores apontam a preocupação que têm acerca do não domínio das temáticas envolvidas no processo de discussão tutorial, o que demanda o necessário e constante aprendizado por parte destes. No que diz respeito ao embasamento didático e pedagógico são incisivos os depoentes no que lhes é ausente, mas também, não buscam os mecanismos de informação, para formarem em si os conteúdos significativos, com o intuito de preservá-los podendo assim, usá-los subsequentemente.

Agora, norteadas por formas mais personalíssimas de significados inerentes à atuação dos depoentes, trago à presença deste relato final, questões que estes,

descontraidamente sobrevoaram por sua autenticidade. Apesar disso, o fizeram com suas características individuais, referentes a eles mesmos, e também aquelas de domínio dos estudantes. Porquanto, em função destes, por vezes estratégias ou atributos do meio técnico que medeiam à tutoria, precisam ser implementadas, devido à estrutura e natureza do contexto onde se inserem de modo, a tornar a transmissão do que se necessita o mais acessível e possível entre todos.

Ainda, entendendo a sua relevância quando os depoentes expressam com clareza a especificidade inerente ao perfil deste professor tutor, uma vez, que as interações interpessoais e intrapessoais, de tão próximas entre o professor e estudante, necessitam ser bem dirigidas humanamente, não bastando somente, formar e sim, também, educar com o cuidado do aprender a aprender.

Há a menção importante, entre as falas de alguns dos professores retratando alguns estudantes, relativamente à preferência ou à recusa mesmo que inconsciente, em alguns momentos até verbalizada, da aceitação por um, ou por outro. Este fato é primordial e inquietante, sinalizando o nivelamento, nos aspectos que serão aludidos aqui posteriormente, e que devidamente apreciados quem sabe, se a nobre qualidade inerente ao meio tutorial melhora gradativamente.

Porém, sua abordagem sempre conduz às particularidades do professor tutor e do estudante reciprocamente, como segue: negligência com a metodologia; desempenho deficiente; estudo ausente; desajuste grupal; lacunas no aprendizado; grau de exigência variável ou inexistente, preparação anterior precária, desinteresse, timidez entre outras especificidades.

No que concerne à aptidão do professor, ou melhor, ao perfil para ser tutor, julgo como importantíssimo, porque realmente, não dá para se colocar nesse espaço designado de tutoria pela metade, costume aludir que precisa estar presente por

completo, de corpo e alma. É ainda de realçar que a medida que avancei nos depoimentos ao longo da formação, de período a período pude constatar nas posições dos depoentes, que suas apreciações vão-se modificando, aliás, numa linha decrescente, ou seja, involutiva.

Aludo aqui ao crescimento pessoal, humanizado sabendo-se que, no entanto, os vínculos com os estudantes dos últimos períodos se distanciam, pois não realizam mais tutoria, já que suas características elencadas aos momentos de formação reportam às competências desenvolvidas nos cuidados intensivos e emergenciais, como o internato no término do curso de graduação em enfermagem.

A contrapor com esta realidade há que se considerar o primeiro período do curso, onde a insegurança do estudante em relação à tudo e à todos precisa ser amparada por um tutor que saiba lidar com esse aporte crescente de situações, que absolutamente, não pode ser desempenhado por qualquer tutor, porque habita nele a importância em ser trabalhada a metodologia, para que não se siga adiante com mais fragilidades do que potencialidades.

No que concerne à construção do conhecimento dos depoentes, vou contornando a problemática das lacunas que vão se introduzindo etapa por etapa, principalmente visíveis quando se resgata o aprendizado que já deveria constar no vernáculo da sabedoria dos estudantes. Aqui reside a dúvida de como isso está acontecendo e persiste na continuidade do processo de formação.

Eis que habitam inúmeras inquietudes provenientes da desarticulação sustentada pelo curso, já sem querer levar ao mérito institucional, embora, disfarçadamente para alguns professores, mas focalizada para os estudantes, é a credibilidade relativa em que professor confiar. Tal assertiva independe do fato de ser enfermeiro ou não, isso alguma diferença fará, pois, de nada importa diante do que é preconizado pela metodologia,

basta o igualar-se pela força do conhecimento, que a dúvida ou desculpa, para o problema já fica sanada de pronto.

“In Fine”:

Pelo exposto, e mais as sábias razões que aludirão ao elevado espírito de sabedoria, daqueles que hoje se dedicam ao desenvolvimento das metodologias ativas, fica a esperança de que a presente Tese se converta num instrumento reprodutivo de um passo adiante.

O fim é o início das mudanças!!!

REFERÊNCIAS

Agora quase na hora da despedida, quero entregar a você minhas fontes, bibliografia básica, e a minha experiência, sugerindo que você faça sua própria pesquisa, que isso seja sua motivação, de agora em diante. Aguarde. Confie. Faça sua parte. Você descobrirá seu próprio caminho.

Arruda e Grzych (1998)



Fig. 11 – Nova Era



Nova Era
Referências

“Nova Era” retrata para mim, o fascinante significado, do que se lê, e interpreta fortalecida agora, pelos livros, ao meu redor. É um leve acordar revitalizada pelo Poder do novo conhecimento.

“O alargamento da percepção através da concentração e da pesquisa produz um aumento de receptividade, aumentando assim a sua criatividade. Esta potencialidade, que admite expansão, cresce na razão direta da sua atualização. Quem recebe deve dar. Quem recebe e não dá fica estagnado. Quem pretende dar sem ter recebido ilude a si próprio e aos outros. Quem dá o que recebeu, atualizando as suas potências, produz belas obras”.

Mattar, (2002).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, V. S, TANJI, T, DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, MOÇO, E. T. M-S, FELIPPE, K. C, MIRANDA, J. F. A. Integração curricular na formação superior em saúde: Refletindo sobre o processo de mudança nos Cursos do Unifeso. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro (RJ), 31(3), p. 296-303, 2007.

_____, V. S, DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, TANJI, S, MOREIRA, C. O. F. Os espaços de construção do conhecimento e a avaliação no currículo integrado do Curso de Enfermagem do Unifeso. *R. pesq.: cuid. fundam.* Rio de Janeiro (RJ), 2(3), p. 997-1008, 2010.

ANASTACIOU, L, ALVES, L. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho docente em aula.** 6 ed. Joinville: Univille, 2006.

ANDRADE, C. D. **Discurso de primavera e algumas sombras.** São Paulo: Record, 1977.

ANGHER, A. J. **Vadem mecum acadêmico de direito.** 4 ed. São Paulo: Rideel, 2007.

AUSUBEL, D, NOVAK J. D, HANESIAN H. **Psicologia educacional.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

ARRUDA, B.; GRZICH. M. **Anjos: tudo o que você queria saber.** São Paulo: Comunicação Três, 1995.

BERGER, P. L.; LUCKMANN T. **A construção social da realidade.** 19^a ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOTTI, H. O, REGO, S. Preceptor, Supervisor, Tutor e Mentor: Quais são Seus Papéis? *Rer. Bras. Educ. Med.* 32(3), 363-373, 2008. [on line]. Disponível em: URL: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v32n3/v32n3a11.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. **Resolução nº 196/96.** Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 1996.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES n.º 3**, de 7 de novembro de 2001.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Diário Oficial da União Portaria Nº 49**. Brasília, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Comissão Nacional de Avaliação de Educação Superior. **Resolução nº 1**, de 17 de Junho de 2010.

BRITO, G. S, PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias: um re-pensar**. Curitiba: IBPEX, 2006.

CAMPOGARA, S, VIERO C. M, SARI, V, ERTHAL, G. A abordagem da interface saúde e meio ambiente na formação profissional de enfermeiros. *Rer Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre (RS), 32 (4), p. 647-53, 2011.

CARDOSO, M. M. V. N. **Tríade ensino, pesquisa e extensão: aspectos ideológicos que permeiam a prática das docentes da Escola de Enfermagem Anna Nery no ensino de graduação e pós-graduação em enfermagem**. 2007. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, UFRJ - Rio de Janeiro.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COA – UNIFESO (**Caderno de Orientação Acadêmica**), 2010 [on line] Disponível em: URL: <http://www.feso.br/mkt/enfermagem.pdf>.

CÔRREA, L. B, LUNARDI, V.L, DE CONTO S. M. O processo de formação em saúde: o saber resíduos sólidos de serviços de saúde em vivências práticas. *Rev Bras Enferm*. Rio de Janeiro (RJ), 60 (1), p. 21-5, 2007.

COSTA, E. B. O, RAUBER, P. História da educação: surgimento tendências atuais da universidade no Brasil. *Revista Jurídica UNIGRAN*. Dourados (MS), 11(21), p. 241-253, 2009.

DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M. **O filme no ensino de graduação em enfermagem: contribuições de uma estratégia de aprendizagem**. 2007. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Neiva Maria Picinini Santos.

DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, TANJI, S. O portfólio reflexivo: pareceres dos estudantes de enfermagem. *Revista Iberoamericana de Educación*. Espana, 46 (6), p1-9, 2008.

_____, C. M. S. L. M, SANTOS, N. M. P. O filme no ensino de graduação em enfermagem: contribuições de uma estratégia de aprendizagem. *Revista Referência*. Portugal, II série, n.11, 69-78, 2009a.

_____, C. M. S. L. M, SANTOS, N. M. P. Os cenários de aprendizagem: espaços de cuidado, conhecimento, poder e cidadania na formação do enfermeiro. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga (PT), 23 (2), p.173-189, 2010a.

_____, C. M. S. L. M, TANJI, S, SANTOS, N. M. P, VIANA L. O. Consciência ambiental na enfermagem: reconstruindo um mundo melhor com a contribuição dos estudantes. *Revista Referência*. Portugal, III série, n.2, 35-43, 2010b.

DAVINI, M. C. **Currículo integrado**. CADRHU. 1993; 12(1): 281-289.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1983.

DEMO, P. **Ciência, ideologia e poder: uma sátira às ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1988.

_____, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____, P. **Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____, P. **Ironias da educação: mudança e contos sobre mudanças**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 b.

_____, P. **Educação e qualidade**. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2001.

_____, P. **Saber pensar**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____, P. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 4ª ed. São Paulo: Papirus, 2009.

_____, P. **Outro professor: alunos podem aprender bem com professores que aprendem bem**. São Paulo: Paco, 2011 a.

_____, P. **Outra Universidade**. São Paulo: Paco, 2011b.

DEWEY, J. **Democracia e educação**. São Paulo: Nacional, 1959.

FELIPPE, K. C, ALBUQUERQUE, V. S, TANJI, S, DANTAS DA SILVA, C. M. D. S. L. M. **A integralidade do cuidado sustenta o novo currículo do curso de enfermagem do UNIFESO**. In: ATELIÊS DO VII SEMINÁRIO DO PROJETO INTEGRALIDADE: SABERES E PRÁTICAS NO COTIDIANO DAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE. CEPESC – IMS/UERJ – ABRASCO, 1ª ed. Rio de Janeiro (RJ), p.179-291, 2008.

FERREIRA, M. M. S, REZENDE, R. S. R. **O trabalho de tutoria assumido pelo Programa de Educação a Distância da Universidade de Uberaba: um relato de**

experiência. 2003. [on line]. Disponível em: URL: <http://www.abed.org?seminários2003/testo19.htm>. Acesso em: 13 nov. 2010.

FEUERWERKER, L. C. M, LIMA, V. V. Formação de ativadores de processos de mudança: uma estratégia do Aprender SUS. *Olho Mágico*, 11(4), 15-8, 2004.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.** 14 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais.** In BAUER W. M, GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GAUTHIER, C. **Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** Ijuí: Unijuí, 1998.

GEERTZ, C. **The Interpretation of cultures.** New York: Basic Books, 1983.

GIDDENS, A, BECK, U, LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Unesp, 1997.

GIOVANNI, L. M. **Indagação e reflexão como marcas da profissão docente.** In GUARNIERI, M. R. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência.** 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

GHEDIN, E. **Hermenêutica e Pesquisa em Educação: caminhos da investigação interpretativa.** In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS. Bauru 2004 [on line]. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/gt1/10.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

_____, E. **Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica.** In PIMENTA, S. G, GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____, E, FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 1 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GÓMEZ, A. I. P. **A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula**. In SACRISTÁN, J. G, GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GONÇALVES, L. M. **Estado da arte na formação de tutores**. Universidade Federal do Tocantis, 2010 [on line]. Disponível em: URL: <http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010233606.pdf> . Acesso em: 10 nov. 2010.
- HARRIS, J. R. **Tem nurture assumption: why children turn out the way they do**. Nova York: Simon & Schuster, 1998.
- HOLM, A. M. A energia criativa natural. *Pro-Posições*,15 (43), jan./abr. 2004.
- ITO, E. E, PERES, A. M, TAKAHASHI, R. T, LEITE, M. M. J. O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. *Rev. Escola de Enfermagem USP*, 40 (4), p.570-75, 2006.
- LO BIONDO-WOOD, G. **Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação, crítica e utilização**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A, 2001.
- LOPES, J. P. **A lógica da criança como base do ensino**. Nova Escola. São Paulo: Abril, 1996.
- LOPES, R. M. P. **Concepções pedagógicas e emancipação humana: um estudo crítico**. In PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MALHEIRO DE OLIVEIRA, J. E. B. **A motivação ética no processo de ensino/aprendizagem na formação de professores do ensino fundamental**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MARX K. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

MATTAR, N. **Cantos do meu mundo**. São Paulo: São Paulo, 1978.

MATTAR, S. **Não acredite se puder (o menino que não ficou maluquinho)**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lachâtre, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____, M. C. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MOREIRA, C. O. F. **Entre o indivíduo e a sociedade: um estudo da filosofia da educação de John Dewey**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MOREIRA, H, CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOURA, A, LIBERALINO, F.N, SILVA, F.V, GERMANO, R. M, TIMÓTEO, R.P.S. SENADEn: expressão política da Educação em Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.59, n. esp, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59nspe/v59nspe11.pdf> Acesso em: 08 julho de 2012.

NÓVOA, A. Universidade e formação docente. Entrevista realizada em 18 de abril de 2000. *Revista Interface: comunicação, saúde, educação*. nº 7, agosto de 2000. Disponível em < <http://www.interface.org.br/revista7/entrevista1.pdf> > Acesso em 20 de abril de 2011.

PACHANE,G.G, PEREIRA, E.M.A. A importância da formação didático pedagógica e a construção de um novo perfil para docentes universitário. *Revista Ibero Americana de Educacion*. (33)4, julho de 2004. Disponível em http://www.rioei.org/edu_sup26.htm. Acesso 30 de novembro de 2010.

PARANHOS, P. **FESO: tempo presente e presença da história**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2006.

PPP-UNIFESO. (**Projeto Político-Pedagógico**). Curso de Graduação em Enfermagem, 2009.

PPPI-UNIFESO. (**Projeto Político-Pedagógico Institucional**), 2006 [on line]. Disponível em: URL: <http://www.feso.br/instituição/comissoes/pppi/conteudofinal.pdf>

RUSS, J. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Scipione, 1991.

SACRISTÁN, J. G, GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, N. M. P. **Uma estratégia de ensino-aprendizagem no curso de graduação da EEAN/UFRJ: a história do seniorato (1982-1989)**. 2000. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, C. R. G. C. **O ensino do aluno de graduação em enfermagem: componentes ideológicos da pedagogia histórico-crítica**. 2007. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SAVIANI, D. Tendências e correntes da educação brasileira. In: *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 33 ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, R. C. **O professor, seus saberes e suas crenças**. In GUARNIERI, M. R. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

STRUCHINER M, GIANNELLA T. R. **Aprendizagem e prática docente na área de saúde: conceitos, paradigmas e inovações**. Washington D.C: OPAS, 2005.

TANJI, S, DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, ALBUQUERQUE V.S, FELIPPE K.C, MOÇO E. T. M-S. Processo de mudança curricular do curso de graduação em enfermagem da unifeso: potencialidades e vulnerabilidades. *Enfermería Global*, Espanha, n. 13, p. 1-12, 2008a.

_____, S, ALBUQUERQUE, V. S, DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, FELIPPE, K. C. Estrategias de aprendizaje utilizadas en el cambio curricular revelan perspectivas de transformación de los estudiantes de enfermería por la nueva educación. *Revista Enfermería Global*. Murcia (ES), 7,(14), p. 01- 1, 2008b.

_____, S. DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, VIANA, L. O. SANTOS, N. M. P. Os cenários de aprendizagens na produção do conhecimento em enfermagem. *Rev Enferm UFPE* . Recife (PE), 3(3): p. 160-166, 2009.

_____, S. DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, ESTEVES, V. S. A. P, OLIVEIRA, R. W, DE PAULA, C. Confronto de critérios de avaliação da aprendizagem diante das apreciações dos estudantes de enfermagem. *Enfermería Global*, Espanha, n. 18, p. 1-11, 2010a.

_____, S. DANTAS DA SILVA, C. M. S. L. M, ALBUQUERQUE V.S, VIANA, L. O, SANTOS, N. M. P. Integração ensino-trabalho-cidadania na formação de enfermeiros. *Ver Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre (RS), 31 (3), p. 438-90, 2010 b.

TANJI, S. **A formação de competência do docente: tutor no contexto da mudança curricular do curso de graduação em enfermagem**. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2011. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 13, 5-24, jan/fev/mar/abr, 2000.

_____, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**. 3 ed. Porto, Portugal: FML, 2008.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 12 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004.

VALE, E.G, FERNANDES, J.D. Ensino de Graduação em Enfermagem: a contribuição da Associação Brasileira de Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 59, n. esp, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59nspe/v59nspea06.pdf> Acesso em: 08 mar. 2009.

VALLES, M. S. **Técnicas Cualitativas de Investigación Social. Reflexión metodológica y práctica profesional**. Madrid: Síntesis, 1997.

VASCONCELLOS, C. S. Construção do Conhecimento em Sala de Aula. *Caderno Pedagógico da Libertação*. 1995.

VASCONCELOS, M. L. M. C, BRITO, R. H. P. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. A. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. *Ciências Sociais Unisinos*. 42 (2), p. 85-93, mai/ago. 2006.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

Devemos respeitar e compreender os espaços que as pessoas necessitam.

Arruda e Grzich (1998)



Fig. 12 – Vendedora de Flores



Vendedora de Flores
Apêndices

Vendedora de Flores carrega-as num braçado, compenetrada inculida da responsabilidade que foi ceifá-las da vida. Oferece-as a quem as desejar obter, recriando outros espaços, pela força da cor, perfume e adorno pessoal.

“A perfeição técnica e a criatividade de um artista, bem como suas características, não constituem o montante da sua atividade em uma só vida. São necessárias muitas pesquisas e muita paciência”.

Mattar, (2002)

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO³⁴

Prezado() Professor -Tutor, -----

A pesquisa tem como **título**: “A Prática do Professor na Tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso)-à Luz da Concepção de Cultura de John B. Thompson”, de autoria da doutoranda Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro Dantas da Silva sob orientação da Professora Dr.^a Neiva Maria Picinini Santos, da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A justificativa do estudo está pautada nos significados dos discursos emitidos pelos estudantes, quando colocam a preferência ou não por determinados tutores, como orientadores na formação como enfermeiros ao utilizarem a tutoria como um meio técnico de aprendizagem.

O objeto de estudo: *A transmissão cultural na prática da tutoria pelo professor na formação do enfermeiro do Unifeso.* Os **objetivos:** *Descrever a prática do professor tutor no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso; Analisar a transmissão cultural de formas simbólicas na prática da tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso; Discutir as implicações da prática da tutoria na formação do enfermeiro frente à transmissão cultural.*

Os **procedimentos utilizados**, serão a entrevista não diretiva, e documentos institucionais. O estudo pretende **contribuir** na reflexão, interpretação e compreensão do real aprendido vivenciado no universo simbólico da tutoria contextualizado e vivido no universo simbólico a tutoria em que os estudantes do curso de graduação de enfermagem são atores participativos em sua formação, orientados pelo tutor. Assim, gostaria de solicitar a sua colaboração, como **participante voluntário**, de uma entrevista aberta, cujas informações fornecidas através dos **dados coletados**, serão utilizadas para fins de pesquisa científica na área de Educação em Enfermagem com posterior publicação em periódicos e/ou livros, mesmo em eventos científicos nacionais e internacionais na seara da enfermagem e educação. Os dados registrados em nenhum momento serão divulgados com a sua identificação, garantindo seu anonimato e confidencialidade. A entrevista será gravada em aparelho de *MP3*, e posteriormente em *CD* para posterior transcrição, sendo guardado por cinco (05) anos e incinerado após esse período. Porém, gostaria de ressaltar que os dados fornecidos só serão utilizados após sua posterior permissão no momento que retornar com a transcrição de seu depoimento para sua revisão e aprovação. Sua participação no estudo não envolve nenhuma despesa e nem mesmo gratificação.

Participará se estiver de acordo, podendo **solicitar esclarecimentos** quando sentir necessidade e **retirar seu consentimento** em qualquer fase da pesquisa, **sem penalização ou prejuízo** à sua pessoa, mas caso assim, se sinta poderá contatar a pesquisadora responsável, ou o Comitê de Ética em Pesquisa do xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx, situado na xxxxxxxxxxxxxxxx, Teresópolis/RJ. Não haverá riscos, desconfortos ou gastos, nem sequer compensações financeiras decorrentes da pesquisa, de qualquer natureza.

Prof.^a Dr.^a Neiva Maria Picinini Santos
(Orientadora)
E-mail: npicinini@yahoo.com.br

Carmen Maria dos S. L. M. Dantas da Silva
(Pesquisadora) – Cel.: (21) - 9192-8006
E-mail: carmenmarielouis@hotmail.com

Teresópolis,..... de de 2010/2013.

..... Entrevistado (a)

..... Entrevistadora

³⁴ O teor deste documento foi inspirado na Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (2001).

O termo será apresentado em duas vias, uma para o pesquisador e a outra para o participante.

APÊNDICE B

Caracterização dos Sujeitos de Pesquisa

Pseudônimo: _____

Idade: _____ Estado Civil: _____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Formação Profissional: _____ Ano de Graduação: _____

Especialização em que Área: _____ Ano de Conclusão: _____

Mestrado em que Área: _____ Ano de Conclusão: _____

Doutorado em que Área: _____ Ano de Conclusão: _____

Tempo de Docência em anos: _____

Curso para Exercício da Tutoria Sim () Qual? _____

 Não ()

Tempo de Atividade em Tutoria: _____

Em que período letivo exerce suas atividades tutoriais? _____

Exerce Outra Atividade:

Sim () Especificar: _____

Em que Área: _____

Não ()

APÊNDICE C

TEMÁTICAS PARA A ENTREVISTA NÃO DIRETIVA

1. O SIGNIFICADO DE TUTORIA;
2. INSERÇÃO NA PRÁTICA DA TUTORIA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM;
3. A PRÁTICA DA TUTORIA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM;
4. FACILIDADES E DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO DA TUTORIA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM;
5. FINALIDADES DA TUTORIA NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

APÊNDICE D

CARTA AO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

Ao Comitê de Ética e Pesquisa:

Venho através desta, solicitar o Consentimento para realização da Pesquisa intitulada, “*A Prática do Professor na Tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso)-à Luz da Concepção de Cultura de John B. Thompson*”, de autoria da doutoranda *Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro Dantas da Silva*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Neiva Maria Picinini Santos, da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



O objeto de estudo aborda “*A transmissão cultural na prática da tutoria pelo professor na formação do enfermeiro do Unifeso*”. Tem como objetivos: *Descrever a prática do professor tutor no Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso; Analisar a transmissão cultural de formas simbólicas na prática da tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Unifeso; Discutir as implicações da prática da tutoria na formação do enfermeiro frente à transmissão cultural.*



O estudo tem uma abordagem qualitativa em que os procedimentos metodológicos para a coleta de dados, serão a entrevista não diretiva, e documentos institucionais. O estudo pretende contribuir na reflexão, interpretação e compreensão do real aprendido vivenciado no universo simbólico da tutoria contextualizado e vivido no universo simbólico a tutoria em que os estudantes do curso de graduação de enfermagem são atores participativos em sua formação, orientados pelo tutor.

A pesquisa não oferece nenhum risco aos participantes do estudo, que será o tutor-enfermeiro que se insere nos períodos letivos, do 1º ao 7º, advindo daqui uma visão mais ampla da formação dos estudantes, inerente ao modo como está sendo implementada a tutoria, pelos professores tutores. Os sujeitos de pesquisa serão devidamente, informados sobre a temática e objetivo do estudo e terão sua identidade preservada pelo uso de pseudônimos, não repercutindo algum malefício ou prejuízo sobre sua imagem, moral ou dignidade.

APÊNDICE – E

SELEÇÃO DO PSEUDÔNIMO

<p style="text-align: center;">1-ARIEL</p> 	<p style="text-align: center;">“VIRTUDES”³</p> <p><i>Influenciados pelo Sol, fazem com que os talentos se manifestem. São os anjos que melhor interpretam a vontade de Deus. Trabalham com milagres. Oferecem ao homem discernimento. Apreciadores das artes, as pessoas protegidas por esses anjos têm muita força espiritual.</i></p> <p>Deus revelador. Deve ser invocado para se obter revelações e para agradecer a Deus pelos bens que ele nos envia. DATAS¹: 04/mai - 16/jul – 27/set - 09/dez – 20/fev HORA²: 15:00 às 15:20 SALMO 144 – Versículo 09: “Ó Deus, eu cantarei para ti, um cântico novo, tocarei para ti a harpa de dez cordas. Senhor é bom para todos, compassivo com todas as suas obras.”</p>
<p style="text-align: center;">2- JELIEL</p> 	<p style="text-align: center;">“SERAFINS”³</p> <p><i>Anjos que atuam como categorias celestiais, é a categoria que mais se aproxima de Deus. Possuem poderes de purificação, iluminação e inspiração. Os que estão sob a sua proteção são pessoas maduras e sábias, com forte ligação com Deus. Pacientes e agradáveis. Vivem em paz amam a verdade e são muito intuitivos.</i></p> <p>Deus que socorre. Invoca-se para apaziguar revoltas populares e obter vitória contra os que nos atacam injustamente. DATAS¹: 21/mar - 02/jun – 14/ago - 26/out - 07/jan HORA²: 0:20 à 0:40 SALMO 21 – Versículo 20: “Tu porém, não fiques longe! Força minha vem socorrer-me depressa.”</p>
<p style="text-align: center;">3-MITZRAEL</p> 	<p style="text-align: center;">“ARCANJOS”³</p> <p><i>São os líderes entre os Anjos Sua função é transmitir as mensagens divinas. Seu líder ou príncipe é o Arcanjo Miguel. As pessoas abençoadas pelos arcanjos são bons arquitetos e escritores. São religiosos e de caráter impecável.</i></p> <p>Deus que conforta os oprimidos. Invoca-se para curar os males do espírito e livrar-nos dos que nos perseguem. DATAS¹: 18/mai - 30/jul – 11/out – 23/dez – 06/mar HORA²: 19:40 às 20:00 SALMO 144 – Versículo 18: “Ele está perto de todos aqueles que o invocam, de todos que o invocam sinceramente.”</p>
<p style="text-align: center;">4- ANIEL</p> 	<p style="text-align: center;">“POTESTADES”³</p> <p><i>São responsáveis pelas leis que governam o mundo físico e moral. Protegem a humanidade dos inimigos exteriores. São responsáveis pela ordem. Aparecem portando espadas flamejantes. Pessoas com Anjos desse grupo detestam ver o sofrimento alheio. Gostam de ler e de natureza. Geralmente são ótimos pais.</i></p> <p>Deus nas virtudes. Deve ser invocado para se obter a vitória; também favorece as ciências e artes e revela os segredos da natureza. DATAS¹: 25/abri - 07/jul – 18/set – 30/nov – 11/fev HORA²: 12:00 às 12:20 SALMO 79 – Versículo 09: “Socorre-nos, ó Deus salvador nosso, pela honra do teu nome! Liberta e perdoa os nossos pecados, por causa do teu nome.”</p>

<p>5-MIHAEL</p> 	<p>“VIRTUDES”³</p> <p><i>Influenciados pelo Sol, fazem com que os talentos se manifestem. São os anjos que melhor interpretam a vontade de Deus. Trabalham com milagres. Oferecem ao homem discernimento. Apreciadores das artes, as pessoas protegidas por esses anjos têm muita força espiritual.</i></p> <p>Deus, pai que socorre. Deve ser invocado para conservar a paz e a união entre esposos; favorece os pressentimentos e as inspirações sobre o que acontecerá aos que a ele recorrem.</p> <p>DATAS¹: 06/mai - 18/jul – 29/set – 11/dez – 22/fev HORA²: 15:40 às 16:00</p> <p>SALMO 97 – Versículo03: “À frente dele avança um fogo, devorando seis inimigos ao redor. Lembrou-se do seu amor e fidelidade em favor da casa de Israel.”</p>
<p>6-MIKAEL</p> 	<p>“VIRTUDES”³</p> <p><i>Influenciados pelo Sol, fazem com que os talentos se manifestem. São os anjos que melhor interpretam a vontade de Deus. Trabalham com milagres. Oferecem ao homem discernimento. Apreciadores das artes, as pessoas protegidas por esses anjos têm muita força espiritual.</i></p> <p>Virtude de Deus, casa de Deus, semelhante a Deus. Deve ser invocado para se viajar com segurança.</p> <p>DATAS¹: 30/abr - 12/jul – 23/set – 05/dez – 16/fev HORA²: 13:40 às 14:00</p> <p>SALMO 120 – Versículo 07: “Quando eu digo paz, eles dizem guerra. Senhor guarda você de todo o mal, Ele guarda a sua vida.”</p>
<p>7-CALIEL</p> 	<p>“TRONOS”³</p> <p><i>Zelam pelo trono de Deus e oferecem ao homem o sentido da união. As pessoas nascidas sob a sua guarda têm afinidade com poesia e música e estão sempre dispostas a ajudar. Também têm boa memória e são românticas.</i></p> <p>Deus pronto a acolher. Deve ser invocado para se obter socorro rápido ante as adversidades.</p> <p>DATAS¹: 06/abr - 18/jun – 30/ago – 11/nov – 23/jan HORA²: 5:40 às 6:00</p> <p>SALMO 07 – Versículo 09: “Senhor é o juiz dos povos. Julga-me Senhor, conforme a minha justiça, e segundo a minha inocência.”</p>
<p>8-DANIEL</p> 	<p>“PRINCIPADOS”³</p> <p><i>Atuam sob os governos, Estados e países terrenos. São eles que vigiam os líderes de todos os povos. Seus protegidos às vezes passam por dificuldades, mas têm a facilidade de encontrar a solução correta. Costumam dar sorte no trabalho.</i></p> <p>Signo das misericórdias ou o anjo das confissões. Invoca-se para obter misericórdia de Deus e ser consolado. Favorece a justiça, os advogados e magistrados em geral.</p> <p>DATAS¹: 08/mai - 20/jul – 01/out – 13/dez – 24/fev HORA²: 16:20 às 16:40</p> <p>SALMO 102 – Versículo 08: “Deus é compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor. Fico desperto, gemendo, como ave solitária no telhado.”</p>

<p>9-LAUVIAH</p> 	<p>“TRONOS”³</p> <p><i>Zelam pelo trono de Deus e oferecem ao homem o sentido da união. As pessoas nascidas sob a sua guarda têm afinidade com poesia e música e estão sempre dispostas a ajudar. Também têm boa memória e são românticas.</i></p> <p>Deus admirável. Este gênio combate os tormentos do espírito, a tristeza, e predispõe a bem dormir; favorece as altas ciências, as descobertas maravilhosas, e faz revelações em sonhos.</p> <p>DATAS¹: 05/abr - 17/jun – 29/ago – 10/nov – 22/jan HORA²: 5:20 às 5:40 SALMO 08 – Versículo 01: “Do mestre de canto, sobre a harpa o homem reflete a grandeza de Deus.”</p>
<p>10-NANAEL</p> 	<p>“PRINCIPADOS”³</p> <p><i>Atuam sob os governos, Estados e países terrenos. São eles que vigiam os líderes de todos os povos. Seus protegidos às vezes passam por dificuldades, mas têm a facilidade de encontrar a solução correta. Costumam dar sorte no trabalho.</i></p> <p><i>Deus que humilha os orgulhosos. Domina as altas ciências, influenciando os eclesiásticos, os professores e os homens da lei.</i></p> <p>DATAS¹: 11/mai - 04/out – 16/dez – 27/fev HORA²: 17:20 às 17:40 SALMO 118 – Versículo 75: “Senhor, eu sei que as tuas normas são justas, e que por fidelidade me fazes sofrer.”</p>
<p>11-SEALIAH</p> 	<p>“VIRTUDES”³</p> <p><i>Influenciados pelo Sol, fazem com que os talentos se manifestem. São os anjos que melhor interpretam a vontade de Deus. Trabalham com milagres. Oferecem ao homem discernimento. Apreciadores das artes, as pessoas protegidas por esses anjos têm muita força espiritual.</i></p> <p><i>Motor de todas as coisas. Deve ser invocado para confundir os maldosos e orgulhosos e levantar os humilhados e decaídos.</i></p> <p>DATAS¹: 03/mai – 15/jul – 26/set - 08/dez – 19/fev HORA²: 14:40 às 15:00 SALMO 93 – Versículo 18: “Quando me parece que vou tropeçar, o teu amor me sustenta, Senhor.”</p>
<p>12-ROCHEL</p> 	<p>“ANJOS”³</p> <p><i>Encarregam-se de orientar e influenciar os homens. São seres de luz responsáveis pelo desenvolvimento espiritual dos humanos. As pessoas sob o domínio dessa esfera gostam de liberdade e do campo. Não têm apego ao dinheiro, são bem humoradas e inteligentes, estando sempre preparadas para realizar mudanças existenciais. Têm um sentido social aguçado, cuidando de pobres e doentes.</i></p> <p><i>Deus que tudo vê. Invoca-se para achar objetos perdidos ou escondidos, revelando quem os subtraiu.</i></p> <p>DATAS¹: 27/mai – 08/ago - 20/out - 01/jan – 15/mar HORA²: 22:40 às 23:00 SALMO 15 – Versículo 05: “Quem não presta dinheiro com juros, nem aceita suborno contra inocente. Quem age desse modo, jamais será abalado! Senhor, minha parte na herança e minha taça, meu destino, está em tuas mãos.”</p>

13-ANAUEL**“ARCANJOS”³**

São os líderes entre os Anjos Sua função é transmitir as mensagens divinas. Seu líder ou príncipe é o Arcanjo Miguel. As pessoas abençoadas pelos arcanjos são bons arquitetos e escritores. São religiosos e de caráter impecável.

Deus infinitamente bom. Deve ser invocado para confundir os inimigos..

DATAS¹: 21/mai - 14/out - 26/dez - 09/mar

HORA²: 20:40 à 21:00

SALMO 02 – Versículo 11

“Sirvam ao Senhor com temor”.

14-OMAEEL**“DOMINAÇÕES”³**

Aspiram a verdadeira soberania e têm como símbolos o cetro e a espada, que representa o poder divino sobre toda a criação. Despertam no homem a força para vencer o inimigo, interior. Governam o universo, guardam os países. Espiritualmente elevadas as pessoas cujos Anjos se enquadram nessa categoria, gostam de viajar e de ficar sozinhas. Costumam ser excelentes políticos, escritores e jornalistas.

Deus paciente. Deve ser invocado para se ter paciência, livrando-nos do desespero e dos desgostos.

DATAS¹: 18/abr - 30/jun – 11/set – 23/nov – 04/fev

HORA²: 9:40 às 10:00

SALMO 70 – Versículo 06: “Já no ventre materno eu me apoiava em ti, e no seio materno tu me sustentavas. Eu sempre confiei em ti”.

15-POIEL**“PRINCIPADOS”³**

Atuam sob os governos, Estados e países terrenos. São eles que vigiam os líderes de todos os povos. Seus protegidos às vezes passam por dificuldades, mas têm a facilidade de encontrar a solução correta. Costumam dar sorte no trabalho.

Deus que sustenta o universo. Invoca-se para obter-se o que desejamos; domina a fama e a filosofia.

DATAS¹: 14/mai - 26/jul – 07/out – 19/dez - 02/mar

HORA²: 18:20 à 18:40

SALMO 144 – Versículo 15: “Em ti esperam os olhos de todos, e no tempo certo, tu lhes dás o alimento. Feliz o povo onde isto acontece. Feliz o povo, cujo Deus é Javé!”

16-CHAVAKIAH**“POTESTADES”³**

São responsáveis pelas leis que governam o mundo físico e moral. Protegem a humanidade dos inimigos exteriores. São responsáveis pela ordem. Aparecem portando espadas flamejantes. Pessoas com Anjos desse grupo detestam ver o sofrimento alheio. Gostam de ler e de natureza. Geralmente são ótimos pais.

Deus, que dá alegria. Deve ser invocado para promover a reconciliação com quem nos ofendeu.

DATAS¹: 23/abr - 05/jul – 16/set – 28/nov – 09/fev

HORA²: 11:20 às 11:40

SALMO 114 – Versículo 01: “Eu amo a Deus, porque ele ouve a minha voz suplicante.”

<p>17-MEBAHEL</p> 	<p>“<i>QUERUBINS</i>”³</p> <p><i>São responsáveis pela ordenação do caos universal, pela sabedoria e oferecem ao homem o conhecimento, as ideias. Os seus protegidos são sinceros e não guardam mágoas. Ótimos amigos. Adoram reconciliar as pessoas.</i></p> <p><i>Deus conservador. Deve ser invocado contra os que procuram usurpar a fortuna alheia.</i></p> <p><i>DATAS¹: 02/abr - 14/jun - 23/ago - 07/nov - 19/jan</i></p> <p><i>HORA²: 4:20 às 4:40</i></p> <p><i>SALMO 09 - Versículo 09: “Ele julga o mundo com justiça e governa os povos com retidão.”</i></p>
<p>18-VEHUEL</p> 	<p>“<i>PRINCIPADOS</i>”³</p> <p><i>Atuam sob os governos, Estados e países terrenos. São eles que vigiam os líderes de todos os povos. Seus protegidos às vezes passam por dificuldades, mas têm a facilidade de encontrar a solução correta. Costumam dar sorte no trabalho.</i></p> <p><i>Deus grande e elevado. Invoca-se quando se está sofrendo desgostos e tem-se o espírito contraído; ajuda a exaltar e glorificar Deus.</i></p> <p><i>DATAS¹: 07/mai - 19/jul - 30/set - 12/dez - 23/fev</i></p> <p><i>HORA²: 16:00 às 16:20</i></p> <p><i>SALMO 144 - Versículo 03: “Grande é Deus! Ele merece todo o louvor. É incalculável sua grandeza. Deus, o que é o homem para que o conheças, o filho de um mortal, para que o leves em conta?”</i></p>

Fonte: Arruda e Grzich (1995).

¹Dias do Anjo.

²Hora de manifestação do Anjo.

³Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Potestades, Virtudes, Principados, Arcanjos, Anjos – Classificação dos Anjos.

ANEXOS

Nunca se acomode e busque sempre a excelência, confiando em sua força interior.

Arruda e Grzich (1995)



Fig. 13 – Jesus



*Jesus
Anexos*

Neste instante, à semelhança de “Jesus” sinto que construí um mundo, pleno de sonhos, realidades, desejos e convicções. Entretanto, espero ter feito o melhor com tudo que me foi possível alcançar com as contribuições ofertadas.

“A incubação é a continuação da inspiração; a eclosão é o termo final das duas. Inspirar, incubar, eclodir, é este o processo total da atividade criadora.

Inspirar é conceber. Incubar é gestar. Eclodir é nascer.

Para que essa inspiração incubadora tenha início, necessita o artista de uma concepção, isto é, de um contato direto com a fonte infinita, que exige longo período de silêncio e paciência. É um processo transformador que começa a partir do lançamento das primeiras sementes.

Depois, elas se expandem e dão frutos”.

Mattar, (2002).

ANEXO A

MEMORANDO DE APROVAÇÃO



CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Registro Nº 25000.189665/2004-16 – CONEP/CNS/MS

Teresópolis, 17 de dezembro de 2010.



MEMORANDO DE APROVAÇÃO

O Projeto de Pesquisa intitulado **TUTORIA EM ENFERMAGEM: TROCAS SIMBÓLICAS E IDEOLOGIA NA FORMAÇÃO DA ENFERMEIRA - UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA** (nº 547 - 10) apresentado pela Profª. CARMEN MARIA DOS SANTOS LOPES MONTEIRO DANTAS DA SILVA (doutoranda) foi **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UNIFESO - CEP em 17 de dezembro de 2010.

De acordo com a Resolução 196/96, o pesquisador deverá seguir o cronograma apresentado no Projeto de Pesquisa.

O pesquisador deverá informar ao Comitê de Ética qualquer acontecimento ocorrido no decorrer da pesquisa e ao término da mesma, entregar ao CEP-UNIFESO o relatório final.

Profª Margot Campos Madeira
Coordenadora do CEP

Prof. José Nilton Dias Granito
Secretário do CEP

ANEXO B**USO DO NOME UNIFESO****APÊNDICE**


Teresópolis, 31 de Maio de 2011.

Prezada Senhora
Diretora de Pesquisa do UNIFESO
Prof.^a Dra. Margot Campos Madeira

Venho através desta, solicitar autorização para uso do nome desta Instituição de Ensino, na minha Tese de Doutorado, que estou desenvolvendo junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Enfermagem Anna Nery, desde 2010, sob orientação da Professora Dra. Neiva Maria Picinini Santos, e que se intitula: *“Tutoria em Enfermagem: Trocas Simbólicas e Ideologia na Formação da Enfermeira – Uma Análise Hermenêutica”*. Destaco que o projeto já foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Pesquisa da Instituição, em 17 de dezembro de 2010, cujo protocolo foi registrado sob o n.º 547-10/CEP.

Sem mais, desde já agradeço a atenção dispensada.

Atenciosamente,



Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro Dantas da Silva

De acordo



Prof.^a Margot Campos Madeira
Diretora de Pesquisa e Programas
UNIFESO

8/06/2011